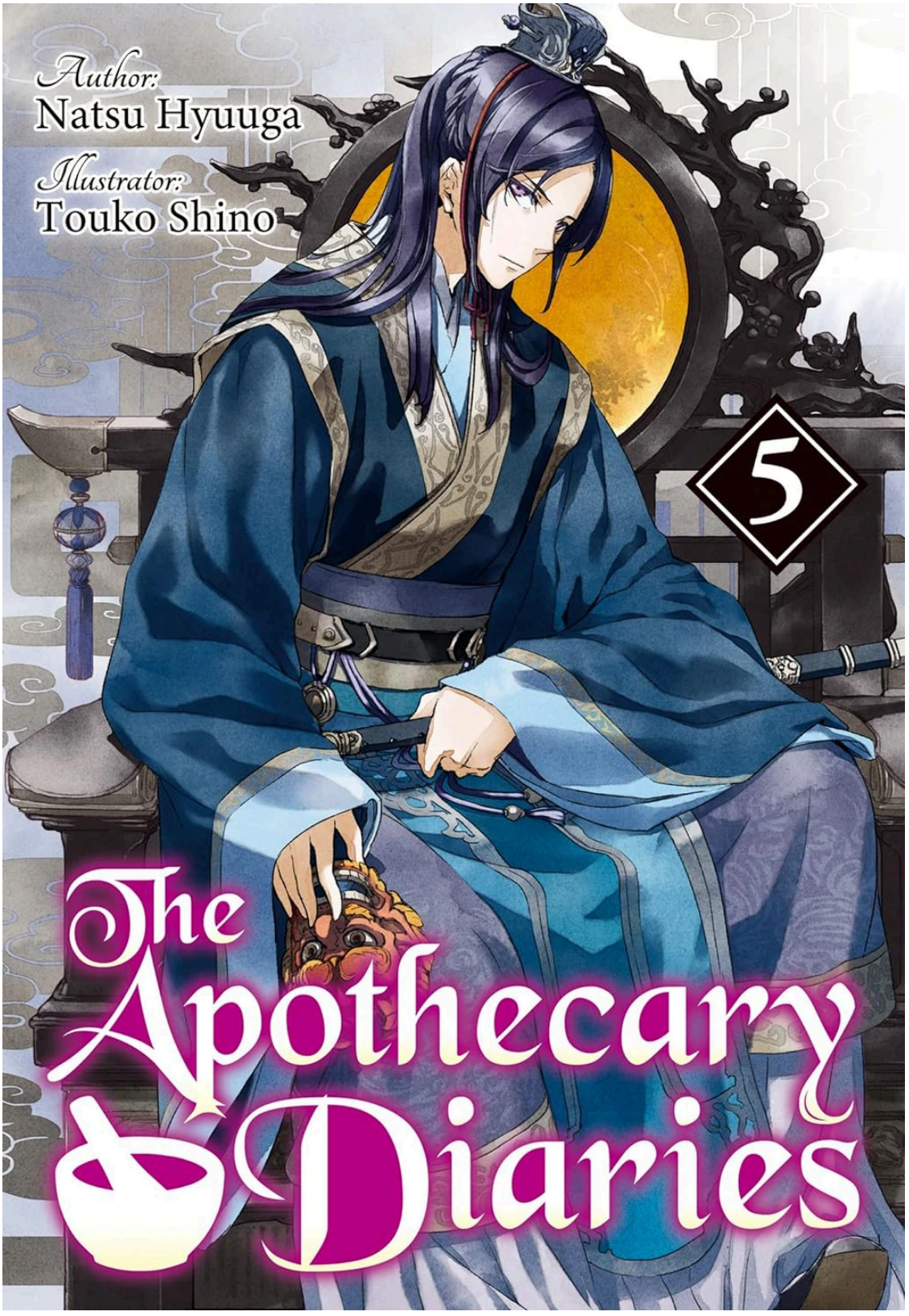
Olá, fás de Kusuriya no Hitorigoto! Aqui é a página JinMao Diaries (https://x.com/jinmaok?s=20). Estamos com um projeto de traduzir todas as novels da obra disponíveis no J novel para o português!

Algumas considerações extremamente importantes:

- A novel foi traduzida pelo próprio dispositivo do google docs, mas foi revisada do inglês para o português 3 VEZES. O docs traduziu o bruto, mas lemos a novel nos dois idiomas para ajustar a precisão da tradução;
- Caso tenha algum erro nos avisem na DM do twitter;
- Não considerem como tradução oficial, ela foi feita de fã para fã;
- Aproveitem!

Com carinho, JinMao Diaries!




A situação política na corte mudou: o nascimento do filho de Gyokuyou elevou-a ao estatuto de imperatriz e, entretanto, Jinshi já não é capaz de continuar a sua pretensão no palácio interno. Embora tudo pareça pacífico após a destruição do clã Shi, as ameaças continuam a surgir – incluindo uma potencial praga de insetos – e Maomao, como sempre, de alguma forma se vê presa nelas.

Quando Jinshi ordena uma expedição à terra natal de Gyokuyou, Maomao segue para oeste. Mas há algo escondido nas sombras da cidade cintilante? E será que Maomao conseguirá descobrir o que é antes que seja tarde demais?

# Perfis de personagens

**Maomao**
Uma apotecária no bairro dos prazeres. Normalmente pouco emocional, ela se torna uma pessoa diferente no que diz respeito a medicamentos e venenos. Filha de uma cortesã e do estrategista militar Lakan.

**Jinshi**
Fez o papel de eunuco no palácio interno, mas sua verdadeira identidade é o irmão mais novo do imperador. Segredos cercam seu nascimento. Tão lindo que algumas pessoas afirmam que se ele fosse mulher poderia colocar o país de joelhos.

**Gaoshun**
Anteriormente assistente e cuidador de Jinshi. Agora esse papel é desempenhado por seu filho, e Gaoshun serve pessoalmente ao imperador.

**Basen**
Filho de Gaoshun; assistente de Jinshi.

**Lakan**
Pai de Maomao. Um excêntrico estrategista militar que usa monóculo. Extraordinariamente capaz, mas não é fácil de lidar. Ele é cheio de amor pela filha, mas Maomao o odeia.

**Lahan**
Primo de Maomao. Na verdade, filho do meio-irmão de Lakan, mas Lakan o adotou. Outro excêntrico.

**Luomen**
Tio-avô e pai adotivo de Maomao; um médico extremamente talentoso.

**Consorte Lishu**
Uma das quatro consortes mais favoritas do imperador. Muito jovem e ainda tímida.

**Ah-Duo**
Anteriormente uma das quatro consortes favoritas do imperador. Ela teve um filho com Sua Majestade. Uma vez...

**Suirei**

Neta do ex-imperador e sobrevivente do exterminado clã Shi. Possui conhecimento como apotecária.

**Loulan**
Também conhecido como Shisui. Meia-irmã de Suirei. Anteriormente uma das quatro consortes favoritas do imperador. Membro do clã Shi, ela fugiu do palácio interno, um crime grave. Atualmente não se sabe se ela está viva.

**Imperatriz Regente**
Mãe do imperador anterior, avó do atual imperador. Uma mulher poderosa que conduziu a política no lugar do filho; no entanto, persistem rumores sombrios sobre ela. Morto.

**O ex-imperador**
Uma variedade de nomes feios para ele circula: ele é chamado de imperador Idiota, Príncipe Tolo e pedófilo. Morto.

**Imperatriz Gyokuyou**
Vem do oeste. Anteriormente uma das quatro consortes favoritas do imperador, agora sua imperatriz. Tem um filho e uma filha com o atual imperador; seu filho é o atual herdeiro aparente.

**A senhora**
A velha que dirige a Casa Verdete, o bordel onde Maomao tem a sua loja. Uma verdadeira avarenta.

**As três princesas**
Pairin, Meimei e Joka. As três cortesãs mais populares da Casa Verdete.

**Chou-u**
Uma criança sobrevivente do clã Shi. Como lhe foi dada a “droga da ressurreição”, metade do seu corpo está paralisado e ele perdeu a memória de tudo antes de tomar o remédio.

**Lihaku**
Um soldado conhecido de Maomao. Apaixonado por Pairin.

# Prólogo

**“Nossa, como você vai sobreviver se isso é tudo o que você conseguiu para fugir?”**

A voz era bastante amigável, mas seu dono estava olhando para ele, caído de joelhos no chão. Ele podia ver a figura jovem em cima do muro, segurando uma maçã. A figura deu uma mordida na fruta dura com um brilho de dentes brancos. *Por quê?*, pensou o menino no chão. Ele desapareceu entre as árvores, iludindo seus perseguidores – então por que esse garoto poderia encontrá-lo tão facilmente?

**"Cale-se. Eu sei."**

**“É melhor voltar, então. Você fez as criadas chorarem.”** O jovem riu.

Então chegou a esse ponto: ser desprezado do alto da cerca. Isso o deixou tão bravo. E *você?*, ele queria perguntar. Vestindo uma roupa de plebeu, subindo na cerca como um macaco, mastigando uma maçã. Esqueça o choro – se as criadas vissem isso, desmaiariam.

**“É um trabalho importante. Basta fazer isso já.”** Macaco pulou da cerca e ficou na frente dele, depois bagunçou seu cabelo – como se o garoto tivesse direito! O macaco era apenas um ano mais velho que ele. Ele afastou a mão, odiando ser tratado como uma criança. O outro jovem riu e limpou a maçã meio comida na manga, depois estendeu-a.

**“Suas sobras?”**

**"Ei, você não precisa comê-las."**

Houve uma pausa, então ele pegou a maçã e mordeu o lado que não tinha marcas de dentes. A fruta crocante inundou sua boca com seu sabor, simultaneamente doce e azedo. Ele olhou para cima e viu o garoto vestido de plebeu sorrindo para ele.

**“Quero pelo menos escolher meu próprio parceiro”, disse ele.**

**"Não é possível! Você ganha todas as coisas mais legais – e se você escolhesse alguém horrível? Haveria muitas pessoas infelizes.”**

**“Ela era mais velha que minha mãe!”**

**“Er... sim, não sei o que dizer sobre isso”,** disse macaco timidamente, parecendo genuinamente inseguro.

Ele sabia disso. Sim, até ele sabia disso. Mas ele ainda era uma criança, então a aceitação não era fácil.

**“Cresça”**, disse o macaco.

***"Olha quem fala! Você é apenas um ano mais velho que eu. O que, você acha que isso faz de você um adulto?"***, ele queria perguntar. Isso significava que macaco seria capaz de enfrentar com calma uma partida como aquela?

*Tudo bem, tudo bem.*

**"Eu decidi",** disse ele.

**"Decidiu o quê?"**

Ele ergueu o dedo e apontou diretamente para o falso plebeu.

**"Meu parceiro essa noite."**

**"Com licença?"** Um sorriso sardônico, destinado a esconder o constrangimento.

# Capítulo 1: Gafanhotos

A manhã era um período de preguiça no bairro do prazer. Pássaros engaiolados cantaram até o amanhecer e, quando os clientes finalmente voltaram para casa, as máscaras obsequiosas foram retiradas. Durante o breve período até o sol estar alto no céu, eles dormiriam como troncos.

Maomao saiu de sua pequena cabana bocejando. À sua frente, ela podia ver o vapor subindo da Casa Verdete – as criadas trabalhando duro para preparar os banhos matinais, provavelmente. O ar frio arrepiava sua pele – o sol já estava nascendo tarde. Sua simples roupa de algodão não era suficiente para mantê-la aquecida, e ela esfregou as mãos, com a respiração embaçada à sua frente.

Já fazia um mês desde que ela deixou o palácio interno e as celebrações do ano novo haviam diminuído. Seu velho havia ficado no palácio, por isso Maomao estava aqui no bairro do prazer.

Lá no barraco ainda havia uma criança dormindo – e Maomao resolveu deixá-lo assim, sabendo que era a única parte do dia em que ele ficaria quieto. O nome do menino era Chou-u; ele era um sobrevivente do clã Shi, de outra forma exterminado, e atualmente morava com Maomao. (Longa história.) O merdinha supostamente veio de uma origem decente, mas Maomao quase se perguntou se ele era realmente um filho do luxo. Ele era surpreendentemente adaptável, a ponto de poder ficar ali deitado, roncando, naquele velho casebre arejado.

*Ah, sim, a vovó queria me ver*, pensou Maomao. Ela poderia pegar um pouco de água quente na Casa Verdete enquanto estivesse lá. Com um tempo como aquele, você não poderia tomar banho em água fria. Tremendo, Maomao parou em frente ao poço e baixou o balde, depois começou a içá-lo novamente.

Quando chegou à Casa Verdete, as cortesãs já haviam terminado o banho e mandavam as aprendizes secarem os cabelos.

**“Bem, você chegou cedo hoje”**, disse Meimei, com o cabelo ainda molhado e brilhando. Ela era uma das “Três Princesas” do estabelecimento e também, efetivamente, a irmã mais velha de Maomao. As cortesãs mais proeminentes tomaram banho primeiro, então ela já havia terminado.

**“Oh, ei, mana. Você sabe onde a vovó está?”**

**“A velha está conversando com o dono ali.”**

**"Obrigada."**

Era a senhora idosa quem cuidava dos assuntos do dia-a-dia da Casa Verdete, mas ela não era dona do lugar. O homem que o fazia passava uma vez por mês para conversar com a senhora sobre o bordel, as cortesãs e qualquer outra coisa que pudesse estar em sua mente. O proprietário era um homem que estava entrando na velhice e ficava totalmente intimidado pela senhora, que o conhecia desde jovem. Na verdade, alguns boatos sussurravam que ele era filho da senhora e último dono, mas ninguém sabia a verdade.

Administrar um bordel não era a única preocupação do homem; ele também tinha outros negócios mais legítimos e, à primeira vista, parecia perfeitamente comum. Ele era tão gentil que alguém se perguntava se ele estava realmente seguro em fazer parte deste mundo - e alguém se preocupava com os assuntos do bordel se a velha senhora algum dia os deixasse.

**“Ele não está aqui com mais uma de suas ideias de negócios bizarras, está?”**

**"Quem pode dizer?"**, Meimei encolheu os ombros expansivamente.

Naquele exato momento, a voz da senhora ecoou pelo prédio: **“Seu idiota! Seu idiota completo, total e absoluto! O que você pensa que está fazendo?!"**

As irmãs se entreolharam. **“Acho que você estava certa”,** disse Meimei.

**"Acho que sim."**

O que o homem estava fazendo dessa vez?

Poucos minutos depois, a senhora saiu de uma sala interna. O homem quase idoso, parecendo completamente intimidado, seguiu-a. Todos o chamavam de Sr. Proprietário. Era a única maneira de lembrar quem realmente era o dono do lugar. Considerando a maneira como o Sr. Proprietário estava esfregando a cabeça, parecia que ele havia levado uma boa pancada com os nós dos dedos da senhora.

**“Oh, Maomao, você está aqui”**, disse a senhora.

**“Sim, vovó, estou. Você me pediu para vir, lembra?”**

**"Sim, claro."**

*Droga, ela esqueceu.* Maomao tinha certeza de que ela havia dito as palavras apenas para si mesma, mas no instante seguinte sentiu os nós dos dedos batendo no topo de sua cabeça. Às vezes ela se perguntava se a velha senhora não era realmente um espírito da montanha que conseguia ler mentes. O Sr. Proprietário lançou a Maomao um olhar de simpatia. *Ele meio que me lembra o charlatão...*

Se ela estava tendo um pequeno déjà vu, talvez fosse porque os dois homens eram realmente parecidos.

**“Eu conheço esse olhar. Você quer tomar banho. E tomar café da manhã também, suponho? Traga a criança com você.”**

**“Alguém está de bom humor.”**

**“Eu tenho meus dias”**, disse a velha, então quase se pavoneou em direção à cozinha.

**“Eu vou, uh, embora, então”**, disse o Sr. Proprietário, e prontamente fez exatamente isso. *Que pena*, pensou Maomao, observando-o partir. Ele geralmente ficava para o café da manhã.

Ninguém disse uma palavra. Todos na sala de jantar ficaram mudos.

Finalmente Pairin, sentada ao lado de Maomao, anunciou: **“Horrível”**. Seu rosto era uma carranca de desgosto. Ela era considerada uma das três flores mais lindas que floresceram na Casa Verdete, mas se algum de seus visitantes a tivesse visto com aquela expressão no rosto, todas as suas fantasias teriam sido frustradas.

Quanto a Maomao, parecia que ela havia encontrado um verme na água potável.

A mesa era longa o suficiente para acomodar cerca de vinte pessoas, e todas tinham uma tigela cheia de mingau, outra de sopa e uma terceira tigela pequena, enquanto três bandejas grandes eram colocadas em intervalos ao longo da mesa. Na Casa Verdete, as refeições geralmente consistiam em uma única tigela de sopa e talvez, se você tivesse sorte, um modesto acompanhamento. Hoje as pequenas tigelas continham peixe cru e legumes em conserva, enquanto duas das bandejas continham acompanhamentos separados – um café da manhã muito generoso para os padrões normais.

Algo escuro brilhou nas bandejas. Os insetos normalmente tratados como pragas nos campos dos agricultores eram aqui servidos como alimento. Gafanhotos.

**"Vovó, você pode explicar isso?"**

**“Cale a boca e coma. É um presente do Sr. Proprietário.”**

Maomao entendia muito bem por que a velha senhora estava chateada. O Sr. Proprietário tinha outras preocupações comerciais além de administrar esse bordel – negócios legítimos que lhe permitiam manter a cabeça erguida em companhia educada. Mas ele dificilmente poderia ser chamado de empresário talentoso.

**"A colheita foi ruim este ano. Acho que eles choraram até ele ceder."** A senhora com raiva derramou um pouco de vinagre preto em seu mingau.

O Sr. Proprietário lidava com colheitas. Os agricultores deste país deram parte da sua colheita como imposto e o estado comprou outra parte da produção. Os negócios do Sr. Proprietário envolviam negociar o que restava.

**"Eu não me importo se eles choraram muito. O que ele estava pensando ao deixar o vendedor ditar o preço? Ele também não poderá vender essas coisas. E veja tudo isso!"** Uma montanha de gafanhotos fritos erguia-se na bandeja, temperados da melhor maneira possível com pasta de soja e açúcar. **"Ele disse que comprou demais, que não iria guardar e iria para o lixo. Então ele deveria simplesmente jogar fora, em vez de usar açúcar!"**

O açúcar era caro! E aqui ele cozinhou insetos. Quem iria comer isso? Ninguém, é quem iria comer isso. É por isso que ele tinha tantos sobrando – e como eles chegaram à mesa da Casa Verdete.

O Sr. Proprietário havia pensado em arcar com os custos sozinho, por assim dizer, mas tinha outra preocupação: ele tinha uma esposa que não tinha em alta conta a profissão das damas Verdete, e evidentemente ele havia escolhido o nó do dedo da senhora em vez da raiva de sua esposa.

Maomao coçou a nuca. Ela estava acostumada com comida pouco refinada, mas nem ela estava ansiosa quando confrontada com essa montanha de insetos. Depois de dois ou três deles, ela estaria pronta para se declarar satisfeita. E as cortesãs, muito menos habituadas a tal comida vil, franziram abertamente a testa e recusaram-se até a tocar nos insetos.

**"Apressem-se e comam! Vocês não calavam a boca sobre querer acompanhamentos; bem, aqui está. Cinco para cada – coma",** rosnou a velha. Todas se entreolharam e, finalmente, o primeiro par de pauzinhos estendeu a mão em direção ao prato grande.

*Bem agora**[1]. Maomao ficou surpresa com a primeira pessoa que colocou um dos gafanhotos na boca. Enquanto mastigava o inseto, porém, uma inconfundível expressão de repulsa surgiu em seu rosto. **"Não é muito bom. É meio... crocante. Como se estivesse oco."**

Essa avaliação nua e crua foi feita em voz estridente – pois pertencia a Chou-u. Maomao tinha certeza de que o jovem fidalgo, com sua educação mimada, teria resistido à ideia de colocar tal comida na boca, mas aparentemente não foi o caso. Talvez a perda de sua memória tenha levado consigo quaisquer inibições aristocráticas, ou talvez ele já tivesse comido algo assim antes. Ou talvez fosse simplesmente a adaptabilidade da criança no trabalho.

**“Uau, estou surpresa que você consiga aguentar isso”**, disse Pairin, que estava sentada ao lado de Maomao.

**“Não é ótimo, mas não é como se você não pudesse comê-lo. Mas é super crocante.”**

Crocante? Isso fazia algum sentido: você removia as entranhas dos gafanhotos antes de cozinhá-los, então eles ficavam ocos por dentro. Portanto, Maomao realmente não se importou quando pegou um gafanhoto e deu uma mordida sem entusiasmo.

Oco?!

Sim, estava crocante, tudo bem. Parecia muito mais oco por dentro do que os gafanhotos que ela comeu antes, embora este tivesse sido cozido em fogo brando. Talvez fosse porque a carapaça era a única coisa em sua boca, uma camada externa ainda mais vazia do que uma preparação comum de gafanhotos.

Chou-u estava ocupado negociando com Pairin: **“Você quer que eu coma o seu? Eu te ajudo se você me der um bolo lunar.”** Maomao agarrou sua cabeça com firmeza e empurrou-o para o assento. **“Ai! Owow!”,** Chou-u gritou.

Maomao pegou um dos gafanhotos em seus pauzinhos e olhou furiosa para ele. Era seu mau hábito: depois que algo despertava seu interesse, ela simplesmente não conseguia desistir.

**“Quero que você faça algumas compras para mim.”**

Depois que o café da manhã terminou, a senhora finalmente se lembrou do motivo pelo qual havia convocado Maomao. Ela queria mandá-la fazer uma missão ao mercado que ocupava a via central da cidade.

As cortesãs não tinham permissão para sair do bordel, mas os homens por aqui eram muito densos para confiar nas compras. Havia muitos produtos estranhos e incomuns disponíveis no mercado, mas também havia muitos vigaristas querendo enganar você. O mercado era um lugar barato para vender coisas porque não era necessário manter uma vitrine, mas, da mesma forma, não havia nada para identificar os malfeitores e os lugares dos quais ficar longe. Você precisava ter bom senso para encontrar compras que valessem a pena.

**“Eu quero que você pegue um pouco de incenso. As coisas de sempre”**, disse a velha. Ela se referia ao incenso suave que sempre queimava na entrada da Casa Verdete. Era um consumível, então ela queria comprá-lo o mais barato possível, mas também não poderia queimar coisas de baixa qualidade na porta de seu estabelecimento.

**"Sim, claro. Quanto isso vale para você?”,** Maomao estendeu a mão, mas a senhora apenas a afastou.

**“Café da manhã e água do banho para duas pessoas. Parece justo?”**

*Maldita bruxa velha e mesquinha*, pensou Maomao, mas ela foi.

**“Ei, Sardenta! Compre um desses para mim!”**

**"Absolutamente não."**

Chou-u apontava para uma barraca cheia de brinquedos enquanto Maomao o puxava pela manga. Ela pretendia fazer as compras sozinha, mas o merdinha se jogou no chão, implorou e fez birra até que, no final, ela teve que levá-lo. Agora ela estava andando pelo mercado, arrastando-o consigo.

Uma única rua enorme cortava o centro da capital; carruagens circulavam de um lado para outro ao longo dela, e no outro extremo ficava a casa daqueles que viviam “acima das nuvens”, o palácio. Todos os dias, a rua abrigava um mercado próspero. Ver o palácio daqui às vezes fazia com que Maomao se sentisse como se tivesse apenas sonhado que já havia trabalhado lá. Mas o próprio fato de Chou-u estar com ela agora era a prova de que ela havia vivido dentro de seus muros — pois foi por isso que ela se viu envolvida na cadeia de eventos que o trouxe até ela.

A rebelião do clã Shi também impactou o mercado, até certo ponto. As regiões do norte produziam cereais e produtos de madeira, e Maomao não conseguia afastar a sensação de que menos lugares do que o habitual vendiam tais produtos. Em vez disso, ela viu muitas frutas secas e tecidos que vinham do sul e do oeste.

Havia outra coisa também — algo que fez Maomao franzir a testa quando ela viu: insetos cozidos à venda. Gafanhotos novamente.

**“Eu garanto que essa coisa é uma merda! Quem realmente compraria?”**, Chou-u disse, fazendo com que Maomao tapasse a boca com a mão e o arrastasse embora, o dono da barraca olhando para eles com um olhar medonho enquanto avançavam. **“O que eu fiz?”,** Chou-u exigiu. **“É verdade, não é?”**

**“Cale a boca”**, disse Maomao, olhando para ele quase tão severamente quanto o lojista. Era por isso, pensou ela, que ela odiava crianças.

**“Conchas ocas como essas nunca serão boas.”** Então Chou-u disse, mais calmamente: **“Cara, chega de colheita torrada esse ano.”**

Maomao piscou. **“Espere... O que você disse?”**

**"Uh, que essa coisa é uma merda?"**

**"Não, não, depois disso."**

Chou-u olhou para ela com curiosidade. **“Que a colheita está torrada este ano?”**

**"Sim! Como você sabe disso?"**

**“Hum... Uh... Como posso saber disso?”** Chou-u coçou a cabeça com a mão direita; sua esquerda pendia flácida ao lado do corpo, com espasmos ocasionais. Pois Chou-u morreu uma vez e voltou à vida, e isso o deixou parcialmente paralisado e sem a maior parte de suas memórias. **“Eu não me lembro. Só me lembro de ouvir que quando os bichos estão crocantes significa que a colheita será ruim.”**

Ele segurou a cabeça, cantarolando pensativamente. Maomao se perguntou se uma boa sacudida poderia trazer alguma coisa em troca, mas ele estava tecnicamente emprestado a ela, então ela não queria ser muito dura com ele. Se o que Chou-u estava dizendo fosse verdade, poderia ser um assunto sério. Ela deu um tapa na testa dele, com força suficiente para impedi-lo de ficar mais estúpido. Ele estufou as bochechas em protesto.

**“Sabe, acho que posso ser capaz de me lembrar”,** disse ele.

**"Realmente?",** Maomao perguntou, e Chou-u rapidamente olhou em volta para as lojas próximas.

**"Sim! Se você me comprar alguma coisa, eu vou lembrar!”,** ele disse, parecendo perfeitamente satisfeito consigo mesmo.

Maomao não disse nada, mas afastou os cantos da boca de Chou-u o máximo que pode. Na lacuna idiota em seus dentes da frente, um novo dente podia ser visto entrando.

*Uma vez merdinha, sempre merdinha*, pensou Maomao. *Lembrar-se, minha bunda.*

Chou-u desenhava alegremente, apesar do caroço na cabeça. Para surpresa de Maomao, ele não queria algum tipo de brinquedo, mas papel e pincel. Ela concordou em deixá-lo usar um de seus pincéis, mas o papel acabou sendo surpreendentemente caro. Talvez algo de sua educação decente tenha permanecido com ele, porque ele sabia a diferença entre o papel de baixa qualidade e o material sofisticado. Ele percorreu a loja murmurando: **“Isso não é bom”** e **“Esse não é bom”,** até encontrar o papel mais caro em exposição.

É claro que Maomao não estava disposta a deixá-lo mandar nela daquele jeito e, em vez disso, escolheu algo que, embora não tão legal, era perfeitamente utilizável. O papel era caro como consumível, mas não impossivelmente. Ela esperava que, à medida que se tornasse mais comum, também ficasse mais barato. Chou-u parecia tão feliz segurando seu maço de papel que decidiu perdoá-lo com apenas um soco na cabeça.

Chou-u estava desenhando muito desde que voltaram para a Casa Verdete. Ele estava na loja com Maomao, onde ela estava ocupada preparando os abortivos e remédios para resfriado que lhe haviam pedido. Disseram-lhe para mantê-lo por perto para que não causasse problemas as aprendizes (algumas das quais tinham mais ou menos a sua idade) ou às cortesãs.

Ao voltar da entrega dos remédios em um bordel próximo, ela descobriu uma multidão na entrada da Casa Verdete. Cortesãs, aprendizes e até alguns criados estavam lá.

O *que está acontecendo*?, ela se perguntou, apertando os olhos para ver melhor – e então ela descobriu que a multidão havia se formado em torno de seu pirralho desagradável. Perguntando-se o que ele tinha feito desta vez, ela correu até ele, a multidão se separando até que ela ficou na frente do merdinha. Ela descobriu um pedaço de papel branco com linhas dançando.

**“Não corte, Sardenta. Você tem que esperar na fila como todo mundo.”**

**"O que você está fazendo?"**

Chou-u estava sentado com uma tábua plana no lugar de uma mesa, desenhando. Na frente dele, uma cortesã estava sentada em uma cadeira, parecendo tão calma e composta quanto possível.

**“Você não sabe? Estou fazendo um desenho.”** O pincel percorreu a página com fluidez, produzindo algo parecido com a mulher na cadeira, embora mais bonito. **"Pronto! Tudo feito."** Chou-u deixou o pincel no pote de tinta e deu algumas boas sacudidas no papel. O rosto de sua “modelo” abriu um sorriso e ela disse: **“*Bem, agora**¹!”** enquanto ela tirava a carteira e lhe dava cinco moedas – e não pequenas.

**“É um prazer fazer negócios”,** disse Chou-u, guardando o dinheiro nas dobras do manto. A soma era consideravelmente maior do que alguns trocados de criança.

**“Ah, sou o próximo”**, disse um dos criados, sentando-se na cadeira. Ele não deveria estar de guarda ou algo assim? O que ele estava fazendo brincando por aqui? Se a senhora o visse, ele estaria envolvido nisso.

**“Ah, desculpe, senhor. Estou sem papel. Mas vou comprar mais agora, então passe por aqui amanhã, ok?”**

**"Besteira! Esperei o dia todo!”**

**“Sinto muito, senhor. Farei com você amanhã bem cedo. Vou fazer você parecer ainda mais viril!”**

Ele era muito bom nisso. Chou-u se afastou da multidão e começou a correr em direção à papelaria. Maomao se lembra de ter comprado para ele um maço de dez folhas – e ele já havia acabado? Pelo menos três das pessoas que estavam ali pareciam estar segurando retratos; a seus preços, isso já seria suficiente para recuperar o investimento em materiais.

*Quem diria que ele tinha um talento assim*?, Maomao pensou, coçando a nuca e dando uma espiada na página que uma cortesã próxima segurava.

**"Seus idiotas! O que vocês estão fazendo?!"** O som da voz rouca da senhora foi suficiente para banir o burburinho da conversa amigável e empalidecer todos os rostos. **"Depressa e comecem a preparar o lugar! Vocês querem que os clientes fujam?"**

Lá estava a senhora, brandindo uma vassoura. As cortesãs, as aprendizes e os criados se espalharam como bebês aranhas. Maomao estava prestes a seguir para sua própria casa quando foi agarrada por uma mão esquelética.

**"O que é isso, vovó?"**

**"Você sabe muito bem o que é! É aquele garoto! Você pode ter concordado em acolhê-lo e pode estar recebendo uma remuneração para apoiá-lo, mas não pode simplesmente deixá-lo fazer o que quiser!"**

**"É você quem recebe todo o dinheiro, vovó."**

Sim, por alguma razão era a velha senhora quem ficava com todos os fundos que entravam. Tinha algo a ver com o fato de que Chou-u recebeu, até certo ponto, rédea solta da Casa Verdete. Mas um homem – mesmo uma criança – não poderia realmente viver no bordel, mas também não poderia ser alojado na maloca dos criados. Por processo de eliminação, foi alojado no barraco de Maomao.

**"Ele está usando minhas instalações. Ele me deve uma parte dos lucros. Vou deixar passar em dez por cento."**

*Velha e gananciosa.*

Maomao não achou que ela tivesse dito as palavras em voz alta, mas, misteriosamente, encontrou um nó de um dedo estalando em sua cabeça.

**"Você, limpe esse pincel e tinteiro."**

**"Por que eu?"**

**"Não me questione. Apenas faça. Ou será sopa de alfarroba amanhã."**

*Bruxa!*, Maomao pensou, mas ela começou a limpar taciturnamente, pressionando uma mão na cabeça o tempo todo.

Quando Chou-u voltou para a cabana naquela noite, Maomao olhou para ele de uma forma que mostrou que ela não estava satisfeita.

**“Sardenta, onde está meu pincel?”**

**“Não há pincéis para meninos que não limpam a sujeira.”** Maomao virou-lhe as costas e colocou um pouco de lenha no fogão.

**“Não seja mesquinha comigo!”**

**“Se sou mesquinha, aprendi com a senhora.”** Maomao mexeu o mingau na panela de barro que estava no fogão, provando um gole. Ela concluiu que estava um pouco sem graça e acrescentou um pouco de sal. **“Quem, aliás, disse que vai cobrar de você pelo uso da casa dela.”**

**"Eu sei! Vou fazer meus retratos em outro lugar a partir de agora.”**

Isso fez com que Maomao franzisse a testa. Ela colocou a concha na panela de sopa, depois se aproximou e ficou na frente de Chou-u, que estava recostado na esteira de junco no chão. Ela se agachou e olhou para ele.

**"O que?!"**

**“Você fica perto da Casa Verdete. Eu não me importo se ela cobrar por isso. Você não deve ficar muito longe dos guardas. E chega de sair sozinho para comprar papel.”**

**“Ei, posso fazer o que quiser.”** Ele tentou desviar o olhar dela, mas Maomao agarrou sua cabeça e o forçou a olhar nos olhos dela.

**“Sim, você pode fazer o que quiser. Se você não se importa em acabar como um pedaço de carne.”**

**“Pedaço de carne?”**, Chou-u olhou para ela.

Ela não estava brincando. A Casa Verdete era barulhenta e amigável, mas este ainda era o bairro do prazer, e o ponto fraco da capital estava sempre por perto. Maomao apontou para a janela do barraco. **“Você vai acabar com gente como ela.”**

A luz de uma lanterna podia ser vista quase flutuando na escuridão da noite. Foi segurado por uma mulher, encapuzada e carregando uma esteira de junco. Ela parecia comum – a princípio. Mas então Chou-u recuperou o fôlego e levantou-se abruptamente. Ele deve ter notado que aquele caminhante noturno não tinha nariz. Ela também não tinha uma casa adequada, mas só podia atender clientes na beira da estrada. Mulheres como ela, a mais baixa das prostitutas, eram frequentemente devastadas fisicamente por doenças sexuais. A mulher lá fora não procurou por este mundo por muito tempo, mas se quisesse sua próxima refeição, teria que encontrar um homem para servir.

O que ela estava fazendo por aqui? Talvez o velho de Maomao, por mais bondoso que fosse, uma vez lhe tivesse dado remédio; ou talvez ela estivesse procurando sobras de algum outro bordel. Seja o que for, pensou Maomao, estava causando problemas para ela.

**“Esse não é um lugar agradável”**, disse ela. **“Não importa se você é uma criança. Há pessoas por aí que fariam fila para matá-lo se soubessem que você tem algumas moedas.”**

Em outras palavras, se ele não quisesse morrer, faria o que ela dissesse. Chou-u franziu um pouco os lábios, mas assentiu, com os olhos cheios de lágrimas.

**"Você entende? Então se apresse, jante e vá para a cama.”** Maomao voltou e ficou novamente em frente ao fogão, onde voltou a mexer o mingau.

Chou-u já estava acordado quando Maomao acordou na manhã seguinte. Ela podia ouvi-lo movimentando-se e ergueu os olhos para descobrir o tampo da mesa coberto de papel. Chou-u estava trabalhando vigorosamente com o pincel.

*Aquele merdinha...*

Ele estava usando o pincel e o tinteiro que ela havia escondido dele. Maomao levantou-se, prestes a provar-lhe o nó do dedo, quando uma das páginas caiu da mesa.

*Hum*? Curiosa, ela pegou. Ela mostrava um inseto desenhado em detalhes precisos. Na verdade, era quase real demais; isso a deixava um pouco enjoada de olhar. *Traz de volta recordações*. Isso a fez pensar na jovem criada — não, na consorte — que adorava insetos. Aquela jovem, Shisui, também fez desenhos como esse. Maomao sentiu uma pontada ao pensar nisso.

De repente, Chou-u se levantou. **"Feito!"** ele disse, apresentando-lhe um pedaço de papel. **“Terminei, Sardenta!”**

**“Terminou o quê?”**

**"Isso! Bem aqui!"** Ele sacudiu o papel para ela, parecendo orgulhoso de si mesmo. Ele mostrou dois insetos sutilmente diferentes. **“Tive um pouco de dificuldade para lembrar exatamente, mas acho que é isso. Acho que foi isso que vi com aquilo que falava de más colheitas.”** Felizmente, suas imagens falavam de forma muito mais articulada do que ele; elas eram muito claras. **“Esse é o seu gafanhoto normal. E aqui embaixo está um gafanhoto de quando vai haver uma colheita ruim.”**

Os dois gafanhotos tinham pernas de comprimentos diferentes e, embora fosse difícil dizer num desenho a tinta, a riqueza da sua coloração também poderia ter sido diferente.

**"Você tem certeza disso?"**

**"Com certeza. Isso meio que veio até mim em pedaços.”**

Chou-u ainda estava com amnésia, mas aparentemente estava recuperando pedaços de sua memória. Isso poderia ser altamente inconveniente dependendo do que ele lembrasse, mas também poderia ser muito importante.

Dois tipos de gafanhotos. Maomao teria que descobrir mais sobre isso. Uma praga de insetos poderia destruir uma nação inteira quando eles comessem todas as suas colheitas. Os insetos sempre foram uma ameaça às plantações, mas a peste era algo completamente diferente. Os insetos devorariam tudo e qualquer coisa; em casos graves, podem até comer cordas de cânhamo e sandálias de palha. Maomao não sabia o que causava tais eventos, mas eles aconteciam pelo menos a cada poucas décadas. Por sorte, nada disso ocorreu desde a ascensão do atual imperador.

Algumas pessoas insistiram que isso acontecia porque o governo do atual imperador era humano e esclarecido, portanto o céu não via necessidade de enviar a peste. Mas Maomao não acreditou nisso nem por um segundo. Foi apenas por acaso que não houve nenhuma praga de insetos. Isso significava, porém, que se e quando tal praga ocorresse, seria uma oportunidade para testar o poder do imperador. Ele havia punido recentemente o clã Shi, o mais poderoso do país. O momento não poderia ter sido pior: se uma praga de gafanhotos ocorresse agora, muitas pessoas presumiriam que se tratava de uma repreensão celestial à destruição dos Shi.

*Ah. Não é problema meu. Nada a ver comigo*, Maomao pensou. Não, não tinha nada a ver com ela, mas ela já estava se movendo.

Quase antes de ela saber o que estava fazendo, Maomao estava se dirigindo para uma determinada livraria.

*De jeito nenhum eles vão ter isso...*

Os desenhos detalhados de Chou-u a lembraram: ela já tinha visto ilustrações assim antes. Ela caminhou entre as lojas até chegar a uma que era particularmente sombria e com cheiro de mofo. Uma campainha tocou quando ela entrou, e o proprietário, descansando lá dentro como uma peça de mobília, acenou para ela. Isso era o máximo de civilidade que ele estava disposto a oferecer, e depois disso ele pareceu voltar a dormir. O lugar parecia deserto, sem clientes, mas ela sabia que a bolsa dele devia estar confortavelmente cheia ultimamente.

*Afinal, ele fornece livros para o palácio interno...*

A maior parte do estoque era de livros usados ou para aluguel. Havia alguns itens novos à venda, mas não muitos. Se você quisesse algo novo, provavelmente teria que encomendá-lo. O dono da loja deixou esses assuntos comerciais em grande parte para os filhos, vivendo ele próprio uma vida quase hermética.

Eles não vão aceitar isso.

Esta loja é especializada em ficção popular e ilustrações eróticas; não o que se chamaria de material refinado. Mesmo assim, Maomao veio aqui, porque às vezes era possível fazer descobertas inesperadas em lojas como essa...

Quase assim que entrou, ela esfregou os olhos. O *que estava acontecendo aqui*? Ela franziu a testa. O que foi isso, alguma reviravolta conveniente na história? Ela apontou para um livro em uma pilha sobre uma mesa. **"Ei, senhor, posso dar uma olhada nisso?"**

**"Hum,"** o lojista grunhiu; Maomao pediu permissão e pegou o livro. Era grosso e pesado, e a capa representava um pássaro.

*Isso é ridículo.* Na verdade, parecia impossível. E ainda assim, lá estava. O livro estava repleto de imagens de pássaros acompanhadas de descrições, e havia notas manuscritas nas margens salpicando as páginas. **"Qual é a história dessa coisa?"**

**"Hum? Recebi ontem."** O funcionário não parecia muito animado. Mais como se ele desejasse que ela parasse de interromper seu cochilo.

**"Você tem mais alguma coisa junto com isso?"**

**"Só esse. Mas o cara disse que voltaria, eu acho."**

O rosto de Maomao começou a brilhar. Essa era a segunda vez que ela segurou esse livro. Sim, era exatamente o mesmo que ela tinha visto naquela época. De volta à câmara onde ela estava confinada. Era um dos livros que ela recebeu como material de pesquisa sobre o elixir da imortalidade – e aqui estava ele em suas mãos.

***[1] *Bem agora = Well now*:** Pretende transmitir que algo é estranho. Ou simplesmente não ter certeza de como responder a algo que alguém lhe disse.

# Capítulo 2: Ukyou

Maomao se perguntou como isso poderia acontecer. A fortaleza de Shishou deveria ter sido isolada; não fazia sentido que algo de lá estivesse aqui. Mesmo que as posses do clã tivessem sido retiradas da fortaleza, o fato de ela ter encontrado uma delas aqui neste mercado implicava alguns negócios obscuros em algum lugar ao longo da linha.

*Hummm.*

Bem, se esse era o jogo que estava acontecendo, então Maomao teve uma ideia.

Ela encontrou o culpado rapidamente. E como? Foi realmente muito simples.

**"Jovem, você não pode me chamar até aqui só por causa de algo assim."**

O orador irritado era Lihaku e, apesar de sua reclamação, ele tentava ansiosamente dar uma boa olhada na Casa Verdete. Eles estavam na farmácia de Maomao, e o volume considerável de Lihaku fazia o lugar parecer ainda mais apertado do que o normal.

**"Não tenho tempo para perseguir pequenos ladrões",** acrescentou Lihaku, olhando para o teto do átrio, na esperança de vislumbrar um semblante semelhante ao de uma flor desabrochando. Especificamente, de Pairin, uma das Três Princesas da Casa Verdete.

Lihaku, um soldado e conhecido de Maomao, estava perdidamente apaixonado por Pairin. Ir a um bordel, no entanto, exigia dinheiro - então Maomao, como amiga de Pairin, sabia que Lihaku viria correndo sempre que tivesse um pedido a fazer-lhe. E hoje o pedido dela foi este: que ele ficasse de olho no mercado em busca de qualquer mercadoria roubada que pudesse estar circulando. Especificamente, livros.

As enciclopédias eram incomuns; se alguém tivesse sido roubado, seria fácil rastrear quando foi vendido. E como o ladrão poderia ir a qualquer número de lojas além do local de livros usados que Maomao visitou, ela queria que Lihaku estivesse alerta.

**"Ah! Bem, você ficará feliz em saber que estive vigiando o lugar a manhã toda."**

**"Você não pediu a um de seus subordinados para fazer isso?"** Aparentemente, ele estava tão determinado a causar uma boa impressão que resolveu o assunto sozinho. Dado que ainda era a estação fria, foi um bom esforço para garantir um lugar.

Lihaku entregou um pacote a Maomao. Um presente de bolinhos de arroz. Ele acompanhou com outro olhar em direção ao átrio. Ele parecia estar sugerindo que ele e Maomao deveriam tomar chá juntos - e que ela deveria chamar para Pairin para lanchar com eles. Mas Maomao ainda precisava de algo dele primeiro.

**"Onde está seu cativo?"**

**"Lá na frente. Um dos seus rapazes está observando ele."**

**“Ah.”**

Maomao olhou pela janela e viu dois guardas do bordel parados um de cada lado de um homem emaciado e sem barba. Ele usava roupas bastante pesadas – na verdade, Maomao reconheceu a jaqueta forrada de algodão. Estava empoeirado e obviamente não era lavado há dias, mas ela conhecia.

Onde ela a tinha visto antes?

**"Ei!"** Lihaku chamou, mas Maomao o ignorou; ela calçou os sapatos e foi em direção aos homens. Ladeado por dois grandes guardas, o ladrão parecia menor do que realmente era.

**“Não chegue mais perto. Ele é perigoso”,** disse um dos guardas, um criado de longa data, pegando Maomao pelo colarinho. Ela odiava ser tratada como um gato, mas sempre foi assim, desde que ela era pequena. Ela não se incomodou em se contorcer, apenas olhou para o ladrão.

Ele não disse nada. Ela não disse nada. Mas seus olhos se encontraram e ele estudou o rosto dela por um segundo – e então ficou pálido. Ele abriu a boca e o que deveria dizer senão: **“Garota cobra!”** Ele gritou tão alto que espalhou gotas de saliva.

**“Ei, acho que você quer dizer garota gata”**, disse o guarda provocativamente. O outro riu.

*Oooh*, Maomao estava furiosa.

Ela não tinha muita memória para rostos, e a aparência do homem era alterada pelas bochechas encovadas, mas ela tinha quase certeza de que ele estava na fortaleza. Era ele quem guardava o quarto dela, quem a ajudou a escapar da câmara de tortura. Aquela que interrompeu sua deliciosa refeição de carne de cobra.

*Pelo menos faz sentido agora*, ela pensou. Quando ele disse a ela para correr, que era perigoso, ele parecia alguém que tinha acabado de saquear um prédio em chamas. Como ele estava guardando o quarto dela, teria sido fácil para ele arrancar os livros de lá.

**“Qual é o problema, mocinha?”,** Lihaku chegou ao local e olhou para o homem, que tremia visivelmente. Se descobrissem que ele era um fugitivo daquela fortaleza, o tratariam como algo muito pior do que um ladrão.

*Hum. Talvez*, pensou Maomao, ela pudesse usar isso a seu favor. **"Me desculpe senhor. Ele é um conhecido meu.”**

**"Huh?"**, Lihaku disse, surpreso com a franqueza da declaração de Maomao. Ela sorriu para o criminoso.

Lihaku estava claramente em dúvida, mas quando Maomao fez alguns lanches e chamou Pairin, ele rapidamente começou a abanar o rabo. E foi assim que Maomao ficou na farmácia: ela, o ladrão e...

**“Sabe, você realmente não precisa estar aqui”**, disse ela, lançando um olhar fulminante para o criado de longa data. Todos os outros fizeram uma pausa para o chá, mas este homem insistiu em seguir Maomao. Ele habilmente se serviu de um punhado de bolinhos.

**“'Receio não poder deixar vocês dois sozinhos. Se alguma coisa acontecesse, aham, eu pegaria o inferno com o 'Sr. Raposa 'e' Sr. Máscara.'”** A raposa se referia ao estrategista de monóculo, enquanto a máscara era provavelmente Jinshi, que cobria o rosto sempre que vinha aqui. Mesmo com sua cicatriz, ele ainda era uma joia valiosa de homem. Sua aparência o faria se destacar, e sua posição apenas complicava as coisas. **“Não se preocupe com isso”**, acrescentou o criado. **“Estou sentado aqui, comendo bolinhos. Não vou ouvir nada.”**

Dizendo isso, ele foi e sentou-se junto à parede. Ele estava na casa dos quarenta e já frequentava a Casa Verdete desde antes de Maomao nascer. Ele conquistou a confiança da senhora sempre fazendo as coisas com diligência e precisão. Seu nome era Ukyou.

*Ele vai contar para a velha. Eu simplesmente sei disso.* Em outras palavras, ela teria que restringir essa conversa a coisas que ela se sentiria confortável com o conhecimento da senhora. *Coisas que não nos causarão problemas se ela descobrir...*

Maomao olhou para o homem sentado à sua frente. Havia dois livros sobre a mesa entre eles: o que Maomao encontrou na loja de livros usados e aquele que o ladrão pretendia vender hoje. **“O que aconteceu com o resto dos livros?”,** ela perguntou.

O homem recusou-se a olhar para ela, como uma criança recalcitrante. Não era uma boa aparência para um homem adulto.

*Eu não tenho tempo para isso.* Se ele os tivesse vendido em outras lojas, alguém já poderia tê-los comprado. Maomao bateu com o punho na mesa. **“Aquele soldado que vimos? Ele fez parte do ataque à fortaleza”,** disse ela, calma e lentamente. **“Você está dizendo que não se importa se eu contar a ele que você esteve lá?”**

A cor do homem ficou ainda pior. Maomao odiava ameaçá-lo depois de ele tê-la ajudado, mas não era hora para escrúpulos. Ela precisava saber para onde aqueles livros tinham ido.

Ukyou mastigou pensativamente um bolinho, demorando-se com cada garfada. Ele pode parecer tranquilo, mas se as coisas se tornassem físicas, ele era claramente forte o suficiente para dominar gente como aquele cara.

O homem franziu a testa, lutando consigo mesmo, mas no final baixou a cabeça, derrotado. **“Ainda tenho três dos outros volumes. Dois deles vendi em outra cidade e o resto deixei.”**

Supondo que o fogo das explosões não tivesse atingido o quarto de Maomao, ainda seria possível colocar as mãos nos últimos volumes. Isso significava que o verdadeiro

problema eram os dois livros que ele vendeu. Os que estavam na mesa tinham a ver com pássaros e peixes, respectivamente.

**“Você vendeu aquele sobre insetos?”**

**“Não, ainda tenho um deles.”**

*Um deles*? Isso despertou a curiosidade de Maomao. O volume sobre pássaros tinha um número. Se houve um I, deve haver um II.

**"Você pode entregar para mim imediatamente?"**

**“Você pode prometer que não vai me trair?”**

**“Depende se você estiver disposto a cooperar”,** pressionou Maomao. Ukyou, que estava reclinado na parede, pôde ser ouvido suspirando profundamente. **“Vamos, Maomao. Agora você está apenas ameaçando ele.”** Ele se acomodou no chão apertado da loja e deu um tapinha amigável no ombro do homem. **“Escute, você deve estar com fome, certo? Parece que você já passou por muita coisa. Por que não relaxar?”**

O ladrão não disse nada. Enquanto isso, Ukyou simplesmente saiu da loja. Ele logo voltou segurando uma bandeja com uma tigela de arroz e um acompanhamento. O acompanhamento nada mais era do que sobras de gafanhotos cozidos, mas assim que Ukyou ofereceu os pauzinhos ao homem, o ladrão os pegou. Maomao ficou surpresa com o entusiasmo do homem.

Ukyou deu um tapa no ombro dela. **“Ainda não.”** O ladrão, praticamente obcecado pela refeição, nem sequer olhou para eles. Ukyou baixou a voz e disse para ela: **“Basta olhar para ele. Acho que ele teve um caminho difícil até a capital. Talvez ele tenha vendido os livros, mas parece que foi isso ou morrer de fome. Os próprios livros parecem ter sido bem tratados. Não acho que ele seja uma pessoa má.”**

**“Você pode estar certo...”,** disse Maomao, mas ela estava morrendo de vontade de saber o que havia acontecido com os outros livros.

**“Você tem que saber quando usar a cenoura e quando usar o bastão.”**

**“Eu sei disso, caramba.”** Se a velha senhora era o bastão da Casa Verdete, este homem parecia ser a cenoura. Ele não era muito alto e seu rosto parecia o de qualquer outro homem de meia-idade, mas foi sua decência que o tornou querido pelas cortesãs.

De repente, o ladrão parou de colocar comida na boca. Ukyou olhou para ele com curiosidade. **"Qual é o problema?"**

**“Isso é horrível.”**

**“Você não gosta de gafanhotos?”**

**“Isso não é um gafanhoto”,** disse o homem, segurando um dos insetos em seus pauzinhos.

**“Não é?”**

**“Eles podem chamar tudo de gafanhoto por aqui, mas os agricultores fazem uma distinção.”**

**“Que tipo de distinção?”,** Maomao e Ukyou olharam atentamente para o homem. Ele começou a trabalhar na montanha de insetos cozidos, pegando-os um de cada vez e dando uma mordida, depois separando-os em pilhas. A proporção entre os dois acabou perto de oito para um.

**“Esses são gafanhotos (*grasshoppers**¹). Os agricultores os cozinham e comem. Mas estes são gafanhotos (*locust**²). Eles são parecidos, mas os gafanhotos (*locust**²) têm um gosto horrível.”**

**“Eles são realmente tão diferentes?”,** Ukyou perguntou. Ele nunca percebeu que os dois eram tão distintos. Nem Maomao; ela sempre os classificou mentalmente juntos.

**“Dê uma mordida e você descobrirá. Quando você tira as pernas e as cozinha, elas ficam todas da mesma cor, então os menos escrupulosos as vendem para comerciantes ignorantes. Os gafanhotos (*locust**²) dão má fama aos gafanhotos (*grasshoppers**¹) reais.”**

O Sr. Proprietário teria deixado a marca perfeita para um golpe como esse. Com apenas um gafanhoto (*grasshoppers**¹) para cada oito gafanhotos (*locust**²), é claro que o prato resultante era terrível. Maomao pegou um gafanhoto (*grasshoppers**¹) e colocou na boca. O ladrão não se enganou: tinha mais corpo e melhor sabor.

O homem lançou aos gafanhotos (*locust**²) um olhar sombrio. Antes que Maomao pudesse falar, Ukyou disse: **“Se houver algo acontecendo, conte-nos”.**

O homem disse: **“Pode haver fome este ano”.**

Com isso, Maomao praticamente pulou em sua direção. **“Você também acha?!”**

**“E-Ei, não posso ter certeza. Mas quando você pega muito mais gafanhotos (*locust**²) do que gafanhotos (*grasshoppers**¹) em um ano, isso geralmente significa uma praga de insetos na próxima temporada.”**

Era uma simples questão da proporção entre os dois. E estava de acordo com o que Chou-u havia dito. Maomao lançou outro olhar ao homem. **“Você parece ter muito conhecimento sobre insetos para um guarda. Também me lembro que aquela sala tinha muitas coisas obviamente mais valiosas do que um conjunto de enciclopédias, mas você optou pelos livros. Por que não simplesmente deixá-los? Um ladrão normalmente não escolheria algo mais fácil de penhorar?”**

O homem coçou a nuca, um tanto envergonhado. **“Na verdade, eu não queria vender as enciclopédias.”**

**“Mas você disse ao livreiro que voltaria com mais.”**

**“Você tem que conversar com esses tipos, caso contrário não conseguirá um preço decente. Além disso, eu esperava comprá-lo de volta se pudesse ganhar dinheiro. Quero dizer, ninguém compraria voluntariamente uma enciclopédia.”**

*Aham... Alguém iria*, Maomao queria dizer, mas ela interrompeu as palavras antes que elas saíssem.

O homem obviamente tinha apenas as roupas do corpo em seu nome. Ainda era inverno, então estava tudo bem, mas seu rosto estava sujo; ele estava tão sujo que Maomao hesitou um pouco em deixá-lo entrar na farmácia. De qualquer forma, ele não acharia fácil ganhar muito dinheiro assim.

**“O cara que morava em confinamento, lá no reduto. Fui eu quem levou as refeições para ele.”** Os olhos de Maomao se arregalaram; isso foi inesperado. **“Acho que o levaram lá para fazer algum tipo de medicamento novo ou algo assim, mas não era a única coisa que ele estava pesquisando.”**

**“O que mais havia?”**

**“Isso, bem aqui”,** disse o homem, indicando o gafanhoto (*locust**[2]).

**“Você quer dizer como prevenir uma praga?”**

Então era isso que seu antecessor vinha tentando descobrir. Maomao engoliu em seco e estava prestes a pressionar ainda mais o homem quando houve um grande estrondo e a porta da loja se abriu.

**“Ei, Sardenta! Posso comer seus bolinhos ou o quê?”**

Era Chou-u, segurando um espeto de bolinhos em cada mão.

O ladrão piscou várias vezes. **"O que? Jovem Mes—”**

Antes que ele pudesse pronunciar as palavras, Maomao pegou um remédio que estava pulverizando e jogou na boca aberta do homem.

**"Eca! Isso é amargo!”** Ele praticamente convulsionou. Ela se sentiu mal por ele, mas ele estava prestes a dizer algo extremamente inconveniente para todos eles. Ela faria isso de novo se fosse necessário.

*Eu deveria ter percebido...* É claro que ele saberia sobre Chou-u. Ele disse que a razão pela qual a ajudou foi porque Chou-u pediu a ele. Publicamente, o clã Shi foi destruído raiz e ramo. O fato de um deles estar realmente aqui era uma péssima notícia.

Chou-u observou o homem se debater com evidente diversão. Ele parecia se perguntar o que aquele estranho ridículo estava fazendo.

**“Sim, claro, coma os bolinhos estúpidos”**, disse Maomao. **"Apenas vá embora."**

**“Não me enxote! O que eu sou, um animal de estimação?”,** Chou-u reclamou. Ele não deve ter reconhecido o homem, porque não lhe deu atenção.

**“Ei, Chou-u, que tal eu deixar você andar nos meus ombros?”**

**“Uau, sério? Incrível! Permita-me subir!"**

Maomao ficou grata a Ukyou por sua distração bem pensada.

*Não tenho certeza... mas pelo menos devo avisá-lo*, pensou Maomao, e torceu os dedos, contando os dias até que Jinshi voltasse a visitá-la.

***Locust e Grasshoppers são traduzidos para a mesma coisa: Gafanhoto. Mas são criaturas diferentes.***

***¹ Grasshoper:*** são insetos que comem principalmente plantas. Esses insetos podem medir entre 1 a 7 centímetros quando adultos. Podem ser encontrados em todos os lugares, exceto nas frias regiões polares. Pernas traseiras longas permitem que saltem até 20 vezes o comprimento do corpo. A maioria das espécies é colorida para se misturar ao ambiente. No entanto, a maior parte das espécies é marrom, cinza ou verde. Os machos tendem a ter cores mais brilhantes nas asas para atrair as fêmeas. Grasshoppers de cores vivas costumam consumir plantas exóticas e armazenar toxinas em seus corpos. A cor brilhante alerta os predadores de que eles são perigosos.

***² Locust:*** Locust são Grasshoppers que desenvolvem características gregárias. Frequentemente, eles prosperam em condições ambientais que lhes permitem formar grupos organizados. Estas condições incluem o crescimento denso da vegetação após as secas. Nessas condições, reproduzem-se rapidamente e movem-se em grandes enxames, parando em qualquer área verde que encontram. Como percorrem longas distâncias em pouco tempo, costumam causar grandes danos às plantações.
Os Locust têm uma aparência semelhante aos Grasshoppers. Os dois insetos também compartilham a mesma estrutura morfológica. No entanto, à medida que os Grasshoppers se transformam em Locust, a estrutura das suas asas começa a mudar. Os Locust sempre enxameiam, enquanto a maioria das espécies de Grasshoppers raramente ou nunca enxameiam. Esses insetos normalmente vêm em amarelo escuro, marrom ou verde, mas sua cor ou padrão de cor pode mudar quando eles entram na fase migratória ou de enxameação.

# Capítulo 3: Sono

Três dias depois, um nobre mascarado apareceu na farmácia enquanto o sol cruzava o meridiano.

**"Bem-vindo! Graças a Deus você está aqui!"**

Jinshi foi surpreendido pela calorosa saudação de Maomao. Atrás dele, a boca de Gaoshun estava aberta; ele estava claramente se perguntando o que havia acontecido.

**“E-Ei, qual é o problema?”**

**“Xiaomao, você sabe que esse é o Mestre Jinshi na sua frente, certo? Você não o confunde com outra pessoa, não é?”**

Maomao fez uma careta. Reações ridículas, ambas. Gaoshun olhou para Jinshi, sabendo que acidentalmente havia deixado escapar o nome errado, e foi recebido com um olhar irritado por trás da máscara.

Jinshi entrou na loja e sentou-se numa almofada redonda. O lugar não era exatamente espaçoso, então Gaoshun retirou-se para a sala da frente da Casa Verdete, como sempre fazia. Assim que a porta deslizante foi fechada, Jinshi finalmente removeu a máscara.

Lá estava, como sempre, seu lindo rosto e a cicatriz em sua bochecha que nunca deixava de parecer fora do lugar. Os pontos foram removidos e parecia muito menos doloroso do que antes, mas mesmo assim, foi o suficiente para fazer uma pessoa suspirar de arrependimento pelo desperdício.

As pessoas começaram a escrever histórias divertidas sobre a rebelião do clã Shi no ano passado. O herói era o lindo irmão mais novo do imperador, e a vilã era interpretada por Loulan. Seria de se esperar que o último papel fosse atribuído a Shishou, o líder do clã Shi, mas Loulan o havia substituído na imaginação popular, e essa cicatriz, poderia se supor, era a razão.

A vilã que feriu esse rosto sobrenatural seria comentada nas gerações futuras. Quando Maomao se lembrou da senhora do palácio, amante dos insetos, rindo alegremente, ela descobriu que isso lhe dava uma sensação de desolação.

**“Achei que você tivesse algo que queria me contar”,** disse Jinshi.

*Oh! Sim, eu tinha.*

Maomao pegou da estante a enciclopédia que comprou.

**"O que é isso?"**

**“Algum oportunista arrancou-o das chamas da fortaleza e vendeu-o.”**

Ela manteria silêncio sobre o ex-guarda por enquanto. Ele estava sob os cuidados do criado-chefe da Casa Verdete, Ukyou, que saberia o que fazer com ele.

O homem que fugiu da fortaleza decidiu começar a se chamar Sazen. Maomao queria que ele usasse um nome falso apenas para o caso de o nome verdadeiro fazer com que o pirralho, Chou-u, se lembrasse de seu passado. Felizmente, "Sazen" parecia não ter nenhuma ligação especial com seu antigo nome. Agora ele estava aprendendo o negócio com Ukyou.

*Conseguimos recuperar os livros que ele vendeu.*

Ukyou agiu imediatamente para reuni-los. Sazen disse que os vendeu para um procurador que Ukyou conhecia, então o criado-chefe conversou com o outro homem e comprou os livros dele. Significando que restava apenas um problema.

**"Acho que o último desses livros está na fortaleza. E eu quero colocar minhas mãos nisso."**

Jinshi olhou para ela. **"E por que estamos coletando esses livros?"**

Maomao decidiu que a melhor resposta a essa pergunta seria uma demonstração prática. Ela colocou uma tigela de comida na frente de Jinshi com um baque nada elegante: uma montanha de insetos cozidos de uma cor bastante desagradável. Jinshi franziu a testa abertamente e recuou. **"O que diabos é isso?"**

**"Gafanhotos (*grasshoppers*) cozidos. Embora o ingrediente principal sejam, na verdade, gafanhotos (*locust*)."** Maomao pegou um em seus pauzinhos e se inclinou na direção de Jinshi. Ele recuou novamente, mas logo se viu bloqueado pela parede, onde simplesmente desabou.

**"Eu não vou comer isso!"**

**"Ninguém disse nada sobre comê-los."**

Maomao colocou o gafanhoto (*locust*) em um prato e tirou um pedaço de papel com a imagem de dois insetos: um estudo comparativo de um gafanhoto (*grasshopper*) e um gafanhoto (*locust*). Foi baseado nas versões fritas, mas capturou o essencial. Ela deu a Chou-u alguns trocados pelo trabalho.

**"Parece que os gafanhotos (*locust*) proliferaram no ano passado. Não houve nenhuma reclamação das aldeias agrícolas sobre danos causados por insetos?"**

O rosto de Jinshi ficou nublado e ele coçou a cabeça com um suspiro. **"Sim, recebemos alguns relatórios. Houve danos significativos às fazendas da região norte."**

Mas não o suficiente para causar fome. Para o bem ou para o mal, o outono do ano anterior foi frio, ajudando a cuidar dos insetos. Eles foram eliminados antes que pudessem aumentar incontrolavelmente.

**“A devastação causada pelos gafanhotos (*locust*) pode continuar por vários anos. O que você planeja fazer este ano?”**

A boca de Jinshi se torceu. Talvez a pergunta já lhe tivesse ocorrido.

A região norte, suspeitava Maomao, pertencia em grande parte ao clã Shi. Sem eles, a responsabilidade de governar a área recairia sobre o imperador.

**“Planejamos cobrir o défice do ano passado distribuindo parte do excedente a partir do sul.”** Mas, ao que parecia, eles ainda não tinham planejado com mais antecedência do que isso. Jinshi tinha uma testa digna de Gaoshun.

**“Se isso acontecer novamente este ano, as coisas serão difíceis”,** disse Maomao.

As pessoas alegariam que a peste era um sinal de que o imperador não estava governando o país adequadamente. São apenas insetos, você pode pensar, mas essas pragas significaram o fim de mais de uma nação na história. E para que isso acontecesse no mesmo ano após o imperador ter destruído o clã Shi – o que o povo pensaria disso?

*Superstição ridícula*, pensou Maomao – mas na mente de muitos, a conexão não poderia ser descartada tão facilmente. E o imperador e seus parentes tiveram que governar tanto os crédulos quanto os céticos.

**“A praga de insetos é um fenômeno natural”**, disse Jinshi. **“O que devemos fazer sobre isso? Fazer fogueiras para afastá-los? Ou deveríamos sair e golpear cada um deles individualmente?”** Ele estava certo, é claro. Tal esforço seria inútil.

**“É por isso que estou investigando isso”,** disse Maomao, estendendo a enciclopédia para Jinshi. Aquele era o volume que ela recebeu de Sazen, o fugitivo da fortaleza. O livro foi cuidadosamente anotado nas margens. **“Há outro volume que trata de insetos e, como não está aqui, acho que pode estar na fortaleza.”** O volume que Maomao possuía não dizia nada sobre gafanhotos (*locust*), mas era inimaginável que um inseto tão comum passasse despercebido num livro tão completo. **“Além disso, acredito que o apotecário que estava na fortaleza antes de mim estava pesquisando algo sobre gafanhotos (*locust*).”**

**"Sério?"**

**“Sim, embora eu não saiba até onde chegou sua pesquisa.”** Só que estava desesperado.

Jinshi coçou o queixo pensativo, depois abriu a porta e chamou Gaoshun - que estava colocando um espeto de bolinhos na boca. Ele imediatamente foi chamar um dos criados da Casa Verdete. Chou-u, que nunca perde uma oportunidade, avistou os bolinhos abandonados e serviu-se.

**“Devo ser capaz de adquiri-lo dentro de alguns dias.”**

**"Eu apreciaria."** Maomao soltou um longo suspiro. Isso não significava que as coisas haviam acabado, mas trouxe algum alívio para algo que estava girando em sua mente há alguns dias.

Jinshi, no entanto, parecia pálido. Ele muitas vezes parecia cansado recentemente, agora que não podia mais fingir ser um eunuco. E o que Maomao disse apenas aumentou sua carga de trabalho.

**"Cansado, senhor?"**

**"Você poderia dizer isso. Mas vou ficar bem."**

Ele tinha grandes olheiras, mas os funcionários e as damas da corte ao seu redor não pareciam notá-las. Na verdade, eles pareciam pensar que ele estava bem. Mesmo com uma cicatriz no rosto, sua beleza ainda era praticamente sobre-humana, e isso confundia as pessoas. Eles pareciam considerar isso o florescimento da saúde.

*Ele vai entrar em colapso nesse ritmo.* As pessoas cujos sentidos ficaram embotados pela fadiga acabaram por deixar de compreender até mesmo que estavam fatigadas. Se até mesmo Gaoshun insistisse que Jinshi estava bem, não haveria nada que ela pudesse fazer para impedir isso. Ele precisava dormir um pouco.

Se ele tivesse tempo para vir até aqui, deveria ter passado o tempo descansando em seu quarto. Maomao olhou para ele com certa exasperação. **"Mestre Jinshi, você não gostaria de descansar?"**

**"O que é isso de repente?"**

**"Vou preparar um quarto imediatamente. Eu quero que você durma."**

Maomao olhava diretamente para ele e era impossível não notar a cicatriz em sua bochecha direita. Ela percebeu que corria o risco de querer estudar detalhadamente a costura perfeita e baixou o olhar para o chão. É claro que ela gostaria de dar uma boa olhada no trabalho do seu velho, os pontos cuidadosos cobertos com pomada. Jinshi provavelmente ficaria preso na cicatriz, mas o processo de cura seria rápido e ela desejou poder observar seu progresso.

**"Você quer que eu durma em um lugar como este?"**

Maomao arriscou uma piada: **"Não consegue dormir sozinho?"** Pensando que talvez ele se ressentisse de ser tratado como uma criança, ela começou a acrescentar: **"Isso é uma besteira..."**

**"Não. Não, não posso"**, disse Jinshi antes que pudesse terminar. Parecia que ele ficava sozinho.

*Entendo.* Maomao colocou a cabeça para fora da loja e chamou uma aprendiz próxima, pedindo-lhe para chamar a senhora.

"**O que é?**", perguntou a velha senhora, sem muito entusiasmo, ao chegar. Mas quando Maomao explicou o que queria, uma luz começou a brilhar sob aquelas pálpebras velhas e largas. **"Dê-me meia hora."**

*Isso é realmente tempo suficiente*?, Maomao pensou, mas deixou a senhora, que de repente parecia bastante investida, por conta própria. Em vez disso, ela ofereceu a Jinshi um chá restaurador.

**"Por aqui, por favor",** disse Maomao, direcionando Jinshi para a Casa Verdete. Ela o conduziu a um quarto no último andar, um quarto decorado com os melhores móveis e uma cama muito grande. O incenso estava queimando, enchendo o espaço com um aroma rico e doce. **"Você pode descansar aqui, senhor. O trabalho é importante, mas você deve se cuidar."**

Ela meio que esperava que a senhora simplesmente a matasse, mas a velha senhora parecia ter algum tipo de plano, pois ofereceu o melhor quarto do estabelecimento de graça. E ele ficou pronto em trinta minutos. Uma exibição impressionante. Talvez ela tenha pensado que seria melhor causar uma boa impressão em um membro da nobreza.

**"Se você quiser tomar banho, um banho medicinal está pronto para você. Se você quiser pijama, você pode usar este."** Maomao entregou-lhe um conjunto de pijamas de algodão macio. Jinshi pareceu surpreso a princípio, mas seu sorriso foi ficando cada vez mais gentil. Não era o sorriso de uma ninfa celestial, mas ainda assim poderia ter derretido o coração de qualquer mulher – ou homem.

**"Acredito que vou tomar banho"**, disse Jinshi, indo para o banheiro adjacente. A banheira, cheia de água quente cuidadosamente trazida pelos criados, teria a temperatura perfeita. Como eles devem ter lutado, primeiro para fervê-lo e depois trazê-lo para cá antes que esfriasse!

Maomao sentiu uma onda de alívio e pareceu que a ruga na testa de Gaoshun – ele estava em um canto da sala – também suavizou. E ainda assim ele também parecia desconfortável.

**"Não vou dormir sozinho",** reiterou Jinshi.

"**Não, você não deve, senhor.**"

Quanto a isso, pelo menos, não haveria dúvidas. Jinshi abriu a porta do banheiro com uma expressão inescrutável - e imediatamente a fechou novamente e correu de volta para Maomao, nervoso. Sua correria parecia um tanto cômica. Ele estava usando sua máscara novamente.

**"Por que há mulheres seminuas no banho?"** Ele demandou.

**"Não precisa se preocupar, senhor. Elas são profissionais."**

O cara mal conseguia descascar a própria tangerina, então Maomao achou que tomar banho estava fora de questão. Ela pediu que as roupas estivessem prontas para ele,

assim como quando o imperador tomou banho, e imaginou que enquanto elas estavam fazendo isso ele deveria receber uma massagem também.

**“Você não gosta de massagens, senhor?”**

**“Isso termina em uma massagem?”,** ele se aventurou.

**“Muitas vezes não.”**

Afinal, esta era uma indústria de serviços. E se o cliente solicitasse, muitas profissionais acrescentariam serviços extras dos quais — bem, eles não suportavam falar. Todos sabiam que era assim que funcionava o bairro do prazer.

**“Ainda vai tomar aquele banho, senhor?”**

**"Obrigado, vou passar."**

**"Mudar as roupas?"**

**"Eu posso fazer isso sozinho."** Jinshi tirou a roupa e vestiu a roupa de dormir sozinho.

*Ele é surpreendentemente bem constituído*, observou Maomao, embora ela não tenha tido nenhuma reação emocional específica a esse fato. Ela pegou a roupa do chão, dobrou-a cuidadosamente e guardou-a num baú. Ainda carregava um toque de perfume, um aroma que transmitia o excelente gosto de seu dono.

Maomao pegou uma xícara e um pequeno bule de chá da cabeceira e serviu algo para Jinshi. Ele inclinou a máscara para cima e tomou um gole. **“Remédio para dormir ou algo assim?”** Talvez tivesse um gosto engraçado. Talvez Maomao devesse ter tomado um gole para mostrar que era seguro.

**“Ele contém nutrientes para aumentar sua energia, senhor.”**

Jinshi cuspiu o chá. Maomao, sentindo-se verdadeiramente encharcada, não pôde deixar de franzir a testa para ele.

**"Por que diabos você me daria isso?"**

**“Ouvi dizer que é o remédio mais eficaz quando um homem está cansado.”**

**“Você, uh, quer dizer o que eu acho que você quer dizer com isso?”**

**“O que mais eu poderia querer dizer, senhor?”**

A expressão no rosto de Jinshi era uma mistura de desgosto e timidez. Na verdade, ele parecia estar fazendo muito esse tipo de cara hoje.

*Talvez haja algum problema em eu ser tão direta.* Jinshi pode ser um homem, mas talvez ainda tenha vergonha de ouvir fatos biológicos declarados de forma tão clara. Afinal, ele

ainda era jovem e talvez não fosse tão maduro como costumava parecer. Ela se sentiu mal por agir como se ele fosse um animal que ficaria no cio o ano todo. Mesmo assim, a reação dele pareceu um pouco estranha. Provavelmente não há nada com que valha a pena se preocupar.

Jinshi não conseguia olhar Maomao nos olhos, mas continuou: "**Então, que tipo de mulher você prefere?**"

"**Huh?**", ele disse estupidamente.

Maomao bateu palmas duas vezes, fazendo com que um grupo de cinco lindas mulheres entrasse em fila de outra sala. Cada uma delas parecia doce e inocente.

**"Lady Suiren me disse que você prefere elas da sua idade",** explicou Maomao. Suiren era a assistente de Jinshi. Ela podia ser travessa à sua maneira, mas era uma assistente de primeira linha.

Dada a aparente fixação de Jinshi pela castidade, elas se esforçaram para encontrar virgens – um estado ainda mais desejável porque tinham certeza de não ter nenhuma doença. Foi impossível conseguir o suficiente na própria Casa Verdete, então elas mexeram os pauzinhos em alguns outros bordéis próximos. Isso fez com que a senhora franzisse a testa, mas se elas queriam todas aquelas virgens em tão pouco tempo, era o que era preciso.

As mulheres foram informadas apenas de que o homem envolvido era um nobre, o que foi suficiente para convencê-las a embarcar. Elas ficaram ainda mais intrigadas com o que vislumbraram da beleza de Jinshi sob sua máscara.

Sim, Jinshi deve ter atraído a atenção de muitas jovens, mas no momento ele estava simplesmente parado com o queixo aberto. Ele olhou para Maomao, sua total confusão óbvia mesmo por trás da máscara. No canto da sala, Gaoshun foi além de segurar a cabeça e avançou para pressionar a testa contra a parede.

**"Nenhuma delas é do seu agrado?",** Maomao perguntou. Não foi Jinshi, mas as mulheres reunidas que reagiram a isso. Cada uma começou a gesticular para Jinshi da maneira que achasse mais atraente. **"Nenhuma delas conheceu ainda um homem"**, disse Maomao. **"A própria senhora as inspecionou."**

Exatamente que tipo de inspeção foi pode ser facilmente adivinhado.

Jinshi, movendo-se desajeitadamente como uma marionete, olhou para Maomao. **"Eu só quero dormir. Por favor, deixe-me descansar!"**

**"Entendo, senhor. Então é só escolher uma mulher, qualquer uma delas..."**

**"Quero dizer literalmente!"**, ele exclamou.

Os ombros de Maomao caíram e as cortesãs deixaram a sala bufando coletivamente.

Em vez disso, Maomao foi até Gaoshun, cujos ombros estavam ainda mais caídos que os dela, e disse: **“Você gostaria delas, então, senhor?”**

**“Eu, er, tenho uma esposa. Uma esposa assustadora. E minha filha é uma espécie de defensora da limpeza...”**, disse ele.

Ah, claro. Talvez não tenha sido a melhor ideia oferecer cortesãs a um homem casado.

**“Você sabe como é ouvir ‘Papai, você está imundo! Você tem que tomar banho hoje à noite!’?”**

**“Sim, senhor, eu sei.”**

*Eu sei como a filha dele deve se sentir, de qualquer maneira...*

Ela se sentiu mal pelo assistente de Jinshi ter que ficar parado, então ofereceu a ele um belo sofá para sentar. Havia outra cama e, na verdade, outro quarto inteiro disponível, mas Gaoshun educadamente recusou quando ela apontou isso. Na verdade, ele temia que o divórcio pudesse estar próximo se algum dia fosse descoberto em um lugar como aquele.

Maomao voltou para onde Jinshi estava reclinado e puxou as cobertas para cima dele. Quando ela mesma foi sair da sala, ela o sentiu segurando seu braço.

**“Certamente você poderia pelo menos poupar uma canção de ninar.”**

Ela não disse nada no começo – ela queria dizer não, mas ele estava olhando para ela com aqueles olhos de cachorrinho que ele tinha às vezes. E de qualquer maneira, depois de toda a excitação com o banho e as cortesãs e tudo mais, parecia que esta pequena pausa não o tinha ajudado em nada a sentir-se revigorado. Ele se recusou a soltá-la e ela soltou um suspiro. **“Eu não sou uma boa cantora.”**

**"Eu não ligo."**

Então, batendo suavemente nas cobertas para marcar o ritmo, Maomao começou a cantar. Uma antiga canção infantil que as cortesãs cantavam para ela. Não demorou muito para que ela ouvisse a respiração de Jinshi assumir o ritmo uniforme do sono.

Jinshi partiu à noite, pouco antes de o sol se pôr no horizonte. A soneca deve ter sido restauradora, porque ele acordou com uma aparência muito melhor e comeu três tigelas inteiras de mingau. Maomao começou a temer que pudesse trabalhar até morrer, mas se ainda comesse não morreria. Na verdade, ela pensou que ele poderia ter problemas com Suiren quando estivesse cheio demais para jantar naquela noite. Ou talvez ela estivesse se preocupando demais?

Com a máscara de volta no lugar, Jinshi embarcou em sua carruagem e Maomao observou-o partir. Enquanto ela estava ali, ela pensou ter sentido um par de olhos sobre ela. Virando-se, ela viu uma cortesã com aparência devassa, encostada na grade do segundo andar e fumando um cachimbo. Era Pairin, uma das Três Princesas. Seu manto não fazia muito para esconder seu peito abundante.

**"Não é hora de você ceder?",** ela perguntou.

**"Ceder a quê?",** Maomao perguntou, afastando-se da irmã mais velha e voltando para a loja.

# Capítulo 4: A Capa do Rato de Fogo

A farmácia de Maomao fechou as portas enquanto as lanternas eram acesas na Casa Verdete. Não fazia sentido fazer negócios depois de escurecer — isso apenas atrairia clientes desagradáveis e, de qualquer forma, o óleo da lâmpada seria um desperdício de dinheiro. Maomao totalizou os ganhos do dia e entregou-os à senhora. Manter grandes somas de dinheiro em seu pequeno barraco atrairia ladrões e assaltantes. Ter o dinheiro guardado em algum lugar seguro era muito melhor, mesmo que ela tivesse que pagar pelo privilégio. Depois juntou as brasas e as ervas e trancou a lojinha apertada.

**"Tudo bem, vamos para casa",** ela anunciou.

**"O que, já?",** Chou-u reclamou, mas ela o pegou pela nuca e voltou para a cabana. Embora estivesse localizada logo atrás da Casa Verdete, as paredes estavam cheias de rachaduras que deixavam entrar o vento, tornando-a muito fria.

Maomao colocou as brasas entre o papel vegetal no fogão e, quando o fogo estava aceso, ela jogou alguns gravetos sobre ele. Chou-u, sentindo frio, estava enrolado em sua esteira de dormir, enrolado em seu cobertor. Maomao aqueceu um pouco de sopa em uma panela no fogão, mexendo delicadamente. Envolvia uma base de carne seca, junto com vegetais e kudzu (araruta) que ela colheu na horta. Ela até raspou um pouco de gengibre para aliviar o frio.

**"Não vai comer nada?",** ela perguntou.

**"Claro que sim",** disse Chou-u, tentando se arrastar enquanto ainda estava debaixo do cobertor como um percevejo gigante. Maomao deu-lhe um soco no dedo, mas jogou-lhe uma jaqueta de algodão em troca de tirar-lhe o cobertor.

*Eu não me importaria com outra roupa de inverno*, pensou Maomao. Ela estava sendo bastante recompensada por "criar" Chou-u, mas não pretendia desperdiçar o dinheiro. Chou-u poderia reclamar, mas enquanto Maomao fosse quem recebesse o dinheiro, a educação que receberia seria: quem não trabalha não come.

Ela despejou um pouco de sopa em uma tigela lascada e entregou-a a Chou-u, que se sentou em uma cadeira com os joelhos levantados e tomou um gole. **"Precisa de mais carne"**, disse ele.

**"Se você quer carne, ganhe dinheiro para isso!",** Maomao disse. Então ela mesma tomou um gole da sopa. Eles não tinham mingau, mas ela conseguiu um pouco de pão. Ela pegou um pouco do suprimento e colocou ao lado da panela de sopa para esquentar. Então ela quebrou ao meio e colocou alguns legumes cozidos dentro. Ela não achou que o pão tivesse um sabor particularmente bom – talvez por causa da má colheita do ano passado. Uma colheita pobre talvez levasse a grãos de baixa qualidade.

**"Você tem dinheiro, certo, Sardenta? Por que não comemos alguma comida decente, então?"**, Chou-u disse, pegando outro pedaço de pão apesar de reclamar.

**"Estou alugando a loja da velha, idiota. Você tem alguma ideia de quanto ela cobra?"**

**"Por que não encontrar outro lugar, então?"**

**"Escute. Não é tão simples assim."** Maomao molhou o pão no que sobrou da sopa e colocou na boca. Ela poderia ter levado uma vida um pouco mais rica, se assim desejasse. Mas ela tinha motivos para não fazer isso. **"Você vem comigo amanhã. Vamos comprar roupas. Você está com frio assim, não está?"**

**"Sim!",** Chou-u disse, levantando as mãos, mas o movimento o fez cair da cadeira. Sua paralisia o deixou incapaz de se controlar, então ele caiu pateticamente no chão.

Maomao olhou para ele por um momento, com uma expressão fria enquanto lavava a tigela no balde de água.

No dia seguinte, ela e Chou-u foram ao mercado, que ladeava a grande via que cortava a capital de norte a sul. Quanto mais para o norte você ia, mais ricas as lojas se tornavam, enquanto a classe e a qualidade diminuíam à medida que você ia para o sul. O bairro do prazer ficava no sul da capital, então as primeiras barracas de mercado que encontraram nem tinham toldos; eram apenas mercadorias dispostas em esteiras de junco.

Quanto mais você avançava pelas ruas laterais, mais sombrias ficavam as lojas. A proximidade do bairro do prazer parecia criar locais de venda de medicamentos duvidosos. Naturalmente, uma apotecária como Maomao não se deixava levar por tais produtos, e os comerciantes sabiam disso; nenhum deles a chamou quando ela passou pelas lojas. Procuravam homens que ainda não estivessem acostumados com o bairro do prazer; aqueles que obtiveram as melhores notas.

Maomao seguiu em direção ao centro da capital, agarrando Chou-u pela nuca cada vez que ele ameaçava se afastar. Às vezes dizia-se que comprar barato poderia, na verdade, custar-lhe dinheiro. Uma jaqueta de algodão de uma das barracas de rua certamente seria barata, mas o material seria pobre. Nunca resistiria ao pirralho correndo com ela e fazendo todas as coisas que as crianças fazem. Qualquer comerciante com um local real saberia que precisava da confiança dos compradores locais; uma jaqueta de algum lugar com vitrine de verdade custaria um pouco mais, mas inspiraria muito mais confiança no produto.

Maomao escolheu um lugar no emaranhado de lojas e entrou – um lugar que vendia roupas para plebeus, inclusive roupas usadas. Quando ela passou pela cortina e entrou na loja, viu roupas penduradas no teto. Lá dentro, o lojista remendava uma roupa e bocejava. Um braseiro ao lado dele estava cheio de brasas crepitantes, mas era cercado por um escudo para evitar que as faíscas caíssem em qualquer uma das mercadorias.

**“Ah, roupas usadas?”**

**“Não seja exigente.”**

Chou-u ainda era pequeno; ele atingiria um surto de crescimento em breve. Seria mais econômico comprar algo que eles não hesitariam em substituir.

Maomao estava procurando uma jaqueta infantil acolchoada na mercadoria quando algo chamou sua atenção.

**“O que foi?”,** Chou-u, sempre com olhos de águia, se aproximou.

Era um manto pendurado na parede – uma roupa de saia longa de um branco puro. A falta de cor fazia com que parecesse um tanto simples, mas também tinha um toque exótico; era muito incomum. O olhar de Maomao foi atraído pelo bordado que parecia ser um padrão de vinhas nas mangas.

*Isso poderia ser...*

**“Nossa, isso parece muito barato”,** disse o merdinha. *Deus me livre de ele hesitar em dizer o que lhe veio à cabeça.* Maomao deu-lhe um tapa, alertando que o lojista poderia estar ouvindo, mas do proprietário tudo o que ouviu foram risadas.

**"Haha, você acha que isso é barato, garoto?"**

**“Não é? As roupas das meninas deveriam ser coloridas!”**

**“Suponho que você esteja certo.”** O lojista colocou um alfinete numa almofada de alfinetes, depois esfregou os ombros rígidos e sorriu para eles. Ele deixou seu olhar vagar para o roupão. **“Mas esse manto, você vê... uma ninfa celestial o usou uma vez.”**

**“Uma ninfa celestial?”** Isso pareceu despertar o interesse de Chou-u. Ele havia se sentado em cima de uma cômoda; talvez a paralisia tornasse difícil para ele ficar em pé por muito tempo.

Irritada, Maomao continuou sua busca pela loja. O lojista aqui era um daqueles balconistas que matavam o tempo conversando com os clientes. Não há como dizer o quanto do que ele disse era verdade. Tudo o que ela lembrava era como ele costumava falar com seu pai, Luomen, por horas a fio.

*Só preciso encontrar alguma coisa e então poderemos sair daqui.*

Se Chou-u estivesse ocupado conversando com o balconista, isso seria perfeito. Ela poderia encontrar algo enquanto ele estivesse distraído. Mas era um lugar pequeno. Goste ou não, ela ouviria a história do balconista enquanto procurava.

○●○

*Veja, aquele manto veio até mim do oeste. Um aldeão de uma das pequenas aldeias ajudou uma menina que se perdeu na estrada. A garota era muito bonita e o aldeão se apaixonou perdidamente por ela.*

*Ela era uma jovem incomum: tinha pele branca e cabelos dourados. Ela sabia tecer um fio diferente de qualquer outro e com ele teceu vários mantos para retribuir ao aldeão que a ajudou. As vestes eram bordadas com desenhos misteriosos e vendidas por várias vezes o valor de qualquer outro tecido.*

*A menina insistiu que queria voltar para sua cidade natal, mas parecia não saber onde morava. Deve ter vindo de alguma terra distante, suponho. O aldeão pediu a menina em casamento, e de novo, e de novo, e finalmente ela decidiu aceitá-lo.*

*Mas foi um mau momento, pois nesse momento a família da menina chegou à aldeia à procura dela. Dava para perceber que era a família dela porque eles tinham o mesmo tipo de cabelo e pele. O aldeão finalmente conseguiu que a garota concordasse com sua proposta e ele não estava disposto a desistir dela. Então ele a escondeu e toda a aldeia fingiu que não sabia nada sobre o assunto.*

*A família da menina foi embora, mas ficaram desconfiados. O aldeão decidiu que era melhor se apressar e realizar o casamento e fazer da jovem sua noiva. Uma vez que eles se unissem em casamento, a família dela não seria mais a família dela, entende?*

*A jovem objetou, mas os aldeões não lhe deram atenção. Ela foi obrigada a tomar banho na fonte da aldeia para se purificar, após isso planejaram realizar o casamento imediatamente. A menina chorou enquanto se lavava. Seu único conforto era que, como vestido de noiva, ela usava um dos vestidos que havia feito. Uma lembrança de sua casa perdida.*

*Você pode imaginar a dor que ela deve ter sentido? Mesmo enquanto estava em seu vestido de noiva, ela quase se afogou em lágrimas.*

*Enquanto todos ao seu redor comemoravam, a garota subiu ao altar para jurar seus votos ao aldeão. No entanto, mesmo naquele momento, ela não conseguia esquecer sua família. Ela implorou ao homem que a devolvesse aos seus parentes.*

*Ele recusou. Então a garota se encharcou com um pouco de óleo próximo, pegou uma tocha e acendeu fogo. Ela correu em chamas passando pelos aldeões em pânico, até mergulhar na fonte e desaparecer.*

*Ela deixou para trás apenas um pedaço de pano, o véu que usava. Da própria mulher queimada não havia sinal; os aldeões especularam que talvez ela tivesse retornado ao céu. Nem ninguém da sua família voltou a ser visto, por isso todos os aldeões concordaram: a menina e a sua família tinham desaparecido de volta ao céu.*

○●○

**“E esse é o manto que a ninfa usava”,** proclamou o lojista.

**"Uau!"**, Chou-u disse, devidamente impressionado. Apenas alguns minutos antes, ele ridicularizava a roupa, considerando-a barata, mas agora olhava para ela como se fosse uma joia brilhante.

Enquanto isso, Maomao segurava uma sucessão de jaquetas nas costas de Chou-u, imaginando qual delas caberia melhor nele. Ela encontrou um com uma cor um tanto desagradável, mas que era do tamanho perfeito.

**“Ei, Sardas, isso é um vestido! Que tal comprarmos isso?”** Os olhos de Chou-u estavam brilhando.

**“O menino tem razão”**, arriscou o lojista. **“Aquela ninfa celestial não era muito mais velha que você, mocinha. Vou até te dar um preço especial, já que vocês dois são muito parecidos.”**

Boa tentativa, mas o ábaco que ele segurava sugeria que o preço ainda era um dígito a mais. Maomao quase riu alto.

*Uma ninfa celestial, certo! Posso ver uma verdadeira de graça.* Afinal, uma ninfa ligeiramente danificada vinha regularmente à Casa Verdete.

**“Você está me dizendo que não acredita na lenda da ninfa?”**, o lojista perguntou. **“Algumas pessoas não têm senso de romance...”** Ele abriu os braços e balançou a cabeça com uma expressão de decepção.

*Sou eu quem deveria estar desapontada*, pensou Maomao. Ela não só já tinha visto uma ninfa celestial antes, como também tinha visto uma desaparecer na água, assim como na história. O “espírito da lua” também voltou da água, parecendo um rato encharcado e perguntando se ela já planejou repetir a apresentação. Mas, novamente, tais visões devem ser realmente raras. Sem querer, Maomao riu ao se lembrar.

O mundo estava cheio de coisas estranhas – mas elas sempre tinham alguma explicação. Foi só porque as pessoas não sabiam por que certas coisas aconteciam que elas inventavam histórias sobre maldições e poderes mágicos e, às vezes, até sobre fantasmas.

Maomao deu uma boa olhada no manto que a "ninfa celestial" havia tecido. **"Posso tocá-lo?"**

**"Claro. Só não suje."**

Maomao sentiu a textura do tecido e estudou o bordado. Então ela sorriu. **"Lojista, você realmente acha que pode vender essa coisa por esse preço?"**

**"O-o que faz você dizer isso? Claro que eu posso."** E ainda assim ele estava tentando impingir isso a Maomao. Se ele realmente acreditasse que o manto havia sido tecido por um visitante genuíno do Céu, teria acrescentado mais um dígito ao preço.

**"Uh-huh. E se você pudesse vendê-lo por dez vezes mais do que está pedindo?"**

**"Dez vezes? Hah, bem, eu certamente seria um lojista feliz. Eu te daria tudo o que você quer de graça."**

O balconista parecia estar brincando, mas Maomao disse: **"Você poderia, agora? Você ouviu o homem, Chou-u."**

**"Uh, sim, eu ouvi, mas você não pode conseguir dez vezes o preço por essa coisa, pode? Você está louca, Sardenta."**

Até Chou-u estava zombando dela agora. Maomao fez uma careta e pegou um carvão do braseiro com um par de pauzinhos de metal. **"Vou pegar emprestado o manto e este carvão por alguns minutos, senhor."**

**"Ei! O que você está fazendo?"**

Maomao tirou a bolsa e colocou-a na cômoda: *bam*. Era todo o dinheiro que ela tinha com ela, mas deveria cobrir este manto. O lojista parou de reclamar quando viu o dinheiro. Enquanto isso, Maomao levou o manto e o carvão para a rua – e depois jogou a roupa no chão.

**"E-Ei!"** O lojista começou a gritar de novo, parecendo um pouco enlouquecido, mas Maomao o ignorou. Em vez disso, ela pegou o carvão com os pauzinhos e jogou-o no vestido.

○●○

**"Ei, Sardenta, estou com muito calor!"** Chou-u disse debaixo de várias camadas de jaquetas de algodão. Ela o vestiu demais, colocando camadas de jaquetas até que ele parecesse um boneco rechonchudo de *daruma**[1].

**"Tire algumas camadas, então."**

Chou-u só os estava usando porque reclamou de ter que carregá-los. A própria Maomao segurava um manto novo. Ela geralmente preferia cores menos chamativas, mas não iria reclamar de algo que ganhou de graça. Servia nela e era isso que contava.

**“Ei, Sardenta. Afinal, por que o manto não queimou?”**, Chou-u perguntou.

Maomao bufou, apesar de tudo, ao que o lojista chamou de manto da ninfa celestial. Havia um nome muito melhor para isso do que esse. A capa do rato de fogo, ela sugeriu, sussurrando no ouvido do lojista.

O manto recusou-se a pegar fogo quando ela deixou cair o carvão sobre ele. Na verdade, emergiu sem sequer uma marca de queimadura. Os transeuntes ficaram surpresos – tão surpresos que poderiam realmente ter acreditado nela se ela lhes contasse que o manto pertencia a uma ninfa celestial.

**“Do que são feitas as roupas, Chou-u?”**

**“Do que elas são feitas? Você quer dizer algodão, cânhamo e outras coisas? É apenas grama e fibras. E talvez às vezes insetos ou algo assim.”**

**“Esse manto era feito de pedra.”**

O queixo de Chou-u caiu tão rápido que Maomao quase riu. **"Pedra! Você quer dizer, tipo, pedra pedra? Como eles fizeram isso?”**

**“Mesmo a pedra pode assumir muitas formas diferentes.”** A fibra de rocha poderia ser transformada em tecido. Era uma técnica incomum, mas que existia desde os tempos antigos, chamada *huohuanbu*. Mas isso não parecia muito impressionante, então ela pegou emprestado um nome usado para o material no país insular oriental. **“E, claro, a rocha não queima.”**

Ainda assim, o que deve ter parecido para as pessoas que testemunharam isso? Mesmo aqueles que conheciam o *huohuanbu* podem estar vendo-o pela primeira vez. A singularidade disso ajudaria a aumentar o preço entre colecionadores curiosos. E isso rendeu a Maomao um verdadeiro guarda-roupa de roupas gratuitas.

**“Huh, então essa é a história. E a ninfa celestial, então?”**

**“Eu suspeito que era...”**

Metade verdade e metade não.

Maomao reconheceu o bordado nas mangas do manto; estava escrito em caracteres do país estrangeiro que seu pai, Luomen, costumava usar para escrever suas anotações. Quando estilizados, os caracteres podem parecer trepadeiras em redemoinho. A chamada ninfa celestial provavelmente era daquela área, e se ela tivesse cabelos dourados e pele branca, talvez também tivesse um pouco de sangue do norte em suas veias.

Se o casamento de parentes próximos durasse muito tempo em uma pequena aldeia, a prole ficaria mais fraca, de modo que os habitantes de tais lugares certamente desejariam linhagens mais distantes. Talvez a jovem realmente estivesse perdida ou

talvez tivesse sido sequestrada. Seja como for, os aldeões certamente não iriam querer abrir mão de tal prêmio.

Então a menina fez seu vestido, doente de vontade de voltar para casa, para sua família. Ela teceu com um material incomum, fibra de rocha, e bordou caracteres que os moradores não conseguiam ler, uma mensagem secreta pedindo ajuda à sua terra natal. No dia do casamento, ela provavelmente estava usando roupas íntimas encharcadas com água. Ela também teria encharcado o cabelo, usando o véu para esconder o fato.

**“Você sabia que existe uma maneira de evitar que uma tigela de madeira queime mesmo se você colocar fogo nela?”**, Maomao disse.

Simplesmente encher a tigela com água. Até secar completamente, a madeira não pegaria fogo. Pelo menos desde que o calor não ultrapasse uma certa temperatura. Se a mulher usasse roupas íntimas molhadas sob um manto de fibra de rocha, e se ela também colocasse uma roupa mais inflamável por cima, tudo o que ela precisava fazer era pular na fonte antes de sofrer queimaduras. Se ela usasse os padrões do manto para indicar como havia escapado, era provável que alguém a encontrasse mais tarde.

Claro, ela não teria garantia de que funcionaria. Mas, a julgar pela história do lojista, ela conseguiu. Em certo nível, não foi tão diferente do desempenho que fizeram no banquete para as enviadas no ano anterior.

"**Huh!",** Chou-u disse, parecendo genuinamente impressionado. **“Por que você não disse nada disso para o cara da loja?”**

**“Eu não gostaria de estragar o romance.”**

Chou-u riu, como se quisesse admitir que estava certo.

Havia, pode-se acrescentar, outro motivo, embora um que Chou-u não precisasse conhecer. Havia belos bordados no interior do manto, bem como nas mangas.

*Então temos uma jovem de algum lugar do oeste ou do norte*, pensou Maomao. Será que uma jovem perfeitamente comum teria coragem de atear fogo a si mesma e correr por aí? Maomao certamente não faria isso. Além do mais, a jovem sabia ler e sabia fazer a fibra da pedra. Será que todos nas ruas desses outros países sabiam fazer essas coisas? Parecia improvável que algum artista errante possuísse tais talentos.

Talvez ela fosse uma espiã ou algo assim.

O Ocidente estava mais sujeito a pequenas disputas fronteiriças com outros países do que muitas regiões próximas. A ideia de que a jovem era agente de inteligência não estava fora de questão, embora, nesse caso, ela parecesse um tanto descuidada.

Maomao, por sua vez, sorriu sarcasticamente diante dessas fantasias inúteis e continuou seu caminho para casa.

***[1] *Daruma:*** é um amuleto da sorte japonês muito utilizado para realizar desejos.

# Capítulo 5: Deixe-os comer bolo

**“Apotecária! Apotecária! Venha rápido!"** Um homem abatido batia furiosamente na porta do barraco. Maomao, sem parecer satisfeita, saiu da cama e abriu a janelinha da entrada de uma forma que deixou claro que ela achava isso um incômodo.

Um homem imundo e de meia-idade estava do lado de fora – não alguém que parecia ter algum dinheiro. Ela estava prestes a fechar a janela e fingir que não tinha visto nada.

**“Eu sei que você pode me ouvir!”**

*Droga.*

Ela não queria lidar com isso. Por que ele iria à loja dela, afinal? Ele provavelmente tinha ido até o pai dela uma vez, puxando as cordas de seu coração até que alguma caridade aparecesse. Era por isso que seu pai nunca teve dinheiro.

**“O que aconteceu com o velho que estava aqui?”**

**"Ele se foi. Foi encontrar sua fortuna.”**

**"O que? Não me engane!”**

O homem bateu com raiva na porta da casa em ruínas, mas Maomao apenas lançou-lhe um olhar frio. Ela até se pegou grunhindo **“Pfah”**, um tanto.

**“Você deveria estar administrando uma farmácia! Você nem tem remédio?”**

**“Sim, estou administrando uma farmácia, tudo bem. Como um negócio. Isso significa que o dinheiro fala.”** Maomao dificilmente seria avessa a ver o homem, se ele tivesse dinheiro – mas ele não parecia estar aqui com esse tipo de boa fé.

**“Você aceitaria dinheiro dos pobres e necessitados?!”**

**“Se você não pode pagar, fique longe. É porque gente como você vem fuçando por aí que tenho que morar nesse barraco.”** Maomao deu uma boa batida na porta para assustar o homem. Chou-u se escondeu atrás dela, segurando uma panela de sopa e uma concha. Se alguma coisa acontecesse, ele iria bater nelas para fazer tanto barulho quanto possível. Ele podia ser atrevido, mas tinha uma cabeça decente sobre os ombros. Seria alto o suficiente para trazer alguém da Casa Verdete.

O visitante, porém, ficou em silêncio. Maomao odiava esse tipo. Se as pessoas pensassem que você lhes distribuiria doações, não hesitariam em tirar vantagem de você.

O rosto sujo do homem franziu a testa quando viu que Maomao não iria ceder. Ele encostou-se fracamente na porta. **“Se é dinheiro que você quer, eu pago. Não agora, mas juro que farei. Então, por favor, venha olhar... Minha filha...”**

A velha rotina do colapso em um monte de choro. Legal. Ainda assim, o homem ficou ali sentado com a cabeça baixa, sem mostrar nenhum sinal de movimento. *Agora não podemos sair pela porta*, pensou Maomao.

**"Ei, Sardenta..."** Chou-u, ainda segurando os utensílios de cozinha, estava olhando para ela.

*Isso é ridículo*, pensou Maomao, mas apesar da frustração, ela pegou um pincel que estava sobre a mesa e mergulhou-o em um pouco de tinta. Ela abriu um armário velho e surrado, revelando um maço de papel e algumas tiras de madeira. Ela pegou uma das tiras e anotou algo nela, depois jogou no homem.

**"Você pode pelo menos escrever seu nome?"**

Depois de um instante, o homem disse: **"Não... não posso".**

**"Pensei que não."** Em seguida, ela jogou uma faca para ele. **"Use isso para deixar sua marca. Basta o seu polegar."**

O homem semicerrou os olhos para a tira de madeira, mas não conseguiu ler o que havia nela. **"O que diz?"**, ele perguntou.

**"Que você vai pagar pelo tratamento. É uma nota promissória."**

Relutantemente, o homem pressionou a faca na ponta do polegar e depois fez uma marca de sangue na tira.

**"Parece muito problemático."** Chou-u murmurou atrás dela, mas ela o cutucou com o dedão do pé para calá-lo.

"**Está tudo bem?**", perguntou o homem, olhando para o polegar e devolvendo a tira de madeira a Maomao.

**"Acho que terá que ser."** Maomao sorriu, um pouco maldosamente, mas sorriu mesmo assim e abriu a tranca da porta.

O homem finalmente a levou a um beco não muito longe do bairro do prazer. Homens com corpos abatidos e roupas sujas os observavam; o homem que a trouxera lançou aos outros um olhar ameaçador.

*Talvez devêssemos ter trazido mais um ou dois guarda-costas.* Maomao não foi estúpida o suficiente para simplesmente fugir atrás do cara; ela pediu a Ukyou para ir junto. Ele podia ser um pouco excitável, mas, como chefe dos criados, conhecia bem as companhias difíceis.

**"Por que viemos até aqui?"**, Ukyou perguntou.

**"Eu não gosto disso mais do que você, mas o que mais eu deveria fazer?"**

**"Huh! Afinal de contas, você puxou o seu velho"**, ele disse, bagunçando o cabelo dela com carinho. Ela empurrou a mão dele.

**"É isso"**, disse o homem, conduzindo-os para um barraco que tinha um pedaço de pano em vez de uma porta. Um cheiro rançoso enchia o ar, junto com os odores de suor e sujeira, sem mencionar lixo velho e até dejetos humanos. Uma criança, de idade não muito diferente de Chou-u, estava deitada em cima de algo sujo – poderia ser uma esteira de junco ou talvez junco; Maomao não sabia dizer. Ao lado dela, uma criança bem mais velha olhou para o homem com olhos vazios. Ela era uma menina, vários anos mais nova que Maomao, mas não tinha a vitalidade que sua juventude merecia.

**"Papai."** Ela deve ter chorado todas as lágrimas há muito tempo, pois suas bochechas estavam secas quando ela olhou para o homem.

**"Aqui está ela. Estou te implorando, examine-a!"**

Sem palavras, Maomao olhou para a garota deitada no tapete. A cor de seus braços e pernas era opaca. Seu corpo tinha espasmos ocasionalmente, e o cheiro de lixo provavelmente se devia ao que quer que estivesse saindo dela. Seu cabelo estava tão bagunçado que era difícil dizer se ela era menino ou menina, e ela estava terrivelmente suja.

**"Há quanto tempo ela está assim?"**

**"Desde alguns dias atrás. Mas mesmo antes disso, suas mãos pareciam incomodá-la",** respondeu a menina mais velha.

Maomao enrolou um pano em cada uma das mãos, bem como na boca, e então se aproximou da criança.

**"Ei, o que você pensa que está fazendo?"**, o pai exigiu com raiva.

**"O que você quer dizer com o quê? Ela está doente, não está? Não farei bem a ninguém se pegar o que ela tem. Mas se isso te incomoda tanto, não preciso olhar ela."** Maomao olhou feio para o homem e baixou a mão que havia levantado - fazendo com que Ukyou, que havia vindo por trás dele, cruzasse os braços também. Ele provavelmente estava se preparando para desarticular o braço do homem se ele se tornasse violento.

*Superprotetor*, pensou Maomao. Ela tocou a mão da criança. A circulação era fraca; o sangue não chegava às pontas dos dedos, que estavam ficando necróticas como se estivessem congeladas. O lugar estava arejado, com certeza, mas não frio o suficiente para isso. Além disso, a criança quase parecia paralisada. Seus olhos estavam abertos e ela emitia sons estranhos ocasionalmente, como se estivesse em um sonho acordado.

**"Ela está pior do que esta manhã. O que fazemos, papai? Ela vai acabar como a mamãe..."**

O pai olhou para a filha, que parecia prestes a chorar, e parecia perdida. Ele coçou a cabeça e se agachou. **"Por favor. Você tem que ajudá-la. Não quero perder outro membro da família!"** A menina mais velha também caiu de joelhos e os dois pressionaram a testa no chão de terra.

*Bem, essa é uma pergunta difícil.*

**"A mãe dela morreu da mesma maneira?",** Maomao perguntou.

**"Não. Ela sucumbiu a um aborto espontâneo..."**

**"Um aborto espontâneo?"** Maomao olhou para a saliva escorrendo pela bochecha da criança imóvel. Havia uma camada grossa em volta de sua boca. **"Você conseguiu fazê-la comer alguma coisa?"**

**"Nós demos a ela um pouco de mingau, só um pouquinho..."**

Com isso, Maomao olhou para o fogão imundo, onde viu um pote de barro coberto de cinzas contendo mingau com consistência de cola. Era difícil ver muita coisa que parecesse arroz; parecia conter tudo o que eles conseguiram comprar.

**"O que exatamente há nisso?",** ela perguntou. Além do arroz escasso, ela viu o que considerou serem batatas e ervas diversas. Também continha outros grãos?

A menina mais velha saiu cambaleando de casa e voltou com um punhado de ervas. Nada venenoso, mas também nada nutritivo. O tipo de grama que se comia para evitar a fome em tempos de crise.

**"Eu sei que não é isso. O que mais?",** Maomao perguntou, mas a garota desviou os olhos. **"Nada?",** ela pressionou, e finalmente a garota cedeu e abriu um armário, de onde tirou alguns bolinhos. Vários deles, cada um cuidadosamente embrulhado. Não de uma qualidade que teria sido aprovada entre as consortes do palácio interno, mas ainda assim, tinham um cheiro distintamente doce. Se pareciam um pouco úmidos, provavelmente era porque estavam sendo conservados, comidos aos poucos.

**"O que é isso?",** perguntou o pai, arregalando os olhos de surpresa. Aparentemente, essa foi a primeira vez que ele soube sobre eles.

**"Alguém os deu para nós. Decidimos comê-los aos poucos, numa altura em que não havia nada para comer. Nós os mostramos para a mamãe, mas ela disse para não contar a você sobre eles, papai."**

Chocado com o engano, o rosto do homem se contorceu numa careta. **"Como você ousa esconder isso de mim! Eu administro esta casa!"**

Os olhos sem vida da garota mais velha de repente brilharam. **"Mas você nunca trabalha, papai. Você só joga. Você nos faz implorar na beira da estrada e depois pega o que ganhamos!"**

Suas palavras foram duras, mas, a julgar pela maneira como a cabeça do homem pendia, eram evidentemente verdadeiras. Aqui Maomao pensava que só queria o melhor para a filha – mas talvez apenas tivesse medo de perder uma fonte de rendimento.

**"Você deu isso para sua irmã?"**, Maomao perguntou, e a garota assentiu. Maomao arrancou um pedaço do bolo, cheirou-o e lambeu algumas migalhas dos dedos. Seus olhos se estreitaram. **"Você disse que alguém deu isso para você."** Era doce – doce o suficiente para dizer que continha açúcar. Uma doação muito rica para dar a uma criança abandonada na rua. **"Quem te deu?",** Maomao perguntou. **"Quando?"**

**"Não sei. Minha irmã mais nova foi quem pegou e ela não consegue falar. Foi antes da mamãe morrer, então acho que talvez há um mês."**

Um bolo com açúcar adequado era um verdadeiro luxo para um plebeu. Certamente qualquer pessoa que possuísse tal coisa simplesmente a comeria antes que fosse tirada deles.

**"Você conhece mais alguém que teve algo assim?",** Maomao perguntou, mas a garota balançou a cabeça. **"Tudo bem. Alguém apresentava sintomas como os desta menina há cerca de um mês?"**

**"Agora que você mencionou..."** Ukyou disse. Ele sempre foi esperto. Quando Maomao o viu sair, ela se voltou para a criança. Ela removeu o pano das mãos e da boca e pegou a garota no colo.

**"Ei! O que você pensa que está fazendo?"**

**"Vou levá-la de volta comigo. Ela nunca vai melhorar numa fossa como essa. E siga meu conselho: livre-se dessas guloseimas."**

Mais do que tudo, não parecia que a garota tivesse qualquer esperança de conseguir uma refeição decente neste lugar. E havia outra coisa que também incomodava Maomao.

**"Deixe-me levá-la,"** Ukyou disse, voltando.

**"Obrigada."** Maomao entregou-lhe a criança e juntos deixaram o barraco para trás.

**"O velho da casa ao lado, seus dedos estavam apodrecidos,"** Ukyou disse enquanto trotava carregando a garota. Ele disse que falou com o velho enquanto ele mendigava na beira da estrada. Suas lembranças eram nebulosas no início, mas algumas pequenas moedas na palma da mão logo lhe despertaram a memória. **"Ele disse que uma mulher os estava distribuindo. Afirma que não viu o rosto dela."**

**"Hmm",** disse Maomao. Essa história estava começando a parecer suspeita.

Ukyou acompanhou Maomao de volta para sua casa, depois foi direto para a Casa Verdete. Ela tentou dar-lhe algumas moedas, mas ele disse: **"Estou acostumado a proteger crianças"** e recusou. Era como ele sempre foi.

Maomao trouxe a criança suja para sua cabana. Chou-u, que havia sido deixado efetivamente para vigiar a casa, fungou. **“O que há com ela? Ela está imunda.”**

**“Um bom motivo para você ir esquentar um pouco de água. E aqui, pegue isso e peça arroz branco à vovó.”** Ela deu-lhe um punhado de moedas e ele obedientemente foi até a Casa Verdete. A ideia de comer arroz branco deve tê-lo motivado.

Parecia provável que a condição da menina tivesse piorado repentinamente por causa dos bolos que ela havia comido. A menina mais velha disse que ela mesma não comeu nada, mas guardou tudo para a irmã. Se mamãe estivesse grávida, talvez ela também estivesse comendo um pouco.

Maomao olhou na prateleira. Dado que ela administrava uma farmácia no bairro do prazer, ela mantinha um estoque de vários abortivos à mão, muitos dos quais seriam mortais na dosagem errada. Um deles produziu sintomas muito parecidos com aqueles. Era uma toxina encontrada em grãos estragados e mesmo pequenas quantidades podem causar envenenamento. A toxina restringia o fluxo sanguíneo para os membros e poderia induzir rapidamente a necrose. O corpo ficou paralisado e as pessoas às vezes tinham alucinações.

O tratamento foi simples: parar de ingerir o veneno. Isso e algum exercício eliminariam do corpo. Infelizmente para esta menina, se ela tivesse sido deixada em casa, provavelmente teria definhado antes de melhorar. Consequentemente, Maomao a transferiu.

*Eu me pergunto se eu realmente precisava fazer isso*, ela pensou. Não era como se ela acreditasse que o pai algum dia iria realmente pagá-la. E se o fizesse, ela suspeitava que o dinheiro viria da mendicância da irmã mais velha. Mesmo enquanto ela refletia que desta vez realmente interveio, ela já estava juntando alguns trapos limpos.

Alguns dias depois, eles receberam uma visita, mas não era novamente o homem de meia-idade. Em vez disso, sua filha. Ela tinha hematomas recentes – e Maomao duvidava que ela os tivesse causado ao cair.

A irmã mais nova da menina havia se recuperado a ponto de poder andar, embora não com muita firmeza. A desnutrição era uma preocupação muito maior para ela do que a toxina. Seus dedos ainda não se moviam muito bem, mas isso provavelmente sararia com o tempo. Maomao ficou aliviada por finalmente tê-la colocado no banho no dia anterior. No momento, a garota estava passeando com Chou-u, que começou a agir como um irmão mais velho para ela.

**“Você trouxe meu dinheiro?”**, Maomao perguntou à jovem suja, com o olhar duro.

**“Onde está minha irmã mais nova?”**

**"Veja por si mesma."** Chou-u podia ser vista do lado de fora da janela tosca, ajudando a criança enquanto ela tropeçava. Com o cabelo lavado e preso, ela estava começando a parecer uma garotinha novamente.

Ao avistar a irmã, a mais velha quase correu em sua direção, mas Maomao segurou sua mão. **"Meu dinheiro."**

**"Dinheiro... Seu dinheiro..."**

Ela não tinha isso. Claro que ela não tinha isso. Maomao soube desde o momento em que o velho não compareceu. Foi por isso que ela o fez assinar o que ela tinha. Ela mostrou a tira de madeira para a garota.

**"Você não tem isso? Isso é bom. Você pode simplesmente vendê-la."** Ela apontou o polegar em direção à criança. **"Provavelmente não será tarde demais, se começarmos a treiná-la agora."**

A menina mais velha ficou em silêncio por um momento, depois seus olhos encontraram lentamente os de Maomao.

*Hum*? Maomao tinha certeza de que ela iria começar a chorar. Mas aqueles olhos turvos e quase mortos tinham aquela faísca novamente.

**"Eu traria mais do que uma garotinha muda"**, disse a irmã mais velha, batendo no peito de forma demonstrativa. (No peito, observou Maomao, ainda menos impressionante do que seu próprio exemplo abismal.)

Maomao olhou para a garota. **"Você está dizendo que vai tomar o lugar da sua irmã? Você sabe para que está se voluntariando?"** Ela se encostou na parede e coçou a canela com os dedos dos pés.

**"Eu sei muito bem! Mas é isso ou continuar implorando pelo resto da vida! Tenho certeza que ele vai me fazer fazer truques em breve, de qualquer maneira! Papai tira todo o pouco dinheiro que ganho todos os dias, então qual é a diferença?"** Ela bateu os pés no chão: melhor ir em frente e ser prostituta.

Às vezes, jovens batiam à porta de Maomao, jovens com a impressão errada de que as cortesãs da Casa Verdete desfrutavam de uma vida muito melhor do que as do nível mais baixo da sociedade. Sabendo que Maomao estava de alguma forma ligado ao lugar, elas queriam que ela falasse bem delas. Essa garota parecia ter vindo aqui com algo semelhante em mente.

Maomao lançou-lhe um olhar avaliador e depois suspirou incisivamente. **"E você acha que vale tanto assim? No seu estado, uma camponesa recém-saída do campo renderia mais do que você."**

**"Mas minha irmã mais nova está na mesma condição! E ela nem consegue falar!"**

**"Mas ela é mais jovem que você. Isso significa mais rápido aprender a disciplina. Além disso, você ficaria surpresa com quantos homens por aí preferem o tipo 'silenciosa'."**

Ela estava sendo deliberadamente cruel, mas os olhos da jovem permaneceram fixos nela. A garota nunca desviou o olhar; a luz em seus olhos só ficou mais forte.

**“Eu tenho que sair daqui. É isso, ou passar o resto da minha vida como lama sob seus pés. E eu aceito qualquer coisa, qualquer coisa, antes disso!”**

Maomao colocou o dedo mindinho na orelha e começou a coçar diligentemente. Era uma história perfeitamente comum. Quando você está presa na lama, quanto mais você lutava para se libertar, mais fundo você era sugado. Mas talvez lutar ainda fosse melhor do que não fazer nada, apenas esperar para afundar em sua ruína. Maomao gostava daqueles que tentavam resolver o problema com as próprias mãos, mesmo que fosse fútil, em vez de esperar e torcer para que alguém aparecesse milagrosamente para retirá-los.

Mesmo assim, ela não tinha nenhum motivo especial para ajudar aquela garota — mas também não tinha nenhum motivo especial para impedi-la.

**“A senhora que dirige aquele bordel é a velha bruxa mais avarenta de toda a capital”,** disse Maomao. **“Se ela não acha que você vai ganhar dinheiro para ela, ela não vai te dar a menor atenção e mesmo que ela compre você, ela vai te rebaixar o máximo que puder.”**

A jovem ainda não vacilou.

**“Se você vier até ela sem nada a oferecer além de seu próprio corpo abatido, ela provavelmente colocará uma coleira em você para que você não fuja. E se você conseguir escapar de qualquer maneira, ou pelo menos tentar, bem, prepare-se para pagar por isso com uma ou duas costelas.”**

**"Isso é tudo? Isso não seria nada perto de... perto de ter meu próprio pai quebrando meu braço! Cansei de viver como um rato em um buraco!”**

**"Então, o que fazemos com sua irmã mais nova?"**

**“Tenho certeza de que a velha senhora irá acolhê-la assim que perceber que vou trabalhar duro o suficiente para cobrir nós duas!”**

A Casa Verdete era um lugar prático. Se a garota conseguisse gerar tanto dinheiro, a senhora provavelmente a agradaria.

**“Se ela não puder fazer uso de vocês, nenhuma de vocês será melhor que ratos.”** Ainda parecendo nada satisfeita, Maomao foi até uma cômoda e vasculhou-a, tirando uma roupa quase ao acaso. Uma das coisas que ela comprou na loja de roupas usadas. Era quase ostensivo, mas ela jogou na jovem imunda. **“Use o poço para se lavar. Tudo, inclusive seu cabelo. Estará frio. Muito ruim. Se você tiver uma pulga solitária quando aparecer, ela irá afugentá-lo com uma vassoura antes que você chegue pela porta.”**

A garota agarrou as roupas e foi até o poço. O que aconteceria com ela depois disso não era da conta de Maomao. Ela escolheu esse caminho para si mesma. Se ela fosse se arrepender, então poderia ficar na lama até desaparecer de vista.

# Capítulo 6: O Último Volume

O filho de Gaoshun, Basen, bateu na porta da farmácia com vários volumes da enciclopédia. Maomao ofereceu ao jovem (que parecia tão chateado como sempre) a almofada surrada e serviu-lhe um pouco de chá.

**“Mestre Jinshi está ocupado”,** disse Basen. Evidentemente, isso significava que ele não tinha tempo livre para vir aqui.

A razão pela qual ele ainda usava o “nome de eunuco” de Jinshi era em parte um pseudônimo, mas principalmente porque Basen simplesmente não conseguia falar seu nome verdadeiro. Os nomes dos nobres não deveriam ser pronunciados levianamente aos ouvidos dos plebeus.

As cortesãs da Casa Verdete ficaram emocionadas ao ver Maomao entretendo alguém que não fosse a beldade de sempre e sua criada. A senhora, em particular, tentava agir com indiferença, mas Maomao conseguia ver o ábaco funcionando em sua cabeça.

Ao contrário de quando ela estava com Jinshi, a porta da loja permaneceu aberta enquanto Basen estava presente, suas negociações eram completamente visíveis para o mundo. Talvez tenha sido um ato de consideração por parte de Basen, uma forma de mostrar que nada de impróprio estava acontecendo entre eles.

**“Trouxe o que você pediu”**, disse Basen, e desfez um pacote embrulhado em pano para revelar vários livros grossos, um dos quais Maomao reconheceu muito bem. Uma enciclopédia de insetos, parte de um conjunto que incluía também livros sobre pássaros, peixes e plantas. Os interesses de Maomao eram principalmente de natureza herbácea; ela devorou o volume sobre a vida vegetal, mas este sobre insetos ela apenas folheou.

*Espero que esteja aqui*, ela pensou. Sazen disse que seu antecessor estava trabalhando em pesquisas sobre gafanhotos. *Deve estar aqui.* Mas ela não viu. Não importa quantas vezes ela olhasse, ela não conseguia encontrar nada neles. Eventualmente, até mesmo Basen começou a folhear as páginas, procurando pela entrada indescritível.

**“Não está aqui?”,** ele finalmente perguntou.

**“Parece que não.”**

**"Você disse que estaria."**

E daí se ela tivesse dito? O que não estava lá, não estava lá. No entanto, era confuso, na melhor das hipóteses. Sazen teria agido rápido com eles? Não é provável; o que ele ganharia com isso?

**“Alguém manuseou este livro enquanto ele estava armazenado?”**, Maomao perguntou, mesmo sabendo que isso levantaria suspeitas sobre o soldado que o obteve.

**“Quem estaria interessado em algo assim?”**

**"As pessoas gostam do que gostam."**

No entanto, a possibilidade parecia remota. Se alguém fosse saquear o lugar, havia coisas obviamente mais valiosas para roubar.

Maomao gemeu desanimada, mas então avistou alguém vindo em direção à loja. Alguém que se movia com toda a graça de um salgueiro sob uma brisa suave, mas profundamente bem dotada — era sua irmã mais velha, Pairin.

Maomao a observou com uma carranca se formando em seu rosto. A senhora estava atrás de Pairin, sem fazer nenhum esforço para detê-la. Ela já havia avaliado Basen, ao que parecia.

Pairin era uma cortesã muito agradável. Ela era a mais velha que trabalhava na Casa Verdete, mas sua beleza não diminuía e ela ainda chamava a atenção de muitos homens. O cachorro grande – Lihaku – era um excelente exemplo. Ela também tinha fama de ser a maior dançarina da capital. Sem mencionar uma ótima irmã mais velha; ela sempre foi gentil com as cortesãs mais jovens e as aprendizes.

No entanto, ela não estava isenta de defeitos.

Pairin se aproximou e ficou atrás de Basen – então passou um dedo lindo e bem torneado ao longo de sua bochecha.

Basen quase pulou de susto, embora de alguma forma tenha conseguido permanecer sentado enquanto fazia isso. Não, pode não fazer muito sentido, mas evidentemente ele era ágil o suficiente para “pular” sem nunca se levantar.

**"Mana..."**

**“Ah, me perdoe. Ele tinha um pouco de poeira no ombro.”**

Não havia como isso ser verdade. Se a poeira estava em seu ombro, por que escovar sua bochecha?

Cada movimento de Pairin era estudado e elegante; cada gesto exalava feminilidade. Seus olhos sorriam gentilmente, mas para Maomao ela parecia uma carnívora faminta. Pairin estava “tomando chá” nos últimos dias; em outras palavras, ela não estava atendendo clientes. Isso não era uma indicação de que ela não conseguiria atrair clientes pagantes; em vez disso, era um sinal de que trabalhar todos os dias estava abaixo dela. Mas havia um problema: Pairin não gostava de tomar chá. Seu apetite estava insatisfeito.

**“O-o que está acontecendo?!”** Basen tentou recuar, mas era uma loja pequena; Pairin logo o encurralou.

**“Meu Deus, ainda está aí. Aqui, fique quieto e eu vou tirar para você.”**

Maomao tirou o almofariz e o pilão do caminho e os colocou numa prateleira antes que Basen pudesse tropeçar neles. A bandeja com xícaras de chá e salgadinhos, ela segurava na mão.

Ela lhe dará a primeira vez de graça.

O rosto de Basen estava simultaneamente pálido e vermelho. Se Lihaku aparecesse neste exato momento, as coisas ficariam realmente interessantes. Maomao calçou os sapatos e mastigou um dos lanches que guardava. Eles não eram tão legais quanto os que foram trazidos quando Jinshi os visitou – isso era exatamente como a velha senhora. Ainda assim, eram biscoitos de arroz finos e perfeitamente luxuosos, com um sabor suave de camarão. Exatamente o tipo de coisa que Maomao gostava.

*Oh cara! Eu entendi! Ele é virgem*, ela pensou. Havia algo nele que dizia isso. Fazia sentido agora, ela pensou, encostando-se em uma parede e dando outra mordida no biscoito de arroz, depois acompanhando-o com chá. Ela viu uma aprendiz olhando para ela com inveja, mas dificilmente poderia dar um lanche para a menina bem na frente da senhora. Em vez disso, ela resolveu não comer o último biscoito, mas guardá-lo para dar à menina mais tarde.

**“Argh! Eu te dei o que fui enviado aqui para te dar. Estou indo embora!"** Basen disse, tentando apertar o cinto novamente (Pairin quase o arrancou dele) enquanto fugia da loja. Maomao se perguntou se ela deveria contar a ele que sua cueca estava à mostra.

**“Ah”**, disse Pairin, sentando-se. **“Um virgem, e quase o tive!”**

Então ela também pensava assim. Pairin teria sido uma irmã mais velha exemplar, se não fosse por um comportamento como aquele. E Maomao sentia que ela piorava a cada ano.

**“E pensar: uma prova e é o paraíso...”** disse a senhora com pesar.

*Uh, tenho certeza que você quer dizer o inferno*, pensou Maomao.

É melhor ela dizer a Lihaku para se apressar e economizar dinheiro para comprar o contrato de Pairin. Antes que Chou-u tivesse idade suficiente para chamar a atenção da princesa.

Sazen estava passando pelo portão da frente. Até que ficasse forte o suficiente para servir como um criado adequado, ele ficaria preso fazendo o que equivalia a um trabalho de aprendiz. Era assim que Ukyou, o capataz dos servos, administrava as coisas. Se o candidato parecesse muito satisfeito com o trabalho servil, Ukyou decidiria que não tinha o material certo para ser um membro valioso da equipe e, no devido tempo, seria

libertado. Homens que demonstrassem indignação por terem que fazer o trabalho de meninas e tentassem aprender outros empregos seriam aceitos.

A visão de Sazen cantarolando uma música enquanto varria o chão deixou poucas dúvidas na mente de Maomao de que ele não demoraria muito para o estabelecimento deles.

**"Ei",** disse Maomao bruscamente.

**"Hum?"** Depois de tirar as roupas sujas e raspar a barba, Sazen parecia vários anos mais jovem.

**"O livro está aqui."** Ela lhe mostrou os volumes que Basen lhe trouxera, os quais ela embrulhou em um pano. Houve um barulho audível quando ela o largou. **"E não é o que você disse que seria."**

Incluindo os livros que Sazen levava consigo, a enciclopédia inteira chegava a quatorze volumes. Nenhum deles, porém, parecia conter qualquer coisa sobre gafanhotos. Maomao lembrou-se dos quatorze livros de quando ela esteve naquele quartinho, então ela sabia que os números correspondiam.

**"O que? Mas isso não faz sentido."** Sazen desfez o pano e olhou os livros. Ele semicerrou os olhos, inspecionando-os de perto, e então seu rosto escureceu. **"Isso não é tudo"**, ele anunciou.

**"São todos os livros que estavam naquela sala",** disse Maomao, confiante de que até ela conseguia contar até catorze.

**"Não, quero dizer isso especificamente",** disse Sazen, pegando os tomos relacionados a insetos. Havia dois deles, claramente identificados como I e II. **"Deveria haver três volumes sobre insetos."**

**"O que?"**

Isso significava que havia pelo menos um livro que nunca tinha estado naquela sala – ou pelo menos que alguém o havia removido antes de Maomao chegar lá.

**"Huh! Eu me pergunto quem aceitaria algo assim"**, disse Sazen.

**"Parece que você faria isso."**

**"Não, não. Na época do velho, o livro estava lá, eu sei que estava."**

O "velho" era provavelmente o médico que havia sido banido do palácio interno. Ele estava pesquisando um elixir da imortalidade, ou pelo menos foi o que Maomao ouviu.

**"Eu me pergunto se eles o enterraram com isso ou algo assim",** disse Sazen.

**"Por que diabos eles fariam isso?"**

**“É uma tradição na minha cidade natal.”**

Bem, ela não estava perguntando sobre a cidade natal de Sazen, estava? Mas ela estava curiosa sobre o “velho”.

**“Por que ele morreu, afinal?”** Teria sido uma simples velhice? Se ele tivesse vivido, teria mais ou menos a mesma idade do velho de Maomao, então não seria tão surpreendente. O falecido médico também teria estudado no Ocidente em algum momento, então talvez eles se conhecessem.

**"Ah bem. Foi um experimento que deu errado.”**

**"Deu errado?"**

**“Eles estavam tentando criar um elixir da imortalidade, certo? E para fazer isso, você precisa testar, não é?”**

*Isso significa...*

Havia algo sobre o qual Maomao estava se perguntando, algo sobre a droga da ressurreição que havia sido usada em Chou-u e nas outras crianças. Chou-u teve apenas uma leve paralisia, mas uma droga que efetivamente matasse você e depois o trouxesse de volta à vida nunca funcionaria tão bem na primeira tentativa. Eles devem ter conduzido uma série de experimentos, aumentando gradativamente a perspectiva de sucesso.

Então, como eles fizeram os experimentos? Eles usaram ratos, sim, mas para realmente saber que funcionaria, seria necessário testá-lo em seres humanos reais.

**“Ei... O que há de errado com você?”** Sazen fez uma careta. Por um momento Maomao se perguntou por que, mas logo percebeu: ela estava sorrindo horrivelmente de orelha a orelha.

**"Diga-me. Onde eles o enterraram?”**

**"Nenhuma ideia. Não era eu quem estava encarregado desse tipo de coisa.”**

**"Quem estava?"**

Sazen coçou a cabeça. **“Acho que você a conhece pelo nome Suirei. Ela era a ajudante do velho. Você sabe, aquela inexpressiva. A meia-irmã mais velha da jovem patroa, acho que a chamaram.”**

Um choque percorreu Maomao e, antes que ela percebesse o que estava fazendo, ela deu um tapa no ombro de Sazen com toda a força que pôde. Por que ela não percebeu isso antes? Suirei: uma membro sobrevivente do clã Shi, neta do imperador anterior e meia-irmã de Shisui.

**“Ai! Por que você fez isso?”**

**“Eu entendi! Você só continue varrendo. Não relaxe!”**

Maomao embrulhou novamente o livro no pano e depois voltou correndo para sua loja para escrever uma carta.

Ela solicitou a um criado que entregasse sua missiva o mais rápido possível. Escrever diretamente para Jinshi teria sido um exagero, então ela normalmente endereçava suas cartas para Gaoshun ou Basen - mas como com Basen nem sempre parecia se dar bem, ela escrevia principalmente para Gaoshun.

A manhã seguinte chegou rapidamente, e com ela uma resposta à sua carta, seguida de perto por uma carruagem para buscá-la. Isso a levaria para onde Suirei estava – Maomao tinha ouvido falar que ela agora morava com Ah-Duo, uma antiga alta consorte. Maomao entregou os volumes da enciclopédia a um criado que veio junto com a carruagem e depois fechou a porta da loja.

**“Ah, você pode sair? Sortuda!"** Chou-u disse, puxando a manga de Maomao. Ela franziu a testa para ele. **“Leve-me também!”**

**"Absolutamente não."**

Não apenas Suirei, mas as outras crianças do clã Shi viviam com Ah-Duo. Manter Chou-u longe de todos eles era o objetivo de tê-lo aqui; ela não estava disposta a levá-lo diretamente para eles.

**"Idiota! Você terá toda a diversão!”**

**“Estou indo para trabalho. Talvez você possa passar o tempo limpando a frente da loja ou algo assim.”** Ela deu um tapinha na cabeça dele e o passou para Ukyou. Ukyou, que gostava de crianças, foi embora com Chou-u nos ombros.

A nova garota, a filha do pobre homem, também estava por perto. Sua irmã mais velha estava atualmente em período de avaliação como aprendiz. A senhora deixou claro que se ela fosse uma má aluna, logo seria expulsa, ponto final. O pai das meninas veio buscá-las várias vezes, mas em todas as vezes os criados o expulsaram. Ele também tentou intimidar Maomao, mas foi sua filha quem disse que queria ser cortesã. Maomao não estava envolvida naquela época e não estava envolvida agora – e acima de tudo, ela ainda não havia recebido nenhum dinheiro.

*Vamos, apresse-se e me pague...* Ela esperava que o pagamento dela refletisse adequadamente o completo sucesso de seus esforços. Maomao olhou para Chou-u montado nos ombros de Ukyou. *E o que vamos fazer com ele?* Se ele não estivesse parcialmente paralisado, poderiam tê-lo treinado como um dos criados, mas ser segurança de um bordel exigia um certo nível de capacidade física.

*Talvez eu devesse nomeá-lo como apotecário*, pensou Maomao. No momento, porém, Chou-u não demonstrava interesse em assuntos medicinais. Maomao, por outro lado, já

conhecia uma centena de fórmulas diferentes na sua idade. Como ele pode não estar interessado, quando é tão fascinante! Maomao entrou na carruagem fazendo beicinho.

A residência de Ah-Duo era grandiosa e suntuosa, como convinha a uma vila imperial. Maomao foi obrigada a trocar de roupa antes de desembarcar da carruagem. Ela sabia que Ah-Duo não se importava particularmente com tais sutilezas, mas o decoro exigia isso.

Assim Maomao se viu andando, segurando a barra da saia longa para não sujar. Ela passou por um portão magnífico e por um pátio coberto de cascalho. Era como uma pintura: pedras de jardim, cascalho e musgo. A beleza do lugar comunicava amplamente o orgulho do zelador pelo seu trabalho.

Depois de uma curta caminhada, Maomao chegou a um quarto onde encontrou Ah-Duo – a dona da casa – e outra pessoa, ambas vestidas como homens.

**"Bem-vinda."** A voz de Ah-Duo estava clara e forte como sempre; na verdade, talvez até mais do que antes.

A pessoa com ela era Suirei. Talvez ela estivesse vestida com trajes masculinos porque se acostumou, ou talvez tivesse algum outro motivo. Ela estava tão inexpressiva como sempre esteve e ficou um passo atrás de Ah-Duo.

**"Suponho que não há necessidade de formalidades. Estarei presente, mas não se importe comigo. Por favor, fale livremente."** Dizendo isso, Ah-Duo sentou-se em um sofá, depois gesticulou para Maomao, que, como convidada, sentou-se ao lado, e finalmente Suirei sentou-se.

**"Não se importe comigo."** Fácil para ela dizer. Como Maomao poderia não se importar com ela? Apesar de ter alguma dificuldade com o pedido, Maomao pegou os volumes da enciclopédia, trazidos pelo criado, e colocou-os sobre a mesa. Bem, se isso fosse algo que eles não queriam que Ah-Duo soubesse, então Jinshi provavelmente teria lidado com as coisas de forma diferente. Maomao não teve escolha senão seguir em frente.

**"Você reconhece isso?"**

**"Meu mentor os estava usando."** O tom de Suirei foi mais educada que o normal, talvez porque Ah-Duo estava lá.

**"São todos eles?"**

Suirei inclinou a cabeça e olhou para os livros. Depois de um momento, ela disse: **"Falta um. Acredito que deveriam ser quinze volumes."**

**"E você sabe onde pode estar o volume que falta?"**

**"Receio que não"**, ela disse suavemente, e não parecia que ela estava mentindo. Que razão ela tinha para mentir, afinal? Qualquer conexão entre ela e o clã Shi já era discutível, mas ela também não poderia se mostrar em público. Seu único caminho na

vida seria ficar isolada em um lugar como este. Maomao não sabia o que poderia acontecer com ela, o que o imperador havia planejado para ela, mas sentiu que era um desperdício. Suirei era uma farmacêutica talentosa.

Se ela não soubesse onde estava o livro, elas teriam que passar para a próxima pergunta. **"Esse seu mentor, então. Você sabe onde ele está?"**

A pequena hesitação que isso provocou em Suirei não passou despercebida à atenção de Maomao. Ah-Duo tomou um gole de chá e as observou.

**"Eu sabia. Ele está vivo",** disse Maomao, mais uma afirmação do que uma pergunta. **"Ele deve ter testado a droga da ressurreição em si mesmo."**

Suirei baixou os olhos e fechou-os lentamente. Finalmente ela assentiu em resignação. **"Isso mesmo. Era a única saída daquela fortaleza."**

Então o mentor de Suirei tomou ele mesmo a droga da ressurreição, sob o pretexto de fazer um experimento. E pela maneira como ela falava, ele havia sobrevivido à experiência.

Mas Suirei acrescentou: **"Você não conseguirá descobrir o que deseja saber dele. Não importa se você falar com ele ou não."**

**"O que você quer dizer?"**, Maomao perguntou.

Os olhos de Suirei se arregalaram ligeiramente. **"O garoto... Chou-u, é assim que você o chama agora, não é? Você sabe o que aconteceu com ele. Você não consegue ligar os pontos?"**

Chou-u realmente tomou a droga, morreu e voltou à vida. Mas isso prejudicou o movimento de um lado do corpo e ele também perdeu a memória.

**"Você está sugerindo que seu mentor está com amnésia?"**

**"Não exatamente, mas você tem a ideia certa. Na verdade, você já pode ter cruzado o caminho dele sem nunca saber."**

**"Onde você quer chegar?"**

Os olhos de Suirei desceram tristemente. **"Você se lembra da cidade das fontes termais?"**

**"Sim."** Uma vila escondida que adorava uma divindade raposa. A luz das lanternas ainda brilhava intensamente em sua memória.

**"Um dos velhos acamados era meu mentor."** A cidade das fontes termais era um lugar de rejuvenescimento e recuperação, e havia mais de uma pessoa que se enquadrava nessa descrição. **"Ele não se lembra mais quem ou o que foi. Se ele estivesse bem, não acredito que ela jamais imaginaria arrastar você para tudo isso."**

Seu rosto escureceu novamente quando ela falou a palavra “ela”. Maomao não sabia que tipo de relacionamento as meias-irmãs Suirei e Shisui construíram juntas, mas ela suspeitava fortemente que Suirei era inteligente o suficiente para perceber que ela mesma era uma das razões pelas quais Shisui fez o que fez. Shisui pode ter ajudado o país a prosperar, mas ela também queria tirar a irmã mais velha do controle da mãe.

**“Entendo...”** Maomao disse, seu corpo mole de decepção. Ela finalmente ousou esperar que eles conseguissem algumas respostas.

Não, ainda era muito cedo para desistir. **“Nesse caso, gostaria de saber sobre a pesquisa sobre gafanhotos que seu mentor estava fazendo.”** Maomao colocou os dois volumes sobre insetos na frente de Suirei – mas a outra mulher balançou a cabeça novamente.

**“Não tive nada para contribuir com essa pesquisa. Eu odeio insetos. Eles eram mais a especialidade dela.”**

**“Ah.”**

Suirei desenvolveu uma fobia de cobras e insetos por causa da “disciplina” – realmente tortura – a que foi submetida. E a outra garota a quem Suirei aludiu já havia partido. Os ombros de Maomao caíram novamente.

**“Quando meu mentor recebeu a ordem de criar o elixir da imortalidade, quase toda a pesquisa que ele fez até aquele ponto foi destruída. Ele conseguiu preservar pouco mais do que havia naquela sala.”**

Então eles destruíram seu outro trabalho para fazê-lo se concentrar no elixir. O mentor de Suirei, com a intenção de continuar o projeto dos gafanhotos, usou Sazen, encarregado de obter suprimentos para ele, para conduzir algumas investigações.

De repente, Ah-Duo, que ficou em silêncio durante toda a conversa, falou. **"Agora eu entendo."** Ela colocou a xícara de chá na mesa e olhou para Suirei. **“‘Ela’ parece ter sido uma jovem muito inteligente.”**

**“Não importa o quão inteligente ela fosse. Ela se foi agora. E nada poderia trazê-la de volta.”** Suirei parecia ter se conformado com o desaparecimento da irmã. Maomao cerrou o punho.

**“E você acha que alguém tão inteligente não teria deixado algo para trás?”**

A mente de Maomao vacilou. Houve um estrondo: Maomao colocou a mão na mesa enquanto Suirei se levantava abruptamente.

**“Minhas desculpas”,** disse Suirei.

**"De jeito nenhum. Você não precisa ser tão rígida”**, disse Ah-Duo. **“Eu odeio formalidades indevidas. Apenas relaxe. Você sabe que não faço cerimônias.”**

*Não*, pensou Maomao, este era o momento apropriado para um pedido de desculpas. No entanto, o que Ah-Duo disse provocou algo em sua memória. *O que era? O que era?*

Ela tentou pensar no passado. Algo que aconteceu na fortaleza? Ou talvez antes disso... Antes disso, no palácio interno. Ou no consultório médico? *Não, não. Deve ter sido...*

Maomao bateu na mesa. **"A clínica! E a clínica? O que aconteceu com ela?!"**

Pouco antes de ser sequestrada no palácio interno, Maomao estava na clínica. Foi lá que ela viu: um livro na estante. Uma enciclopédia. Sobre insetos.

Ela não era nada senão minuciosa. Maomao imaginou a jovem que não voltaria a ver e sorriu. A ideia de ter encontrado o único momento possível para mostrar a Maomao o que ela lhe mostrara superou a dor e fez com que seu sorriso se alargasse.

Com o rosto sorridente e travesso de Shisui em mente, Maomao deu um tapa forte na mesa.

A clínica foi temporariamente fechada, foi informado a Maomao. Era possível que nem todas as mulheres que lá trabalhavam tivessem conhecimento do plano de fuga, mas todas as que o tinham eram culpadas de um crime grave, e o crime de Shenlü foi o mais grave de todos. Ela tentou cometer suicídio, mas foi impedida e presa.

Ainda assim, o palácio interno não poderia continuar sem a clínica e, por isso, foi reaberto, embora com um superintendente eunuco. Tudo o que estava nas instalações no momento do sequestro de Maomao, no entanto, foi confiscado – incluindo a enciclopédia.

○●○

**“É isso que você está procurando?”**, Jinshi perguntou, entregando-lhe um livro. Ele evidentemente teve o dia de folga. Do lado de fora da farmácia, Gaoshun aceitou uma xícara de chá de uma das aprendizes.

**“Se me permite”,** disse Maomao, pegando o volume e folheando as páginas até encontrar o lugar com as notas mais marginais. Ela abriu o livro lentamente e uma folha escrita caiu. Ela colocou o livro no chão para que Jinshi pudesse vê-lo e, em seguida, pegou delicadamente a folha caída. **“Sim, é isso.”**

A folha estava coberta de ilustrações detalhadas de insetos. Todas pareciam semelhantes e, como a legenda dizia “gafanhotos”, provavelmente era isso que eram. Algumas das ilustrações mostravam o inseto inteiro, enquanto outras eram estudos detalhados das pernas ou asas. Havia até algumas cores, embora estivessem um pouco desbotadas.

As ilustrações pareciam estar divididas em duas grandes categorias, com talvez uma terceira, se fossemos mais precisos. Maomao as descreveu enquanto lia o texto. **“Imagino que esta seja a aparência normal de um gafanhoto”**, disse ela, apontando para uma imagem pintada de verde. Era difícil dizer pelas ilustrações de corpo inteiro, mas os

estudos das asas fizeram parecer que as asas desses insetos eram um pouco mais curtas do que os outros dois tipos.

**"E este é o tipo que deverá proliferar este ano",** continuou ela. **"É essa variedade que causa uma praga de insetos."**

Jinshi era perfeitamente capaz de ler o texto sozinho, mas Maomao ainda queria dizê-lo em voz alta. Isso ajudou a informação a ficar armazenada em sua mente e tornou-a mais fácil de lembrar. Jinshi não a impediu; talvez ele tenha tido a mesma ideia.

O gafanhoto marrom tinha asas mais longas que o verde.

Por fim, Maomao indicou a ilustração ao centro, cujo tamanho ficava entre os gafanhotos verdes e marrons, e sua cor também era uma mistura dos dois. **"E o texto especula que essas podem ter sido a causa dos danos limitados às colheitas que ocorreram no ano passado."**

**"Em outras palavras, um estágio de transição para o gafanhoto marrom."**

**"É o que parece."**

Sob certas circunstâncias, a coloração dos gafanhotos e o formato de suas asas mudaram. Esta mudança ocorreu ao longo de várias gerações, aumentando o seu número com cada ninhada sucessiva. Quanto a saber se os seus corpos mudaram devido ao aumento da população, ou se a população aumentou devido à mudança na forma do corpo, o texto arriscou que poderia ser a primeira opção. Por outras palavras, os insetos que causaram danos limitados às colheitas pressagiavam uma destruição muito mais grave mais tarde.

**"Você está dizendo que haverá uma fome mais generalizada este ano?"**

**"Sim, embora não possamos dizer quão grande será a escala."**

Só que se avaliassem mal a situação, muitas, muitas pessoas poderiam morrer de fome. **"Eles são apenas insetos",** alguém pode zombar, mas às vezes esses insetos podem bloquear o sol e consumir todas as colheitas à vista. Maomao, nascida e criada na capital, nunca tinha visto tal coisa, mas muitas das mulheres do distrito de prazer eram filhas de agricultores que tinham sido vendidas quando uma praga deste tipo deixou as suas famílias sem nada para comer.

E o momento dificilmente poderia ter sido pior. A nação inteira estava alvoroçada com a destruição do clã Shi no ano anterior. Se houvesse uma grande praga no ano seguinte ao extermínio do clã, seria um mau presságio para o país como um todo.

Porém, nada disso era o que interessava a Maomao ou Jinshi. Em vez disso, o que eles queriam saber era: se essa pessoa estivesse pesquisando as pragas de insetos, teria ela inventado uma maneira de detê-las?

*Hum...*

No entanto, nenhuma das notações sugeria quaisquer produtos químicos exclusivamente eficazes. Apenas informaram que, quando ocorresse a destruição de culturas em pequena escala, era crucial lidar com o problema antes que este avançasse para a fase seguinte. Para tanto, o texto enumerou algumas possibilidades. Todos eles se aproximavam de uma estratégia de "onda humana": o melhor era destruir os insetos enquanto ainda estavam na fase larval, e as notas descreviam como fazer vários inseticidas considerados particularmente eficazes. Os ingredientes eram relativamente fáceis de obter – sem dúvida escolhidos porque seria necessária uma grande quantidade do produto químico. Se os insetos já tivessem amadurecido, o texto recomendava a criação de fogueiras – um método antigo de lidar com os insetos, principalmente no verão. Eles simplesmente voaram para o fogo e se queimaram.

**"Tudo isso e não aprendemos nada de significativo",** observou Maomao.

**"Eu discordo, as coisas poderiam ter sido muito piores se não soubéssemos de nada disso. Até mesmo a fórmula do inseticida pode ser considerada um resultado que vale a pena."**

Jinshi coçou a cabeça, mas depois tirou um grande mapa de seu manto. Representava o país de Li, desde a capital, no centro, até a província de Shihoku-shu, no norte, e até mesmo a parte ocidental. Vários locais foram marcados com círculos em tinta escarlate. O nome da área central, aliás, era Kae-shu; ainda não se sabia como o nome de Shihoku-shu, que incluía o próprio nome do clã Shi, poderia mudar no futuro, mas no momento parecia não haver nenhum movimento para alterá-lo.

**"Estas são as localidades das aldeias agrícolas que relataram danos às colheitas",** disse Jinshi. **"Você percebe alguma coisa sobre elas?"**

**"Receio não ter certeza do que devo notar",** disse Maomao. Ela tinha ouvido falar que os danos às colheitas causados por insetos ocorriam frequentemente em planícies abertas e, na verdade, cada uma das aldeias indicadas ficava nessas planícies. **"Talvez estar na planície dê espaço para os gafanhotos crescerem."**

**"Talvez. Mas há décadas não há danos graves causados por insetos nesta região."** Jinshi passou o dedo por uma parte específica do mapa – as terras do norte que antes pertenciam aos Shi. A área ostentava recursos naturais abundantes e fazia fronteira com florestas e montanhas. Jinshi bateu o dedo irritado na floresta.

**"Normalmente, não se esperaria que uma floresta abrigasse pássaros suficientes para comer os insetos?",** Maomao disse.

**"Engraçado você dizer isso."** Jinshi coçou a cabeça sem jeito.

Shihoku-shu era, em princípio, ricamente arborizado, mas a madeira da área já havia sido destruída. A imperatriz reinante proibiu o corte desenfreado das árvores do país, mas após a sua morte, parecia que alguns dos membros menos escrupulosos do clã Shi tinham retomado a colheita de madeira sem informar a capital. Aumentaram o preço do que vendiam no mercado interno para não atrair suspeitas, e o restante vendiam aos

países vizinhos. O desmatamento continuou até que os recursos naturais da região ficaram gravemente esgotados.

**"Deixe-me adivinhar. Graças a isso, não há mais pássaros, o que não significa nada para conter uma praga de insetos."**

**"Parece um palpite mais razoável."**

*Uau. Isso foi deprimente.*

Assim, pelo menos parte do desânimo de Jinshi poderia ser explicada pelas suas esperanças frustradas relativamente aos recursos madeireiros de Shihoku-shu. Ele provavelmente esperava compensar qualquer déficit na colheita vendendo madeira e usando os lucros para comprar grãos, mas isso puxou o tapete desse plano.

*Espere...*

Se ele estivesse certo, então Maomao pensou que poderia adivinhar por que a imperatriz reinante havia limitado a colheita de madeira – mas ela pensaria nisso mais tarde. Em vez disso, ela olhou os diagramas da enciclopédia. Depois revisou várias vezes a fórmula do inseticida e finalmente se levantou. Ela pegou um livro da estante, folheou-o e mostrou-o a Jinshi.

**"Não creio que esta fórmula produza produtos químicos suficientes. Vou preparar outra coisa também, embora possa não ser tão eficaz."** Então ela teve outro pensamento. **"Suponho que não seria possível queimar as áreas onde as larvas são encontradas?"**

**"Hum. Depende do lugar, eu acho. Concordo que o fogo pode ser o caminho mais rápido..."**

Ela tentou pensar em outras sugestões. **"Tudo o que consigo pensar é talvez proibir a caça aos pardais."**

Os pardais eram rotineiramente tratados como pragas, mas comiam insetos, e isso poderia ser importante. Se pudessem agir antes do grão amadurecer, seria possível limitar os danos. Mas parecia provável que provocasse protestos daqueles que ganhavam a vida caçando pardais.

Era difícil dizer quanta destruição poderia ser evitada se todas estas ideias fossem postas em prática. Claro, pode ser que nada tenha acontecido, mas se assim for, será apenas uma questão de sorte. O papel daqueles que praticavam política era eliminar a possibilidade de crise – mesmo que as pessoas nem sempre apreciassem o que faziam.

**"Uma proibição da caça aos pardais? Apresente isso de repente e você poderá ter uma rebelião em mãos"**, disse Jinshi. Mesmo aqui na capital havia locais especializados em "culinária de pardal". Era um prato básico; você pode encontrá-lo em qualquer lugar. **"Talvez se tivéssemos algo para substituí-los..."**

Maomao teve um lampejo de inspiração: **“E se você convencesse as pessoas de que os pratos de gafanhoto estão na moda na corte?”** Então as pessoas pensariam que os aristocratas estavam procurando gafanhotos para se alimentar, e mais pessoas os capturariam. E se o imperador os comesse, os aristocratas que seguiram os seus caprichos sem dúvida adotariam o hábito também.

Só havia um problema: Jinshi estava sentado ali, congelado, seu rosto normalmente lindo, pálido.

*Não acredito nesse cara*, pensou Maomao. Ela estava decidida a produzir o resto dos gafanhotos cozidos aqui e agora.

Jinshi finalmente se moveu novamente – mas foi apenas para olhar para cima, pressionar os dedos na testa e gemer. Ele estava, ao que parecia, em conflito. Por fim, ele disse: **“Talvez pudéssemos considerar isso... como último recurso”.**

**“Se não houver muitos deles, não terá”**, disse Maomao, mas ficou um pouco decepcionada. Ela poderia pelo menos dizer, porém, que Jinshi estava mais determinado a fazer algo do que antes. Aparentemente, ele odiava muito a ideia de comer gafanhotos.

Um pequeno sorriso surgiu no rosto de Maomao, fazendo com que Jinshi congelasse novamente. **“Aham. Mestre Jinshi?”**

**“S-Sim, o que é?”**, ele conseguiu, gaguejando um pouco.

**“Você não quer comer antes de voltar?”** Maomao disse educadamente. Agora ela estava sorrindo.

Foi então que Jinshi decidiu jantar antes de partir. A farmácia era, claro, pequena demais para um serviço adequado de refeições, então Maomao encontrou um quarto não utilizado para eles. Naturalmente, ela produziu os gafanhotos restantes. Na verdade, ela não pretendia fazê-lo e comê-los; foi só uma brincadeira. Ela tinha toda a intenção de levá-los embora novamente no momento em que Jinshi parecesse nem um pouco chateado com sua piada. (E então havia a vovó, olhando fixamente para ela.)

No entanto...

**“Diga *ah*!”** Maomao pegou um dos hashis e fingiu alimentá-lo com um gosto incomum. Jinshi a observou em silêncio.

*Ok, talvez isso seja o suficiente*, ela pensou – mas naquele momento, Jinshi, com apenas alguma hesitação, deu uma mordida no gafanhoto que Maomao lhe ofereceu de brincadeira. Ela fez uma careta e nem foi ela quem comeu.

Ver Jinshi franzir a testa e mastigar era sentir que se estava vendo algo que não deveria ser visto. Foi diferente, à sua maneira, desde o momento em que ela o testemunhou maquiado como uma mulher, mas ainda assim, parecia algo que não deveria existir neste mundo. Todos os outros presentes pareciam ter a mesma sensação; pareciam ter sido atingidos por um raio coletivo.

As mãos de Gaoshun tremiam. A aprendiz que trouxe a refeição parecia prestes a chorar, como se tivesse deixado cair sua boneca favorita na lama. Chou-u, que veio buscar comida, franzia a testa profundamente e balançava a cabeça como se dissesse: **“Essas são más notícias”**. Até a senhora tinha uma expressão de desgosto.

Jinshi ignorou todos eles enquanto mastigava e engolia. Ele ainda parecia profundamente perturbado, mas mesmo assim voltou os olhos suplicantes para Maomao. **“Congee*[1].”**

**"Aham, imediatamente, senhor."** Ela estendeu a tigela de mingau para ele, mas Jinshi não fez nenhum movimento para pegá-la. Em vez disso, olhou do mingau para Maomao e vice-versa.

*Uh... vai ficar frio*. Maomao escolheu alguns lótus, perguntando-se o que Jinshi estava tentando dizer. Talvez ele não tenha gostado dos ingredientes. Seja como for, tudo o que ele fazia era olhar para o mingau. Então, finalmente, Jinshi praticamente comeu o lótus da mão dela. Maomao não disse nada, mas pensou: *O que ele é, uma criança?* Ela pegou um pouco de mingau com o lótus; parecia que corria o risco de transbordar, então ela levou-o à boca e ele comeu com avidez.

Carrancuda, Maomao pegou um gafanhoto com seus pauzinhos. Jinshi também franziu a testa, mas mesmo assim mordeu o inseto. Podia-se ouvir Gaoshun inspirando profundamente. Houve também um leve barulho: era a aprendiz, enroscado no chão à beira das lágrimas. Chou-u deu um tapinha nas costas dela consoladoramente. Maomao se perguntou se a visão era realmente tão chocante. Talvez tenha sido demais para os olhos das crianças.

**“Vou tirá-la daqui, Sardenta. E senhor, você deveria assumir alguma responsabilidade por si mesmo.”**

Jinshi estava ocupado demais mastigando o gafanhoto para responder. Ele certamente não parecia estar gostando da tarefa, mas quando Maomao estendeu outro para ele, ele comeu obedientemente.

Chou-u conduziu a menina para fora da sala; a essa altura já havia ranho escorrendo de seu nariz.

*Fiz uma coisa ruim*, pensou Maomao. Jinshi, por mais bonito que fosse, tentava não mostrar o rosto mais do que o necessário até mesmo na Casa Verdete. A senhora não queria que as cortesãs o vissem, não se ele não fosse providenciar nenhum trabalho para elas. Assim, foi a menininha muda, a mais nova das duas irmãs do bairro pobre, quem trouxe a refeição. Ela não havia sido vendida formalmente, mas em vez de mandá-la de volta para o pai, eles decidiram deixá-la ficar na Casa Verdete. Só havia um problema: a senhora, nem é preciso dizer, não era altruísta o suficiente para dar hospedagem e alimentação de graça, então ela fez com que a garota fizesse efetivamente o trabalho de uma aprendiz. A criança tinha um traço claramente tímido, mas, novamente, se a alternativa fosse voltar para o pai, então ela estaria à altura do trabalho.

Chou-u, que se considerava o rei dos pirralhos, intercedeu frequentemente em nome da nervosa aprendiz. (**“*Ela é minha fiel capanga, afinal*”**, explicou ele, como se eles fizessem parte de algum tipo de gangue.)

Jinshi, que finalmente engoliu o gafanhoto com sucesso, olhou para Maomao novamente.

*Sim, tudo bem*, ela pensou e levou a flor de lótus à boca dele mais uma vez.

Depois que Jinshi foi para casa, Chou-u apareceu, agora terminando a proteger a aprendiz. **“Ei, Sardenta.”**

Para surpresa de Maomao, ele carregava um pincel e um pouco de papel. **“Onde você conseguiu esse papel?”**

**"Oh, vovó me deu."**

**“Aquele saco velho e de mão fechada?”** Ela contava cada moeda que chegava às suas mãos. Maomao duvidava muito que ela simplesmente desse algo tão luxuoso quanto papel.

**“Ei, tudo que sei é que ela disse que eu poderia ficar com ele. De qualquer forma, sente-se ali.”**

**"Para que?"**

Maomao queria limpar a loja e já voltar para casa, não ceder às exigências de algum garoto. Ela estava prestes a tentar afastá-lo quando ouviu uma voz desgastada atrás dela. **“Ouça Chou-u. Durma aqui esta noite. Seria muito trabalhoso ter que acender outro fogo quando você chegasse em casa, não? Até preparei um pijama para você.”**

**“Vovó, o que está acontecendo aqui? Ver algo tão perturbador te deixou louca?”** Confrontada com a senhora agindo bem, as palavras simplesmente escaparam. Os nós dos dedos da vovó atingiram a cabeça de Maomao com uma velocidade que ninguém esperaria de uma mulher tão velha. Apesar de estar com um pé na cova, a velha ainda era mais alta que Maomao, e o golpe foi forte o suficiente para fazê-la cambalear.

**“Não me questione. Coloquei um saco de dormir no quarto que usamos antes. Tome banho antes de dormir; ainda deve estar quente.”**

*Isso cheira mal*, pensou Maomao, mas isso não a impediu de ir para o quarto. Enquanto Chou-u espalhava o papel, a senhora preparava solicitamente a tinta.

*Muito suspeito.*

As irmãs de Maomao, Pairin e Joka, estavam lá, observando, embora Maomao não conseguisse entender por quê. As duas estavam “tomando chá” hoje. As outras cortesãs estavam ocupadas entretendo os clientes.

**“Vovó, você não precisa cuidar do incenso?”**, Maomao perguntou.

**“Oh, Ukyou está cuidando disso para mim. Vai ficar tudo bem.”**

Maomao ainda estava pensando por que todos estavam naquela sala quando havia trabalho a ser feito quando Chou-u terminou de preparar o pincel e apenas olhou para ela**. "O que?",** ela disse.

**“Diga-me de que tipo de cara você gosta, Sardenta”,** disse ele.

**"Com licença?"**

De todas as coisas que ela pensou que ele poderia dizer, ela não esperava nada tão estúpido. Ela tirou o pijama da cesta e começou a se preparar para tomar banho. A senhora, porém, puxou sua manga para detê-la. **“Vamos, fale sério”**, disse ela.

**“Maomao, minha querida, você não deve discutir com nossa adorável senhora”,** disse Pairin. Até ela estava entrando nisso!

Joka fumava cachimbo com uma expressão insatisfeita. Os clientes chegariam ao bordel a essa hora, mas esta sala era usada especialmente para quem queria ser discreto, e as chances de alguém tropeçar neles eram mínimas. Mesmo a senhora não parecia disposta a reclamar da grosseria de Maomao.

**“Vamos, Sardenta, desabafe. Que tipo? Você gosta deles altos? Com muitos músculos?”**

*Não acredito que estou fazendo isso*, pensou Maomao, mas decidiu que seria melhor apenas seguir em frente. Ela sentou-se no colchão e disse: **“Prefiro que não sejam muito altos”.** Seus pés estavam frios, então ela os colocou debaixo das cobertas.

**"Huh! Ok",** disse Chou-u.

**"E prefiro que eles tenham um pouco de carne nos ossos, em vez de serem muito magros."**

Com um homem muito alto, a pequena Maomao torcia o pescoço olhando para ele. E se ele fosse muito magro, as pessoas pensariam que ela não o estava alimentando, e ela não queria isso.

**"E quanto aos pelos faciais?"**

**"Eu não me importo, mas não muito grosso."**

Um bigode ou uma barba podiam ser considerados viris, mas na opinião de Maomao era igualmente provável que comunicassem sujeira. Ela sempre ficava irritada quando via um homem que negligenciava tanto sua aparência que ainda tinha arroz na barba.

**"Vamos falar sobre rostos."**

**"Suave, não afiado."** Ela não queria alguém com a aparência intensa e astuta de uma raposa – na verdade, ela odiava isso. Essas pessoas, em sua opinião, poderiam morrer em um incêndio.

**"Tão suave que suas sobrancelhas caem?"**

**"Você pode obter licença artística para isso."**

**"Hum. Mais ou menos assim, então?"** Chou-u disse, erguendo o papel para que elas pudessem ver.

**"Puxa, ele é um pouco fraco, não é?",** disse Pairin, que gostava de homens mais corpulentos.

**"Um pouco sem graça, a julgar por esse rosto",** disse a senhora, nada impressionada.

**"Uau. De jeito nenhum"**, foi tudo o que Joka teve a dizer. Embora ela fosse uma das Três Princesas, havia um problema importante que poderia torná-la difícil de lidar como cortesã: ela odiava absolutamente os homens. Ela descartava a maioria deles imediatamente.

Finalmente, Maomao deu uma boa olhada no retrato e ficou completamente em silêncio.

**"Qual é o problema?"**, a senhora perguntou, olhando para ela.

**"Nada. Fiquei impressionado com a semelhança."**

**"Semelhança! Maomao, você está de olho em alguém especial?"**, Pairin brincou, mas a senhora não parecia mais satisfeita do que antes.

É verdade que ela não o odiava, como diziam.

**“Quem é esse homem, exatamente?”**, a senhora perguntou.

**“Bem... Homem pode não ser a palavra certa.”** Afinal, ele era um eunuco. “**O desenho... Parece exatamente com o médico do palácio interno.”**

Houve um longo momento em que todos registraram essa resposta um tanto desanimadora. Então todos saíram prontamente da sala.

**“Que decepção”**, disse Pairin, que estava pronto para começar a falar sobre romance. Agora completamente desencantada, ela foi a primeira a sair. Ela olhou para Maomao enquanto caminhava, mas Maomao fingiu não notar. Então a senhora saiu, também parecendo que nada poderia interessá-la menos. Enquanto isso, Chou-u foi para o banho.

Por fim só ficou Joka com Maomao, fumando cachimbo. A mulher mais velha abriu uma janela, deixando entrar uma lufada de ar frio. Uma meia-lua flutuava no céu que estava escuro como uma poça de tinta derramada e salpicado de estrelas. Do seu ponto de vista, podiam ver outras janelas nas quais havia silhuetas de homens e mulheres. Uma sucessão de romances nascendo esta noite naquele bordel, destinados a desaparecer com a luz da manhã.

Joka olhou para Maomao, fumaça roxa saindo de seus lábios. **“Não posso dizer que não simpatizo com você. Homens! Você nunca sabe quando os sentimentos deles mudarão. E se eles são poderosos, são muito piores.”**

Ela largou o cachimbo, o movimento tímido e ainda assim lindo. Joka era a mais jovem das Três Princesas, e os clientes valorizavam profundamente a educação que ela recebeu como uma mulher com potencial. Alguns alegavam que, se você conseguisse acompanhar a conversa de Joka, poderia esperar passar nos concursos para o serviço público, e seus frequentadores incluíam jovens ricos que esperavam fazer os testes.

**“Se você fosse mais parecida com nossa irmã mais velha, Pairin, eu não iria impedi-la. Ela é um pouco uma senhora diabólica. Mas você, você é diferente. Pairin fica impaciente, mas gostaria que ela entendesse que você não é ela. Na verdade, Maomao, você é mais parecida comigo.”**

Maomao achou que entendia o que Joka queria dizer. Era quase certo...

**“Você nunca encontrará um bom príncipe cujo coração nunca mudará. Essa é uma lição da qual você não pode escapar daqui. O que a confiança traz para você?”** Joka pegou o cachimbo e colocou as cinzas dentro, depois colocou mais fumo e tirou uma brasa do braseiro. A fumaça branca a envolveu. **“No final das contas, eu sou uma prostituta e você é filha de uma prostituta.”**

Essa era a realidade.

Maomao olhou para as cinzas jogadas no braseiro e sentiu uma leve ruga na testa. **“Mana, você não acha que já basta de fumar?”**

**“Está tudo bem, de vez em quando. O que acontece com esses burocratas sombrios é que eles odeiam ver uma mulher com cachimbo.”**

Quando não estava entretendo os clientes, pelo menos, ela fazia o que gostava. Como que para provar isso, ela deu outra longa tragada no cachimbo e exalou a fumaça para o céu.

***¹ Congee:*** é um prato clássico chinês, normalmente preparado para o pequeno almoço, que consiste basicamente numa papa de arroz cozinhada com carne, peixe ou vegetais e condimentos.

# Capítulo 7: A Cobra Branca Imortal

Tudo começou com uma história contada por um cliente.

**“Bem, pelo menos isso explica por que tem havido tão poucos clientes ultimamente”,** disse a irmã mais velha de Maomao, Meimei, reclinando-se de lado enquanto colocava uma pedra de Go em um tabuleiro. A aprendiz designada para ela estava sentada do outro lado do tabuleiro, parecendo nervosa enquanto ela colocava algumas pedras nele. Parecia que elas estavam trabalhando em problemas de estratégia de vida ou morte.

**“Homens grandes e importantes não se cansam de coisas estranhas e novas”**, disse Joka, soltando um pouco de fumaça de cachimbo. Enquanto isso, Maomao preparava suas ferramentas; suas irmãs pediram que ela fizesse moxabustão*¹ para elas. A vida dessas mulheres era difícil e, às vezes, elas precisavam de uma chance para relaxar e desabafar. Daí dias como hoje, quando elas não tinham trabalho real para fazer.

Meimei disse que foi o homem com quem ela estava jogando Go na noite anterior quem lhe contou. Ele alegou que havia alguém ainda mais impressionante do que as Três Princesas da Casa Verdete, uma jovem que parecia ser uma imortal mística.

**“Acho que estamos velhas demais para eles hoje em dia”,** Joka quase cuspiu. **“E pensar que eles costumavam nos tratar como joias!”**

**“Sim, claro”**, disse Maomao de forma apaziguadora enquanto encorajava Joka a deitar-se de bruços e começava a colocar ervas em pontos específicos ao redor de seu corpo antes de acendê-las. **“Ahhh,”** Joka gemeu sensualmente. Os dedos dos pés dela quase se curvaram. Maomao desejou poder garantir à irmã que ela ainda era mais do que mulher o suficiente.

**“Ele disse que o cabelo dela é totalmente branco”**, disse Meimei. **“E se fosse isso, bem, você poderia dizer, então ela é uma garota com cabelos brancos. Mas... Ele disse que os olhos dela também são vermelhos brilhantes.”**

Cabelos brancos e olhos vermelhos? Isso era realmente incomum, reconheceu Maomao com um aceno de cabeça. Finalizado com Joka, ela começou a colocar a moxa em

Meimei. Meimei esticou uma perna esbelta por baixo da bainha do manto. Maomao rolou o tecido com cuidado para não queimar e depois acendeu as ervas.

**“Não apenas cabelos brancos, mas olhos vermelhos também? Então ela é albina?”**, Maomao perguntou.

**“Provavelmente”,** disse Meimei, ela e Joka assentiram. A aprendiz que segurava as pedras de Go, sem conseguir segui-las, puxou a manga de Maomao. Foi a garota que quase chorou ao ver Jinshi comendo gafanhotos. O nome dela, Maomao descobrira, era Zulin. O nome da irmã mais velha era semelhante, mas a menina mais velha pretendia mudar o nome para simbolizar o rompimento com o pai. E Maomao não tinha intenção de se preocupar em lembrar um nome que só mudaria em breve.

Maomao olhou para a menina, mas quando viu a criança recuar, ela cedeu. **“Muito raramente uma pessoa nasce sem cor de pele. Sua pele e cabelos são brancos e seus olhos parecem vermelhos porque você pode ver o sangue dentro deles. Nós os chamamos de albinos.”**

Acontece em animais também. Cobras brancas e raposas eram consideradas auspiciosas e veneradas como deuses – mas e as pessoas? Maomao tinha ouvido falar de uma terra distante onde se dizia que as crianças albinas eram consideradas panacéias e às vezes eram comidas. Ela não deu nenhum crédito à história, no entanto. O velho de Maomao, Luomen, disse a ela que o cabelo e a pele brancos representavam nada mais do que falta de coloração; caso contrário, os albinos eram iguais a qualquer outra pessoa.

Uma vez, apenas uma vez, Maomao pegou uma cobra branca. Foi uma das criaturas mais estranhas que ela já encontrou. Quanto a esta mulher albina, parecia que o fascínio por ela levou as pessoas a tratá-la como uma imortal. Em outras palavras, ela foi considerada um bom sinal e não um mau sinal.

**“Esses idiotas pomposos vão se cansar dela em breve”,** disse Joka.

**“Não sei”,** respondeu Meimei, esticando a outra perna. **“Eles afirmam que ela realmente pode usar artes imortais.”**

Isso fez com que Maomao levantasse uma sobrancelha. Segundo a história de Meimei, essa mulher conseguia ler a mente das pessoas e transformar metais. Isso soava tão absurdo quanto qualquer coisa que Maomao já ouvira, mas os tolos e seu dinheiro logo se separaram — especialmente os tolos com muito dinheiro. A “imortal” começou em um pequeno espaço expositivo, mas agora alugava o maior teatro da capital.

Ela fazia apenas um show por noite, e os homens endinheirados que normalmente frequentavam o bairro do prazer faziam fila para vê-la. As senhoras aqui podem muito bem reclamar. E quando um de seus clientes finalmente apareceu após uma ausência prolongada, tudo o que ele conseguia falar era sobre a beleza sobrenatural dessa mulher imortal e seus incríveis poderes. Dificilmente o material para acender o fogo do romance.

A queda de vinte por cento na renda do bordel foi suficiente para fazer a madame bater o cachimbo no que quer que estivesse por perto. As cortesãs de classe média recebiam tantos clientes como sempre, mas a Casa Verdete era um bordel de alta classe. Ela viveu e morreu pensando em conseguir atrair os melhores clientes.

**"Quem precisa ver um show mais de uma vez?",** Maomao murmurou.

Ela pretendia fazer o comentário para si mesma, mas Ukyou, o criado-chefe, respondeu: **"Oh, você ficaria surpresa".**

Ukyou, um homem de cerca de quarenta anos, estava muito ocupado recentemente cuidando de Chou-u e Sazen. Parecia que ele finalmente conseguiu recuperar o fôlego pouco antes de as lanternas serem acesas durante a noite. Ele estava mastigando um grande pão de carne em vez de um almoço tardio. Maomao ofereceu-lhe um pouco de chá (feito com sobras de folhas); ele disse **"Obrigado"** e tomou um gole para engolir a comida. **"Você sabe sobre *liandan-shu*, certo?"**

**"Você está trazendo isso à tona agora?"**

Liandan-shu era uma arte que procurava ajudar uma pessoa a alcançar um estado de imortalidade. Foi o suficiente para fazer os olhos de Maomao brilharem quando seu pai lhe contou sobre isso, mas ele rapidamente acrescentou que ela nunca deveria tentar fazer isso. Poderia ser uma prática duvidosa, de fato.

**"Você está dizendo que ela finge ter o poder da imortalidade?"**

**"Talvez. Ela tem aquela aparência incomum e dizem que ela consegue ler a mente das pessoas."**

**"Ah."**

Os grandes e poderosos podem chegar céticos, mas quando essa mulher lhes disse o que estavam pensando, como devem se sentir? Qualquer sentimento de estar sendo feito de bobo pode ser transmutado, por assim dizer, em fé. E isso poderia convencê-los de que realmente existia algum elixir da imortalidade.

*Mas se isso não é a coisa mais estúpida que já ouvi...*

Maomao conhecia alguém que, depois de muitas tentativas de criar um elixir da imortalidade, conseguiu produzir uma droga de "ressurreição". Uma grande conquista, como médico, mas os efeitos colaterais ainda deixavam muito a desejar.

Maomao cerrou os punhos. Ela sabia que era inútil desejar que o médico estivesse aqui, mas se ele estivesse, poderia ter lhes dado uma ideia melhor de como evitar qualquer dano causado pela praga dos insetos. O desastre ainda não estava sobre eles. Se eles pudessem fazer algo agora, poderiam mudar as coisas. Jinshi e seus conhecidos imediatos estavam ocupados quebrando a cabeça em busca de possíveis medidas preventivas, mas o resto das pessoas importantes do país encarariam o assunto levianamente, na melhor das hipóteses.

Maomao questionou-se sobre as alegadas capacidades desta mulher. **"E daí? Ela afirma ter um elixir da imortalidade e é assim que atrai clientes?"**

**"Não faço ideia"**, disse Ukyou. **"Acabei de saber o que os guarda-costas das perucas grandes estavam dizendo."** Ele enfiou o resto do pão de carne na boca, engolindo-o com o resto do chá. Era hora de acender as lanternas. **"Se você está tão curiosa, por que não vai ver o show?"**

**"Você acha que eu pagaria tanto para ver tão pouco?"**

**"Implorar para alguém levar você, então?"** Ele piscou amigavelmente e saiu.

*Implorar para quem*?, Maomao pensou, grunhindo de desgosto. Ninguém tem tanto tempo disponível.

Vários dias depois, Maomao recebeu uma visita inesperada.

**"De todas as pessoas que pensei que poderiam aparecer, nunca imaginei ele",** disse Ukyou, coçando o queixo. Ele estava frequentemente na Casa Verdete ultimamente para cuidar das crianças. Assim que trouxe o visitante para Maomao, ele desapareceu novamente.

**"Sim... De todas as pessoas..."** disse Maomao.

**"Agradecerei se você for um pouco mais educada"**, bufou o visitante. Ele era um homem diminuto, com óculos redondos emoldurando olhos penetrantes, como os de uma raposa, e carregava um ábaco. Seu nome era Lahan – sim, do clã La. Ele era sobrinho e filho adotivo do excêntrico estrategista e veio convidar Maomao para ver o infame show. Ele até tinha alguns amigos para ir com eles.

**"Eu não sabia que você tinha algum interesse em... entretenimento"**, disse Maomao, que preparou um chá morno com algumas sobras de folhas, apenas por uma questão de formalidade.

**"Quando todo o mundo parece interessado, como eu poderia não ficar intrigado?"** Lahan deslizou os óculos pelo nariz intencionalmente.

Ao lado dele estava um homem que Maomao não reconheceu, com um sorriso largo. Provavelmente não tinha nem trinta anos, ele tinha feições delicadas e uma expressão composta. Maomao deu-lhe um rápido mas educado aceno de cabeça antes de voltar à conversa com Lahan.

**"Dizem que essa mulher albina é muito bonita",** comentou. Maomao sabia muito bem que Lahan não tinha nenhum interesse especial em coisas bonitas. Ao contrário dos homens comuns, ele afirmava ver a beleza na forma de números. Evidentemente, o próprio filho adotivo do excêntrico era bastante incomum.

**"E você está me convidando, por quê?"**

**“Não me diga que isso não lhe interessa.”**

Ele estava certo sobre isso, pelo menos. Mas o que Lahan teria a ganhar levando-a junto? Maomao olhou ao redor.

**“Se você está preocupado com meu pai, ele não está aqui. E ele não estará lá.”**

**"É isso que você quer dizer?"** Maomao não teria descartado que Lahan a usasse como um cordeiro sacrificial para agradar o excêntrico estrategista.

**"Quero dizer. No entanto, um de seus subordinados está conosco.”** Lahan indicou o homem ao lado dele. Maomao fez uma careta antes que ela pudesse se conter.

**“Não me olhe assim”,** disse o jovem, ferido. **“Lak—”** Ele estava prestes a dizer o nome, mas com uma olhada no rosto de Maomao ele rapidamente o cobriu com uma tosse. **“Aham. Posso me referir a ele como o estrategista?”**

A expressão de Maomao voltou a ser algo que parecia olhar diretamente, fazendo o homem respirar aliviado. **“Sou subordinado do estrategista. Meu nome é Rikuson.”**

**“Maomao”**, ela disse depois de um instante.

**“Sim, já ouvi falar de você.”**

Maomao lançou a Lahan um olhar firme e duro. Por que o próprio excêntrico não estava aqui? Por que enviar alguém em seu lugar? O homem de óculos e cabelos crespos abriu os braços, impotente. **“Não parece que meu pai vai sair de casa por um tempo.”** Não parecia que esse fato facilitasse sua vida.

**"Huh."** Essa observação parecia significativa, mas Maomao não previu nada de bom para ela prosseguir. **“Ainda não sei por que você está me convidando.”** Lahan nunca fez nada sem calcular o benefício potencial; ele era a única pessoa que Maomao conhecia que poderia fazer com que a velha senhora corresse atrás de seu dinheiro por pura avareza.

**“Haverá algumas negociações com o Ocidente e estávamos pensando em pedir a essa trupe que se apresentasse para eles.”**

**"Continue."**

**“Haverá mulheres entre a delegação, sabe, e achei que seria sensato obter a perspectiva de uma mulher sobre o desempenho.”**

**“Besteira”,** Maomao respondeu. Sim, Rikuson estava lá, mas ela não se importou; ela não tinha intenção de se importar com suas boas maneiras só porque um dos lacaios do estrategista estava por perto.

Lahan abriu as mãos novamente, desta vez de forma mais deliberada. Francamente, o gesto foi irritante. Ela suspeitava que ele só lhe dera aquela desculpa para ver se ela perceberia o blefe dele.

De repente, Rikuson interrompeu: **“Na verdade...”** Ele parecia desconfortável. Ansioso, até. Não sabia como se explicar. **“Meu... aham. Meu superior. O estrategista. Ele deixou escapar que... ele está realmente curioso sobre isso. É simples assim."**

Rikuson, motivado pelo que aparentemente foi um comentário passageiro, começou a investigar essa trupe de artistas. Ele não encontrou nenhuma base para o que o estrategista dissera, a menos que fossem os próprios instintos vagamente sobrenaturais do homem.

**“Mas ouvi um boato sobre eles que me fez pensar”,** disse ele, e então, com uma expressão de admiração, começou a contar a história que tinha ouvido.

*Espero que isso não seja mais problema*, pensou Maomao enquanto vestia uma jaqueta acolchoada de algodão, um excelente item que ela havia comprado de graça na loja de roupas. A cor era mais forte do que ela normalmente teria preferido, mas ela não estava disposta a recusar roupas gratuitas – nem deixar de usá-las.

Adequadamente aquecida, ela saiu para a carruagem que a esperava. Já estava escuro e flocos de neve flutuavam no céu. Ela instruiu Ukyou a dar o jantar a Chou-u; se ela tivesse contado ao garoto para onde estava indo, ele apenas exigiria ir com ela.

**“Vamos sair?”,** Rikuson perguntou, abrindo educadamente a porta da carruagem para ela como se fosse uma princesa. Lahan já estava sentado lá dentro. Ele estava usando um par de óculos diferente do normal – talvez sua ideia de se vestir bem. Rikuson sentou-se ao lado dele e então o motorista estalou as rédeas.

O teatro onde o suposto místico se apresentava ficava no extremo leste da zona central da capital. Localizada perto das residências de alta classe, essa era a parte mais elegante de uma cidade onde cada esquina estava repleta de lojas. Aquele edifício, porém, era geralmente usado para apresentações de grupos de teatro; uma mulher solteira – mesmo uma suposta imortal – fazendo um show sozinha era muito incomum.

*Ela parece ser uma mística popular*, pensou Maomao: quando desembarcaram da carruagem, uma multidão já estava fazendo fila. Um homem pegava moedas e conduzia os clientes para dentro.

A mulher ficou conhecida como *Pai-niangniang*, “a Dama Branca”, após seu aparecimento. Era um nome bastante suntuoso para um artista simples.

**"Isso é para o quê?"**, Maomao perguntou – embora ela não tivesse a intenção de dizer isso em voz alta. Todos os clientes estavam vestidos com roupas elegantes, mas a maioria deles cobria o rosto com véus ou máscaras estranhas, apenas alguns ficavam sem.

Lahan cobriu a cabeça de Maomao com um véu agradável ao toque, e então ele, Rikuson e o homem musculoso que servia como guarda-costas colocaram máscaras que escondiam metade de seus rostos.

**"É o que está sendo feito",** explicou Lahan. **"As coisas ficam muito melhores quando você tem alguma coisinha que lhe dá um pretexto para fingir que não reconhece ninguém."**

Em outras palavras, algumas das pessoas ricas e importantes atraídas por este programa podem se divertir um pouco demais. Ou talvez isso fizesse parte do fascínio da atmosfera carnavalesca: a oportunidade de se entregar ao sentido do estranho.

*Ela deve ter patrocinadores*, pensou Maomao ao ver quanto custavam os ingressos — seria difícil alugar um teatro tão bom por esses preços. Mesmo a maioria dos espetáculos teatrais completos eram apoiados por patrocinadores; um show individual de um artista itinerante precisaria muito mais deles. Entretanto, Maomao mal conseguia reparar em algo relacionado com a economia que escapava a Lahan; ela podia vê-lo olhando ao redor, o ábaco trabalhando em sua cabeça.

Lá dentro havia um palco, com algumas dezenas de mesas colocadas na frente dele. O teto era abobadado para que houvesse uma vista decente do segundo andar. O local provavelmente poderia acomodar cem ou mais espectadores. Havia edifícios no interior do palácio que eram maiores e permitiam mais pessoas, mas este foi projetado para garantir que todos tivessem algum tipo de visão do palco. Em deferência ao público, os pilares e vigas foram esculpidos com padrões delicados e encantadores.

Uma enorme lanterna pendia do teto, banhando o espaço com um brilho sombrio. Maomao e os demais estavam sentados do lado esquerdo, a duas fileiras do palco. As mesas acomodavam quatro pessoas, o que significa que com o guarda-costas eles tinham o número perfeito. Os assentos dianteiros e centrais eram ocupados por um homem corpulento e pela jovem pendurada em seu braço.

**"A seção central é a mais popular. Eleva o preço a níveis exorbitantes",** informou Lahan, obviamente irritado. Mas os assentos em que estavam também não poderiam ser baratos. Deve ter sido uma fonte de irritação para aquele avarento.

**"Acho que poderíamos estar um pouco mais atrás",** disse Rikuson. É verdade que os melhores lugares implicavam algo sobre o poder e a riqueza dos seus ocupantes – era claro que o homem que ocupava o primeiro lugar tinha muito dinheiro, se nada mais. (Maomao parecia se lembrar de um comerciante que recentemente vivia muito no bairro do prazer, alguém não muito diferente dele.)

Quase assim que se sentaram, garçonetes sorridentes os abordaram com bebidas e alguns bolos assados foram servidos como lanche. Uma combinação incomum, observou Maomao. Ela deu uma cheirada experimental na bebida.

**"É álcool. Não vai beber?",** Lahan perguntou.

Na verdade, Maomao gostava de álcool. Mas ela queria ter a cabeça limpa quando visse essa Dama Branca.

**"Mais tarde. Ou você prefere que eu verifique se há veneno?",** ela disse.

**"Não se preocupe."** Lahan também colocou sua bebida na mesa – ele não era muito melhor em aguentar a bebida do que o excêntrico estrategista. Rikuson, seguindo o exemplo de Lahan, não deu sinais de tocar em suas bebidas.

**"Você não quer beber?"**, Maomao perguntou a ele.

**"Não seria bom para mim ser o único que acabou menos que sóbrio."**

E é claro que o guarda-costas não quis beber, embora sua boca, não escondida pela máscara, revelasse sua decepção com o fato.

Uma rápida olhada ao redor sugeriu que o álcool era muito saboroso e, a julgar pela quantidade de pessoas comendo os lanches, os dois combinavam bem. Maomao, apesar de pensar que Rikuson não precisava ser tão atencioso, dirigiu sua atenção para o palco.

Uma névoa branca flutuou pela sala escura. Ao som de um gongo, o ato principal apareceu no palco como um raio de luz. Sua pele era branca, suas roupas eram brancas e seu cabelo branco não estava preso, mas caía em cascata pelas costas. Contra esse campo branco, seus lábios e olhos vermelhos se destacavam nitidamente.

Enquanto o som do gongo ecoava pela sala, a Dama Branca moveu-se para o centro do palco, onde uma linda mesa a esperava. Ela ficou na frente dele, pegou um pedaço de papel que estava sobre ele e mostrou ao público; continha um diagrama mostrando o palco e a própria mesa.

Um homem vestido de branco subiu ao palco. Seu cabelo era preto, mas fora isso sua aparência era muito parecida com a da Senhora; ele era obviamente seu assistente. Ele pegou o diagrama dela e o colou na parede do palco. Então ele se virou na direção do diagrama e jogou algo nele — algum tipo de arma de arremesso, talvez. O objeto longo e fino perfurou o papel e ficou preso. A parede obviamente havia sido preparada com antecedência para facilitar a colocação da faca nela.

Agora havia um buraco no papel. Na verdade, estava precisamente no local da segunda fila à esquerda. **"Quem, podemos perguntar, está sentado neste assento?",** o assistente perguntou.

**"Somos nós, não é?"**, Lahan perguntou a Maomao.

**"Sim, senhor, parece que sim"**, ela respondeu.

**"O que devemos fazer sobre isso?"**

**"Receio não saber, senhor..."**

Lahan tinha pouco interesse no assunto, e Rikuson dificilmente parecia o tipo de pessoa que faz palhaçadas no palco. O guarda deles, é claro, estava lá para, bem, protegê-los.

**"Que tal você subir?",** Lahan disse, apontando para Maomao. **"É uma oportunidade perfeita para vê-la trabalhando de perto."**

Maomao ficou quieta por um momento, imaginando o que deveria fazer, mas decidiu que esta era uma oportunidade que não poderia perder. **"Estarei de volta em alguns minutos, então"**, disse ela, e subiu ao palco.

A Dama Branca parecia ainda mais brilhante sob a luz bruxuleante da lanterna, sua pele tão pálida que as veias eram visíveis abaixo dela. Claramente não se tratava de alguém simplesmente fingindo ser albino polvilhando-se com pólvora.

**"Por favor, escreva um número. Qualquer número"**, disse ela, com a voz quase inaudível. O homem ao lado dela repetiu a instrução em voz alta o suficiente para que todo o teatro ouvisse. Ela continuou: **"Por favor, não me deixe ver o que você escreve. Quando terminar, dobre o papel, pequeno o suficiente para que ninguém veja o que está escrito nele."**

Então ela e seu assistente viraram as costas para Maomao. Maomao pegou o pincel que lhe foi fornecido e começou a escrever – já estava carregado de tinta, tanto que era quase difícil escrever. A sensação um pouco desagradável da tinta sugeria que eles não tinham se esforçado para conseguir instrumentos de escrita de alta qualidade. Havia um bloco sobre a mesa para que a tinta não penetrasse.

*Eles não precisavam deixar a tinta tão pegajosa*, pensou Maomao. Parecia quase corajoso. Apenas uma daquelas coisas estranhas que a incomodavam.

Depois de escrever um número, ela dobrou o papel e disse: **"Terminei".**

A Dama Branca e seu assistente se viraram. O homem levou a mesa para fora do palco e a substituiu por algo trazido em um carrinho barulhento. Parecia uma caixa com uma coleção de cilindros estranhos enfiados no fundo. Cem cilindros, dispostos em dez linhas e dez colunas.

**"Posso pedir que você coloque o papel em um desses tubos?"**, disse a Dama Branca, e então ela e o homem se viraram novamente. Maomao não achou que isso fosse realmente necessário; os tubos não eram visíveis nem do palco nem dos assentos dos espectadores. Mesmo assim, ela enrolou ainda mais o papel e pressionou-o em um dos tubos. O papel era macio, mas o cano era estreito e ela teve que trabalhar um pouco para fazê-lo. Com um bom empurrão, ela conseguiu, embora não invejasse a pessoa que teve que retirá-lo novamente. Quando terminou, colocou um véu fino sobre a caixa para que os tubos não pudessem ser vistos.

Então o assistente da Senhora pegou a caixa, transferindo-a para outra mesa num canto do palco. O véu, por mais fino e leve que fosse, ondulava à medida que ele avançava.

**“Está pronto”,** anunciou ele, e imediatamente ouviu-se um estrondoso toque do gongo. Isso pegou Maomao de surpresa, e ela ficou feliz por estar usando um véu para que ninguém pudesse ver seus olhos se arregalando.

Quanto à Dama Branca, ela sorriu e estendeu a mão. Maomao entendeu a dica e estendeu a mão; ela sentiu dedos pálidos e frios agarrarem seu pulso. Desta vez houve um toque de sinos. A Dama Branca olhou atentamente para Maomao.

*Ah... Ela deve ter problemas de visão*, pensou Maomao, notando que os olhos da Senhora ocasionalmente se moviam em direções diferentes. Seus olhos também não tinham pigmento. A vida deve ser difícil para ela.

Porém, enquanto Maomao se perdia em pensamentos, a Dama Branca disse: **“O número que você escreveu é sete”.**

Maomao pulou. **"Está correto."**

Os lábios vermelhos se curvaram em um olhar malicioso. Quando Maomao encontrou aqueles olhos vermelhos, eles a fizeram pensar na cobra branca que ela havia capturado há muito tempo. Ela também tinha olhos vermelhos e pele branca. Quando ela tentou assa-la, seu pai ficou bravo com ela; ele disse que era uma mensageira dos deuses e ela não podia comê-la. Maomao sabia que não era uma mensagem divina. Era um animal que tinha pele branca por razões totalmente mundanas. Mas seu pai, para sua frustração, às vezes conseguia ser assim, trazendo argumentos ilógicos nos momentos mais improváveis.

No momento em que Maomao ameaçava ser engolida por aqueles olhos grandes e redondos, o gongo soou novamente. Talvez tenha sido a neblina do quarto que a fez sentir tanto calor, que fez sua cabeça doer. Ela sentiu uma pontada de irritação com a sensação de que uma mosca zumbia perto de suas orelhas, mas então a Dama Branca falou novamente.

**“A terceira linha a partir de cima, a segunda a partir da esquerda.”**

Maomao ficou imóvel.

**"Bem?"**

A assistente retirou o véu para revelar ao público o que havia na caixa. Ele pegou o tubo três fileiras abaixo do topo e duas da esquerda e enfiou nele uma vara fina.

*Pop*! O papel que Maomao enfiou nele saiu voando. O homem desdobrou-o e revelou o número sete – na escrita da própria Maomao, claro.

Maomao voltou para seu lugar, pensando no que poderia estar acontecendo. A sala estava cheia de vozes barulhentas e alegres; grande parte do público parecia estar agradavelmente bêbado. Lahan e os outros, porém, esperavam atentamente o retorno de Maomao.

**“Então me diga, o que foi isso?”** Lahan perguntou, agora cheio de entusiasmo.

**"*Me procure**.*"**

**“Espere... Ela colocou uma moedinha na sua mão, por acaso?”**

**“Ao contrário de alguns de nós, não trabalho assim.”**

**“Bem, eu também não! Não há beleza nisso.”**

Aquele homem não fazia sentido para Maomao – ele adorava até as moedas mais pequenas, mas afirmava que nelas havia uma distinção entre beleza e impureza. Mas ela notou Rikuson rindo sozinho.

**“Você pode ver que não tenho nada”,** disse Maomao, abrindo as mãos e arregaçando as mangas para provar que não havia sido comprada.

**“Alguém viu você então?”**

**“Eu realmente duvido.”**

Apenas a Dama de Branco e a sua assistente subiram ao palco com ela. Maomao não achou que alguém a tivesse observado escrevendo o número, e o tubo onde ela colocou o papel estava obscurecido pelo pano. *Mas talvez...*, ela pensou.

Ela olhou para o palco, banhado pelo brilho irregular da lanterna pendurada no teto. Ela pensou que talvez houvesse um espelho no qual os artistas pudessem ver qual número ela havia escrito, mas não parecia ser o caso. Parecia que teria sido difícil pendurar qualquer coisa desse tipo no teto – e de qualquer forma, você precisaria de algo desse tipo em primeiro lugar.

Acima de tudo, porém, os olhos da Dama Branca eram demasiado ruins para isso. Tudo além de um metro na frente dela provavelmente parecia nebuloso. Maomao ainda estava pensando nisso quando a próxima parte da apresentação começou. Uma nova mesa foi trazida e uma variedade de utensílios dispostos sobre ela. A Senhora usou um par de pauzinhos para pegar um pequeno e fino pedaço de metal entre eles. Ela escolheu um prato também.

Seu assistente pegou o metal e o prato, colocou-os em uma bandeja e começou a caminhar com eles pelo teatro. A peça de metal parecia não ser mais que uma folha de bronze polido; o prato, por sua vez, estava profundamente recuado para que o líquido contido nele não derramasse. O assistente pulou o segundo andar – evidentemente, ele não teve tempo de subir até lá – provocando alguns gritos de protesto vindos de cima. Mas isso, na opinião de Maomao, era exatamente o que se ganhava por sentar-se nos assentos baratos.

Quando o homem voltou ao palco, a Dama Branca pegou de volta dele a chapa e o prato. Então ela colocou o metal no prato e colocou o prato no fogo que foi aceso quase sem

que ninguém percebesse. Ela começou a entoar o que parecia ser algum tipo de feitiço, depois começou a dançar. Na sala sombria e enevoada, todo o seu corpo parecia brilhar.

Terminada a dança, a Senhora pegou nos pauzinhos e retirou o pedaço de metal do fogo.

A cor mudou. A tonalidade avermelhada do bronze tornou-se uma prata pura. Várias pessoas na primeira fila exclamaram maravilhadas.

**“O bronze virou prata!”,** alguém gritou.

**"O que? Realmente?!"**

Os que estavam atrás não conseguiam ver o que estava acontecendo no palco, mas podiam ver as reações das outras pessoas e seguiram em frente com interesse. Os guardas conseguiram impedir que alguém subisse no palco, mas estava perto o suficiente para ver o que estava acontecendo.

A Senhora estava banhando o metal em algum tipo de líquido e depois enxugando-o com um pano. Desta vez ela o expôs diretamente ao fogo.

A gritaria ficou mais alta: **“A prata mudou para ouro!”**

Na verdade, a folha de prata havia se transformado em ouro cintilante. A Senhora sacudiu-o com os pauzinhos, tirando o calor ao colocá-lo no prato. Seu assistente ergueu-o para que todos pudessem ver claramente o ouro brilhante.

**“Você é capaz de explicar isso?”,** Lahan perguntou a Maomao, enxugando os óculos.

Maomao sorriu. **"Sim, depois. Por enquanto, vamos aproveitar o show.”** Seus olhos brilhavam – na verdade, ela não queria desviar o olhar da apresentação no palco. Com Lahan, sua voz adquiriu um tom que ela normalmente reservava para uso na área do prazer; isso pode ter soado um pouco estranho para Rikuson, mas considerando que ele serviu a alguém realmente muito estranho, talvez ele estivesse disposto a não deixar que isso o incomodasse.

De qualquer forma, Maomao tinha outras coisas em mente. *Isso é fascinante*, pensou ela, tão ansiosa para ver a panóplia de técnicas incomuns em exibição que quase se esqueceu de piscar. A mulher podia não ser imortal, mas estava claro que eles não poderiam dispensá-la imediatamente.

A Dama Branca começou a mostrar-lhes uma grande variedade de entretenimentos intrigantes. Ela colocou uma pedra molhada sobre um pedaço de papel e recitou um feitiço sobre ela, logo após o qual eles pegaram fogo. Ela produziu borboletas aparentemente do nada e, enquanto voavam, elas também pareciam se incinerar, transformando-se em cinzas no meio do vôo. Cada exibição rendeu um coro de *oohs* e *ahhs* do público.

Finalmente, a Senhora ergueu um líquido prateado brilhante. Com todos os olhos da casa fixos na substância misteriosa, ela despejou-a em um pequeno copo e bebeu.

Maomao quase engasgou, mal resistindo à vontade de pular da cadeira. Felizmente ela parou antes de se levantar e, em vez disso, concentrou-se intensamente na Senhora.

**“Espero que vocês tenham tido outra noite agradável no meu show”,** disse a Senhora com um sorriso, e então desceu ao palco. Enquanto isso, o público continuou a encher o teatro com conversas animadas sobre o que tinham acabado de testemunhar. Os olhos de algumas pessoas brilhavam como se estivessem em chamas, enquanto outros olhavam com adoração para o local onde o imortal acabara de estar. Apenas o grupo de Maomao parecia menos empenhado que o resto, talvez em parte porque não se tinham entregado ao vinho.

**“Ela certamente é especial”,** comentou Rikuson, finalmente pegando sua xícara. Maomao, porém, instintivamente o deteve, olhando para ele inquieto. **“Há algum problema?”**, ele perguntou.

**“Sim”,** disse Maomao, e pegou sua xícara nas mãos. Ela cheirou e colocou uma única gota de vinho na pele. Quando ela viu como ele se comportava, ela engoliu um gole da bebida. **“Está misturado com alguma coisa”,** disse ela. Não havia muito álcool real nele. Estava mais próximo do suco – muito bebível, mas também tinha vários outros sabores conflitantes. Parecia que as bebidas tinham sido adulteradas com diversas outras substâncias, talvez incluindo um pouco de sal.

**“Não é venenoso”,** disse Maomao. Mas, apesar de quão modesto era o teor de álcool, parecia provável que fosse um sucesso. Isso era tudo que havia para fazer.

Depois houve a luz oscilante da lanterna. O quarto escuro. A névoa misteriosa e a mulher fantasmagórica no palco. Os estranhos fenômenos que o público testemunhou.

*Bem, agora.*

Tudo isso foi mais que suficiente para inspirar fé cega em alguém. Maomao se perguntou quantos membros da audiência haviam sido levados exatamente a isso. Enquanto ela refletia sobre isso, ela continuou a bebericar sua bebida. *Definitivamente é um pouco salgado*, ela pensou. Seria melhor sem, ela refletiu – e foi então que ela percebeu.

Ela mergulhou um dedo na bebida e depois passou-o pela mesa, usando o suco como tinta.

"**O que você está fazendo?**", Lahan perguntou.

**“Você queria saber o que está acontecendo? Aqui está.**" Maomao olhou para eles. Se essas coisas são assim, então deve haver algum truque também. Ela desejou ter olhado ao redor com mais atenção quando estava no palco. Será que havia alguma coisa ali? Estava mais nebuloso lá em cima do que nos assentos – mais quente, fazendo sua cabeça doer e interferindo em sua concentração de uma forma estranha.

*Névoa... Será...*

Ela suspeitou que fosse vapor, talvez de algo sendo fervido atrás do palco. Isso explicaria o calor também. Mas por que isso fez sua cabeça doer, então? Ela sentiu como se houvesse uma mosca zumbindo em seus ouvidos. O que é que foi aquilo?

*Hum*? No momento em que sentiu que estava tendo uma ideia do que poderia ser, ela teve um vislumbre da Dama Branca nos bastidores do palco. Maomao enfiou os dedos na boca, fechou os lábios e soprou.

**"Por que você está assobiando? Que maneira básica de mostrar sua apreciação."** Lahan estava olhando para ela com os olhos semicerrados.

O assobio de Maomao não foi muito alto, enquanto a conversa ao seu redor era barulhenta. O som não deveria ter ido longe. E ainda assim, ela viu a Senhora olhar em volta quando assobiou.

*Haha. Agora eu entendi.* Maomao sorriu e começou a comer os lanches.

Estava frio lá fora. Eles poderiam facilmente ter esperado até voltarem para a Casa Verdete para conversar sobre o que tinham visto, mas Lahan e os outros pareciam ansiosos para saber o que estava acontecendo o mais rápido possível, então decidiram parar em um restaurante e conversar lá. Maomao escolheu um lugar caro, o que deixou Lahan pouco entusiasmado, mas ela não se importava menos. Um garçom indicou-lhes os lugares e, assim que se sentaram em torno de uma mesa redonda, Maomao pediu os pratos recomendados pelo garçom, além de uma garrafa de sua melhor bebida alcoólica.

**"Já ouviu falar em moderação?",** Lahan resmungou.

**"Um bom ganhador diz o quê?"**

**"Minha família comprou algo muito caro no ano passado; estamos praticamente falidos."**

Ela sabia disso perfeitamente: ele comprou na Casa Verdete.

Primeiro, Maomao decidiu explicar como a Dama Branca havia transformado o bronze em prata e ouro.

**"É muito semelhante ao que eles chamam de transmutação."**

Talvez ela devesse simplesmente ter dito "liandan-shu". Na verdade, fabricar pólvora se enquadrava na mesma categoria. A transmutação era uma subcategoria do liandan-shu, uma forma de transformar metais básicos em metais nobres.

Maomao brincou com a colher que o garçom trouxera. A arte do liandan-shu visava prolongar a vida das pessoas, mas muitas das coisas atribuídas a ela eram pura besteira. As histórias contavam sobre um antigo imperador obcecado em obter a imortalidade, que em vez disso perdeu a vida tentando maneiras equivocadas de obtê-la.

Sim, os dois eram bastante parecidos. **“Mas se eu tivesse que distingui-los, diria que está mais próximo do que chamam de alquimia no Ocidente.”**

**"O Oeste?"** Lahan perguntou e Maomao assentiu.

**"Sim."** Lahan pareceu ficar surpreso com o fato de Maomao ter falado mais educadamente com Rikuson do que com ele. Talvez ela também pudesse falar casualmente com Rikuson, refletiu Maomao. **“Meu velho me contou sobre isso, mas nunca vi isso com meus próprios olhos antes. Esse pedaço de metal não se transformou em prata ou ouro de verdade. Ele simplesmente tinha um revestimento de metal que poderia ser queimado no fogo para mudar de um para outro.”**

Maomao queria experimentar ela mesma, mas seu pai se recusou a lhe dizer os ingredientes necessários. Embora ela suspeitasse que, mesmo que ele tivesse feito isso, não seriam coisas que ela pudesse conseguir em uma humilde farmácia.

**"O que você está dizendo? O que é esse ‘revestimento’?”**

**“É quando você coloca um metal em uma ‘concha’ de outro metal”,** disse Maomao, apertando a colher entre os dedos de ambas as mãos**. “Se você quiser saber mais, pergunte ao meu pai. E se você tiver a gentileza de me contar o que aprendeu... Não, você deve me contar.“** Seus olhos brilharam.

A combustão espontânea do papel poderia ser explicada pelos subprodutos desse processo, e se as borboletas também fossem feitas de papel, isso poderia explicá-las. Além disso, a visão do público foi prejudicada pela névoa do teatro, e eles estavam bebendo vinho feito especificamente para induzir o estupor da embriaguez. Até ela, Lahan e os outros, que não bebiam, foram praticamente enganados; nenhum dos outros espectadores embriagados teria suspeitado de nada.

Aliás, as borboletas de papel pareciam muito com um truque tradicional do país insular do leste. Envolvia cortar formas de um papel muito fino e de alta qualidade.

**“Explique como ela foi capaz de ler sua mente, então”**, disse Lahan, ainda confuso.

**“Sim, sobre isso...”** Maomao estava apenas tentando decidir como explicar quando o garçom voltou com a sopa pré-refeição.

*Talvez isso funcione*, pensou Maomao, e enfiou a colher na tigela de sopa.

**“Papel”**, ela disse.

**“Olhe para você, dando ordens”**, disse Lahan, franzindo o cenho para ela, mas mesmo assim tirou um papel das dobras de seu manto e entregou-o a ela. Maomao passou a colher cheia de sopa no papel, produzindo um rabisco infantil. Ela acenou rapidamente para o papel secar, e então os rabiscos desapareceram.

**"Você vê?"**, ela perguntou.

**“As áreas úmidas encolheram ligeiramente.”**

**“Uma observação um pouco perto, aí.”**

**“Ah. Mostre algum respeito pelo seu irmão adotivo.”**

Absolutamente não.

Rikuson falou. **“Então, er, o que isso tem a ver com o que vimos?”**

**"Olha."** Maomao foi até uma das lanternas na parede, removeu delicadamente a moldura e segurou o papel sobre a chama nua.

Lahan e Rikuson pareciam chocados – e embora isso fosse gratificante, isso não deveria ser novidade para eles. *Jinshi e Gaoshun teriam entendido muito antes*, pensou Maomao. As partes da página cobertas de sopa haviam chamuscado e escurecido pelas chamas.

**"Você vê?"**

**"Dificilmente. O que isso tem a ver com ler a mente de alguém?”**

Maomao enfiou a colher na boca de Lahan. **“Qual é o gosto?”**

**“Como se eles usassem caldo de frutos do mar. E um pouco salgado.”**

**"Sim. Tem sal.”**

**"E daí?"**

Bem, havia sal nele. Especificamente, naquela tinta granulada que ela usou. Não admira que tenha sido tão desagradável escrever com ela.

**“Havia sal na tinta. Misture bem e você não necessariamente verá, assim como não vê nesta sopa. Mas estava lá, assim como está aqui.”** Colocá-lo no fogo revelou claramente que havia mais do que apenas água presente.

**“Você está dizendo que ela cantou o papel para revelar o número? Como?"**

**“Não, ela não fez isso, mas existem outras maneiras.”**

Havia um bloco de escrita escuro sob o papel que Maomao usara. Muita tinta teria sido absorvida.

Lahan olhou para o papel levemente enegrecido, traçando as linhas com o dedo. **“Então era isso que estava acontecendo.”**

**"Sim. Eu acredito que sim. Era algo misturado à tinta.”** Não precisava ser sal; qualquer coisa que pudesse ser misturada com a tinta, mas que permanecesse para trás quando a tinta secasse, serviria. Suponhamos, para fins de argumentação, que fosse sal. Maomao

teria escrito o número dela com a tinta salgada, que teria penetrado no bloco embaixo. Quando a tinta secasse, o numeral salgado teria aparecido, um padrão de pó branco no bloco escuro.

**"Entendo, entendo",** disse Rikuson, batendo palmas em compreensão. **"E os tubos, então? Como ela sabia em qual você colocaria o papel?"**

**"Oh aquilo?"** Maomao rasgou o papel em dois, dobrou as metades e fez um furo no meio. Ela enfiou um dedo neles e depois soprou entre os dois pedaços de papel, produzindo um assobio surdo. **"Presumo que você saiba como funciona uma flauta."**

**"Você sopra nela e ela faz um som."**

**"E como você muda esse som?"**

**"Você muda de quantos buracos o ar sai. Até eu sei disso."**

*Ele ainda não entendeu*? Não, talvez não: ele não tinha visto de perto os tubos onde ela havia escondido o papel.

**"Suponha que os tubos agissem como os buracos de uma flauta?"**

**"Sinto muito, mas não os ouvi fazer nenhum barulho."**

O teatro estava cheio de sons de sinos e gongos. Mas houve outro, escondido por aqueles ruídos mais altos.

**"Eu tive uma dor de cabeça muito forte parado ali. Suspeito que houve um som tão agudo que não pôde ser ouvido",** disse Maomao.

Ruídos altos podem machucar os ouvidos. Ela suspeitava que mesmo que não detectasse conscientemente um som, ele poderia tê-la incomodado inconscientemente.

**"Um barulho agudo?"**

**"Sim",** disse Maomao, e então soprou sua flauta. **"Você ouviu isso?"**

**"Claro que sim."**

**"Que tal isso, então?"** Ela aumentou o barulho, assobiando do mesmo jeito que havia feito na caverna com Jinshi. Lahan fez uma careta e Rikuson pareceu confuso por um segundo. O guarda-costas, porém, estreitou os olhos.

**"Eu também ouvi isso"**, disse Lahan.

**"Eu... meio que ouvi"**, relatou Rikuson.

Então o guarda, parecendo não ter certeza se teria permissão para participar da conversa, disse: **“Não ouvi nada...”** Maomao sentiu-se um pouco mal por ele; ele estava obviamente envergonhado.

**“Bom”,** ela disse. **“Você não deveria, fica mais difícil ouvir conforme você envelhece.”**

O guarda tinha cerca de trinta e poucos anos. Ele ficou claramente chocado ao perceber que não conseguia ouvir o som, sua reação o fez parecer um pouco com Gaoshun. Talvez todas as pessoas de meia-idade agissem dessa forma.

**“Nem todos conseguem ouvir sons no mesmo tom”,** informou Maomao. Houve variações mesmo entre pessoas da mesma faixa etária. Da mesma forma que algumas pessoas tinham melhor visão do que outras, algumas tinham melhor audição. Além do mais, Maomao suspeitava — embora não tivesse como provar isso — que às vezes as pessoas com problemas de visão compensavam desenvolvendo ouvidos melhores.

**“Acho que a mística tem uma audição extremamente sensível”,** disse ela. Por exemplo, a forma como a Senhora reagiu ao assobio de Maomao de uma distância considerável e apesar de todo o barulho. Maomao suspeitava que a Dama Branca praticava regularmente sons de assobios perspicazes. Isso a fez pensar no cão de caça com quem Lihaku estava brincando em sua excursão. Isso também explicaria por que não houve flautas no conjunto musical na apresentação da Dama Branca.

Tanto a flauta vertical quanto a horizontal produziam mudanças no som abrindo e fechando uma série de orifícios ao longo do comprimento do instrumento. Suponhamos que os cem tubos naquela caixa fossem semelhantes aos buracos de uma flauta. Maomao enfiar o papel em um deles seria como fechar o buraco de um instrumento.

**“Você está sugerindo que ela conseguia discernir uma centena de sons diferentes, e foi assim que ela sabia qual era o tubo? Se aquela caixa fosse como uma flauta, o que serviu para soprar nela?”**

**“Existe um método muito simples.”**

E se, com os gongos e os sinos como sinais, alguém tocasse a flauta dez vezes? A caixa estava coberta com um véu, por isso não teria sido problema para o assistente da Senhora estar por perto, operando algo que forçaria o ar através dos canos. Você nem precisaria aprender cem sons diferentes: dez seriam suficientes.

**“Quanto à forma como eles explodiram nos canos, a névoa explica.”**

A névoa era vapor, o que significava que eles estavam fervendo água em algum lugar para produzi-la. E se a mesa tivesse sido projetada de forma que o vapor entrasse por baixo? O público estava tão concentrado no que estava em cima da mesa que não notava nenhum pequeno dispositivo embaixo dela.

**“Faz sentido agora?”**

**"Hum."** Lahan e os outros assentiram.

**“Há uma última coisa”**, disse Maomao, pensando no líquido prateado que a Senhora consumiu no final do espetáculo. **“Essa coisa é um veneno muito potente. Não sei se ela realmente bebeu ou não, mas definitivamente não é algo para tentar em casa. Você deve avisar outros altos funcionários sobre isso quando tiver oportunidade.”** Ela lançou a Lahan o olhar mais sério possível.

Vários dias depois, a Dama Branca e seu show desapareceram sem deixar vestígios. No seu rasto, deixaram apenas uma série de misteriosas intoxicações alimentares entre os comerciantes da capital.

Qual tinha sido o objetivo dela? A “mulher imortal” que parecia a cobra branca se foi, mas o mistério permaneceu.

Há muito, muito tempo atrás, aqueles que estavam no poder procuravam um elixir da imortalidade e consumiam prata que parecia água, acreditando que isso prolongaria suas vidas. Mal sabiam eles que tudo o que isso faria seria encurtá-las.

Devido à forma como se movia, o metal ficou conhecido como mercúrio. Maomao se perguntou o que teria acontecido com a Dama Branca depois que ela bebeu aquela coisa. Ela estava simplesmente fingindo ou realmente consumiu isso? Se o mercúrio pudesse ser expelido do corpo ainda em estado líquido, não seria muito venenoso. Mas se fosse dissolvido em vapor e inalado, ou então unido a alguma outra substância numa nova forma, então era realmente muito tóxico.

Antigamente, era considerado um paliativo. A diferença entre um medicamento e um veneno era muitas vezes uma questão de aplicação, refletiu Maomao, olhando para o escarlate vibrante de um pedaço de cinábrio – e resolveu tirar todo o assunto da sua mente.

***¹ Moxabustão:*** é uma técnica que consiste em aquecer regiões ou pontos de Acupuntura através da queima da erva medicinal chamada Artemísia vulgaris ou sinensis, ou outros tipos de ervas e materiais, com a finalidade de promover melhora na circulação do Qi e sangue (Xue).

***² Me procure = Search me:*** Uma frase que significa "Não sei" ou "Como devo saber?" Às vezes pode ser usado de maneira indignada.

# Capítulo 8: Proficiências

**"Vou me retirar, então."**

Maomao não disse uma palavra quando o homem que entregou a carta na farmácia saiu, com seu trabalho concluído. Ela leu a carta, permanecendo inexpressiva o tempo todo, depois a colocou em uma caixa de correio.

Era de Jinshi, mas não era algo normal. Maomao cruzou os braços e inclinou a cabeça, pensando. *O que fazer, o que fazer?* Os negócios de Jinshi sempre significavam problemas, mas este parecia mais problemático do que a maioria. Ela dificilmente poderia recusar, no entanto, o que significava que a questão era qual a melhor forma de se preparar. *Como vou explicar isso para a vovó?*

Suas ruminações foram interrompidas pela tagarelice de duas crianças barulhentas – Chou-u e Zulin, que carregavam cestos cheios de ervas frescas.

*Ah, sim...* Eles disseram algo sobre querer comer kusa-mochi (doce japonês). Ela os observou preguiçosamente por um momento, mas quando os viu indo para a cozinha, correu para agarrá-los pelo colarinho.

"**O que você está fazendo?!**", Chou-u exigiu.

**"Deixe-me ver isso"**, disse ela, vasculhando a cesta e inspecionando as plantas dentro dela. *Como ele pôde entender isso tão errado*? Maomao olhou carrancudo para as ervas reunidas. **"Como você pode estragar tudo o suficiente para encontrar acônito por aqui?"** Ela olhou para Chou-u, que se sentou taciturno. Ao lado dele, Zulin — a mais nova das duas meninas pobres que recentemente se juntaram a eles — observava preocupada. Ela parecia ter aceitado seu papel como capanga de Chou-u.

**"Quero dizer, elas são muito parecidas."**

**"Faça seu mochi com isso e você morrerá."**

Eles devem ter saído em busca de artemísia fresca para o lanche, mas conseguiram encontrar uma planta de aparência semelhante, mas venenosa.

*Exceto que não achei que houvesse acônito por aqui.*

Como as crianças descobriram isso quando nem Maomao sabia disso? A pergunta não a deixaria em paz.

"**Então não podemos fazer kusa-mochi?"**, Chou-u e Zulin se entreolharam, abatidos.

"**Isso mesmo. Desistam.**"

**"Eu sei que você colheu artemísia outro dia, Sardenta. Você deveria compartilhar conosco."**

**“Isso foi para moxabustão.”**

Chou-u fez beicinho indignado para ela e Zulin fez o mesmo. Maomao enfiou impiedosamente um dedo na boca de cada um e puxou os lábios.

**“Ei! Isso dói! Você é uma merda."**

Zulin, embora silenciosa, também resistiu.

**“Como eu sou péssima? Qual era o seu plano, causar uma intoxicação alimentar em toda a Casa Verdete? De qualquer forma, pensei ter dito para você não sair por aí sozinho.”**

**“Não estávamos sozinhos. Sazen estava conosco.”**

Isso fez com que Maomao franzisse ainda mais a testa — e foi exatamente nesse momento que Sazen apareceu, entrando com uma sacola de pano na mão.

**“Não fujam sem mim, crianças! Não sou mais um jovem”**, disse ele – uma coisa muito desfavorável de se dizer neste momento específico. Ele sabia sobre o passado de Chou-u e, embora Maomao continuasse tentando fazer com que ele parasse de agir assim, insistiu em tratar o menino como um jovem príncipe.

**“Sazen! É culpa sua que Sardenta ficou com raiva de mim. Tente acompanhar!"**

Sem dizer uma palavra, Maomao bateu com os nós dos dedos na cabeça de Chou-u. Zulin parecia um pouco em pânico e a boca de Sazen se abriu como se quisesse dizer algo, mas Maomao apenas olhou para os dois. Então ela foi buscar a artemísia que havia colhido para a loja no dia anterior. Já estava um pouco seca, mas ainda era reconhecível. Ela a segurou em uma mão e o acônito de Chou-u na outra, e enfiou-os debaixo do nariz de Sazen. Não adiantaria nada tentar contar às crianças sobre isso, mas ela poderia pelo menos ensinar a pessoa mais próxima de um adulto na sala como saber a diferença.

**“Você sabe o que são?”**, ela perguntou.

**"Claro. Artemísia e acônito, obviamente”,** disse Sazen com facilidade. Maomao olhou para ele com a boca aberta. **“Pensei em trocar disfarçadamente o acônito por um pouco de artemísia, mas nunca tive oportunidade. Por que as crianças estão sempre com tanta pressa?”** Ele abriu a bolsa para revelar um pouco de artemísia recém-colhida. Ele também tirou outra bolsa menor de dentro e entregou a Maomao. Ela olhou para ele com curiosidade e depois abriu para descobrir algum tipo de raiz.

**"Isso é?"**

**“Raiz de Acônito. Presumo que alguém a tenha trazido das montanhas e plantado aqui porque achou bonito, mas essa coisa é perigosa, então puxei-a para cima. Mas seria uma pena desperdiçar a raiz – você pode usá-la para alguma coisa, certo?”**

Sim, o acônito tinha propriedades medicinais. Sem expressão, Maomao agarrou Sazen pela mão.

**"Er?"**

Ainda sem dizer uma palavra, ela realmente o arrastou para dentro da loja e começou a alinhar ervas e remédios em sua prateleira. Então ela disse: **“O que é isso?”**

**"Huh? Mespilus germanica, certo?”**

**“E o efeito dela?”**

**“Ela pode parar a tosse e a diarreia, entre outras coisas.”**

Maomao apontou para a próxima erva e repetiu as perguntas. Sazen pareceu perplexo, mas respondeu. Chou-u e Zulin os observaram da porta.

Quando Maomao terminou de interrogar Sazen, ela cruzou os braços e pensou. **“Então você já sabe cerca de metade dos ingredientes aqui de cabeça.”**

**“O que? Não sei o que causou isso!”**

Maomao não respondeu diretamente; em vez disso, ela pegou um livro da estante e entregou a ele. Pensando bem, ela refletiu, ele não disse que, assim que se recuperasse, pretendia comprar de volta as enciclopédias?

**"Consegues ler?"** Ela perguntou a ele.

**“O velho me ensinou”,** disse ele. O velho — presumivelmente referindo-se ao ex-médico, aquele que nunca recuperaria o juízo perfeito. Se Sazen também tivesse aprendido sobre todos esses medicamentos com o “velho”, tudo faria sentido. Esse foi o melhor tipo de surpresa.

**“Tudo bem, então aprenda este livro! E você passará as tardes aqui por um tempo.”** Maomao bateu no livro que deu a Sazen.

**"Desculpe?"**

**“Vou explicar tudo para a senhora e Ukyou.”** Sazen ainda parecia confuso, mas Maomao sentia-se suficientemente magnânimo para lhe explicar isso. **“Você não é exatamente o segurança mais talentoso do mundo, não é?”**

**“Er, bem... aham...”**

**“Acho que ser apotecário seria muito melhor para você, não é?”**

**“Bem, eu...”**

Maomao não tinha intenção de se aposentar, mas sempre foram ela e o pai comandando o lugar - não faria mal se houvesse mais um ou dois farmacêuticos por ali. Ela pensou que poderia ser capaz de fornecer conhecimentos médicos ao deficiente físico Chou-u, mas o merdinha só estava interessado em brincar e fazer seus desenhos. Não, seria muito mais rápido trabalhar com Sazen aqui. Até porque, enquanto Jinshi estivesse em sua vida, Maomao provavelmente seria chamada para sair da loja rotineiramente e em curto prazo. Seria melhor se houvesse alguém para defender o forte.

A única questão é...

Sazen queria ser apotecário?

No momento, ele estava olhando atentamente para o livro. Ele virou uma página, sua expressão séria. Por fim, ele disse: **"Sou apenas um simples fazendeiro. Fui para aquela fortaleza porque estava completamente falido e só sei ler porque o velho me ensinou. E remédio? O melhor que posso fazer é escolher o que me mandarem escolher."**

Ser apotecário trazia certo prestígio; Sazen parecia estar passando por uma crise de confiança. Muita rejeição por muito tempo começou a afetá-lo pessoalmente.

Aos olhos de Maomao, isso era um problema. Ela finalmente encontrou alguém com algum conhecimento e iria colocá-lo em uso. Então ela disse: **"E daí? Algumas pessoas neste mundo ganham a vida recitando feitiços sem sentido. Ou dançam alguma dança ridícula na tentativa de curar um resfriado, quando seria muito melhor manter o paciente aquecido e administrar remédios para tosse e antitérmicos. Você pode fazer pelo menos isso, certo?"**

**"Bem, sim... Mas e se alguém realmente doente vier até mim?"**

**"Se não há nada que você possa fazer, então diga. Aqueles que vão morrer morrerão, quer tomem algum remédio ou não. E se você acha que o prognóstico é muito sombrio, mande-os para outro lugar. Você já sabe mais sobre medicina do que alguns médicos por aí."**

*Como o charlatão...*

Para ser justo, o médico do palácio interno parecia ter um certo conhecimento, como oficial médico; ele simplesmente não tinha a capacidade de aplicá-lo. Ele era muito gentil, mas isso não era suficiente.

**"De qualquer forma, está resolvido",** disse Maomao.

**"O que está resolvido? Você não está agindo um pouco rápido?"**

**"Temos que agir rápido ou ficaremos sem tempo."** Maomao, pensando na carta que recebera naquela manhã, ignorou Sazen, ainda atordoado, e voltou-se para as crianças. **"Vocês dois, se tiverem tempo para brincar, terão tempo para varrer a entrada da loja. E certifique-se de aprender o que está nesses livros, e aprendam bem."**

Essa última foi dirigida a Sazen – assim que ela expulsou as crianças da loja, ela deixou cair uma pilha de livros na frente dele.

Como Maomao suspeitava, Sazen revelou-se um aprendiz rápido. Ele aprendeu receitas simples rapidamente e provou ser capaz de ler a enciclopédia, ainda que lenta e hesitantemente. Maomao mostrou-lhe os campos perto da casa, bem como aqueles fora dos muros, apontando quais ervas medicinais cresciam e onde.

*Talvez eu devesse ensinar a ele quais plantas também são venenosas.*

Ela não estava preocupada – principalmente – que isso provocasse quaisquer impulsos estranhos nele, mas ela ainda não iria lhe dar todos os pequenos detalhes. Se ele estivesse tão interessado, ele iria pegá-los durante seu estudo de qualquer maneira; por enquanto, ela se restringiu aos ingredientes mais comuns e ao modo de manuseá-los. Sazen franziu a testa quando ela o ensinou a produzir um abortivo, mas ele foi sensato o suficiente para entender que era melhor do que os métodos mais físicos de induzir um aborto, como mergulhar a mulher em água fria ou simplesmente espancá-la - ambos os quais ocasionalmente aconteciam com cortesãs.

Ela contou a Chou-u todas as mesmas coisas, mas o pirralho não demonstrou interesse em nada disso; parecia que toda vez que ela olhava para cima, ele saía correndo para brincar em algum lugar. Seu pequeno negócio paralelo parecia estar enchendo seus bolsos também, a ponto de ele até fazer retratos para cortesãs de outros bordéis próximos.

Um dia, Maomao instruiu Sazen a preparar uma receita simples, enquanto ela saía para entregar um remédio solicitado por uma cortesã de um desses outros estabelecimentos. Porém, assim que ela saiu, ouviu um sino tocando. Ela olhou para cima, imaginando o que poderia ser, e encontrou algo atacando-a: parecia ser um gato malhado correndo desordenadamente.

Ela poderia muito bem se perguntar o que o gato estava fazendo ali. Os calicos (gato malhado) não eram incomuns, mas este tinha uma coleira visivelmente fina, tecida de seda e decorada com um sino importado. Não é o tipo de coisa que você veria em todos os felinos correndo pela vizinhança.

**“Maomao! Onde você está?",** chamou uma voz familiar. Ela logo viu um homem corpulento de meia-idade se aproximando entre uma caminhada e uma corrida. Era o médico charlatão.

Maomao pegou a gata, que havia crescido substancialmente desde a última vez que se viram, e estendeu-a para o médico quando ele finalmente se levantou.

**“Mocinha, já faz um bom tempo”,** disse ele, sorrindo enquanto lutava para recuperar o fôlego.

**“Sim, senhor, faz. Mas o que diabos está acontecendo?”** A gata e o charlatão deveriam estar no palácio interno, não aqui, no bairro do prazer.

**“Sim, sobre isso...”** O charlatão parecia não conseguir recuperar o fôlego, então Maomao o levou de volta à farmácia e preparou um chá para ele. Ela cuidadosamente serviu frio e ele bebeu de um só gole.

**“Se me permite perguntar, o que você está fazendo aqui? Er... Pensando bem, não importa.”** Maomao sentiu pena dele: finalmente devem tê-lo deixado sair. Ele era uma pessoa perfeitamente decente, mas só era possível ficar sentado recebendo um salário por um certo tempo antes de começarem a ser feitas perguntas sobre se alguém estava fazendo alguma coisa para justificá-lo. Seria difícil para ele encontrar um novo emprego como eunuco, mas Maomao resolveu ser o mais cordial possível com ele.

O charlatão, porém, olhou para ela com ceticismo e disse: **“Acho que você está passando por algum tipo de mal-entendido, senhorita”.**

**“Por favor, você não precisa se sentir envergonhado por isso comigo. Isso acontece com todo mundo em algum momento.”**

**“Não, não tenho certeza se isso acontece...”** O charlatão coçou seu bigode não muito rico, enquanto Maomao (a gata) bocejava de joelhos. Aparentemente, ele continuou a servir como seu zelador. Depois que a consorte Gyokuyou se tornou noiva do imperador, ela se mudou para um palácio adjacente ao da imperatriz viúva, onde muitas regras e regulamentos tiveram que ser observados - para grande desgosto da filhinha do soberano, a Princesa Lingli. Não poderiam permitir a ela um único animal de estimação, não é?

*Suponho que se fosse apenas a imperatriz viúva, ela estaria bem com isso*, pensou Maomao. Mas as outras mulheres do palácio que moravam nas proximidades nunca teriam tolerado isso. E Gyokuyou sem dúvida também tinha mais damas de companhia agora - mesmo no palácio interno, ela mal conseguia sobreviver com suas sete mulheres.

Maomao sentiu uma pontada de solidão, mas sabia que era certo não ter seguido a imperatriz Gyokuyou. Maomao estava confiante de que ela poderia causar mais alvoroço do que até mesmo sua contraparte felina, se ela mesma pudesse dizer isso.

**“Aham, então, o assunto em questão”**, disse o charlatão, tendo finalmente conseguido controlar a respiração. Ele bebeu mais um pouco de chá. **“Recebi permissão para voltar para casa pela primeira vez em muito tempo e estava a caminho de lá...”**

**"Huh! Finalmente mandando você de volta, não é?”**

**“Agora você está apenas brincando comigo, mocinha”,** disse o charlatão com um toque de exasperação. Ele tinha razão e, como isso impedia o andamento da conversa, Maomao decidiu deixar por isso mesmo.

**“Então, em vez de sua casa, você está aqui. Por quê?",** ela perguntou.

**“Sim, bem...”** Ele olhou para ela com uma expressão inescrutável. **“A permissão foi concedida em uma condição bastante incomum. Você não ouviu nada sobre isso, senhorita?”**

**“Exatamente que tipo de condição?”**

**“Nada grave. Mas aparentemente há alguém que quer viajar comigo durante parte do caminho. Este é um pedido pessoal da Matrona das Mulheres Servidoras, então tenho certeza de que não é ninguém... estranho.”**

Esta farmácia, ao que parece, seria o ponto de encontro.

Maomao lembrou-se da carta que recebera vários dias antes, uma exigência unilateral de Jinshi para que ela o acompanhasse em uma expedição que ele iria realizar. Nenhuma duração foi especificada, nem destino, nem mesmo quando partiriam. Maomao relutava em fechar a loja toda vez que eles participavam de uma dessas pequenas aventuras, e ela sabia que a madame também não veria isso com bons olhos, e era por isso que ela estava com tanta pressa em ensinar o básico a Sazen.

*Pensei que talvez tivesse um pouco mais de tempo...*

Felizmente, Sazen era um aluno rápido e já havia preparado um suprimento de remédios com antecedência. Ela ficou se perguntando por que eles estariam viajando com o médico charlatão. Ela perguntaria mais tarde.

**“E quanto ao motivo de Maomao estar aqui, pensei que talvez pudesse pedir à minha família que cuidasse dela”,** disse o charlatão. Considerando que ele próprio era evidentemente a única alternativa, parecia uma escolha sábia. Ele ficaria sozinho, sim, mas a gatinha originalmente ficou no palácio apenas por causa do capricho da princesa Lingli. Provavelmente seria difícil justificar mantê-la no consultório médico por muito mais tempo. **“Eles ficarão felizes se ela pegar ratos para eles.”**

**“Entendo”**, disse Maomao.

O charlatão parecia exultante com a ideia de ver sua família novamente pela primeira vez em mais de uma década. Maomao lembrou que eram produtores de papel, abastecendo até a corte imperial. Eles certamente gostariam que um guarda ficasse atento a qualquer rato que pudesse tentar mastigar o produto. Mas parecia distante, e Maomao (a menina) não pôde deixar de se perguntar se Maomao (a gata) se comportaria bem durante a longa viagem.

**"Veja! Um gato!",** falaram as cortesãs - era apenas tarde e ainda tinham tempo antes que os clientes começassem a chegar. A gata, infelizmente, se assustou com a gritaria; ela deu uma boa coçadinha nos joelhos do charlatão e depois fugiu da loja.

**"Oh! Não, Mao, espere!”**

**“Que nome!”** disse uma das cortesãs, rindo enquanto observava a gata partir.

O animal com o apelido infeliz passou por uma fresta da porta da loja e dirigiu-se à entrada da Casa Verdete. Maomao e o charlatão calçaram os sapatos o mais rápido possível e foram atrás dela.

Maomao (a gata) andou tecendo entre as mulheres recém-saídas dos primeiros banhos (e parecendo menos maquiadas), enfiou-se entre as pernas das criadas que preparavam os quartos e chegou à cozinha. Ela podia ver quatro pernas curtas: as crianças almoçando tarde.

**“De onde você veio?”** Chou-u perguntou quando a gata parou na frente dele. Ele mastigou os pauzinhos e olhou para o animal. Zulin piscou os olhos úmidos. Maomao (a gata!) se esparramou sobre o pé de Chou-u.

**“É isso que você está procurando?”** Chou-u perguntou, pegando alguns peixes com seus pauzinhos. Era apenas salmão grelhado, mas tinha um sabor agradavelmente salgado, sem necessidade de tempero.

**“Mrrow!”** Maomao engoliu a comida de Chou-u.

**"Ei! Ei você!"**

O peixe caiu no chão de terra e Maomao o engoliu. Boas maneiras à mesa terrivelmente indelicadas para alguém que consome um banquete tão requintado, como se fosse uma certa pessoa.

**“Não, Maomao, não faça isso!”,** gritou o charlatão ao chegar, respirando com dificuldade.

**"Gato estúpido! E quem é o velhote?”** Mas essa não foi a única pergunta de Chou-u. **“Espere... Maomao? Sério?"** Ele sorriu abertamente para Maomao (a garota). Até Zulin parecia estar rindo baixinho, à sua maneira muda.

Maomao, muito descontente, pelo menos conseguiu arrebatar a chita, embora não houvesse esperança de recuperar o peixe, que a gata mantinha firmemente nas mandíbulas. Chou-u olhou com tristeza para a refeição, mas a gata pareceu intrigá-lo. Quando ele cutucou as palmilhas cor-de-rosa dela, ele exclamou **“Oh!”** e seus olhos brilharam.

Eles decidiram deixar Maomao (a gata) com Chou-u e Zulin, com instruções estritas para não deixá-la fugir. Eles alertaram uma das criadas, então era provável que as crianças não tivessem muitos problemas.

Quando voltaram à loja, Maomao finalmente teve a oportunidade de perguntar ao charlatão o que realmente estava acontecendo. Mexendo desconfortavelmente nos pelos faciais, ele disse: **“Acredito que você saiba sobre o negócio de papel da minha família”.**

**"Sim, senhor."**

**“Aham, bem, a razão pela qual estou indo para casa é porque houve um pequeno problema.”**

Algum tempo atrás, ele recebeu uma carta de sua irmã mais nova dizendo que a qualidade do papel piorou repentinamente. Esse problema deveria ter sido resolvido, mas talvez algo novo tenha surgido.

**“É por isso que pedi permissão para fazer uma visita, mas aparentemente alguém importante esperava poder ver minha aldeia pessoalmente.”**

Jinshi estava interessado na produção de papel desde seus dias como “eunuco”, então talvez esta lhe parecesse a oportunidade perfeita para ver o processo de perto. Mas isso ainda deixou Maomao se perguntando qual seria o problema desta vez.

**“O que dizia a carta dela?”,** ela perguntou.

**“Não tenho certeza se posso lhe contar aqui”**, disse o charlatão, parecendo claramente desconfortável. **“Por favor, deixe-me explicar depois que chegarmos lá.”**

**“Muito bem”**, disse Maomao, e como se fosse uma deixa, um cavalo pôde ser ouvido relinchando do lado de fora.

Era um jovem sombrio que apareceu, com um rosto classicamente adorável, mas com uma franja comprida para esconder uma cicatriz de queimadura na bochecha direita. Maomao reconheceu o visitante sombrio.

*Nada mal, nada mal.*

Foi o cliente que veio à Casa Verdete quando todas as cortesãs foram convocadas para receber. Ele não prestou atenção nelas, apenas ficou ali sentado bebendo vinho. Ele era um dos alter egos de Jinshi. Jinshi usou a queimadura falsa para esconder a cicatriz real em sua bochecha, e toda a sua aparência era muito menos... bem, brilhante do que normalmente era, ele parecia uma pessoa diferente. Maomao uma vez lhe ensinara como se disfarçar; parecia que ele havia feito bom uso da lição. Se ela não o tivesse visto em seus momentos mais sombrios, bem como em alguns disfarces, ela não teria percebido que era ele.

Quanto ao médico charlatão, ele não parecia particularmente cauteloso, mesmo quando confrontado com o adorável nobre. Ele não o reconheceu de jeito nenhum.

**"Você está pronta para ir?"** Basen falou no lugar do disfarçado Jinshi. Suas roupas eram mais finas que as de Jinshi, e Jinshi se comportava como um servo com ele. Isso pareceu deixar Basen um pouco desconfortável - embora ele provavelmente estivesse ainda mais preocupado com a possibilidade de ser notado pela irmã de Maomao, Pairin, antes que pudessem sair de lá.

**"Pronta? Ouso dizer que isso é um pouco repentino"**, disse Maomao. Sim, a carta chegou há vários dias, mas não havia nenhuma indicação específica da data de partida. Francamente, ela não tinha preparado nada.

**"Receio que esteja fora de nosso controle. Havia questões de tempo a serem consideradas. Já fizemos as malas para você."**

É verdade que a aparência de Jinshi sugeria que eles iriam espionar – e ir espionar sugeria que eles ficariam nisso por um tempo, então Maomao entendeu que eles deviam ter se esforçado para estar prontos para aquele momento. Mas dizer que prepararam mudas de roupa para uma mulher – será que entenderam o que isso significava?

Qualquer que seja. Independentemente de qual fosse o relacionamento deles - irmãos ou qualquer outra coisa - o imperador certamente achou por bem trabalhar Jinshi como um cachorro. Provavelmente ainda havia coisas para limpar no palácio interno, junto com muitas outras dores de cabeça profissionais com as quais Jinshi sem dúvida teve que lidar. Era o trabalho dele, então ele não podia exatamente reclamar, mas ainda assim...

*É como se ele estivesse preparando um sucessor*, pensou Maomao, e então imediatamente jogou a ideia fora. No momento era a consorte Gyokuyou - não, o filho da imperatriz Gyokuyou que era o presumível herdeiro. E além do mais, a consorte Lihua também deu à luz um filho. O imperador tinha apenas trinta e poucos anos e ainda era uma imagem de boa saúde. Com toda a probabilidade, ele permaneceria facilmente no trono até que seus filhos atingissem a maioridade.

Supondo, é claro, que nada lhe acontecesse — mas Maomao optou por não contemplar uma possibilidade tão infeliz.

***[1] Attagirl:*** Vem da expressão “essa é uma boa menina ”, que passou a ser “that a girl” e finalmente “attagirl”.

# Capítulo 9: A Vila de Papel

Depois de viajar dois dias para o oeste de carruagem, chegaram à aldeia que era a cidade natal do médico charlatão. Ficava adjacente a algumas montanhas e a uma floresta, a jusante da nascente do grande rio que dividia o país ao meio. Valas seguiam o rio, mas parecia que apenas ervas daninhas cresciam nos campos.

Maomao olhou para elas atentamente e o charlatão, que adorava conversar, teve a gentileza de explicar. Ele manteve a voz baixa, talvez por deferência a Basen, que estava sentado diagonalmente à frente deles. Jinshi sentou-se ao lado de Basen, mas o charlatão ainda não tinha descoberto quem ele era.

**“Isso é cevada”**, disse ele.

**“Cevada, senhor? Parece extraordinariamente bem irrigado.”** As valas circundavam os campos, mas Maomao não achava que a cevada precisasse de tanta água.

Maomao, a gata, estava a seus pés. Ela estava cansada de andar em sua cesta e alternadamente se apoiava nos joelhos do médico e espiava pela janela. Ela, por exemplo, parecia saber quem era Jinshi e ocasionalmente se aconchegava em seus tornozelos. Basen manteve distância dela – talvez ele nunca tivesse lidado com gatos antes. Parecia haver muitas coisas com as quais ele não lidava muito bem.

**“Esses são para a temporada de arroz de verão. Eles cultivam duas safras por ano aqui, arroz e cevada.”**

**"Ahh."**

**“Concentre-se no arroz pantanoso e você poderá cultivar outra safra no mesmo campo sem esgotar o solo”,** acrescentou o charlatão.

Cultivar duas culturas no mesmo ano significava retirar muito mais nutrientes do solo – mas a água para os arrozais na verdade restaurou os nutrientes do solo, protegendo contra o esgotamento. Uma forma ideal de cultivo para uma área tão rica em água.

Ao passarem pelos campos, a floresta apareceu, a aldeia situada perto dela.

**“Parece haver uma grande variedade de recursos naturais por aqui”,** observou Maomao. Tantas, pensou ela, que não parecia haver uma razão convincente para se concentrar na fabricação de papel; mas havia outros fatores em jogo.

**“Quando chegamos aqui, a planície já pertencia a outra pessoa”,** explicou o charlatão. **“Mas eles não deram uma segunda olhada na floresta.”**

Aquela floresta, atravessada pela água das montanhas próximas, fornecia os recursos para a indústria de papel da aldeia. Não havia o suficiente para permitir que produzissem a granel, mas eles conseguiram ter sucesso concentrando-se na qualidade. Felizmente, o rio também serviu como uma forma conveniente de transportar seus produtos. Os dois grupos faziam coisas diferentes, por isso os aldeões se davam bem com os habitantes originais da terra.

**"Quando chegamos aqui, o proprietário era um sujeito muito bom",** disse o charlatão.

Algo incomodava Maomao, porém. Ao passarem pelos campos, seus olhos encontraram os de um fazendeiro pisando na cevada. Essa era uma maneira de tornar o grão mais forte, mas a maneira como ele fez isso parecia quase irritada. O olhar que ele lhe lançou foi penetrante e sombrio.

Maomao fingiu que não o tinha visto, em vez disso voltou-se para continuar a conversa com o médico.

Quando chegaram à aldeia, foram recebidos por uma mulher que parecia ter cerca de quarenta anos. A suavidade dos olhos dela e a maneira como eles caíam lembravam a Maomao o próprio charlatão. A mulher devia ser a irmã mais nova do charlatão, ela supôs.

O charlatão passou a gata para a mulher, que sorriu e acariciou seu pelo. Ele deve ter avisado com antecedência que traria o animal. Evidentemente, porém, ele não a avisara de que viajaria com uma comitiva inteira, pois ela olhou surpresa para Maomao e os outros.

**"Ah, mano, bem-vindo ao lar",** disse ela.

**"Sim, obrigado, é bom estar de volta."** O charlatão parecia bastante calmo, mas lágrimas escorriam pelos cantos dos olhos. Era difícil culpá-lo, um homem que via sua casa novamente pela primeira vez em mais de dez anos. **"Eu gostaria de visitar os túmulos",** disse ele. **"Você sabe, pai e..."**

Eles devem ter morrido enquanto ele estava no palácio interno. Ele fungou de forma audível.

**"Sim, claro. Mas se você não se importa que eu pergunte..."** A mulher olhou para Maomao e os outros. **"Esses são... amigos seus?"** Maomao percebeu, enquanto a mulher olhava para eles, que estava vendo uma dona de casa calculando mentalmente os preparativos do jantar.

**"Ah! Então, esse é o seu superior do seu local de trabalho e sua assistente. Você poderia ter dito isso antes."**

*Então sou sua assistente agora.* Isso não era exatamente verdade – mas também não era exatamente mentira. O mesmo poderia ser dito da palavra superior, mas como Basen optou por não dizer nada, aparentemente ele pretendia seguir em frente.

Tia Quack (ela lhes dissera seu nome, mas tinha sido difícil falá-lo e Maomao, francamente, não se lembrava dele, então ela simplesmente resolveu pensar na mulher dessa forma) estava ocupada enchendo a mesa de comida. Peixe de água doce cozido no vapor com ervas, baozi (pão cozido) em uma cesta para cozimento a vapor e arroz frito com espumante dourado pareciam deliciosos. Na verdade, pareciam perfeitos, considerando que ela teve que prepará-los em pouco tempo para dar conta do tamanho da festa. Houve até uma mistura de peixe e mingau para a felina Maomao, que comeu com vontade e sem a dignidade normalmente associada aos gatos. Ela certamente teria pegado o peixe da mesa se achasse que conseguiria escapar impune.

**"Devo dizer que nunca esperei que um eunuco como você voltasse para casa com uma jovem noiva tão adorável."**

**"Hahaha! Não existe tal coisa, infelizmente."**

**"Suponho que não!"**

A brincadeira foi acompanhada pelo som de uma tigela batendo em algo duro. Maomao olhou e descobriu que Jinshi havia deixado cair a tigela.

**"Meu Deus! Não se preocupe, vou pegar uma tigela nova para você imediatamente"**, disse tia Quack, recusando-se a ignorar o homem com a inquietante queimadura. Na opinião de Maomao, se Jinshi realmente fosse fazer o papel de servo, ele deveria ter ficado na carruagem e comido rações do campo ou algo assim. Basen provavelmente não permitiu isso. O disfarce de Jinshi era perfeito – Maomao esperava que eles não se entregassem através de um pequeno deslize como esse.

Quando toda a comida estava na mesa, a família da tia Quack já havia chegado. Havia dois homens mais jovens e um homem de meia-idade com um lenço enrolado na cabeça. Presumivelmente, o homem de meia-idade era o marido da tia Quack e os outros eram filhos.

**"Cunhado. Faz muito tempo que não o vejo",** disse o marido, tirando o lenço e cumprimentando o charlatão respeitosamente.

**"Sim, há muito tempo"**, respondeu o charlatão, sorrindo.

Um dos filhos seguiu o pai ao cumprimentar o médico — mas o outro ignorou completamente o charlatão, sentando-se e começando a refeição com entusiasmo.

**"Pare com isso! Como você ousa nem dizer olá!"** Tia disse, olhando para o menino.

**"Mano..."** o outro filho disse, lançando ao jovem um olhar agonizante. Então ele era o mais novo, e o homem com atitude desagradável era o irmão mais velho.

O Sobrinho Quack nº 1 abriu um baozi e deu uma mordida. Estava cheio de recheio de porco, deixando Maomao com água na boca.

**“Você diz que eu deveria respeitar meu tio? Ele é um eunuco que não volta para casa há anos. O que ele está fazendo aqui agora? E arrastando consigo uma multidão de visitantes?”**

Com isso, o charlatão exibiu um daqueles sorrisos desconfortáveis e de sobrancelhas caídas, nos quais ele parecia se especializar. A essa altura, ele estava acostumado a ser ridicularizado por ser um eunuco, mas sofrer tal zombaria por parte do próprio sobrinho deve ter sido doloroso. Até Maomao ficou desanimada com a atitude do menino. Ela iria ficar parada e deixar esse cara falar e comer toda a comida boa? Ela não iria! Ela sentou-se firmemente em sua cadeira.

**“Se vocês não se importarem, vou começar antes que esfrie”**, disse ela, e então agarrou habilmente o pedaço exato de comida que o sobrinho estava procurando. Ele lançou-lhe um olhar desagradável, mas ela não se importou. Ela conhecia muitos criados e soldados muito maiores e mais corpulentos que esse cara. Basen parecia querer falar, mas pareceu se acalmar quando viu Maomao lidar com a situação. Jinshi, por sua vez, manteve a compostura.

Tia Quack estava obviamente zangada, pois quando trouxe o mingau e a sopa havia porções para todos, exceto para o filho mais velho. O marido e o filho mais novo, obviamente sabendo o que era melhor para eles, optaram por não comentar.

O filho mais velho, talvez magoado com a forma como a família o tratava, pegou outro baozi e saiu da sala.

Quando o menino foi embora, o marido da tia Quack, coçando a cabeça de vergonha, fez uma reverência ao médico charlatão. **“Sinto muito, cunhado. Ele não sabe o quanto você trabalhou duro por esta aldeia, o quanto você sacrificou. E na frente do seu superior, nada menos.”**

**“Ah, está tudo bem. Eu não estou incomodado. Estou acostumado com coisas assim”**, respondeu o charlatão, embora parecesse bastante consciente de Basen. Maomao cutucou Basen com a ponta do dedo e ele pulou um pouco antes de dizer: **“Somos nós que deveríamos nos desculpar, aparecendo tão de repente”.**

Então ele poderia pelo menos ser educado quando a situação exigisse. Isso foi um alívio. Ele provavelmente foi encorajado a cuidar de si mesmo pelo olhar implacável que Jinshi estava lhe dando.

**“Bom, bom, então está tudo bem”**, disse o charlatão, bebendo um pouco de mingau, apreciativo.

Para ele, a alegação de que estava “acostumado com coisas assim” era uma observação improvisada, mas Tia Quack estava claramente preocupada com isso. Foi para salvá-la de ser vendida ao palácio interno que o charlatão se submeteu a tornar-se eunuco. E isso apesar de seus pais presumivelmente valorizarem um filho acima de uma filha.

**“No entanto... eu sei que não vim aqui só para jantar. Não há algo que você gostaria de falar?”,** o charlatão disse. O resto da família ficou em silêncio. Eles haviam chegado, ao que parecia, ao verdadeiro motivo de sua volta.

Para Maomao, ela simplesmente fazia parte da plateia, por isso não tinha intenção de parar de comer. O peixe cozido no vapor estava perfeitamente salgado e as ervas saíam lindamente. Ela teria que perguntar à tia o que ela havia feito com aquilo.

O marido deixou de lado os hashis e olhou para o charlatão – e então, depois de um instante, abaixou a cabeça. **“Cunhado, ouvimos dizer que você se tornou um médico renomado, tão famoso que até deu à luz o filho do próprio imperador. Você deve ter a atenção de Sua Majestade... e imploramos que lhe peça um favor pessoal.”**

**"Huh?!"**

*Deu a luz ao filho do Imperador, não foi?* Maomao pensou. Na verdade, foi seu pai adotivo, Luomen, quem fez o parto — mas, conhecendo o charlatão, ele poderia ter embelezado a história em uma de suas cartas. Mesmo Maomao, porém, teve decência suficiente para ficar quieta neste momento. Basen franziu a testa um pouco e Jinshi parecia estar olhando para algum ponto distante.

O charlatão, por sua vez, largou seus próprios pauzinhos, com as sobrancelhas caídas ainda mais do que o normal. **“Pedir a Sua Majestade que me escute estaria muito além da minha posição.”**

**“Mesmo que você tenha assistido à entrega da consorte real?”**

Era impossível. Mesmo os mais altos funcionários só às vezes tinham permissão para falar com o imperador; até mesmo procurar uma audiência pessoal com ele poderia ser considerado um ato de desrespeito e custar a cabeça do charlatão. A própria Maomao teve a oportunidade de falar com o imperador em diversas ocasiões, mas todas as vezes foi porque Sua Majestade a permitiu pessoalmente. E agora Gyokuyou não era mais apenas uma consorte, mas a imperatriz. Entrar em contato com ela seria difícil.

Nesse ritmo, o charlatão provavelmente descobriria que a tarefa lhe fora imposta de qualquer maneira - e se Basen decidisse intervir com alguma réplica estranha, isso não ajudaria em nada. Então Maomao decidiu assumir a conversa. **“Um antigo médico do palácio interno envolveu-se em negócios que não eram da sua responsabilidade e foi punido com mutilação e depois banido do palácio”**, disse ela.

Os outros pareceram surpresos.

**“Há rumores de que ele foi tolo o suficiente para aprender algo que não precisava saber. Dizem que foi por isso que ele se meteu em problemas.”**

Ela estava falando sobre seu próprio pai, é verdade, mas ela não estava mentindo. Ela se perguntou brevemente se seria seguro dizer tudo o que disse, mas não houve reação de Basen ou Jinshi, e ela estava feliz por não ter inspirado nenhuma travessura da parte deles.

Tia Quack e sua família engoliram em seco e se entreolharam inquietos. Seus ombros caíram.

O charlatão, porém, inclinou-se para frente, acenando com a mão. **“É verdade que provavelmente não posso falar com Sua Majestade, mas há outras pessoas com quem posso entrar em contato. Diga-me o que você está pensando.”**

Tia Quack e seu marido trocaram olhares. Maomao se perguntou se talvez ela estivesse sendo imponente, mas ela tinha chegado até aqui – ela queria ouvir o resto. Jinshi e Basen, evidentemente da mesma opinião, não mostraram sinais de se mover.

**"Por favor, fale. Não posso prometer quanta ajuda poderemos oferecer, mas podemos pelo menos ouvi-lo.”** Essa insistência veio de Basen. As palavras pertenciam mais propriamente a Jinshi, mas aqui Basen estava falando em seu nome.

O charlatão olhou para eles, assentiu e disse: **“Vocês podem confiar nessas pessoas”.** Foi aquele raro momento em que ele disse a coisa certa na hora certa.

**“Bem... Se você diz”,** disse tia Quack lentamente, e então começou a falar. **“O problema tem a ver com os direitos à terra na aldeia.”**

O terreno onde a aldeia foi construída, disse ela, estava na verdade arrendado. O proprietário, que morava nas proximidades, não o usava, então estava disposto a alugá-lo por um preço barato – mas com o passar dos anos, os dois lados começaram a conversar sobre a venda imediata do terreno. O proprietário da época era um homem tranquilo que se dava bem com os aldeões, ou assim dizia a Tia.

Há alguns anos, porém, esse homem morreu e seu filho assumiu o cargo de proprietário – e então as coisas começaram a mudar. Ao contrário do pai, o novo proprietário desprezava os estrangeiros e tinha o péssimo hábito de menosprezar os artesãos.

Quando a aldeia recebeu uma comissão imperial para fornecer papel à corte, ele mal aguentou.

Na altura em que a qualidade do jornal da aldeia tinha diminuído, o novo proprietário tinha vindo várias vezes exigir o pagamento da dívida. De acordo com o contrato com o proprietário anterior, a terra e a floresta foram emprestadas aos aldeões por vinte anos. O valor do pagamento foi claramente estipulado e a aldeia sempre pagou em dia.

**“Mas ele continuou insistindo que a colheita de arroz havia diminuído porque estávamos poluindo a água. Ficavam dizendo que não tinham água suficiente para fazer arroz”**, disse o Filho nº 2, com uma expressão agonizante no rosto. **“Recentemente ficou ainda pior. Ele nos disse para pagarmos imediatamente ou sairmos de suas terras.”**

Faltavam mais cinco anos de contrato. A aldeia dificilmente conseguiria arranjar cinco anos de dinheiro de uma só vez e num prazo tão curto. Mas eles estavam lidando com

seu senhorio. Assim como Maomao não podia mandar na velha senhora, a aldeia tinha que agir com cuidado.

**"Se tivermos que sair, nossas casas e a maior parte do que há nelas terão que ficar aqui. E quem sabe quanto tempo poderemos levar para encontrar um novo lugar para morar?"**

**"Achamos que eles simplesmente querem nos expulsar da aldeia para que possam se mudar e começar a fabricar papel."**

**"Por que diabos eles fariam isso? Eles sabem fazer arroz e nós sabemos fazer papel, e devemos continuar com os nossos negócios"**, disse o charlatão, balançando suavemente o seu bigode fino. Maomao, a gata, terminada a refeição e sem nada para fazer, olhou e se agachou, preparando-se para atacar os pelos faciais.

**"Você pode pensar assim"**, disse Tia, balançando a cabeça. **"Mas o imposto sobre os cereais disparou subitamente este ano."**

**"Embora o imposto sobre o nosso papel tenha diminuído há alguns anos. É melhor você acreditar que isso não melhorou as relações."**

*Ah, então é isso.*

A flexibilização do imposto sobre o papel deveu-se claramente ao desejo de tornar o papel mais universal e, em última análise, melhorar a alfabetização. Quanto ao aumento do imposto sobre o arroz, provavelmente pensava-se que não seria uma imposição demasiado grande numa área que produzia duas colheitas por ano e, entretanto, reforçaria reservas para o que estava por vir.

Maomao lançou um olhar para Jinshi. Ele parecia bastante calmo, mas ela podia vê-lo um pouco inquieto.

*Deve ser uma questão de lidar com danos causados por insetos*, ela pensou. Enviar colheitas de regiões abundantes para os locais mais atingidos significaria menos pessoas a passar fome. Ela sabia que era simplesmente Jinshi e todo o governo tentando fazer o que podiam, e ela não achava que eles estavam errados em fazê-lo – mas as pessoas que viram seus impostos aumentados estavam compreensivelmente infelizes. Eles devem ter sentido que precisavam compensar a diferença de outras maneiras. Colocando os parafusos nesta aldeia, por exemplo.

Porém, como sugeriu o charlatão, não era possível simplesmente mudar-se para a aldeia e começar a fabricar papel. Havia certas coisas que era preciso saber; como fazer certo não era óbvio sem experiência.

**"A questão é que também temos outro problema: ele",** disse o marido, evidentemente referindo-se ao rapaz com atitude ruim. **"Por certas razões, ele está mais do lado dos agricultores daqui."**

**“Meu irmão, ele...”** O irmão mais novo sorriu desconfortavelmente. **“Como posso colocar isso? Ele ficou cego.”** Ele parecia que mal conseguia dizer as palavras.

**“Tenho vergonha de admitir, mas o menino não sabe muito. Ele acha que todos os funcionários são iguais.”** Foi por isso que ele atacou o charlatão – ele deve ter pensado nos eunucos como indistinguíveis dos burocratas que aumentaram os impostos. **“É por isso que precisamos da sua ajuda.”**

O pedido era este: fazer com que reduzissem os impostos.

*Não vai acontecer*, pensou Maomao. Era impossível, embora Jinshi estivesse sentado ali. Se uma ordem dada pela manhã fosse revogada à tarde, o país mergulharia no caos. Poderia ter sido uma coisa se essas pessoas estivessem à beira da fome, mas pelo que ela podia ver, simplesmente não parecia que as coisas estavam tão ruins.

Isso também colocou o médico charlatão em uma posição muito estranha. Na verdade, não havia nada que ele pudesse fazer para ajudar. A gata sentou-se de joelhos, batendo no bigode trêmulo, deixando marcas de arranhões no queixo.

**“Receio ser apenas um eunuco, sabe...”,** ele disse.

Os ombros da família caíram com isso. O marido recuperou-se da decepção e disse: **“Haverá uma conferência amanhã. Talvez você pudesse pelo menos nos acompanhar?”**

**“Sim, isso eu poderia fazer...”** Ele olhou para Maomao. Ela passou o olhar para Basen.

**“Posso participar também?”** Basen perguntou. Ele fingiu indiferença, mas não pôde deixar de ficar interessado; ele estava, à sua maneira, diretamente envolvido no assunto. **“Gostaria de estar presente como terceiro”**, explicou.

**“Bem...”,** o marido começou, mas não disse mais do que isso. Muito provavelmente, ele estava perfeitamente feliz por ter Basen junto, mas suspeitava que o proprietário iria se opor.

**“Vou simplesmente ficar atrás e ficar longe das coisas. Só falarei se a outra parte for muito agressiva”**, disse Basen. Então o marido assentiu, ainda relutante.

**“E eu estarei lá, é claro”,** disse o charlatão.

*Não que ele vá ajudar*, pensou Maomao. Ela se perguntou, porém, se ela mesma poderia estar presente. Ela agarrou a outra Maomao dos joelhos do charlatão no momento em que a gata estava fazendo um novo arranhão.

O marido de tia Quack era o chefe da aldeia, e a casa da família tinha espaço suficiente para receber alguns visitantes durante a noite. O grupo de Maomao planejava ficar em uma pousada à beira da estrada, mas acabou ficando exatamente onde estava. Maomao recebeu um único quarto pequeno, enquanto o charlatão foi colocado no quarto principal, com Jinshi e Basen em um grande quarto de hóspedes. Os guarda-costas que estavam com eles foram alojados em um anexo. Havia camas e colchões mais do que

suficientes; diaristas seriam contratados no vencimento dos impostos e havia muitos móveis à mão.

Tia Quack se ofereceu para preparar o banho para eles - afinal, eles eram convidados - mas Basen recusou, dizendo que eles já haviam causado problemas mais do que suficientes para ela. Francamente, Maomao gostaria de se lavar, mas não podia contradizer Basen, que devia estar agindo sob instruções discretas de Jinshi.

Em vez disso, Maomao pediu que levassem um balde para seu quarto e ela se enxugou com uma toalha de mão. Ela apenas tirou o suor - a água estava fria demais para querer fazer muito mais - mas decidiu lavar o cabelo, que estava começando a ficar oleoso. Para isso, ela colocou água quente no balde, mas apenas um copo. Ela soltou o cabelo e, quando estava bom e molhado, colocou um pouco de sabonete. Ela esfregou o couro cabeludo suavemente, metodicamente, removendo a sujeira.

Ela enxaguou a espuma e enrolou o cabelo encharcado em uma toalha para secar. Seus pés estavam frios, então ela os mergulhou na água, que ainda estava quente. Enquanto ela enxugava assiduamente o cabelo, alguém bateu em sua porta.

**“Entre”,** ela disse, mas não houve resposta do lado de fora. Intrigada, ela abriu uma fresta da porta e olhou para fora. Ela foi saudada pela visão de um homem perturbador com uma queimadura parado ali.

Ela não disse nada, apenas abriu a porta, e o homem perturbador - isto é, Jinshi - entrou. A janela do quarto dela estava fechada - afinal, ela estava se lavando - e o quarto ao lado pertencia a Jinshi e Basen. A próxima sala ficava a alguma distância.

"**Você pode falar. Acho que ninguém vai nos ouvir”**, disse ela.

"**Eu interrompi você se lavando?",** ele perguntou. Sua voz tinha sua característica celestial. Evidentemente ele não havia decidido tentar alterá-la desta vez, o que explicaria por que ele permaneceu em silêncio.

**“Só meu cabelo. Sinto muito por não estar mais apresentável”,** disse Maomao, continuando a acariciar sua cabeça enquanto movia o balde para um canto da sala. Era um espaço apertado e a cama era praticamente o único lugar para sentar, então Maomao permaneceu de pé, olhando para Jinshi.

**“Você deveria se sentar”**, disse ele.

**“Meu cabelo ainda está molhado”,** ela respondeu, lançando-lhe um olhar que ela esperava que significasse: Por que você está aqui, afinal?

Jinshi, tocando a queimadura em sua bochecha, mostrou-lhe um pacote embrulhado em pano. **“Eu gostaria de me livrar dessa coisa por um tempo. Você acha que poderia replicar a maquiagem?”**

O pacote continha corante vermelho, cola e pó branco. A cola usava arroz cuidadosamente amassado e era pegajosa. Ao inspecionar, ela percebeu que a cicatriz de

Jinshi estava começando a diminuir; transpirava mesmo quando estava frio e, quando se deitava para dormir, o suor começava a passar.

**"Provavelmente. Acho que posso fazer isso",** disse ela. Ela poderia usar cola tingida para franzir a pele e depois colocar uma camada de pó branco sobre ela para obter mais ou menos o efeito certo. Adicionar algumas sombras para fazer seu rosto parecer pálido completaria a ilusão.

**"Se você quiser, então. Remova-a por enquanto."** Ele mergulhou um lenço no balde.

*Oh...*

**"O que é?"**

**"Deixe-me preparar água fresca."**

**"Não, isso seria muito problemático. Isso está bom."**

Maomao não disse mais nada, mas olhou para o balde. Não parecia muito imundo, mas...

**"Há algum problema?",** Jinshi perguntou.

**"Não, senhor, nada."**

Ela mergulhou os pés no balde depois de lavar o cabelo, mas podia guardar isso para si. Jinshi não parecia incomodada com a água usada, então ela decidiu que não havia necessidade de se preocupar em conseguir mais.

Ela pegou o lenço úmido e esfregou o rosto dele. Era um lenço novo e bonito de algodão, mas rapidamente ficou sujo de tinta e cola. Foi um desperdício, Maomao sentiu; era improvável que o pano ficasse limpo da cor vermelha, mesmo com uma lavagem cuidadosa. Ela desejou que ele tivesse um pano menos imaculado à mão para usar nisso.

Jinshi fechou os olhos e deixou-a trabalhar, aparentemente gostando da sensação do pano quente e úmido. Ele parecia tão desprotegido que ela temeu que ele pudesse ter a cabeça decepada, o assassino rindo o tempo todo.

O pé de atleta não pode se espalhar para o rosto, pode?

Não que Maomao tivesse pé de atleta, para ficar claro.

A cola se dissolveu, revelando a pele nua de Jinshi, que era lisa e saudável — embora tivesse outro ferimento, um verdadeiro, que ainda era visível, cortando-o. Ainda havia alguma vermelhidão ao redor da cicatriz; provavelmente desapareceria com o tempo, até certo ponto. Mas isso nunca desapareceria completamente; estaria com ele pelo resto da vida.

**"Mestre Jinshi?"**

**"Sim?"**

**“Por que estamos parando na casa do médico, mestre?”**

E com Maomao a reboque, nada menos.

**“Está a caminho do nosso destino. Achei que seria melhor darmos uma olhada, já que estaríamos de passagem de qualquer maneira.”**

**“No caminho para o nosso destino?”** Para ela, isso significava: ir para casa levaria ainda mais tempo do que sair. *Para onde estamos indo no mundo?*

**“Honestamente, é um momento conveniente. Isso me dá a oportunidade de ver em primeira mão a reação ao aumento dos impostos.”**

**“Isso é verdade.”**

Todos os anos, quando os impostos eram recolhidos, a quantidade da colheita era considerada em comparação com a população local, e o rácio era verificado para garantir que ninguém enfrentava um fardo indevido. Mas, em última análise, eram apenas números; eles só podiam ser confiáveis até agora.

**“Além disso, há algo estranho acontecendo por aqui.”**

**"O que é, senhor?"**

**“Receio não saber bem. Só sei que seu primo trouxe aquele ábaco dele e ele acha que algo está errado.”**

A fixação de Lahan pelos números era lendária. Ele era um excêntrico de carteirinha que trabalhava dia e noite em busca de números cada vez mais bonitos, mesmo que não conseguisse torná-los perfeitos. Se ele tivesse levado o assunto a Jinshi, era quase certo que algo estava acontecendo.

**“Ele afirma que há uma aberração na quantidade de arroz que enviaram nos últimos anos.”** O excêntrico Lahan poderia ser, mas não era provável que se enganasse num ponto como esse. **“Foi isso que me trouxe aqui, mas veja o que mais encontramos. Não podemos substituir produtores profissionais de papel por um bando de amadores que não sabem nada, no momento em que tentamos aumentar a produção.”**

Portanto, isso foi mais do que apenas uma diversão turística; ele estava fazendo um trabalho de verdade. Agora ela se sentia especialmente mal quando ele lavou o rosto com a água dos pés dela.

Jinshi devia estar ficando com sono, pois gradualmente caiu na cama até se deitar. Pensando em quantos problemas ele poderia causar, Maomao sentou-se na cama e começou a acariciar suavemente seus cabelos. Ele não estava usando perfume, mas um leve perfume floral ainda emanava dele. Afinal, até que ponto ele se parecia com uma daquelas donzelas celestiais?

**“Devo refazer sua queimadura agora? Ou você prefere esperar até de manhã?”**

**"Agora por favor."** Sua voz sonolenta era mais atraente que o normal. Refletindo que ela poderia causar um verdadeiro desastre se o expulsasse do quarto agora mesmo, Maomao mexeu a cola e a tinta com o dedo. Ela adicionou um pouco de água para dar a consistência certa e começou a espalhar ao redor da cicatriz.

*Eu me pergunto quem pensou nisso.* Parecia muito convincente. Podia não resistir se a molhar, mas estávamos na estação seca, quando chovia muito raramente.

**“O Mestre Basen não poderia fazer isso?”**

**“Ele não tem talento.”**

**“Então foi por isso que você me trouxe junto?”**

**“Não é a única razão.”**

Jinshi parecia gostar de contato físico. Ele fechou os olhos como uma criança enquanto ela espalhava a cola com as pontas dos dedos.

**“Não adormeça”**, ela o avisou. **“Vou chamar o Mestre Basen primeiro.”**

**“Quão útil você acha que ele seria se você fizesse isso?”**

*Não muito, admito.* Ao contrário de seu pai Gaoshun, Basen ainda não tinha jeito. Francamente, ela sentia que faltava uma certa força como assistente de Jinshi.

**“Por que ele é seu assistente, afinal?”**, ela perguntou antes que pudesse se conter. Parte do problema era que ela não via Gaoshun há um bom tempo e sentia falta do efeito restaurador que ele tinha sobre ela. Ela sentia falta da veia travessa ocasional do homem de meia-idade.

Jinshi abriu lentamente os olhos um pouco mais; as pupilas escuras mostraram uma sombra de surpresa. **"Hum. Eu sei o que ele pode parecer, mas ele é... bem, perfeitamente competente quando é importante.”**

**“Se me perdoa dizer isso, senhor, você não parece muito convencido.”**

Talvez Jinshi tenha sido um pouco mole com Basen; afinal, eles eram irmãos de leite. Por outro lado, se Basen se sentia genuinamente confortável perto de Jinshi, isso era uma espécie de talento em si.

Maomao terminou a maquiagem para queimaduras e estava prestes a lavar a mão pegajosa quando teve uma ideia. Com a mão limpa, ela pegou a bagagem e tirou a folha de bronze que usava como espelho. Então ela tentou pintar a coisa ao redor da boca. Ela sorriu, parecendo um monstro.

**“Isso é positivamente horrível”**, Jinshi riu. Maomao, imaginando que poderia simplesmente lavar a gosma novamente, foi tomada pelo desejo de pintá-la também ao redor dos olhos e das bochechas. Agora um rosto verdadeiramente perturbador flutuava na placa de bronze, quase como um cadáver.

Jinshi, completamente absorvido pelo espetáculo, tentava desesperadamente não rir. Ela se sentiu mal por ele – ele estava praticamente com dor – mas se inclinou para terminar o trabalho.

Só então, houve uma batida na porta e Basen gritou: **“Estou entrando”.** A porta se abriu antes que pudessem detê-lo. Seus olhos arregalados foram recebidos pela visão de Jinshi, aparentemente dobrada de dor, e Maomao inclinada em sua direção, com o rosto e a mão cobertos por algo vermelho.

Ele não disse nada.

Eles não disseram nada.

Pouco depois, Basen não conseguiu dizer nada. Quando estava prestes a gritar por alguém, Maomao enfiou o lenço na boca aberta, enquanto Jinshi o imobilizava. Foi a coisa mais coordenada que fizeram desde o dia em que se conheceram.

No dia seguinte, Maomao estava presente na discussão com os outros. Eles estavam num restaurante na aldeia onde morava o proprietário, não muito longe da aldeia dos fabricantes de papel. Provavelmente não demoraria uma hora para caminhar entre as duas.

Mesmo assim, o restaurante sombrio era bastante grande. O lugar também serviu de pousada; provavelmente normalmente atendia aos viajantes na rodovia, não aos moradores locais. Na verdade, talvez Maomao tivesse ficado aqui ontem à noite se eles não tivessem se hospedado na casa do charlatão.

Estavam presentes o cunhado do charlatão e seus dois filhos, além de três homens de meia-idade da aldeia. Adicione Maomao, Basen e Jinshi e você terá uma festa de dez no total. Maomao tinha dúvidas sobre se Basen poderia proteger Jinshi adequadamente se as coisas ficassem feias, mas, novamente, Jinshi parecia bastante capaz de se proteger. Provavelmente ficaria tudo bem.

Na frente deles havia nada menos que quinze caras bem constituídos, um dos quais era um homem de meia-idade sentado imperiosamente no meio do grupo, acariciando os pelos faciais.

O velho e a velha que dirigiam o estabelecimento observavam-nos com indisfarçável aborrecimento. Eles provavelmente escolheram o lugar sabendo que as coisas poderiam ficar violentas, e foi uma escolha que não poderia ter agradado aos proprietários.

O charlatão estava visivelmente tremendo. Além da esposa do dono do restaurante, Maomao era a única mulher por perto e parecia preocupada com isso. Ninguém mais, porém, parecia ter qualquer interesse na garota magricela que havia entre eles; na

verdade, alguns deles pareciam estar rindo entre si e se perguntando por que ela estava ali.

Na verdade, não foi fácil para Maomao vir. Tia Quack tentou impedi-la, ressaltando que, embora ela pudesse não parecer grande coisa, ela ainda era uma jovem solteira, e seria terrível se algum destino terrível a aguardasse naquele restaurante. Mais do que tudo, porém, ela disse que Maomao simplesmente não pertencia a esta reunião.

Seja como for, Maomao fez com que o charlatão olhasse para ela com pena; e além disso, ela estava curiosa sobre esse suposto contrato. **"Tenho alguns conhecidos que conhecem esse tipo de coisa"**, finalizou ela. **"Eu não poderia contar a eles o que vi?"** Ela estava, de certa forma, exagerando a verdade, mas teria que servir.

Ao colocar as coisas dessa maneira, a Tia, aparentemente imaginando que Maomao conhecia algum tipo de funcionário jurídico, concordou com relutância. Maomao estava na verdade se referindo a Jinshi e Basen, que por acaso já estavam com eles, mas não havia razão para mencionar isso.

E então Maomao se viu sentada em uma cadeira a uma curta distância do grupo principal. A mulher do estabelecimento trouxe chá para ela, mas o lugar cheirava a álcool - talvez aqui também houvesse uma taberna - e Maomao mal conseguiu evitar pedir um pouco. Jinshi e Basen estavam sentados à mesa com ela.

**"Era realmente necessário que você estivesse aqui?"** Basen perguntou, retomando o assunto do que já havia sido uma discussão bastante prolongada entre a Tia e o charlatão. Se ele se opusesse, deveria ter dito isso então.

**"O médico mestre solicitou minha presença; teria sido desumano da minha parte abandoná-lo."**

**"Ouça você falar..."** Basen parecia querer insistir no assunto, mas o charlatão estava olhando furtivamente para Maomao desde que chegaram aqui, então ele abandonou o assunto. Em vez disso, ele olhou em volta e comentou: **"Devo dizer que há muito álcool aqui para um lugar desse tamanho".**

As prateleiras estavam repletas de vinhos, mas a oferta principal parecia ser um vinho não refinado ou "turvo" que era guardado num grande barril na cozinha; um álcool turvo e esbranquiçado. Na capital, as bebidas espirituosas "claras" ou destiladas eram a bebida preferida; essa coisa parecia o clássico "vinho do campo". Presumivelmente, os viajantes recebiam o produto das prateleiras, enquanto os moradores locais eram servidos no barril.

Enquanto Maomao se distraía com as bebidas, as discussões começaram.

**"Você trouxe o dinheiro?"**, perguntou, naturalmente, o imperioso homem de meia-idade, parecendo um vilão de terceira categoria numa peça de teatro. Maomao não tinha certeza se os homens de aparência rude ao seu redor eram arrendatários ou contratados. O cunhado e seus filhos e amigos eram bem constituídos, mas claramente

em menor número. Ela olhou em volta, pensando para onde correria se as coisas ficassem violentas.

**“Ainda deveria haver tempo. Você não pode reconsiderar?”,** o cunhado do charlatão perguntou humildemente. Entre ele e o proprietário havia um pedaço de papel, provavelmente o contrato.

**“O que há para pensar? Não estou lhe emprestando aquela terra apenas pela bondade do meu coração, você sabe. Se você não pode pagar, então quero você fora.”** Ele não estava dando trégua. Parecia que esta não era a primeira vez que eles tiveram essa conversa. O homem continuou: **“Olha, gosto de pensar que estamos sendo flexíveis. Nós nos oferecemos para esperar até o próximo ano. Nós apenas pedimos que você nos ensinasse uma coisa ou duas enquanto isso.”**

*Ridículo*, pensou Maomao. Assim, os artesãos poderiam partir imediatamente ou no próximo ano – e se decidissem esperar, isso significaria apenas dar aos outros aldeões tempo para aprenderem as técnicas de fabricação de papel. Obviamente, eles não tinham para onde ir agora, mas se esperassem, seriam forçados a revelar seus segredos comerciais. Os agricultores provavelmente também esperavam assumir a comissão imperial, integrando-se perfeitamente na vida anterior dos artesãos. Foi o suficiente para deixar uma pessoa com raiva – mas normalmente não teria passado despercebido. A prova estava ali em cima da mesa.

Algo estava estranho, no entanto. Por que obrigar os papeleiros a ensinar um bando de agricultores a fazer papel e depois forçar os artesãos a sair? Por que não usar a dívida como alavanca para forçá-los a trabalhar para a aldeia agrícola? Eles realmente odiavam tanto os estrangeiros? Maomao observou o homem de meia-idade, que olhava com desdém para as pessoas da aldeia fabricante de papel. Os filhos, em particular, pareciam ser os objetos de seu olhar irado.

Maomao trotou e ficou atrás do marido. O charlatão estava ao lado deles, com o bigode tremendo.

**"O que você pensa que está fazendo?"** Basen sibilou, mas Maomao o ignorou completamente.

O contrato havia sido redigido há mais de dez anos, mas o papel ainda estava em excelente estado. Se fosse de qualidade inferior, teria ficado irregular com o passar do tempo. O contrato de fato estipulava pagamentos mensais em um valor específico ao longo de vinte anos, e no final dele aparecia o huaya (assinatura) dos indivíduos envolvidos – as chamadas “marcas de flores” que serviam no lugar das assinaturas, mostrando que o documento era válido e adequado.
Com tudo tão obviamente em ordem, Maomao não conseguia entender por que o proprietário os pressionava dessa maneira.

O filho mais novo – um homem perspicaz e atencioso – contou-lhe tudo discretamente. **“Ele afirma que o contrato é inválido”**, disse ele – embora tenha sido escrito por um escriba e tudo mais.

**“Mesmo que tenha marcas de flores?”**

**"Sim. São marcas reais, mas... Bem, o último senhorio não sabia ler.”**

**“Ele era analfabeto?”,** Maomao perguntou. Isso não era incomum, mas era intrigante. Os proprietários muitas vezes precisavam revisar papéis como esse e geralmente eram treinados para a tarefa.

**“Ele era genro.”**

*Ah.*

Agora fazia sentido. Se ele tivesse sido adotado pela família para assumir o controle, todas as peças se encaixariam. Provavelmente era filho de um industrioso arrendatário – não teria tido tempo para estudar e suas horas só teriam se tornado mais preciosas depois que se casasse, mesmo que lhe tivesse ocorrido tentar aprender.

**“Ele nunca costumava ir a um escriba; sua esposa cuidava dessas coisas para ele.”** Mas este contrato, evidentemente, foi celebrado após a morte da esposa.

*Hum.* Maomao queria acreditar que se tratava de fato de um contrato real. O filho mais novo alegou que as marcas das flores eram legítimas, o que implicava que o contrato tinha sido celebrado na presença do anterior proprietário.

**“O escriba ainda está por aí? Ou a testemunha?”**

**“Ambos passaram, infelizmente.”** O contrato foi assinado há quinze anos, e até então nenhum deles era jovem.

*Isso só piora*, pensou Maomao. Enquanto ela se atualizava, o proprietário continuava pressionando a escolha impossível ao cunhado do charlatão. Os outros agricultores sorriam maldosamente e os artesãos pareciam encolher. O filho mais velho do cunhado, porém, mordia o lábio, com uma expressão conflituosa no rosto.

**“Se você acha que não pode fazer imediatamente, acho que só resta uma escolha. Enviaremos alguns jovens amanhã. Eles podem ajudá-lo e você pode ensiná-los o trabalho. É melhor você ensiná-los. No próximo ano.”**

Os punhos dos artesãos tremiam. O charlatão apareceu, mas nunca ajudaria em nada; ele era tão impotente quanto o resto deles. Apenas Maomao olhou em volta, substancialmente menos preocupada que os outros. Ela realmente estava curiosa sobre aquele vinho. Ela teria que pedir alguns mais tarde, mas até ela sabia que não deveria fazer isso agora, no meio de tudo isso.

Os fabricantes de papel pareciam estar em um funeral. O proprietário, porém, obviamente festivo, começou a pedir bebidas. **“Uma rodada para mim e para todos os meus meninos”**, disse ele, e sua generosidade provocou aplausos dos agricultores. A dona do estabelecimento trouxe, a contragosto, bandejas cheias de taças de vinho para os bebedores.

Maomao fungou. *Huh*? Ela olhou para o vinho que os agricultores estavam bebendo. Não era uma coisa turva – era algo claro. O próprio proprietário estava bebendo outra coisa, um líquido de cor âmbar que obviamente era algum tipo de álcool destilado. A coisa veio de uma das prateleiras. Evidentemente ele conseguia aguentar a bebida.

O senhorio, ela podia entender; é claro que ele beberia o que fosse seu favorito. Mas pedir bebidas destiladas, mesmo para os arrendatários, era extremamente generoso. E isso quando havia mais do que suficiente do vinho turvo, apenas um pouco menos distinto, aqui mesmo.

Maomao pensou por um momento, então - embora se sentisse mal pela mulher que carregava as bebidas, obviamente irritada - levantou a mão e chamou a patroa.

**"O que é?"**

**“Eu também gostaria de uma xícara, por favor. Do vinho.”**

A mulher quase encolheu os ombros e lhe deu uma bebida.

**“Mocinha, entre todas as vezes...”** O charlatão parecia francamente exasperado com ela, assim como seu cunhado. Assim como, nem é preciso dizer, Basen parecia - mas Jinshi fez sinal para que ela pedisse mais.

*Ah. Então ele percebeu*? Maomao pediu xícaras para Jinshi e Basen. Então ela esvaziou a bebida. Tinha sabor adocicado e bom corpo. Não era tão refinado quanto os disponíveis na capital, mas não era ruim. Apesar de toda a suavidade do sabor, porém, ele tinha um toque alcoólico distinto.

Se tivesse um gosto ruim, isso seria explicação suficiente. Mas em vez disso... Maomao lambeu os lábios. Então eles tinham um restaurante que era forçado a acomodar clientes indisciplinados e um barril inteiro de vinho turvo. No entanto, não foi isso que serviram aos proprietários indisciplinados e aos agricultores. *Huh. Então essa é a história*, pensou Maomao. Ela se virou para o cunhado do charlatão, que ainda parecia exasperado. **“Perdoe-me, mas há uma destilaria por aqui?”**

**“Não, nada disso, até onde eu sei...”**

**“Eu imaginei isso.”** Os lábios de Maomao se curvaram em um sorriso malicioso, e ela se levantou, com a xícara na mão, diante do proprietário tagarela e alegre e seus amigos. Maomao colocou a xícara sobre a mesa com um toque sonoro e deu-lhes um sorriso que mais parecia um animal selvagem.

**“O que você quer, garotinha? Vai nos servir uma bebida?”** O proprietário deu-lhe um sorriso zombeteiro e depois caiu na gargalhada.

**“Jo-jovem!”** O charlatão praticamente se agarrou a ela, tentando entender o que ela estava fazendo. Basen quase se levantou, mas com um puxão discreto de Jinshi na manga, ele se sentou novamente.

Maomao riu e disse ao proprietário: **“Que tal um concurso de bebidas, meu bom senhor?”** Ela bateu no peito demonstrativamente.

**“Um concurso de bebida! Haha! Você tem coragem, admito!”**, disse o proprietário, divertido com a jovem atrevida que apareceu diante dele. Todos os agricultores riram ruidosamente, os fabricantes de papel pareciam desanimados e o médico charlatão estava praticamente fora de si. Apenas Jinshi e Basen, ambos acostumados com o comportamento típico de Maomao, pareciam impassíveis.

**“Você não pode estar falando sério!”**, disse o cunhado do charlatão. Ele e seus filhos pareciam profundamente preocupados.

**"Vai ficar tudo bem. Mas eu tenho uma pergunta: quanto resta da sua dívida?”**

Depois de um segundo, o homem respondeu: **“São mil moedas de prata por ano, e já pagamos metade do valor deste ano, então seriam 4.500”.**

*Hum.* Na verdade, essa não era uma quantia que qualquer pessoa estaria disposta a emprestar. Com ou sem comissão imperial, a aldeia não era adequada para produção em grande escala e não estaria exatamente arrecadando dinheiro.

Tudo o que ela disse, entretanto, foi **“Entendo”.** Ela sentou-se assertivamente em frente ao proprietário. **“Já que estamos fazendo isso, que tal uma aposta?”**

**"Uma aposta *Attagirl**¹!”** Agora o proprietário, obviamente confiante em suas habilidades para beber, estava simplesmente zombando dela. **“Então, você tem alguma coisa para apostar?”**

**“Sim, você já viu.”** Maomao deu um tapa no peito novamente. **“Se você me vender para um procurador, trarei pelo menos trezentas pratas.”**

Vários agricultores cuspiram suas bebidas, enquanto os artesãos ficaram sem palavras. Houve um barulho que acabou sendo Jinshi pulando da cadeira. Maomao, porém, simplesmente assentiu como se quisesse indicar sua calma confiança.

**“Hahahahaha! Trezentas! Esse é um grande número para uma menina tão pequena. Você tem ideia de como funciona o mercado, garota?”**

Bem, sim; foi por isso que ela disse isso. Ela sentiu que tinha visto seu quinhão de jovens sendo vendidas.

**“A joia mais perfeita do mundo não é vendida por mais de cem, e você acha que...”** O proprietário estava rindo tanto que saliva voou de sua boca; ele estava se divertindo ao máximo agora. Seus amigos, da mesma forma, eram bons e bêbados – perfeitos.

Maomao olhou para eles e depois riu. **“Pff!”** Ela se certificou de que eles soubessem que era um som zombeteiro. Os homens bêbados perceberam, como ela esperava, e boa parte deles começou a encará-la.

**“Você só pensa nisso porque um daikon (rabanete) recém-saído da terra nunca custará mais do que cinquenta pratas”,** declarou Maomao. **“E pensar que você nem percebe isso!”**

Ela sentiu seu corpo estremecer quando alguém a agarrou pelo colarinho, puxando-a para cima até que ela ficasse na ponta dos pés. Ah: sua comparação pouco lisonjeira entre garotas do campo e tubérculos não passou despercebida. Jinshi estava prestes a fazer um movimento, mas ela lançou-lhe um olhar com o canto do olho. Se ele se envolvesse agora, isso só tornaria as coisas mais complicadas.

**"Basta você dizer isso de novo!",** uivou um fazendeiro – chame-o de Fazendeiro nº 1 – com o rosto vermelho e vindo em sua direção com os punhos erguidos. Suas mãos cerradas estavam enegrecidas pela sujeira dos campos, e ela percebeu que se ele batesse nela não seria agradável.

*Mas talvez eu tenha que conviver com isso*, ela pensou. Ela chegou até aqui; ela não podia recuar agora.

O charlatão desmaiou, enquanto seus companheiros da aldeia assistiam com olhares de horror.

**“Você nem sabe ler nem escrever”**, continuou Maomao. **“Eh! Você nunca usará papel, muito menos fará um trabalho decente em fazê-lo, mesmo que eles tenham te ensinado.”**

O punho foi lançado contra ela, mas nunca a atingiu. Em vez disso, houve um baque de algo atingindo a mesa. Alguém se interpôs entre Maomao e o agricultor lesado. Uma bolsa substancial estava sobre a mesa agora — e Jinshi estava entre os dois.

Ele virou a bolsa e uma verdadeira chuva de prata caiu, tilintando ruidosamente. Todos na sala olhavam para ele com os olhos arregalados e boquiabertos, incluindo Basen, cuja boca abria e fechava inutilmente, horrorizado. O que, ele parecia se perguntar, Jinshi estava fazendo?

**“Trezentas pratas seriam baratas pelo preço para esta garota”,** disse Jinshi. Ele tinha a voz mais baixa do que o normal e usava sua aparência bonita, mas perturbadora, para manter a sala sob controle. Ele quase casualmente afastou a mão do homem que segurava Maomao.

*Não exiba sua prata assim!*, Maomao pensou, mas ela não teve escolha a não ser seguir em frente. Ela ajeitou o colarinho, plantou o pé na cadeira e esticou o peito (tal como estava). **"Você vê? Homens que conhecem valor sabem o que estão olhando quando olham para mim.”**

O fazendeiro que estava prestes a bater nela rosnou e lançou-lhe um olhar sinistro. Maomao e Jinshi deram aos agricultores os seus sorrisos mais irritantes.

**“Não precisamos aturar isso, rapazes! Vamos ensiná-los a ter boas maneiras!”**, exclamou um dos outros agricultores — mas o proprietário ergueu a mão. **“Não se precipitem”**, disse ele, e os outros agricultores estremeceram e recuaram. **“Você colocou dinheiro de verdade na mesa. No que me diz respeito, você fez uma aposta.”**

Então ele estava a bordo. Maomao sorriu – uma expressão que poderia parecer deslocada naquele momento específico – e tirou o pé da cadeira. **"Muito bem. Quem é o primeiro, então?”**

As pessoas da aldeia fabricante de papel olharam para Maomao como se não pudessem acreditar no que estava acontecendo. O homem e a mulher que dirigiam o estabelecimento pareciam, na melhor das hipóteses, ansiosos. O médico charlatão ainda estava caído no chão. Enquanto isso, Jinshi lançava um olhar para Maomao que comunicava que ele estava muito chateado com isso; Basen parecia chateado porque Jinshi estava chateado. A sacola cheia de moedas estava sobre a mesa.

**“Deixe-me ser o primeiro a enfrentá-la!”,** gritou o homem que quase bateu em Maomao.

*Perfeito.*

Garrafas de vinho vazias espalhavam-se pelo chão, juntamente com três homens grandes – o quarto acabava de se juntar a eles.

**“Você só pode estar brincando”,** disse o sobrinho do charlatão, que cuidava do tio incapacitado.

**“Ora, ora já terminou?”** Maomao perguntou, esvaziando o que restava em sua xícara. Era um licor destilado que queimava ao descer. Muito melhor do que qualquer coisa que você normalmente esperaria encontrar em um estabelecimento rústico como este – mas ainda assim pouco mais inebriante do que água para Maomao, que estava acostumado a beber coisas muito mais fortes.

O erro foi deles, pensando que poderiam dispensá-la rapidamente, desafiando-a com as bebidas destiladas altamente alcoólicas. Os próprios homens não estavam acostumados a beber coisas tão potentes, e cada um deles viu-se debaixo da mesa rapidamente. (Eles estavam completamente bêbados, mas ninguém iria morrer.) Maomao não tinha intenção de pegar leve com eles.

**"Trezentos? Não é um mau negócio",** disse Jinshi em seu ouvido. Imaginar que ele poderia tentar "comprá-la" novamente apenas fortaleceu sua decisão de não perder a disputa. Pode valer a pena salientar, para que conste, que um procurador preparado para negociar duramente pode conseguir uma menina da aldeia por apenas vinte pratas. Jinshi realmente tinha um senso de valor distorcido.

De qualquer forma, com Jinshi ao seu lado, ela havia bebido mais que o primeiro fazendeiro. O segundo cometeu o erro de presumir que Maomao já estaria quase bêbada e desafiou-a com uma bebida alcoólica rica - o que o deixou desanimado depois de um único copo. O terceiro e o quarto homens caíram de maneira semelhante. É verdade que ela estava, em princípio, em desvantagem porque enfrentava uma sucessão de adversários; mas, infelizmente para eles, Maomao superou todas as suas expectativas.

*Isso dá quatro*, ela pensou. Trezentos para um, seiscentos para o segundo homem e 1.200 para o terceiro. Com quatro derrotas, sua participação era agora de 2.400 pratas. Os agricultores restantes estavam olhando para ela, com o rosto vermelho. Eles não sabiam ler, mas talvez pudessem fazer um pouco de matemática. Restavam vários deles, mas se Maomao conseguisse derrotar apenas mais um deles, seus problemas acabariam. A dívida dos fabricantes de papel deveria ser de 4.500 pratas.

Ela estava feliz porque as outras pessoas estavam bêbadas. Ela conseguiu que assinassem um contrato simples sem pensar muito sobre isso. Na verdade, quatro contratos. Os agricultores provavelmente pensavam que eram apenas pedaços de papel – ela sabia disso porque até o próprio estimado proprietário estava prestes a usá-los como lixo de papel.

Falando no proprietário, ele rosnava e franzia a testa e, finalmente, sentou-se em frente a ela. **"Quer um fósforo?"** O homem bigodudo sorria, mas seus olhos eram duros.

Maomao deu um tapinha na barriga dela. *Espero poder tomar outro*. Até ela estava começando a sentir os efeitos depois de beber quatro pessoas até a inconsciência. O proprietário parecia saber como segurar a bebida, como convinha a alguém que normalmente bebia bebidas destiladas. Ele sorriu com o evidente desconforto de Maomao e depois olhou para o contrato. **"Se você acha que serei outro peso leve, pense novamente."** Depois rabiscou uma assinatura no contrato e bateu-o na mesa. "**Ei, irmão, você não vai tentar me enganar com meu dinheiro, vai?**", ele disse. Jinshi ficou em silêncio com os braços cruzados.

**"Ninguém vai prejudicar ninguém",** disse Maomao. Então, sentindo que era sua única opção, ela tirou uma pequena garrafa das dobras de seu roupão.

A comitiva do proprietário imediatamente criou uma confusão. "**Ei! O que diabos é isso?**"

**"Estou um pouco cansado do sabor deste vinho. Pensei em refrescar um pouco"**, disse Maomao, e derramou parte do conteúdo da garrafa no líquido âmbar em sua xícara.

O proprietário se inclinou em sua direção. **"Bem, agora, espere. Não vai compartilhar?"**

*Bem, se ele insistiu...* Maomao passou a garrafa ao proprietário, que a olhou criticamente e depois esvaziou o restante do conteúdo em seu próprio copo. "**Deixe-me adivinhar... Uma coisinha para ajudá-la a segurar a bebida?**" Ele sorriu para ela.

Maomao, sem expressão, levou a xícara aos lábios e bebeu. O proprietário observou-a esvaziá-la e então, quando viu que ela não estava afetada, sorriu novamente e bebeu sua própria xícara até secar.

*Glug, Glug, Glug...*

O senhorio caiu. Um dos agricultores correu até ele e ajudou-o a sentar-se, mas o homem de meia-idade estava obviamente numa espécie de estupor.

"**Ei, você! O que você fez com ele?"**

**"Eu não fiz nada. Coloquei a mesma coisa na minha bebida; todos vocês me viram."** O senhorio acabou caído de costas por uma razão, e apenas uma razão: estava completamente bêbado. **"Acredito que isso significa que ganhei a aposta."**

Houve um silêncio coletivo, durante o qual Maomao levantou-se e pegou nos contratos que os seus oponentes que bebiam tinham assinado. Ela foi até o cunhado do charlatão sem sequer tropeçar e entregou-os a ele. Por fim, ela recorreu à proprietária do estabelecimento. "**Com licença. Onde fica o banheiro?**"

**"Lá fora e à direita."**

**"Obrigada gentilmente."**

Maomao saiu do restaurante num trote rápido. Ela esvaziou várias garrafas de vinho; quem poderia culpá-la se ela precisasse usar as instalações? E mesmo ela não era tão desavergonhada a ponto de fazer suas necessidades na frente de uma multidão.

"**Diga, uh, o que você fez lá trás?",** o cunhado do charlatão, ainda segurando o maço de contratos, perguntou com um olhar perplexo.

"**Praticamente nada. Como eu disse, queria um sabor fresco, então adicionei um pouco de álcool."**

Maomao geralmente mantinha consigo algumas ervas e outros suprimentos médicos – incluindo álcool para fins de higienização. Sendo destinado à higienização, era muito mais concentrado do que o vinho comum; a maioria das pessoas descia depois de apenas um gole, e o proprietário despejou-o em sua bebida alegremente.

**"Posso te perguntar uma coisa?",** o homem disse depois de um momento.

"**Sim?**"

**"Você coloca a mesma coisa na sua própria bebida, certo?"** Ele franziu a testa ligeiramente.

"**Sim. Era uma quantia que eu sabia que poderia suportar. Eu só esperava que as coisas acabassem rapidamente.**" Maomao suspeitava que se ela fizesse algo que parecesse um pouco suspeito ou incomum, seus oponentes seriam atraídos por isso. Ela estava feliz por ter funcionado. Ela poderia ter bebido mais que o proprietário da maneira tradicional... mas não tinha certeza se conseguiria aguentar tanto tempo.

**"Estou feliz por ter chegado ao banheiro a tempo"**, disse ela.

**"Er... Sim, isso é importante. Ouça, eu sei que você estava se sentindo confiante, mas questiono você arriscando sua própria liberdade – e por nós, nada menos."**

**"Sinto muito, acho que houve algum tipo de mal-entendido."** Maomao pegou os contratos dobrados do homem. **"Essa é a minha opinião. Ah, mas eu tenho que devolver o capital original."** Ela sorriu.

O cunhado não conseguia falar, mas o charlatão, que finalmente começou a se recuperar, exclamou: **"A-Agora, só um segundo, mocinha! Você está falando sobre nossos meios de subsistência!"**

**"É como pode ser, mas não tenho nenhuma obrigação real nisso, tenho? E de qualquer forma, você não me deixou terminar de falar."** Ela olhou para onde o proprietário estava se levantando do chão com a ajuda de um de seus lacaios, segurando a cabeça e balançando instável. Pelo vômito no chão, ela deduziu que eles forçaram a saída do álcool para ajudá-lo a recuperar a consciência. **"Você não acha que teria sido melhor deixá-lo dormir um pouco mais?"**, ela perguntou.

**"Essa aposta não conta!"**, ele chorou. Ah. Ela esperava por isso. **"Era apenas uma forma de se divertir um pouco bebendo. Nunca levei isso a sério."**

**"E ainda assim tenho contratos aqui. Assinado, com testemunhas. Você não vai me dizer que também não conseguiu ler isso?"**

**"Quem se importa com um contrato? Isso é inválido, eu digo!"**

Maomao cruzou os braços e se posicionou em frente ao barril de vinho do restaurante. **"Vejo que não temos escolha."** Ela deu um tapinha no cano e sorriu para Jinshi e Basen. **"Teremos apenas que dizer ao governo que você está sonegando seus impostos."**

Maomao poderia ter ouvido um alfinete cair no restaurante. O proprietário olhou para ela com a boca aberta, e os agricultores – aqueles que ainda estavam de pé – balançaram com o choque. Os donos do restaurante pareciam simultaneamente ansiosos e aliviados. Quanto aos fabricantes de papel, olharam um para o outro e depois para Maomao. O charlatão simplesmente inclinou a cabeça, confuso.

Essa era a fonte dos números incompatíveis que tanto preocupavam Jinshi.

**"Sonega seus impostos? O que isto quer dizer?"**, o rebelde filho mais velho finalmente conseguiu falar.

**“Fazer vinho requer permissão do governo. Fazer isso para consumo pessoal pode ser uma coisa, mas servir com fins lucrativos em um restaurante? Certamente isso deveria estar sujeito a tributação.”** Qualquer empresa tinha que pagar impostos, e a alíquota era sempre mais alta em confortos e itens de luxo. Um bar era tributado mais caro do que um restaurante (e a taxa disparava se você administrasse um bordel, já que a vovó nunca se cansava de reclamar).

Maomao se perguntou por que este restaurante estava disposto a sediar a discussão com o proprietário. Ela pensou que talvez fosse porque eles eram inquilinos dele, mas foi a grande quantidade de vinho que chamou sua atenção. Não seria uma bênção para um restaurante se pudesse estocar uma grande quantidade de bebidas alcoólicas excelentes com desconto? Era o tipo de oferta que não se podia ignorar, mesmo que trouxesse consigo alguns problemas.

Maomao suspeitava que era por isso que o proprietário não tinha pedido aquele vinho turvo quando queria uma bebida. Provavelmente eram os agricultores que produziam o vinho – por que ele se esforçaria para pedir algo que já haviam bebido?

**“E talvez os ingredientes também estejam fora dos registros?”**, ela disse. Para fazer vinho era necessário arroz, cevada ou algo semelhante – neste caso, parecia ser arroz. Isso lembrou-lhe a alegada queixa do proprietário: **“Estão ao poluir a água e a reduzir a quantidade da colheita de arroz. Não há água suficiente para cultivar o arroz”**, disse ela, repetindo a afirmação. **“Mas isso não é verdade, é? Na verdade, a colheita de arroz está melhor do que nunca.”**

Se os campos usados para cultivar o arroz fossem nutridos pela terra e pela serapilheira que vem com a água rio acima, isso ajudaria a evitar que o solo se esgotasse. Não era como se os fabricantes de papel estivessem colocando algo tóxico ou prejudicial à saúde na água; tudo o que iria acabar rio abaixo era o farelo de arroz que usavam na cola e talvez as aparas de madeira que serviam de base para o papel. Excelentes fertilizantes, na opinião de Maomao. Ela até pensou que esta poderia ser a razão pela qual o proprietário anterior estava disposto a considerar a venda imediata da terra aos aldeões.

Os agricultores podem não ter entendido exatamente porque é que a sua colheita de arroz de repente foi tão boa, mas sabiam claramente que era — e alguém decidiu manter os aldeões por perto. Depois, a dada altura, decidiram esconder o rendimento extra e transformá-lo em vinho. Isso seria dupla evasão fiscal, um assunto bastante sério.

Dizer tudo isto em voz alta teria sido contra os ensinamentos do seu pai, por isso ela guardou o assunto para si – mas as expressões nos rostos do proprietário e dos outros agricultores deixaram bem claro que ela tinha a ideia certa.

**“V-você tem alguma prova?”**, exigiu um dos agricultores.

"**Sim, está certo! Você pode provar isso?”**, outro disse.

Provar isso? Talvez não. Mas Jinshi estava bem ali, então ela tinha testemunhas.

**“Não se preocupe”**, disse Maomao. **“Se você é inocente, então provavelmente não se importaria se um oficial revistasse suas casas?”** Ela fez questão de sorrir ao dizer isso. Os agricultores, que até então tinham sido tão vociferantes nas suas objecções, ficaram em silêncio. *Ahh. Bingo.*

**“Você tem coragem, garota”**, disse o proprietário, segurando a cabeça ainda girando. **“Mas se você acha que pode falar assim e sair impune...”**

Maomao ficou olhando para o proprietário. **“Eu poderia dizer a mesma coisa para você. Dê uma olhada ao redor e considere suas palavras com cuidado.”** Pelo menos um terço de seus parasitas desmaiou com a bebida - aliás, ele também. O resto ainda poderia estar de pé, mas estavam longe de estar sóbrios. Enquanto isso, o grupo de Maomao incluía seis homens robustos que não haviam bebido uma gota. (Ela não estava incluindo o charlatão neste número, é claro; ele nunca ajudaria em uma briga.) Acima de tudo, eles tinham Jinshi e Basen com eles - junto com os guarda-costas que viriam correndo de fora, se alguma coisa ameaçasse qualquer um deles.

Os proprietários do restaurante estavam obviamente tentando se manter fora disso tanto quanto possível. Maomao não queria especificamente resolver as coisas com violência, mas se os agricultores decidissem atacar fisicamente, ela suspeitava que os seus amigos responderiam na mesma moeda.

Ela acenou com os contratos na cara dos agricultores, sorrindo com seu sorriso mais depreciativo. **“Sinta-se à vontade para pedir ajuda. E enquanto você faz isso, vamos enviá-los para o funcionalismo no cavalo mais rápido que tivermos.”** Ela estava tão feliz que estava praticamente cantando as palavras. Acontece que alguém muito mais assustador do que qualquer oficial aleatório estava ali com eles.

**“Mocinha, você parece um pouco... diferente do normal”,** disse o charlatão, mas ela decidiu ignorá-lo. Em vez disso, ela olhou para o proprietário e para os outros agricultores, nenhum dos quais tinha qualquer resposta para ela. Por fim, ela sussurrou no ouvido do proprietário: **“Se você vai jogar, pelo menos esteja pronto para receber o que você dá”.**

Ela praticamente podia ouvi-lo rangendo os dentes. Ela olhou friamente para o proprietário, que ainda estava deitado no chão, e disse: **“Afinal, o que os aldeões fizeram com você?”**

Assim que ela falou, a porta do restaurante se abriu com um estrondo. Ali estava uma jovem com uma túnica bem cuidada. No momento em que viu a cena lá dentro, ela empalideceu e correu até o proprietário derrubado. Justamente quando Maomao pensou que iria parar e cuidar do homem, a jovem caiu de joelhos e baixou a cabeça. **“Tenho certeza de que meu pai está fazendo exigências ultrajantes novamente”**, disse ela. **"Mas por favor! Ele não merece isso!”** Ela curvou-se ainda mais profundamente – não para Maomao, mas para os artesãos do papel.

**“Er... Não fomos nós”,** disse o filho mais novo, balançando a cabeça, mas a jovem não se mexeu. Ela ficou com a testa apoiada no chão, ignorando o fato de que seu cabelo estava bagunçado.

**"Eu sinto muito. Por favor, perdoe-o. Por favor, perdoe meu pai estúpido e teimoso."** Era como se ela não ouvisse o que os outros estavam dizendo.

Foi então que o filho mais velho agiu. **"Não maltratamos ninguém. Com certeza não é o seu velho."** Ele pegou a jovem pelos ombros, acalmando-a e instando-a a levantar a cabeça. As lágrimas ainda escorriam de seus olhos, mas ela olhou para ele e assentiu.

O proprietário reagiu com escândalo. "**Você! Seu sem nome, ninguém do nada! Fique longe da minha filha!"** Ele tentou se levantar, mas seus pés ainda estavam instáveis e ele caiu de volta no chão.

**"Pai!"**

**"Sogro!"**

**"Eu não sou seu maldito sogro e nunca serei!"**

*Bem, bem, bem.* Maomao ficou sóbria na hora. O Sobrinho Quack nº 2 estava olhando para o irmão com certa exasperação.

**"Não me diga..."**, disse Maomao.

**"Neste ponto, duvido que seja necessário",** respondeu ele.

De repente, ficou óbvio por que o filho mais velho estava do lado dos agricultores e por que o proprietário odiava os forasteiros e estava tão ansioso para se livrar deles. Por mais que Maomao estivesse feliz por ter o mistério resolvido, ela não conseguia deixar de pensar que poderia ter ficado igualmente feliz sem saber. Era como assistir a uma comédia ruim se desenrolar diante de seus olhos. Dificilmente merece ser descrito.

**"Meu irmão é muito... sério."**

**"Será muito bom para ele se destruir toda a sua aldeia com a sua devoção"**, disse Maomao, falando o que estava na mente de todos os fabricantes de papel presentes. Todos eles assentiram junto com ela. Tinha sido um erro, pensou ela, trazer o irmão mais velho para esta discussão – mas depois, refletindo melhor, lembrou-se de que ele era parente do charlatão. E então, bem, ele seria o que seria.

*Espere... Será que vou me contentar com isso*?! Ela iria ficar parada e assistir uma vila inteira ser destruída por causa de alguma farsa ridícula?

Só havia um problema: as pessoas envolvidas não viam aquilo como uma farsa. Para eles, era completamente sério. Poderia ficar mais absurdo? Mais idiota? Mais estupido?

Finalmente Maomao, já no limite da corda, sentou-se firmemente numa cadeira. **"Traga-me um pouco de vinho",** disse ela, gesticulando enfaticamente para a proprietária.

**“Você vai continuar bebendo?”,** a mulher perguntou.

**“Oh, não estou nem perto do meu limite.”**

Uma série de olhares incrédulos pousaram sobre ela quando ela disse isso, mas isso não a incomodou.

Talvez o vinho realmente tivesse subido um pouco mais à sua cabeça do que ela pensava: foi só depois de ficar sóbria que ela percebeu que estava muito mais loquaz do que o normal.

No final, foi acordado que a aldeia de artesãos seria autorizada a pagar a dívida remanescente durante os próximos cinco anos, tal como tinha sido originalmente acordado. Quanto à questão dos pagamentos do proprietário a Maomao, foram resolvidos com o entendimento de que ele enviaria regularmente uma determinada quantidade de arroz para a Casa Verdete durante os próximos dez anos. Talvez isso fosse facilitar um pouco as coisas para ele, mas, de qualquer forma, ela suspeitava fortemente que funcionários do governo apareceriam para realizar uma inspeção em breve. No entanto, foi dito que eles não tentariam recuperar perdas passadas, o que foi mais do que generoso.

E o que aconteceu ao sobrinho do charlatão e à filha do senhorio?

*Como se eu me importasse*

E isso é tudo que havia a dizer sobre isso.

# Capítulo 10: Cânhamo e Religião Popular

**“Eu me pergunto se Yue”** – a lua – **“está indo em segurança para o oeste”**, o imperador refletiu para Gaoshun enquanto eles olhavam para o disco brilhante flutuando no céu. Sua Majestade, é claro, não estava perguntando se a Lua real faria sua ronda com segurança. Em vez disso, era um apelido familiar para um certo personagem importante – embora um apelido que ninguém no país, exceto Sua Majestade, usava.

**“Eles estavam planejando parar e inspecionar a vila dos fabricantes de papel no caminho, então eu acho que eles estão apenas na metade do caminho.”**

Com a partida do eunuco Jinshi, Gaoshun retornou ao serviço pessoal do imperador. Durante gerações, a família Ma tinha sido a protetora da “flor da nação”, e Gaoshun tinha sido o companheiro do imperador desde que eram jovens juntos, tal como o seu filho Basen agora era para outro. Ele costumava brincar de esconde-esconde com Sua Majestade e outro irmão de leite, mas o fim da juventude pôs fim a essas brincadeiras.

Agora era Basen quem guardava aquele conhecido como Yue. Gaoshun sempre se perguntou se talvez devesse ter escolhido seu outro filho para o papel, mas ele o deu ao menino mais novo. Basen era inexperiente, sim, mas todos tinham pelo menos uma

qualidade redentora. As preocupações de Gaoshun só se intensificaram depois que Basen falhou com Yue em sua última expedição, mas eles tinham a jovem apotecária com eles; isso foi reconfortante. Ela não era nada senão ousada.

O argumento de Gaoshun para o filho foi que eles deveriam levar a jovem porque seria desastroso se houvesse algum incidente de envenenamento nesta viagem. Eventualmente, ele convenceu o menino. Quanto ao Príncipe da Lua, ele concordou sem pensar duas vezes.

Ele sabia que a própria apotecária acabaria concordando (mesmo que isso envolvesse muitos resmungos), e o médico do palácio interno estaria com eles em pelo menos metade da viagem. A jovem agia como se não gostasse muito do médico com seu bigode ralo, mas Gaoshun sabia que na verdade eles se davam muito bem.

A verdadeira preocupação era o que iriam fazer na capital ocidental, depois de se separarem do médico.

**“Não creio que seja fácil para ele”**, observou o imperador. **“Eu me pergunto quais flores serão colhidas para ele.”**

**“Colhendo flores, senhor? Uma escolha interessante de metáfora.”**

**“Bem, elas provavelmente ficariam bravas se eu as comparasse a insetos. Uma olhada no meu jardim deve explicar.”**

Ele estava apenas brincando - uma piada que ele poderia fazer, talvez, porque eles não estavam no palácio interno nem no palácio ocupado pela imperatriz viúva ou pela atual imperatriz, mas sim em uma vila além da corte Imperial que atualmente era a residência de Ah -Duo, anteriormente uma das quatro damas do imperador - bem como sua irmã de leite e amiga dele e de Gaoshun quando todos eram jovens.

Se o imperador parecia um pouco solitário, talvez fosse porque Ah-Duo não estava aqui — pois ela também tinha ido para o oeste, e na companhia de uma pessoa em particular.

O Príncipe da Lua, entretanto, não era tão florido quanto sua aparência poderia sugerir. Gaoshun, que esteve com ele desde a juventude, que passou mais tempo com ele do que sua mãe ou seu pai, sabia melhor do que ninguém. O “príncipe” era uma pessoa notavelmente direta, desinteressada de ostentação. Mesmo agora que seu mandato no palácio interno havia terminado, porém, eles continuariam a exigir sua ajuda e esforço, pois agora ele deveria servir como irmão mais novo do imperador, fazendo todas aquelas coisas que o soberano, que não podia deixar a capital, não poderia fazer sozinho.

**"Então. Uma praga de insetos.”** Um desastre natural que poderia, potencialmente, levar um país inteiro à ruína. Talvez a nota de tristeza na voz do imperador viesse da sensação de que isto era um reflexo da sua impotência como governante – mesmo que apenas aos olhos dos seus súbditos mais supersticiosos. Foi ele quem escolheu destruir o clã Shi e então tomou a consorte Gyokuyou, uma das quatro damas, como sua imperatriz. As pragas de insetos geralmente começavam com gafanhotos que chegavam com o vento

do oeste, vindos de centenas ou mesmo milhares de quilômetros de distância. Os insetos floresceriam em seu novo lar, e o que começou como um incômodo, se não fosse controlado, se transformaria em uma destruição nos anos seguintes.

Talvez eles estivessem muito preocupados, mas tinham que fazer algo a respeito, e foi o Príncipe da Lua quem foi encarregado da tarefa. Essa praga de insetos seria um problema para mais do que apenas Li, no entanto. Se os gafanhotos viessem do oeste, isso significava que também causariam sua destruição ali.

A fome levou as pessoas ao desespero. Os agricultores famintos recorreriam ao banditismo. À medida que esses problemas aumentavam, acabariam por devastar o Estado – e um Estado devastado tentaria roubar aos seus vizinhos mais ricos. Foi a causa de muitas guerras no passado.

O clã Yi, que governou as regiões ocidentais, incluindo Sei-i-shuu, ou "a Província Yi Ocidental", foi exterminado décadas antes, durante o tempo da imperatriz reinante. Suas próprias maquinações levaram à sua destruição, e agora a área era governada pelo pai da imperatriz Gyokuyou. Do jeito que as coisas estavam, o homem não tinha nome de clã, mas era provável que o imperador lhe concedesse um no devido tempo. Na verdade, ele havia planejado originalmente conceder um nome à família e então fazer de Gyokuyou sua imperatriz.

Se alguma vez eclodisse uma guerra, o Ocidente seria crucial. Foi por isso que ele escolheu uma senhora daquela região como sua imperatriz. Ele podia entender muito bem por que algumas pessoas achavam que a mudança era prematura, embora Gyokuyou já tivesse lhe dado primeiro uma princesa e agora um príncipe. O lugar poderia normalmente pertencer por direito à consorte Lihua – mas o casamento era uma ferramenta política, cujo uso se tornava cada vez mais ditado de forma mais rigorosa quanto mais elevada fosse a posição da pessoa. O imperador podia estar no auge da sua nação, mas mesmo ele às vezes tinha de considerar o que agradaria ao seu sogro. O fato de ele poder ser ouvido resmungando sobre tudo isso na presença de Gaoshun talvez fosse uma demonstração do quanto ele confiava no homem.

O imperador ergueu alegremente sua taça de vinho e riu. **"Não vai te machucar saber, de vez em quando, os sofrimentos do seu monarca."** Ele olhou para a lua e depois esvaziou a xícara de um só gole.

Gaoshun olhou para longe, pensando tristemente no homem adorável que agora estava bem ao oeste.

○●○

A noroeste de Li havia um país chamado Hokuaren. Possuía extensas terras de grãos e recursos florestais e tinha um histórico de conflito com Li. Foi a insistência de Hokuaren que provocou a recente onda de ataques de tribos bárbaras contra Li.

As relações diplomáticas entre os dois países eram nulas. Eles não se comunicavam diretamente e, quando mantinham contato entre si, era sempre com um terceiro país atuando como intermediário.

Por que estamos falando de tudo isso agora? Por causa da capital ocidental, para onde Maomao se dirigia naquele exato momento. Lá, seriam realizadas discussões com pessoas importantes de outros países – pessoas que poderiam oferecer conexões indiretas com Hokuaren.

*Nunca imaginei que iríamos para a capital ocidental*, pensou Maomao. Ela sentiu que seu queixo poderia cair quando ela foi informada de seu destino final, depois de deixar a vila charlatã para trás. Seriam necessárias mais de duas semanas de viagem de carruagem e barco para chegar à capital ocidental. Ela começou a se preocupar com Chou-u e Sazen, que havia deixado para trás. Mas então ela concluiu: *Eh, eles vão resolver isso.* O fato de ela ficar toda chateada não mudaria nada, então ela tirou isso da cabeça. Em vez disso, ela teria que tentar fazer com que Jinshi gastasse o máximo de dinheiro possível com ela durante a viagem.

De qualquer forma, foi por isso que ela se viu recebendo um sermão sobre política de um Basen bastante insistente. Pensando bem, esta não foi a primeira vez que ele tentou explicar essas coisas; ocorreu-lhe que ele era realmente muito bem educado, pelo menos no que dizia respeito a isso. (Não é uma maneira totalmente respeitosa de pensar nisso, mas tudo bem.) Ela reprimiu um bocejo e tentou ouvir.

Eles haviam deixado o médico charlatão e a gata Maomao na vila de papel e tinham um longo caminho pela frente. Jinshi, entretanto, ainda estava correndo por aí com aquela queimadura falsa na bochecha. Talvez ele tenha gostado disso. Provavelmente era mais fácil do que ter que usar máscara toda vez que paravam em alguma pousada à beira da estrada para passar a noite. Eles já estavam longe o suficiente da capital para que Maomao pensasse que ninguém reconheceria o rosto do irmão mais novo do imperador, mas considerando o quão problemático seria ter todas as jovens na rua em cima dele enquanto caminhavam, ela decidiu deixar tudo em paz.

**“Ficaremos nesta aldeia esta noite”,** disse Basen.

Maomao desceu da carruagem esfregando o traseiro, que estava dolorido de ficar sentada o dia todo. O lugar era menos uma aldeia do que uma pequena cidade-estalagem, mas para Basen esses postos rústicos eram provavelmente indistinguíveis.

**“Não vagueie”**, acrescentou.

Maomao respondeu estendendo a mão. **“Vou comprar provisões.”** E você vai me dar o dinheiro por isso, ela quis dizer claramente.

**"Você está ao menos me ouvindo?",** Basen exigiu, olhando carrancudo para ela. No entanto, outra pessoa deixou cair um porta-moedas nas mãos de Maomao: Jinshi. **“Mas—”** Basen começou, mas conseguiu se conter antes de dizer **“Mestre Jinshi”.** Os guarda-costas que os acompanhavam pareciam ter a impressão de que Basen era o mestre aqui.

**“Vou acompanhá-la”,** disse Jinshi com sua voz alterada.

*Filho da mãe...* Maomao pensou, olhando para o jovem com a queimadura. Aqui ela estava esperando por uma chance de apenas relaxar.

**“Eles estão vendendo algo interessante?”** Jinshi perguntou, sussurrando em seu ouvido para que ninguém mais pudesse ouvi-lo. A voz dele era tão linda que ameaçava deixá-la arrepiada, mas continha uma curiosidade quase infantil. Foi como se fosse a última vez que eles foram juntos ao mercado da cidade. Pessoas criadas no luxo ficavam entusiasmadas com as coisas mais estranhas.

**“Parece que a produção de cânhamo é uma indústria importante aqui”,** respondeu Maomao. Parecia ser o principal material das roupas do povo. Talvez não fosse suficiente para mantê-los aquecidos, pois muitos também usavam peles de animais. E as sementes de linhaça também eram utilizadas no pão vendido nas padarias. Parecia que a área também produzia óleo, pois ela podia ver potes cheios de um líquido viscoso. Pode ser o petroleiro sentado por perto, fumando um cachimbo. Maomao notou que estava fumando folhas secas de cânhamo e franziu a testa.

**"O que é?"**

**"Nada. Só acho que talvez ele esteja fumando demais.”**

O produto da planta do cânhamo poderia ser usado em pequenas quantidades como remédio, mas fumá-lo diariamente poderia criar um vício, e não era algo que Maomao recomendaria. Assim como o ópio, poderia ser medicinal se usado com moderação, mas era tóxico em grandes quantidades.

**“Portanto, existem toxinas que nem você pode tocar”,** disse Jinshi provocativamente.

Maomao parecia irritada. **“Não se deve brincar com substâncias viciantes. Não há como tirar o veneno do seu sistema e, mesmo que você queira parar, fazer isso é mais difícil do que sair de debaixo das cobertas em uma manhã fria de inverno.”**

**"Você acha? Isso não é tão difícil, se a sala estiver quente.”**

Merda. Isso mesmo. Ele não entendia as metáforas plebeias, percebeu Maomao. Sem dúvida o antigo assistente de Jinshi acendia um braseiro para aquecer o quarto antes de acordar. Que mestre horrível ele era, para comandar sua velha serva Suiren daquele jeito. E quando ele nem entendeu o esforço envolvido. Maomao se viu inadvertidamente carrancuda para ele.

**“Ah, agora tem um visual que eu não via há algum tempo”,** disse Jinshi, nem um pouco incomodado. Na verdade, ele parecia tão satisfeito que Maomao se perguntou se ele estava bem. Se Gaoshun estivesse aqui, sem dúvida ele estaria pressionando a mão na testa e lançando um olhar significativo para Maomao. O atual companheiro de Jinshi, Basen, porém, não teve oportunidade: ele estava ocupado fazendo os preparativos no momento. Iriam para uma região muito mais seca e precisavam de cavalos habituados ao ambiente. Embora eles trocassem de montaria todos os dias, aparentemente isso envolveria um tipo inteiramente novo de cavalo.

Era uma pequena cidade – apenas algumas dezenas de casas espalhadas ao redor de uma pousada importante – mas uma estrada passava pela área e supostamente eles conseguiriam obter os animais. Levaria um pouco de tempo, porém, para reunir cavalos suficientes para a carruagem, bem como para todos os guarda-costas.

**"Pessoalmente, estou mais interessado em comprar provisões",** disse Maomao, olhando para o pão exposto numa loja. Grande parte foi frita, talvez devido à produção local de petróleo. Especificamente, era uma massa frita e torcida conhecida como mahua, ou "flor de cânhamo", um nome muito apropriado. **"*Inclui sementes de linhaça!*"** proclamou um sinal junto ao pão. A massa frita duraria muito tempo - e o mais importante, Jinshi estava obviamente muito interessado nela.

*Eu me pergunto se isso vai agradar ao gosto de um nobre...* Maomao estava cética, mas mesmo assim ela se voltou para o velho que trabalhava diligentemente sua massa. **"Um, por favor"**, disse ela.

**"Claro, mas você não gostaria de um segundo para terminar?"**

**"Se for bom."** Maomao pegou o pão, que estava embrulhado em uma folha de bambu, e deu uma mordida. Foi feito na hora e ainda macio e quente; ela mastigou com cuidado para não se queimar.

Jinshi olhou para ela. **"O que, não vai compartilhar?"**

**"Estou testando para ver se há veneno"**, disse ela, inexpressiva. Era bom que o pão estivesse fresco e houvesse o suficiente para todos. Demais, na verdade, para embrulhar tudo em folhas de bambu; em vez disso, o lojista deu-lhe um saco tosco (feito de fibra de cânhamo, é claro), forrando o interior com papel barato para evitar que a gordura penetrasse.

Jinshi arrancou um dos pães e deu uma mordida. **"Está tudo bem"**, declarou ele. Francamente, se fosse melhor do que ele normalmente comia, seria hora de encontrar um novo chefe real.

**"Você realmente tem tempo para ficar aqui brincando, Mestre Jinshi?"**

**"Basen parecia bastante cansado depois de tudo o que aconteceu na vila dos fabricantes de papel. Ter-me fora do caminho por um tempo lhe dará uma chance de descansar."** Basen era um péssimo mentiroso; deve ter sido cansativo para ele fingir ser o superior de Jinshi. Nesse aspecto, ele não era tão diferente de seu pai.

Enquanto caminhavam, Maomao avistou uma série de outras coisas interessantes. Quanto mais para o oeste eles iam, mais criação de animais havia, então os laticínios se tornavam mais disponíveis. Ela estudou uma prateleira com esses itens em um armazém. Uma mulher mais velha, que parecia uma dona de casa, estava acendendo o fogo no fogão. O poste principal da cozinha tinha um padrão estranho. Cada país tinha crenças diferentes; aqui, parecia que eles adoravam cobras, ou pelo menos era o que o padrão parecia sugerir. Jinshi ergueu uma sobrancelha para isso.

**“Com licença”,** disse Maomao à mulher.

**"Sim?"**

**“Poderíamos pedir alguns destes? Podemos pagar você.”**

Eles tendiam a se cansar de rações portáteis depois de um tempo. Maomao queria dar-se ao luxo de si mesma e de seu grupo, pelo menos durante os poucos dias em que durariam os laticínios frescos.

**“Hum. Quais você tem em mente?”** A mulher olhou atentamente para Maomao e Jinshi.

**“Isso e isso, e... hmm, aqueles. Talvez dez de cada. E se você tiver mais alguma coisa interessante, nós aceitaremos.”**

**“Só um segundo”,** disse a mulher, pegando os itens da prateleira e colocando-os em um pacote de maconha. **“Que tal isso?”** Parecia que ela conseguiria fazer uma barganha difícil, mas ela deixou que eles levassem a comida por um preço surpreendentemente barato – e ela até escolheu itens bons e frescos.

**“Eu sei que estamos impondo. Eu realmente aprecio isso”,** disse Maomao sinceramente.

A mulher abriu um sorriso. **“Você nunca sabe quando os deuses podem estar assistindo. Afinal, há um aqui!“**, ela disse, indicando a prateleira.

*Hmm*, pensou Maomao – é claro que ela não acreditou. Ela não tinha nada contra esse tipo de crença; ela só temia que a generosidade da mulher pudesse tirar vantagem dela. **“Então vocês adoram uma cobra aqui”**, observou ela.

**“Isso mesmo”,** respondeu a mulher. **“Os anos em que uma cobra branca aparece certamente terão uma boa colheita.”**

Pode ser superstição, mas o rosto de Jinshi escureceu com o comentário. Ele sem dúvida tinha ouvido as histórias sobre a Dama Branca. Talvez ele até tivesse sido encarregado de lidar com ela. Maomao desejou manter um pouco mais de distância enquanto ela conversava com a mulher; com sua queimadura e expressão sombria, a mulher continuou lançando-lhe olhares estranhos.

Maomao não tinha nada contra cobras, mas a menção específica de cobras brancas certamente faria seu rosto franzir a testa. Ela não pôde deixar de se perguntar para onde teria ido o misterioso “imortal”.

**“Parece que vocês dois estão indo para o oeste. É melhor ter cuidado”**, disse a mulher enquanto embalava delicadamente o leite. Havia mais ali do que Maomao havia ordenado especificamente — algo extra, talvez, como uma gentileza.

**"Por que isso?"**

**“Ouvi dizer que ultimamente tem havido muitos bandidos ao longo da rodovia naquela direção. Mesmo os comerciantes não seguem esse caminho se não for necessário.”**

Ah: talvez ela normalmente vendesse essas provisões para os comerciantes. Mas com menos clientes do que o normal, é melhor dar uma pechincha a Maomao e Jinshi do que não vendê-los. E os brindes tirariam mais algumas coisas de sua prateleira.

"**Entendi. Obrigada”**, disse Maomao. **“Teremos cuidado.”** Então ela olhou para Jinshi para indicar que eles deveriam voltar.

Quando chegaram à pousada, o cheiro de um chá aromático pairava no ar. Era Basen, relaxando por um momento depois de arrumar os cavalos. Quando ele viu Jinshi, ele se endireitou. **“Os animais estarão prontos amanhã de manhã”**, informou. **“Mas teremos que usar um dos guias locais.”** Ele estava se referindo a uma das empresas de transporte de carga que usava cavalos para transportar mercadorias.

**“Tudo bem”**, disse Jinshi, caindo em uma cadeira. Basen lançou a Maomao um olhar que obviamente significava A*presse-se e faça chá*, então ela encolheu os ombros e estava prestes a pegar água quente quando Jinshi disse: **“Está tudo bem. Não me importo que esteja morno.”**

**"Tem certeza, senhor?"**

Se ele disse isso, então tudo bem. Ainda havia bastante água no bule; Maomao simplesmente ganhou algumas folhas novas.

**“Ouvimos algo sobre bandidos”**, disse Jinshi, tomando um gole da bebida morna.

**“Sim, senhor, a mesma coisa foi mencionada para mim. Por isso tivemos que trazer um dos guias conosco como condição para alugar os cavalos.”**

O banditismo pode assumir muitas formas; neste caso, eles pareciam ser do tipo que queria cobrar um “pedágio”. Se a festa não os encontrasse, tudo bem; mas se o fizessem, ter alguém que conhecesse a situação local provavelmente os faria escapar simplesmente pagando uma porcentagem de sua carga.

Maomao olhou para Jinshi e Basen. Ambos eram soldados bem treinados e, como funcionários do governo, não podiam simplesmente ignorar quando se tratava de banditismo – mas também não tinham forças aqui para exterminar os criminosos. Nenhum deles parecia muito feliz com isso; Maomao, por sua vez, simplesmente esperava que eles nem sequer vissem os bandidos.

# Capítulo 11: Bandidos

**“Se houver algum bandido por perto, acho que eles vão aparecer por aqui”,** disse o guia com um sotaque tão forte que quase parecia que ele estava fazendo isso de propósito. Ele apontou para um ponto no mapa de pele de carneiro, uma passagem entre duas cadeias de montanhas. O tipo de lugar que praticamente implorava por um cerco. **“Eles também não são estúpidos; eles não farão o possível para se machucar. Se você deixar cerca de metade de suas mercadorias, eles deverão deixar você passar. De qualquer forma, nós só os encontramos, mas uma vez a cada três vezes.”**

Interessante: nesse ritmo, os comerciantes considerariam usar a rota. Eles sabiam que não seriam atacados todas as vezes, e percorrer o caminho mais longo exigia mais tempo e despesas.

**“Pensem nisso como um pedágio um pouco caro, bons senhores. De qualquer forma, dizem que esses bandidos são o que você poderia chamar de ladrões justos.”**

**“Ladrões justos?”** Basen perguntou, incapaz de esconder uma nota de indignação em sua voz. Maomao preocupava-se se seria capaz de se conter caso encontrassem os bandidos.

Jinshi parecia ter gostado dos cavalos do campo seco e preferiu cavalgar em vez de pegar a carruagem. Isso deixou Basen sem escolha a não ser ir a cavalo também, o que por sua vez deixou Maomao com a espaçosa carruagem só para ela; ela afastou parte da bagagem e arranjou um lugar para dormir no chão. Ficar sentada o tempo todo deixava suas costas doloridas; ela pensou que ficar um pouco deitada poderia ajudar.

Acreditando firmemente que se preocupar se algo iria acontecer ou não era uma perda de tempo valioso, Maomao decidiu dormir. Se ela tivesse muita sorte, quando acordasse eles já teriam passado pelo posto de controle dos bandidos.

Infelizmente, ela não teve sorte.

Antes de chegarem a meio caminho das montanhas, Maomao se viu tropeçando na carruagem. Os cavalos relincharam e o veículo parou repentinamente. Forçando os olhos sonolentos a permanecerem abertos e esfregando as costas onde havia batido, Maomao olhou para fora. Não havia invasores, mas o guia parecia estar explicando algo a Basen.

"**O que está acontecendo?**", Maomao perguntou ao motorista.

**“Ah, parece que outra carruagem à frente da nossa foi atacada por bandidos. Provavelmente é melhor esperar aqui um pouco.”** Em outras palavras, eles esperavam que, mantendo a posição por alguns minutos, pudessem fugir sem que nada acontecesse com eles. Alguém que havia escapado do ataque à outra carruagem estava lá, pedindo ajuda a Basen. Maomao não sabia o que o homem estava dizendo, mas Basen parecia estar conseguindo controlar sua raiva.

Isto foi, até que o recém-chegado mostrou algo para ele e Jinshi que os fez empalidecer. Jinshi agarrou-o e olhou de perto.

Curiosa, Maomao desceu da carruagem, sem se importar que ainda estivesse deitada. (Ou era aquele andarilho?) Antes que ela pudesse ir até Jinshi, no entanto, Basen colocou seu cavalo a galopar. Jinshi instruiu vários de seus guarda-costas a seguirem o jovem, embora no momento em que deu a ordem Basen já estivesse fora de vista.

**"Você estava dormindo"**, comentou Jinshi.

**"Tenho certeza de que não entendo o que você quer dizer",** disse Maomao inocentemente.

**"Há um padrão estranho em sua bochecha."**

**"De qualquer forma, o que está acontecendo?",** ela perguntou, esfregando a bochecha com a mão. Jinshi silenciosamente mostrou a ela o que o outro homem havia trazido: uma etiqueta de madeira marcada com uma insígnia em forma de flor. Maomao reconheceu isso: cada uma das consortes no palácio interno recebeu tal brasão. Mas a quem pertencia este?

**"A carruagem que foi atacada era de Lady Ah-Duo",** disse Jinshi.

*O que ela está fazendo aqui?*, Maomao pensou, mas este não era o momento para tais perguntas. Como ela acabou sendo atacada, afinal? Ah-Duo parecia alguém que saberia perfeitamente como subornar alguns bandidos. Ela saberia que não deveria antagonizá-los desnecessariamente.

**"A consorte Lishu está com ela",** disse Jinshi. Isso respondeu a algumas das perguntas de Maomao, mas também a deixou substancialmente mais ansiosa. A azarada congênita Lishu não deveria, em princípio, ter sido autorizada a sair do palácio interno – mas isso era outra coisa sobre a qual Maomao poderia perguntar mais tarde.

**"Tem certeza de que está tudo bem, senhor?",** perguntou o homem que veio pedir ajuda. Quando ela deu uma boa olhada, Maomao pensou tê-lo reconhecido da vila de Ah-Duo. Era improvável que ele percebesse quem era Jinshi. Ele provavelmente estava perguntando sobre os guardas – Maomao não tinha ideia de quantos bandidos havia, mas Basen e o punhado de guardas que o seguiram juntos não somavam mais do que cinco pessoas. Provavelmente foi o máximo que Jinshi poderia dispensar; ele não poderia se defender facilmente. Mas isso levantou a questão de por que ele enviou Basen na frente. *Para verificar Ah-Duo, talvez. Espero que ela não tenha se machucado.*

Jinshi parecia surpreendentemente indiferente. **"Tenho certeza de que ele está bem sozinho. Se ele chegar a tempo."**

**"Huh?"**

Não demorou muito para que Maomao descobrisse o que ele queria dizer.

Quando os alcançaram, descobriram uma coleção de bandidos amarrados a porcos. Obviamente houve uma grande luta. As roupas fedorentas dos homens estavam rasgadas, revelando a pele coberta de cortes recentes. Os cortes eram o que menos importava, na verdade; vários deles tinham braços e pernas apontando em direções não naturais. Que tipo de batalha ocorreu para que eles terminassem assim?

Os guarda-costas usavam o que pareciam ser faixas sujas amarradas nos pulsos. *O que é isso?*, Maomao se perguntou. O que eles queriam dizer? Ela observou à distância, não querendo se aproximar muito dos bandidos; alguns deles estavam espumando pela boca.

Os guardas de Ah-Duo não estavam em muito melhor estado. Felizmente, ninguém foi morto, mas um homem teve boa parte do braço decepado. Maomao saiu da carruagem e correu até ele.

**"O que no mundo?*[1]",** perguntou o guia que Basen havia contratado, chocado. Seu rosto escurecido pelo sol estava praticamente pálido.

**"Achei que o dinheiro deveria ser suficiente para eles",** disse Basen, com fúria na voz. Uma figura severa e adorável estava atrás dele. Ela estava vestida com roupas masculinas, mas era a ex-consorte, Ah-Duo. Ela, pelo menos, não estava ferida.

**"Eu ofereci"**, disse Ah-Duo, **"Mas eles disseram que iriam vender a mulher. E o que tenho comigo foi emprestado."**

Enquanto ouvia, Maomao inspecionou o braço do guarda. Não fazia muito tempo que o ferimento havia sido infligido, mas foi um corte feio. Luomen poderia ter conseguido recolocar um membro decepado se o ferimento fosse limpo o suficiente, mas Maomao não tinha habilidade. Se ela tivesse tentado costurá-lo novamente, ele teria apodrecido novamente. Ela cerrou os dentes e fez o que pôde. Ela não tinha ervas suficientes e, ao pedir mais remédios, descobriu outro rosto familiar.

**"Pensei em visitar, mas simplesmente não consegui fugir."** O orador era outra pessoa atraente vestida com roupas masculinas – Suirei. Ela carregava bandagens e ervas medicinais.

**"Você também está aqui?"**

**"Sim, embora eu também tenha questionado se realmente deveria deixar aquela vila."**

Certamente foi uma surpresa encontrá-la aqui – e isso significava que algo estava acontecendo.

**"Você é boa em costura?",** Suirei perguntou enquanto aquecia uma agulha sobre uma chama.

**“Não mais do que a próxima jovem. Sinto-me particularmente mal por não termos anestésicos ou sedativos.”** Ela se preparou para desinfetar.

Enquanto elas estavam praticamente brincando, o rosto do guarda se contorceu de dor. A maneira como Suirei segurou o homem trêmulo e colocou uma mordaça em sua boca para que ele não mordesse a língua provou que ela era experiente nesse tipo de coisa.

O incidente com os bandidos pareceu representar um grande erro de cálculo. Jinshi e os outros sabiam que dificilmente poderiam passar por uma caravana mercante, então, em vez disso, a história deles era que um fidalgo rico havia sido enviado para um posto sem saída nas províncias. Mas os piratas pareciam adivinhar que os viajantes eram ainda mais importantes do que afirmavam ser.

*Com essas pessoas junto...* Maomao tirou o manto que estava salpicado com o sangue do guarda e se dirigiu para a tenda de Ah-Duo. Jinshi pediu a Maomao que ouvisse a história diretamente dela.

Quando ela entrou, encontrou a consorte Lishu lá também, segurando a mão de Ah-Duo e não mostrando nenhum sinal de soltá-la. Ela tremia quase incontrolavelmente. A razão pela qual ela estava aqui continuava a ser a questão que mais intrigava Maomao.

Suirei, também recém-trocada, também estava lá. Pelo menos estava bastante claro por que ela estaria nesta expedição: ela tinha talentos médicos consideráveis e poderia efetivamente servir como médica em uma longa jornada como esta. Ainda assim, sua presença trouxe consigo suas próprias perguntas.

O motivo pelo qual uma consorte que não deveria poder sair do palácio interno estava aqui, entre todos os lugares, parecia algo realmente muito estranho; a julgar pela

atitude de Jinshi, porém, havia uma boa razão para isso.

**"Suponho que você esteja se perguntando por que a consorte está conosco",** disse Ah-Duo. Sua percepção foi uma verdadeira dádiva.

**"Sim, senhora",** disse Maomao.

**"Você já ouviu falar por que o senhor Basen está indo para o oeste?"** Como Jinshi estava disfarçado, Ah-Duo teve a consideração e a perspicácia para jogar junto.

**"Disseram-me que havia discussões importantes acontecendo lá."** Supostamente, Jinshi não era o único personagem importante que estaria presente em nome do governo. Ela tinha ouvido falar que ele e os outros iriam observar o que estava acontecendo, bem como seguir seus próprios planos.

**"Também vamos participar dessas discussões. Com a presença da consorte, pensamos que seria melhor não viajar com uma comitiva muito grande. Na verdade, ouso dizer que fomos tratadas como terceiras."**

Isso parecia ameaçador. Maomao ainda não sabia exatamente que papel a consorte Lishu deveria desempenhar nesta reunião. A imperatriz Gyokuyou, que veio desta região, ou a consorte Lihua, que era parente de sangue do imperador, poderiam ter sido escolhas mais óbvias.

Ah-Duo parecia divertido com a evidente confusão de Maomao. De alguma forma, ela lembrou Maomao de Gyokuyou dessa forma. De repente, ela pensou que Sua Majestade devia gostar de mulheres assim.

**"Uma das outras tarefas que devemos realizar nesta viagem"**, Ah-Duo disse a ela, **"É encontrar uma esposa para o irmão mais novo do imperador."**

De repente, Maomao entendeu porque Ah-Duo parecia estar se divertindo tanto.

***[1] O que no mundo = What in the world:*** Uma frase que alguém diz a outra pessoa em reação a uma situação completamente ridícula .

# Capítulo 12: Problemas se acumulam

Um pensamento perseguiu Maomao: *isso é uma coisa horrível.*

Para pessoas importantes neste mundo, não existia amor, apenas a busca pelo parceiro mais adequado para ajudar a continuar sua linhagem, deixando um filho para trás. Maomao se pegou pensando por que exatamente Ah-Duo trouxera consorte Lishu com ela. Talvez ela deva ser doada.

Ela nunca foi realmente talhada para ser uma das quatro damas, as consortes mais favorecidas do imperador. Sua origem familiar era bastante distinta, mas sempre lhe faltou o instinto assassino que permitia que uma bela flor do palácio interno pisoteasse todas as outras. Em vez disso, ela sempre foi ridicularizada ou ignorada por suas próprias damas. Francamente, ela ficaria mais feliz se o imperador a entregasse em casamento a outra pessoa.

A questão era quem o imperador tinha em mente.

*Ele certamente tem muito a oferecer como parceiro*, pensou Maomao. Mas ele potencialmente tinha ainda mais desvantagens. Ele era um homem tão bonito que poderia ter deixado a nação de joelhos se fosse mulher. Apesar da cicatriz em seu rosto, se e quando viessem à tona que ele realmente não era um eunuco, a reação seria realmente assustadora.

Isso poderia explicar por que a consorte foi atacada?

Não, parecia duvidoso... Mas mesmo enquanto Maomao tentava se convencer de que esse não era o motivo, ela estremeceu ao perceber quantos pontos ele conectava. Quantas vidas a beleza destruidora de nações viraria de cabeça para baixo apenas por sua mera existência?

De qualquer forma, o modus operandi dos bandidos que atacaram a carruagem de Ah-Duo era algo novo. Em vez de serem "ladrões justos" ou algo assim e aceitarem metade dos bens dos viajantes como pedágio, eles estavam dispostos a cortar o braço de um guarda e ameaçar vender uma jovem para obter lucro. Se Basen não tivesse chegado com reforços, alguém poderia ter morrido.

Depois havia a estranha faixa em seus pulsos – servia para os bandidos se identificarem?

Foi assim que Maomao se viu recostado na cama de uma estalagem. O guarda ferido estava se recuperando aqui na cidade e, enquanto isso, tentavam encontrar substitutos para a carruagem danificada e os cavalos fugitivos. Desta vez não era função de Maomao conseguir provisões, e ela já havia confirmado que não havia remédios interessantes na farmácia local. Como foi o homem de Ah-Duo quem foi ferido, Suirei estava encarregada de cuidar dele, e sua habilidade era tal que não havia necessidade de Maomao intervir.

Portanto, tempo livre. Pelo menos até ouvir uma batida na porta. Imaginando quem poderia ser, Maomao abriu a porta – e ficou surpresa com quem encontrou.

Consorte Lishu estava ali, com o rosto coberto por um véu. "**Perdoe-me. Posso entrar?**" Como sempre, ela parecia nervosa, como um pequeno animal.

**“Por favor”**, disse Maomao, e Lishu entrou correndo na sala tão rápido quanto um rato. Ela estava olhando em volta ansiosamente, talvez um sinal de que ela havia saído do quarto sem contar a ninguém. Maomao ofereceu-lhe uma cadeira e ela sentou-se, ainda parecendo um pouco sobrecarregada. Poderia ter sido uma etiqueta adequada oferecer chá neste momento, mas se Maomao fosse pedir água quente, poderia muito bem revelar que a consorte estava aqui. Em vez disso, ela decidiu oferecer alguns bolos lunares. Sem nada para beber, suas gargantas ficariam secas, mas, bem, era o pensamento que contava.

"**O que está acontecendo? Suas damas de companhia vão ter problemas”**, disse Maomao. **“A sua dama de companhia habitual está com você?”** Maomao achava que ela não a tinha visto por aí. Lishu tinha algumas damas, mas Maomao não achou que ela reconhecesse nenhuma delas do palácio interno.

**“Disseram-me que eu era a única que deixaria o palácio. Meu pai designou as assistentes.”** Ela falou suavemente, mas com mais firmeza do que Maomao esperava. Talvez ela estivesse se acostumando com a jovem apotecária. Maomao a ajudou em mais de uma ocasião, e doeu um pouco que Lishu sempre parecesse um pouco apavorada com ela.

**“O que você quer, então?”**

**"É-?"**

Lishu pareceu surpresa, mas Maomao sabia que se ela não tirasse o negócio dela rapidamente, seria ainda mais provável que elas fossem encontradas juntas, e ela mesma poderia sofrer as consequências. Então, o que ela deveria fazer? Talvez um pouco de estímulo ajudasse. Lishu estava começando a ficar inquieta quando Maomao disse: **“Você vai ficar noivo do irmão mais novo de Sua Majestade?”**

Ela decidiu mergulhar de cabeça.

**"O que? Não, nada foi decidido ainda...”**

Portanto, o assunto não foi resolvido – mas Lishu tinha ouvido falar sobre isso. Ela também não parecia muito feliz. O que estava acontecendo então?

**“Você está se sentindo culpada por ter sido atacada por bandidos?”**

**“Não é sobre isso que estou aqui para falar...”** Lishu não era um boa mentirosa, nem um pouco. Talvez ela tenha reconhecido um dos agressores.

**“E então, se posso perguntar?”**

A jovem olhou ao redor novamente. Ela não era uma má consorte, mas Maomao estava começando a entender por que ela havia sido tão intimidada. Ela poderia fazer com um pouco mais de seriedade.

**"Existe uma maneira..."** Lishu começou. **"Existe uma maneira de saber se pai e filho são... realmente pai e filho?"**

O que isso deveria significar? Maomao inclinou ligeiramente a cabeça, confusa.

**"Estou falando de mim e do meu pai. Quero dizer... é possível dizer se sou realmente filha do homem chamado Uryuu?"** Lishu parecia prestes a chorar; ela mal conseguia pronunciar as palavras.

Maomao não disse nada a princípio, mas acendeu um incenso calmante. Tecnicamente era de Jinshi, mas ele poderia dispensá-lo. Só então ela perguntou: **"O que faz você perguntar isso?"**

Ela ouviu dizer que a mãe de Lishu estava morta. Seu pai, pensando na filha apenas como uma ferramenta política, enviou-a para o palácio interno enquanto ela ainda era pouco mais que uma menina para agradar o ex-imperador. Ah-Duo - então consorte do aparente herdeiro - colocou Lishu sob sua proteção, Maomao tinha certeza.

A testa de Lishu franziu e seus lábios franziram, e ela parecia mais do que nunca prestes a chorar - mas de alguma forma ela conseguiu conter algumas fungadas enquanto olhava para Maomao e disse: **"A verdade é que eu... eu nunca deveria voltar para o palácio interno."** Forçando as palavras, ela explicou: embora tivesse entrado para um convento após a morte do ex-imperador, seu pai ainda procurava maneiras de tirar vantagem política de sua filha. No início, ela deveria ser casada com o governador do sul, mas o homem tinha idade suficiente para ser seu avô – sem mencionar que ele era um devasso que pode não ter sido casado, mas tinha dez concubinas.

A consorte Lishu veio do clã U, uma das casas à qual a família imperial concedeu um nome de família. No entanto, sob a imperatriz reinante, a nação avançou para uma meritocracia e a influência do nome da família foi bastante diminuída. Portanto, uma família que já foi grande pode estar disposta a usar qualquer meio para progredir no mundo.

**"Lady Ah-Duo e Sua Majestade foram aqueles que acabaram com isso",** disse Lishu. Captando rumores sobre a união iminente, eles intercederam em nome de Lishu – mas isso também poderia ter sido parte do plano de seu pai. Um noivado era quase tão oficial quanto um casamento, e rompê-lo exigia um motivo suficientemente forte.

*Faria muito sentido*, pensou Maomao. Lishu não estava à altura das outras altas consortes – especificamente, menos em termos de aparência do que de inteligência e disposição. Ah-Duo se deparou com uma escolha: assistir Lishu se casar com algum pedaço de lixo murcho ou ganhar um descanso para ela - mesmo que apenas por alguns anos - como uma das flores do palácio interno. Ela escolheu a última opção – ela escolheu uma chance de felicidade para Lishu.

**“Eu costumava estar tão perto de Sua Majestade que me sentava em seus joelhos”,** disse Lishu.

**“Meu Deus”,** observou Maomao. Isso pode ter sido muito bom quando Lishu era uma garotinha, mas se ela fizesse isso hoje, a jovem tímida poderia simplesmente parar de respirar de vergonha.

*Hum.* O mundo estava cheio de casamentos entre pessoas de idades incompatíveis. É verdade que normalmente era o homem mais velho que a mulher, mas não era incomum. Talvez Ah-Duo tivesse presumido que durante seus anos no palácio interno, Lishu se tornaria mais adulta. Mais uma vez, como esposa do homem que estava no topo da hierarquia do seu país, dificilmente seria maltratada.

O que tudo isso tem a ver com a pergunta de Lishu sobre a determinação da ascendência? É certo que seu pai a tratou mal, mas se isso era alguma coisa emocional impulsiva onde ela pensava que eles não poderiam estar relacionados porque ele tinha sido tão cruel com ela, então, francamente, Maomao parou de ouvir. Se seu pai era tão insuportável, então Maomao desejava que Lishu tivesse os meios para aproveitar a conversa atual sobre casamento e fazer algo a respeito. Ela claramente teve uma boa impressão de Jinshi; ela sempre corava quando ele aparecia no palácio interno. E foi então que ela provavelmente poderia ter atraído praticamente qualquer pessoa!

**“Ouvi dizer que minha própria mãe era amiga de Lady Ah-Duo”,** disse Lishu.

**"É assim mesmo?"** Se Lishu fosse filha de uma amiga, isso explicaria o carinho de Ah-Duo por ela.

**“Disseram-me que elas costumavam tomar chá com Sua Majestade, os três.”**

Desta vez Maomao não respondeu nada.

**“Quando eles se casaram, meu pai foi adotado pela casa de minha mãe. Presumo que ela própria poderia ter se tornado consorte do herdeiro aparente, se as coisas tivessem acontecido de forma diferente.”**

Maomao balançou a cabeça e lutou contra a vontade de refutar essa ideia. Pareceu-lhe muito improvável. Na época, Ah-Duo era a consorte do herdeiro aparente – o homem que agora era o imperador – e ela já era incapaz de ter filhos. O herdeiro não tinha outras consortes e o ex-imperador estava adoecido pela doença. Se houvesse outra consorte em potencial naquela época...

**“Meu pai já havia sido adotado pela família naquela época. Mas quanto a mim... Ele não me via como sua filha verdadeira. O irmão mais novo de Sua Majestade é uma pessoa maravilhosa. É só que, para mim pessoalmente...”**

Ela parecia sincera. A consorte tinha quase a idade em que as jovens começaram a se apaixonar pelo amor. Sua graça salvadora era que pelo menos havia alguns limites que ela não cruzaria.

*Mas não... Espere*. Lishu estava sendo muito cautelosa. Maomao suspeitava do que ela realmente estava perguntando. Ela está se perguntando se o próprio imperador poderia ser apenas seu pai verdadeiro. E se assim for, então casar com Jinshi – o irmão mais novo do imperador – seria uma perspectiva bastante desagradável. Não importa como você olhasse, ele estaria alguns galhos próximos demais na árvore genealógica.

Ela não queria investigar isso. Ao mesmo tempo, porém, ela se sentiria mal por dizer à consorte que não poderia fazer isso. Trabalhar sob o orgulho descabido já teria sido bastante ruim, mas com Maomao era pior: ela também estava curiosa. Ela contemplou como alguém poderia determinar se um suposto pai e filho eram parentes. O método mais óbvio parece ser calcular retroativamente a partir da data de entrega. Mas não, isso seria impossível neste caso. Ela não poderia perguntar diretamente ao pai de Lishu, e se ela levantasse o assunto com o imperador, sua cabeça logo poderia se separar de seu corpo.

Se a consorte Lishu possuísse cabelos ruivos e olhos verdes como a imperatriz Gyokuyou, isso teria tornado as coisas ainda mais simples. Lishu era bonita, até fofa, mas não parecia tão diferente do cidadão comum de Li. Seu cabelo era preto e liso, seus olhos também escuros. Maomao não sabia qual era a aparência de seu pai, Uryuu, mas não era provável que fosse distinto o suficiente para dizer com certeza se eles eram parentes.

Foi isso que levou Maomao a um determinado quarto da pousada. Lá, Suirei preparava remédios, parecendo mal-humorado. **"O que você quer?",** ela perguntou. Suirei não era muito amigável, pensou Maomao, ignorando convenientemente sua própria onda de frieza. Talvez seus pensamentos aparecessem em seu rosto, mas naturalmente ela não se importava.

Havia três pacientes na sala: o homem sem o braço e outros dois feridos. Nenhum deles corria perigo de vida, mas estariam convalescendo por um tempo.

*Ahhh. Só o cheiro deste lugar já é relaxante.*

A coisa grossa que Suirei estava misturando provavelmente era algo destinado a evitar a infecção. Ela a transferiu para uma tigela e removeu os curativos dos pacientes enquanto eles faziam caretas. Maomao e Suirei costuraram as feridas dos homens e, embora sem dúvida tenha sido desagradável, eles suportaram isso com uma compostura admirável - graças à qual cada um deles foi costurado com muito cuidado.

**"Você tem algum antipirético?"** Suirei perguntou bruscamente enquanto inspecionava um dos ferimentos.

**"Eu tenho os ingredientes."**

**"Então dê um pouco para mim. Parece que não tenho o suficiente."**

Manter uma lesão muitas vezes causava febre, e era difícil encontrar componentes medicinais aqui. Suirei já tinha ido ao apotecário local, mas ela não parecia ter descoberto muita coisa; talvez o lugar não tivesse muitos ingredientes. Esta cidade

podia ser uma escala numa rota comercial, mas as mercadorias, tal como os mercadores, viajavam para outros locais. Eles não foram vendidos aqui. Maomao desejava que medicamentos melhores e mais baratos estivessem mais amplamente disponíveis.

Ela havia saído da sala para pegar o que Suirei precisava quando encontrou alguém vagando pelo corredor.

**“Ah, uma ótima noite para você, mocinha”**, disse o guia com seu sotaque característico.

*Nada de particularmente bom nisso*, pensou Maomao; o homem esfregou as mãos e parecia tão tímido como se fosse a própria Lishu.

**"Está tudo bem, senhor?"**

**“Oh, eu comecei a me perguntar como aqueles homens feridos estavam aguentando. Tenho aqui uma bela cerveja que achei que poderia ser útil.”**

**“E quanto custa essa bebida?”**

**“Eu... eu não quis dizer nada disso, mocinha! Não busco nenhum pagamento – apenas pensei em como é horrível ser ferido assim.”**

Isso soou extraordinariamente suspeito para Maomao, mas o homem provavelmente estava apenas tentando limpar a consciência – ou cobrir o pescoço. Afinal, era ele quem deveria acompanhá-los em segurança, passando por qualquer bandido, e o guia que Ah-Duo havia contratado aparentemente era da mesma aldeia que aquele homem. Ele também foi, segundo relatos, o primeiro a fugir quando percebeu que os bandidos não eram aqueles com quem ele normalmente lidava. Um dos guardas gritou com ele - e foi nesse momento que o referido guarda teve seu braço decepado.

A confiança era fundamental no tipo de negócio em que esses homens se engajavam. A traição de um praticante poderia refletir negativamente em todos os outros.

**“Aqui, é isso. Foi-me dado como analgésico... você acha que vai funcionar?”** O homem pegou uma pequena panela que continha o que parecia ser açúcar mascavo.

Maomao arrancou-o dele e, quando mostrou-o a Suirei, também pareceu muito surpresa. **"Como você conseguiu isso?"** Suirei perguntou com um olhar severo para o guia, que se encolheu diante do olhar de alguém que ele provavelmente considerou ser um jovem.

**“Você já usou isso sozinho?”** Maomao acrescentou.

**“B-Bem, você vê, eu não sei como usá-lo, e estava pensando que vocês duas poderiam me dizer...”** Ele parecia estar dizendo a verdade.

**“Entendo”**, disse Maomao. **"Bem, você tem muita sorte."**

Se ele tivesse usado, talvez não estivesse fazendo seu trabalho com tanta energia agora. Ele pode não estar fazendo seu trabalho. O material contido no recipiente realmente tinha propriedades analgésicas e poderia ser útil como remédio — mas apenas se você entendesse o que estava fazendo com ele. Caso contrário, poderia ser pior do que fumar maconha.

**"Usaremos isso e com gratidão",** disse Maomao. **"Mas quero que você nos conte exatamente como conseguiu isso."**

O pequeno pote estava cheio de ópio.

Os problemas continuaram a acumular-se – e acabaram por estar ligados das formas mais estranhas. O guia disse que conseguiu o ópio de um comerciante que viajava com uma caravana de artistas. **"*Isso ajudará no que o aflige e o ajudará a esquecer as preocupações deste mundo*"**, dissera-lhe o comerciante. Talvez se ele fosse um homem mais atencioso ou mais desconfiado, o guia pudesse ter descoberto o que o comerciante quis dizer com isso.

Essa deveria ser a linha que você usa para vender maconha.

Na cidade onde o guia se baseava, o material era seco e defumado. Se planejavam tratar o ópio da mesma forma, era bom que ninguém lhes tivesse explicado o que fazer com ele. O homem insistiu que nunca fumou. Fumar maconha poderia ser viciante – e se um viciado em maconha começasse a usar ópio também... A ideia dificilmente dava para pensar.

A última peça do quebra-cabeça veio do que o guia disse quando Maomao lhe pediu que descrevesse a caravana mercante. Ele disse: **"Eu dei uma olhada... só uma olhada, sabe, mas eu a vi. Havia essa garota. Os artistas realmente pareciam protetores com ela. Quero dizer, uma jovem, talvez apenas quinze anos. E isso foi há cerca de um ano. Ela tinha cabelo branco - nunca vi igual. Não posso esquecer. Ela era a encarnação da deusa serpente, tenho certeza disso, que veio secretamente à terra. Esta é a primeira vez que conto a alguém o que vi..."**

Não precisamos explicar o que Maomao pensou quando ouviu falar de uma mulher de cabelos brancos. Um ano atrás, esses eventos aconteceriam antes que aquela mulher chegasse à capital.

Talvez tenha sido a fé ingênua do homem na mulher que o levou a tomar o ópio pelo seu valor nominal, como analgésico e nada mais. Ele, refletiu Maomao, era realmente um homem de sorte.

E havia motivos suficientes para ficar grato pelo remédio; aliviou a dor dos homens feridos. O ópio não tinha um prazo de validade particularmente longo e Maomao temia que não fosse eficaz, mas provou o contrário. Ela se sentiu mal pelo guia com suas crenças sinceras, mas decidiu requisitar todo o ópio que ele tinha. Ela pagou pelo produto, incluindo um valor extra suficiente para que ele não pudesse reclamar.

Já que estamos acumulando problemas, vamos lançar mais um. Um dos bandidos tinha a tatuagem de uma cobra, e as faixas que todos usavam nos pulsos eram inicialmente brancas e representavam duas cobras em coito. Infelizmente, apesar das tentativas de obter algumas respostas, os homens não estavam em condições de lhes dizer nada.

Todos os bandidos eram viciados em ópio.

# Capítulo 13: A Capital Ocidental – Primeiro Dia

Essa onda de problemas permaneceu sem solução, mas a boa notícia foi que chegaram ao seu destino sem maiores complicações. Jinshi - talvez consciente da presença de Ah-Duo e consorte Lishu - nem sequer provocou Maomao, que por sua vez passou muito tempo com Suirei. Ambas eram apotecárias, mas tendo aprendido com mestres diferentes, ambos tinham suas próprias maneiras de misturar remédios e foi divertido descobrir novas abordagens.

Gradualmente, o verde ao redor deles desapareceu, substituído por uma ampla vista de seixos e areia. Foi a primeira vez que Maomao viu a areia se estender tanto que parecia água, e ela não conseguiu reprimir um som de espanto. Ela enrolou um pano na cabeça para que a areia não entrasse em seus olhos e, embora a luz do sol refletida no chão pudesse cegar, quando acamparam para passar a noite estava incrivelmente frio. Isto estava muito além de tudo o que Maomao havia imaginado para esta viagem. Ela estava grata por quem quer que tivesse embalado roupas para ela ter previsto a situação - mas ela se sentiu um pouco mais em conflito por terem chegado ao ponto de embalar roupas íntimas para ela.

Eles foram avisados para tomar cuidado à noite, quando escorpiões e cobras venenosas eram mais ativos: Suirei, com sua fobia de tais criaturas, montou uma verdadeira parede de incenso que repele insetos e cobras, então eles quase não viram nada do tipo. Para grande decepção de Maomao.

Se havia uma pessoa que estava ainda pior do que Maomao, era a consorte Lishu. Sendo uma consorte, ela raramente aparecia entre o resto da companhia, e com suas damas de companhia sempre por perto, a jovem aposentada não tinha muitas chances de uma conversa adequada. A coisa mais próxima de uma trégua era que Ah-Duo era atenciosa o suficiente para conversar com ela de vez em quando.

Ah-Duo... Como ela responderia se descobrisse que Lishu realmente era secretamente filho do imperador? Sua Majestade não teve outras consortes além dela quando ele era o herdeiro aparente. Ah-Duo se sentiria em conflito com isso ou aceitaria isso com calma? Uma coisa era certa: isso daria um novo toque a tudo o que ela parecia estar fazendo pela bondade de seu coração. Na verdade, isso levantaria a possibilidade de que ela sempre soubesse.

*Argh. Eu não quero pensar sobre isso.*

É claro que Sua Majestade não colocaria e não colocaria a mão em uma jovem tão feminina – bem, não apenas feminina, mas literalmente ainda uma menina. Mas o que isso significa para Jinshi como cliente em potencial? Não era tão incomum que os poderosos se casassem com parentes próximos. Sobrinhas e tias, até mesmo meias-irmãs, já haviam sido admitidas no palácio interno no passado. A questão era que se uma linhagem se tornasse muito espessa, poderia tornar todos os seus membros vulneráveis a uma única doença, por exemplo, que poderia matar todos eles. Maomao perguntou-se se os erros do reinado do antigo imperador se repetiriam.

De qualquer forma, ela deu um suspiro de alívio quando chegaram à capital ocidental. A cidade cresceu em torno de um oásis – um recurso tão precioso no deserto – e o vento arenoso soprava pelas ruas que fervilhavam com uma vida bem diferente daquela que se encontrava na porta do imperador. Se a cidade real fosse planejada com linhas retas e limpas e interseções de um tabuleiro de Go, a capital ocidental parecia um assunto muito mais caótico.

**“Eu ouvi sobre isso. Você pode ver como seria fácil se perder aqui”**, disse Jinshi, a primeira vez que Maomao ouviu sua voz em muito tempo. Ah-Duo parecia ter adivinhado quem ele era, mas os outros ainda pareciam ignorantes. Exceto talvez Suirei – mas se ela tivesse descoberto, ela manteve silêncio sobre isso.

Só podemos imaginar como Lishu reagiria se descobrisse que o “belo príncipe” foi seu companheiro de viagem durante todo esse tempo. Será que ela o veria como uma potencial perspectiva de casamento — ou talvez como meio-irmão, ou melhor, como tio?

Jinshi finalmente lavou a queimadura de sua bochecha para sempre, embora o uso de maquiagem por quase um mês tenha deixado uma mancha em sua bochecha, e ele a esfregou constrangido.

As outras eminências e os mensageiros de outras nações já haviam chegado e a capital ocidental tinha um clima festivo. Havia um mercado montado e ouvia-se o som de fogos de artifício. Entre paredes brancas leitosas e telhas vermelhas empoeiradas havia toldos estendidos para proteger do sol. No açougue não viam apenas galinhas, mas também ovelhas. Maomao quase se distraiu com os pratos cheios de ervas servidos nas barracas de rua, mas a festa continuou resolutamente em direção a uma mansão perto da fonte de água.

Os materiais de construção da casa – madeira, muita madeira – demonstravam o poder do dono da casa. A proximidade da fonte de água significava que havia muito verde. Não eram muitas as plantas de folhas largas com as quais Maomao estava acostumada, mas ela viu uma variedade de plantas desconhecidas.

Em frente a um portão magnífico, um mestre de meia-idade e aparência gentil e vários criados esperavam por eles. Primeiro Jinshi, depois Ah-Duo, desceram da carruagem. A aparência de Jinshi inspirou muitos olhos arregalados – até mesmo entre seu próprio grupo. Então eles realmente não sabiam que era ele.

Diante deles estava um nobre radiante e adorável. Maomao se viu fascinada pelo rosto do homem; o olhar gentil em seus olhos convidava a uma sensação de intimidade. **"Bem-vindos, bem vindos; vocês fizeram uma longa jornada. Eu sou You Gyokuen, o líder desta terra."** Ele agiu de forma muito familiar, mas parecia estar se aproximando deles de boa fé. **"Devo agradecer por cuidar tão bem de minha filha."**

*Ah!* Maomao finalmente entendeu quem era o homem de meia-idade e por que ele parecia tão familiar. Seus cabelos e olhos eram escuros, mas sua atitude era muito parecida com a de Gyokuyou.

**"Nada é pior do que uma viagem muito longa seguida de uma conversa muito longa. Vocês encontrarão materiais de banho em seus quartos. Por favor, não tenham pressa e relaxe."**

**"Agora, isso é um alívio. Obrigado"**, disse Jinshi e entrou na casa, seguido por Maomao.

*Eles têm certeza disso?*, Maomao pensou, chocado ao ver o quarto que lhe foi atribuído. Claro, ela estava lá como serva do irmão mais novo do imperador, então dificilmente poderiam enfiá-la em algum canto empoeirado, mas a sala para onde a levaram estava muito além de sua posição. Um tapete grosso e luxuoso cobria o chão – pelo que parecia, não era apenas pele; havia seda ou algo misturado. A cama de dossel estava decorada com uma cortina delicadamente bordada, enquanto a mesa estava posta com uma xícara de vidro com alça de prata. Havia uma cesta de jujubas secas, e tudo parecia algo saído de um pergaminho ilustrado de uma fantasia estrangeira.

*Eles não vão roubar nosso dinheiro mais tarde, vão?* Maomao pensou preguiçosamente enquanto mordia uma das frutas. Sem a água na polpa, a doçura ficou mais concentrada – era bom, mas era um pouco doce demais para Maomao, que decidiu parar em apenas uma.

Ela teria gostado de explorar um pouco a mansão, mas achou que alguém poderia ficar bravo com ela por vagar por aí sem permissão. Por hoje, pelo menos, cada um comeria separadamente e descansaria um pouco. A partir de amanhã haveria vários dias de banquetes e jantares, enquanto as tardes seriam repletas de reuniões e negócios. Às vezes, pessoas importantes pareciam querer celebrar cada pequena coisa com uma grande festa, independentemente de quão cansados os convidados pudessem estar se sentindo – mas, assim como sua filha, Gyokuen era muito alerta e atencioso para fazer isso com seus visitantes.

Maomao ficou particularmente grata por terem preparado um banho para eles, visto que a água devia estar entre as coisas mais preciosas aqui. Mesmo que ela achasse a banheira, esculpida em uma única peça maciça de mármore, um pouco intimidante.

Ela saiu do banho e foi para a varanda. Seu cabelo provavelmente secaria rapidamente, mas aqui ela ficaria coberta de poeira novamente, então ela fez menção de voltar para dentro, mas o som de vozes falando a fez parar. Ela olhou em volta, mas não viu ninguém. As vozes pareciam vir da sala ao lado. *Bem, bem. Não vão manter isso baixo?*

Não fazia sentido as paredes deliberadamente grossas dos quartos se eles simplesmente deixassem as janelas abertas. Ela podia ouvir tudo. Ela se apoiou na grade e depois se inclinou um pouco sobre ela. Houve espionagem.

**"O que você está fazendo aqui?"**

*Hum.* A voz de uma mulher, ainda jovem. A próxima sala pertencia a consorte Lishu, mas a voz não era dela. Em seguida, veio algo murmurado tão baixinho que Maomao não conseguiu entender - talvez fosse Lishu.

"**Oh sério? E daí? Você só quer ficar no meu caminho! Você está sempre no meu caminho!"** A mulher estava obviamente chateada com Lishu. Em algum nível, Maomao ficou realmente feliz em ouvir alguém sendo abertamente hostil pela primeira vez. Mas as palavras foram seguidas pelo som de um tapa.

Maomao voltou para o quarto e espiou o corredor. Da porta ao lado surgiu uma mulher que praticamente exalava elegância. Ela escondeu a boca com um leque dobrável, mas seu nariz estava nitidamente erguido no ar. As damas de companhia que estavam lá fora curvaram-se para ela; duas delas seguiram a jovem, enquanto a última entrou na sala. Expulsar todo mundo para que as duas mulheres pudessem brigar foi muito bom, mas talvez Maomao devesse avisar a jovem que da próxima vez ela deveria fechar as janelas também.

Quando teve certeza de que a mulher desconhecida havia desaparecido na esquina seguinte, Maomao foi e bateu na porta do quarto de Lishu. A dama de companhia atendeu, parecendo aliviada ao ver que não era a jovem que voltou para pedir mais.

**"Posso entrar?"**, Maomao perguntou, alto o suficiente para que Lishu pudesse ouvi-la. A dama de companhia retirou-se para a sala num trote rápido, mas logo voltou. **"Por favor, entre"**, disse ela. Maomao sabia que a habitual dama de companhia chefe de Lishu não estava com ela nesta viagem, mas a substituta parecia bastante profissional.

A consorte Lishu estava sentada em uma cadeira quando Maomao entrou, mas pelo estado desgrenhado dos cobertores na cama, Maomao adivinhou que a jovem consorte havia tentado se enterrar sob as cobertas após aquele encontro desagradável. O travesseiro estava pontilhado de manchas molhadas e o cabelo de Lishu estava modestamente desarrumado. Ela não conseguia olhar para Maomao — não porque não quisesse fazer contato visual, mas, ao que parecia, numa tentativa de esconder a marca de tapa em sua bochecha, que parecia vermelha e quente.

"**Posso ver?**", Maomao solicitou. Lishu não disse nada, mas quando percebeu que Maomao estava perfeitamente ciente do que havia acontecido, ela levantou a cabeça obedientemente. **"Talvez você possa trazer um pouco de água para nós",** disse Maomao à elegante dama de companhia. A mulher lançou-lhe um olhar francamente desconfiado e Maomao decidiu dar-lhe um empurrãozinho: **"Nossa, e você estava tão pronta para sair da sala para a última visitante".** Isso fez a mulher ir.

Maomao ficou na frente de Lishu e segurou seu queixo com as mãos. Sua bochecha estava quente, mas logo esfriaria. **“Posso ver o interior da sua boca? Apenas no caso de...?"**

Lishu parecia um pouco envergonhada, mas abriu a boca quando Maomao perguntou. Seus lindos dentes brancos estavam todos seguros e não parecia haver nenhum corte nas bochechas ou na língua. *Mas o que é isso*? Maomao, intrigada, olhou fixamente para a boca da jovem. Lishu começou a ficar cada vez mais estranha, até que Maomao finalmente se sentiu mal o suficiente para parar de olhar.

**“Parece que você recebeu uma visitante bastante violenta. Posso perguntar quem foi?”**, Maomao disse.

**“Era minha meia-irmã”,** respondeu Lishu.

Após a morte da mãe de Lishu, seu pai, Uryuu, rapidamente tomou outra esposa. Sua nova companheira já havia sido sua concubina, e Lishu já tinha meio-irmãos naquela época. A jovem anterior, uma irmã mais velha, era uma delas. Os pais de Lishu eram primos de segundo grau e, assim como o clã Shi, a mãe de Lishu pertencia à casa principal do clã U, que então adotou seu pai. O que diferia do clã Shi era o tratamento dispensado a Lishu, filha da esposa de Uryuu. Os pais de sua mãe, avós de Lishu, já haviam morrido, deixando o verdadeiro poder nas mãos de Uryuu. Ele questionou a castidade da esposa e, como resultado, ignorou Lishu – *uma coisa bastante pequena de se fazer*, pensou Maomao, *quando ele já tinha filhos com uma concubina*. Se ela realmente fosse secretamente filha do imperador, seu pai não teria visto isso como uma vantagem a ser explorada por si só? E de qualquer maneira, ao que tudo indica ele favorecia a irmã mais velha de Lishu.

**“Todas aquelas perguntas sobre pais e filhos... Será que foram inspiradas por sua honorável irmã mais velha?”,** Maomao perguntou. Lishu não respondeu, mas Maomao interpretou o silêncio dela como uma afirmação. **“E a razão pela qual você se recusou a terminar seu pensamento quando se tratava daqueles bandidos foi porque você tinha um certo palpite sobre quem estava por trás disso?”**

Maomao não queria pensar nisso, mas não estava de forma alguma fora da possibilidade de uma irmã mais velha ficar com ciúmes de uma mais nova e tentar matá-la.

Desta vez, Lishu reagiu: **“Receio, simplesmente não sei”.** Sua expressão, porém, pelo menos transmitia que ela havia sido alvo de considerável crueldade.

Eles iriam comer individualmente esta noite, então Maomao teve uma ideia. **“Posso jantar com você essa noite, senhora? Talvez pudéssemos pedir a Lady Ah-Duo para se juntar a nós.”**

Ao nome de Ah-Duo, o rosto de Lishu brilhou. Maomao esperava plenamente que Ah-Duo aceitasse o pedido, e isso lhe daria uma boa desculpa para verificar se havia veneno na comida de Lishu. Alguém que estivesse disposto a enviar bandidos assassinos certamente não hesitaria em envenenar uma refeição.

Maomao não sabia de quem Lishu poderia realmente ser filha, mas quem quer que fosse, não era culpa dela. O pensamento a fez sentir-se mal pela jovem – sim, até Maomao tinha pelo menos essa mesma compaixão nela.

Ah-Duo aceitou de bom grado o convite para jantar. Quando ela pediu que todas as refeições fossem entregues em um único lugar, o chef preparou cuidadosamente um quarto para elas, um lugar com um teto abobadado de vidro colorido que provavelmente havia sido adquirido em pontos mais a oeste. Quando a luz atingiu, brilhou como uma joia.

**"Um lugar e tanto",** disse Ah-Duo, acariciando seu queixo e balançando a cabeça com conhecimento de causa. Os olhos da consorte Lishu brilhavam quase tanto quanto o vidro. Enquanto isso, Maomao se perguntou o que eles haviam feito com o vidro para dar-lhe aquelas cores. **"Você tem certeza de que podemos usá-lo?"** Ah-Duo perguntou ao chef, que sorriu.

**"A jovem senhora costumava comer aqui com as amigas o tempo todo, mas está praticamente sem uso nos últimos anos."** (A jovem senhora – ele poderia estar se referindo à imperatriz Gyokuyou?) **"Toda a estrutura foi transferida de outra terra para cá, onde originalmente serviu como local de adoração para sua divindade. Você é mais que bem-vinda aqui, desde que isso não a incomode. Naturalmente, você não encontrará nenhum adorador!"**

É justo: parecia um pouco estranho. Este país não tinha algum tipo de política de expurgo dos hereges, mas Maomao também não gostaria de ser pressionada a converter-se.

**"Não me incomoda"**, disse Ah-Duo.

**"Se Lady Ah-Duo aceitar, então certamente..."**

**"Como eles fizeram esse vidro?"**

Satisfeito ao ver que não haveria confusão, o chef ordenou que um garçom começasse a preparar os lugares para o jantar. O quarto foi escrupulosamente limpo; ele passou o dedo pelas superfícies como uma sogra mesquinha para ver se havia sobrado alguma poeira, mas não encontrou nada.

Ah-Duo relatou que havia convidado Suirei, mas a mulher recusou. Ah-Duo parecia estranhamente apaixonada por Suirei, mas havia uma faceta estranha na matemática da refeição: com quatro delas ali, teria parecido um pouco como uma reunião de duas contra duas, mesmo que fossem todas mulheres. .

Maomao sentiu-se como uma sombra, alguma figura escondida as observando melancolicamente do outro lado do corredor, mas ela optou por ignorá-la. Em vez disso, as três desfrutaram da atmosfera exótica e da deliciosa refeição.

**"Ficarei feliz em limpar aqui",** disse Maomao. A refeição acabou e ela decidiu mandar Ah-Duo e a consorte Lishu de volta primeiro. O quarto de Ah-Duo ficava diagonalmente

em frente ao de Lishu, então ela estava confiante de que elas não teriam nenhum problema com a intimidadora irmã mais velha da consorte.

**“Eu vou ajudar,”** Ah-Duo ofereceu.

**“Não, obrigada, senhora. Eu só quis dizer que chamaria um servidor.”**

Ah-Duo dispensou o garçom depois que a comida chegou, alegando que ela queria sentar e conversar. Na verdade, porém, eram principalmente ela e Lishu conversando, com Maomao oferecendo apenas uma interjeição educada ocasional. Elas falaram de tudo o que aconteceu na viagem, compartilharam lembranças passageiras e comentaram como a cidade era animada. Conversa comum, com certeza, mas Lishu claramente gostou; ela sorriu o tempo todo.

A casa da família de Gyokuyou era bem grande; Maomao quase se perdeu tentando encontrar o servidor.

*Tenho certeza que deveria virar à direita aqui...* ela pensou enquanto caminhava, quando sentiu alguém atrás dela. Cada vez que ela se movia, ela ouvia passos seguindo-a, mas eles paravam sempre que ela o fazia. Ela se virou para descobrir Basen olhando para ela sem jeito.

Ela não disse nada.

Ele não disse nada.

Finalmente ela perguntou: **“Há algum problema, senhor?”**

**“Oh, uh, de jeito nenhum”,** ele respondeu, mas, sempre um péssimo mentiroso, seus olhos se desviaram de forma reveladora.

**"Você está perdido, senhor?"**

**“Qu-Quem, eu? Não...”**

Maomao ficou cada vez mais preocupada se Basen sobreviveria como braço direito de Jinshi. Foi quase cômico observá-lo. No entanto, insistir no assunto agora teria sido cruel, então ela fingiu entrar no jogo.

**“Já que você está aqui, talvez você possa me acompanhar até meu quarto. É um belo caminho até o anexo.”**

**“Sim, suponho que seria apenas cavalheiresco”**, disse Basen. Como Maomao lembrou, o quarto dele ficava no prédio vizinho ao dela. Se ela conseguisse levá-lo tão perto, nem ele poderia se perder no resto do caminho.

Que problemático ele poderia ser. Maomao era decente o suficiente para ajudar, mas não para entretê-lo conversando enquanto caminhavam - não se ele fosse ser tão chato.

Ela pensou que eles poderiam acabar caminhando em silêncio, mas Basen realmente começou uma conversa.

**“Diga, você sabe que tipo de pessoa é a consorte Lishu?”**, ele perguntou, suas palavras pontuadas pelas batidas de seus passos.

**“Devo pensar que Mestre Jinshi estaria em melhor posição para responder a essa pergunta do que eu. Talvez você devesse perguntar a ele.”**

**“Esse é todo o problema. Não posso”**, respondeu Basen, obviamente muito sério.

*Ah, ah. Eu entendi.* Basen estava evidentemente ciente de que um dos objetivos desta expedição era encontrar uma esposa para Jinshi – e ele estava tentando sondar um dos candidatos, o relativamente fácil de ler Lishu.

**“Acho que é uma questão bastante complicada”**, disse Maomao por fim.

Lishu podia ser uma bebê chorão tímida e ainda parecia muito jovem em muitos aspectos – mas, da mesma forma, pode-se dizer que ela ainda possuía sua inocência. Nem todo mundo gostava de alguém que agia de forma tão infantil, mas Lishu era uma pessoa basicamente adorável que poderia apelar ao impulso protetor de um homem.

**"É isso que você quer dizer?"**

**“Por que você deveria duvidar de mim?”**

Basen olhou para ela com os braços cruzados; Maomao fez sinal para que ele se aproximasse e o conduziu para fora do corredor, escondendo-se atrás de uma pedra no jardim. Estava frio lá fora e ela queria acabar logo com isso.

**“Porque tanto Mestre Jinshi quanto meu pai hesitaram quando ouviram esse nome.”**

**“Hesitaram sobre o quê?”** Ela estava tentando se fazer de boba, e se descobrisse que ele sabia dos rumores de que Lishu era filha do imperador, Maomao tentaria conversar sobre isso.

Basen, porém, começou a resmungar rapidamente: **“Ela faz parte do clã U, e eles têm se esforçado demais para se sentir confortável ultimamente. Não o suficiente para ser motivo para recusá-la, mas... Não, na verdade...”**

**“Por favor, não murmure para si mesmo, senhor”,** disse Maomao, convenientemente ignorando seu próprio hábito.

**“Você não vai contar a ninguém o que estou prestes a dizer?”**

**“Se essa for a condição, prefiro não ouvir.”**

**“Você já ouviu isso! Deixe-me tirar isso do meu peito!”** Ele se inclinou e sussurrou em seu ouvido: **“Eles estão falando sobre dar a consorte Lishu em casamento. Especificamente, para Mestre Jinshi.”**

**"Graças a Deus."**

Ela já sabia, então sua demonstração de surpresa foi, na melhor das hipóteses, superficial. Isso pareceu irritar Basen.

**“Isso não te incomoda? Você não acha que é terrível?”**

**“Aham. Acho que deveria estar mais preocupado comigo mesmo do que com outra pessoa. Vendo que já passei do meu apogeu.”**

**“Agora que você mencionou isso, suponho que você esteja certa.”**

O fato de ele ter concordado tão prontamente talvez explicasse por que ele não parecia ser muito popular entre as mulheres.

Jinshi e consorte Lishu. Eles tinham a idade certa um para o outro – Jinshi vinte e Lishu dezesseis. Em termos de aparência, Jinshi parecia um pouco mais velho – er, mais maduro do que era, mas eles ainda pareceriam perfeitamente comuns juntos. Apesar do filho da imperatriz Gyokuyou, Jinshi tinha uma reivindicação bastante significativa ao trono; enquanto isso, Lishu certamente floresceria melhor com Jinshi – que ainda não tinha outras esposas – do que em meio à competição brutal do palácio interno.

Em tal situação, Lishu pode não acabar por se tornar a mãe da nação, mas poderia muito bem ser pelo menos a esposa de um primeiro-ministro. É verdade que isso a tornaria inimiga de todas as mulheres do país e de uma grande percentagem de homens, mas ela também era importante o suficiente para que não conseguissem livrar-se dela tão facilmente.

Pessoas poderosas tiveram que interpretar seus casamentos politicamente. Para eles, o “amor livre” defendido pela irmã de Maomao, Pairin, não passava de uma fantasia. Mesmo considerando a sombra da possível proximidade familiar de Lishu com Jinshi – bem, mesmo que fosse verdade, eles vieram de mães diferentes. Estaria tudo bem. Talvez não seja o ideal do ponto de vista da saúde, mas Basen provavelmente não sabia dessa parte da situação.

No momento, Lishu parecia a candidata mais forte. Maomao olhou fixamente para o homem ao lado dela: Basen, o irmão de leite de Jinshi, deve entender isso tão bem quanto ela. E, no entanto, a ideia parecia incomodá-lo, em algum lugar lá no fundo.

Maomao achou que ela sabia o que era. Simplificando: ele a imagina como uma cunhada. Basen queria descobrir por si mesmo se ela era boa o suficiente para o belo e altamente capaz mestre que ele servia.

**“Meu pai realmente não parecia satisfeito com isso”**, disse Basen. Parecia que foi isso que o fez começar com isso.

*Compreensível*, pensou Maomao. Afinal, Gaoshun provavelmente sabia mais sobre os nascimentos de Jinshi e Lishu do que Basen.

Quanto ao próprio Jinshi, ele provavelmente poderia seguir qualquer caminho com Lishu. Ela era certamente bastante bonita e, com mais alguns anos, provavelmente ganharia alguma maturidade. Ela não poderia ser chamada de talentosa por natureza, mas também não parecia disposta a fazer de tudo para dificultar a vida dele. Tudo bem, então as relações familiares dela podem ser um pouco complicadas – mas que casamento não trouxe algumas brigas com os sogros?

**"Ela pode ter algum tipo de falha"**, disse Basen, praticamente ansioso.

*Talvez não coloque assim*, Maomao o aconselhou em particular. Se alguém ouvisse, poderia acabar levando uma boa surra.

**"Se você está tão preocupado, por que não vai vê-la você mesmo?"**

**"O que?"**

**"É claro que você não a conhece agora, e nesta expedição em particular ela usa um véu toda vez que aparece na frente de um homem. Mas ela se abrirá à medida que conhecer você. Pelo menos um pouco."**

Na verdade, Lishu agora falava algumas vezes na presença de Suirei. Ela nunca falou diretamente com Suirei – ela tinha a impressão de que Suirei era um homem – mas ainda assim. Maomao estava feliz por Lishu não ter conhecido Suirei em seu tempo no palácio interno. Elas podem ter se cruzado uma ou duas vezes, mas nada que permanecesse na memória de Lishu.

**"Foram você e seus homens que resgataram a carruagem de Lady Ah-Duo, não foram? A desculpa perfeita para visitá-la e para se aproximar um pouco mais da consorte Lishu enquanto você está nisso."**

**"Er... Sim..."** Basen parecia um tanto desanimado e não olhava nos olhos dela. **"Eu só me preocupo... Bem, ela é uma mulher... E as mulheres não têm medo de gente como eu?"**

*Uh o quê?* Maomao simplesmente não sabia onde queria chegar. **"Isso vindo do homem que escapou por pouco do meu bordel com sua virgindade."**

**"Quieta sobre isso!"** Basen exclamou, corando furiosamente ao pensar em Pairin. Infelizmente, seus gritos pareciam ter atraído a atenção. Eles podiam ouvir passos vindo em sua direção.

Basen colocou a mão sobre a boca de Maomao, seu aperto tão forte que ela quase gemeu de dor. *Foi ele quem gritou!*, ela se irritou, mas ficou quieta.

**"Tem alguém aí?"**, uma voz perguntou educadamente. O que parecia ser que várias pessoas estavam se aproximando. Maomao pensou ter ouvido o coração de Basen

batendo forte ao lado dela; ele ainda não a tinha deixado ir. *Ele tem força, pelo menos*, ela pensou, fazendo uma careta de desconforto e esperando que ele a deixasse ir logo.

Era difícil dizer no escuro, mas parecia um grupo de três homens. Eles pararam, mas um deles se aproximou, até ficar a apenas uma pedra de distância de Maomao e Basen.

**"Talvez eu estivesse ouvindo coisas"**, disse o homem, e virou-se para sair.

Então, porém, uma voz familiar disse: **"Talvez. Mas o que aconteceu com Basen?"**

Basen reprimiu um suspiro; agora seu coração estava realmente acelerado. Houve um som de estalo, um galho quebrando.

*Ah, por...*

Jinshi, procurando por Basen, estava lá. E ajudando-o estavam ninguém menos que Lahan, de óculos, e o assistente de trinta anos, Rikuson.

# Capítulo 14: A Capital Ocidental – Segundo Dia

No dia seguinte, Maomao foi convocada por ninguém menos que Lahan.

**"É verdade, é verdade, esqueci de mencionar",** disse o homem de olhos de raposa e cabelo despenteado enquanto tomava um gole de chá. Ao lado dele estava sentado o gentil Rikuson. Eles estavam em um caramanchão na mansão, o oásis próximo tornava o lugar arejado e fresco. A casa inteira parecia construída para maximizar as oportunidades de se refrescar. **"Recebi ordens de vir aqui, por uma série de razões. Há, creio que se poderia dizer, assuntos de negócios a tratar."**

Todos tinham seus talentos, supunha Maomao, e era de se esperar que Lahan viesse correndo sempre que houvesse números concretos envolvidos. Quanto ao porquê de Rikuson estar com ele...

**"Meu superior não quer sair da capital, então vim no lugar dele."**

**"Huh",** observou Maomao. **"Ele parece um superior inútil, senhor, devo dizer."**

**"Agradeço sua franqueza, Maomao, mas aqui e agora acho que um mínimo de discrição é necessário."** Foi uma daquelas coisas raras: um comentário sério de Lahan. De qualquer forma, Maomao entendeu isso perfeitamente; foi por isso que ela teve o cuidado de adotar um tom educado.

Já era tarde depois do encontro dela com Basen e depois com Jinshi, então Maomao foi direto para a cama - mas aparentemente todos os outros ficaram acordados e os resultados não foram bons. Mas tudo parecia ter sido um grande problema, e Maomao fez o possível para ignorar isso. Ela ainda tinha marcas vermelhas onde Basen a agarrou, e seu principal interesse no momento era se livrar delas.

Falando em Jinshi e Basen, eles tiveram uma reunião esta tarde. Toda essa história de conduzir política durante o jantar e tentar constantemente sondar uns aos outros parecia uma enorme dor de cabeça para Maomao. Já seria ruim o suficiente lidar com Gyokuen, que agora tinha uma filha imperatriz, mas colocar estrangeiros na mistura e o pensamento só se tornaria mais deprimente.

**“Então, sobre o que você queria falar comigo?”** Maomao perguntou.

**"Isso."** Lahan deslizou os óculos pela ponta do nariz com o dedo indicador. Então ele tirou um pedaço de papel das dobras do seu manto. Acabou sendo um pôster de procurado bem detalhado.

**"Huh..."**

A foto mostrava uma mulher, ainda relativamente jovem, com traços graciosos. Isso por si só a tornava um pouco diferente de muitas mulheres, mas o pôster também trazia uma descrição adicional: ***“Olhos vermelhos; cabelo branco; pele pálida.***" Isso reduziu bastante. Na verdade, Maomao só conseguia pensar em uma pessoa que se enquadrasse na descrição.

**“A Dama Branca? Fomos vê-la juntos.”**

**“Sim, nós fomos”,** disse Lahan, e começou a mostrar-lhe um segundo pedaço de papel.

**"Quem é?"**

Outro pôster de procurado, este mostrando um homem. Infelizmente, uma ilustração nunca parecia real – e Maomao raramente se preocupava em lembrar os rostos de pessoas que não a interessavam, de qualquer maneira. Resumindo, ela não tinha ideia de quem era o homem.

Lahan alinhou os cartazes de procurados um ao lado do outro.

*Hum*? Algo surgiu na memória de Maomao, uma sensação de que talvez ela tivesse visto o homem em algum lugar.

**“Encontramos este homem há vários dias”,** disse Lahan.

**“Isso mesmo”,** acrescentou Rikuson, “**Tenho certeza disso”.**

**“Rikuson nunca esquece um rosto.”**

**“Talvez minha única habilidade”**, disse ele modestamente. Tudo bem, então ele ainda não parecia exatamente adequado para o serviço militar. Mas dado que o estrategista excêntrico que serviu como chefe de Rikuson não conseguia distinguir um rosto do outro, ter alguém com um talento como o de Rikuson por perto não faria mal. Aquela aberração com seu monóculo tinha um talento para julgar os usos de outras pessoas que parecia quase sobre-humano.

**“Quando exatamente foi isso?”**

**“Cerca de dois dias atrás. Não creio que ele esperasse que o encontrássemos; ele estava se passando por um dos carregadores que traziam a carga das carruagens. E mais... A carga em questão pertencia a um comerciante de Shaoh.”**

Shaoh: um país além da região desértica a oeste de Li. Localizava-se num local bastante precário; ao sul havia montanhas, mas nos outros três lados estava cercado por nações maiores. Como recordou Maomao, as duas emissárias especiais que visitaram a corte no ano anterior tinham vindo de Shaoh.

E uma dessas emissárias fornecia armas de fogo *feifa* ao clã Shi.

O rosto de Maomao escureceu. **“Isso é uma coisa ruim, certo?”**

**“De modo geral, eu diria que sim.”**

Isso significava que as mesmas pessoas que causavam problemas na capital agora apareciam entre os mercadores de Shaoh. E se estivessem ligados à Dama Branca, então havia toda a possibilidade de que estivessem transportando ópio e estivessem envolvidos com os bandidos. Mesmo a politicamente densa Maomao conseguia compreender que se outra nação estivesse a acolher pessoas assim, seria um mau sinal.

**“O que é pior, Shaoh gosta de ser reservado.”** Em outras palavras, mesmo que quisessem capturar um criminoso, não poderiam simplesmente invadir. **“Normalmente, não conseguiríamos colocar as mãos neles”**, continuou Lahan. E, no entanto, era difícil imaginar que alguém que tivesse vindo para uma nação totalmente separada estivesse agindo de forma totalmente independente do seu governo. **“Mas não podemos dizer nada sobre isso. Esse é o problema.**"

O testemunho deles, em última análise, veio de apenas um soldado que supostamente tinha boa memória. Independentemente do que Rikuson dissesse, as pessoas poderiam facilmente objetar que ele era apenas uma pessoa; ele poderia muito bem estar enganado sobre quem tinha visto. Lahan poderia tentar informar a capital, mas mesmo que encontrassem o cavalo mais rápido do mundo, demoraria mais de dez dias para entregar a mensagem — e o mesmo para trazer qualquer resposta.

Tudo isso, aparentemente, foi o que o trouxe até Maomao.

"**Onde você quer chegar?**", ela perguntou.

**“Eu quero que você esteja no banquete. É por isso que você tem um quarto, não é? Aqui, neste momento, você é uma princesa do clã La.”**

Maomao não disse nada, mas sua expressão provocou uma sobrancelha franzida em Lahan. **“Aham. Por favor, não mostre suas presas... er, dentes para mim. Quem sabe quem pode estar assistindo? Olha, até Rikuson tem medo de você.”**

**“Eu não vi absolutamente nada, senhor e senhora.”** Rikuson olhava atentamente para o céu azul como se nada estivesse acontecendo. Talvez ele fosse um homem melhor do que Maomao acreditava.

Em suma, as negociações comerciais em questão tornavam este homem demasiado importante para recusar, fosse ou não um verdadeiro comerciante. Mas se houvesse mais nele do que aparentava, poderia haver problemas. Se ele fosse real, a Dama Branca estaria com ele? E se sim, ela poderia ter inventado algum veneno desconhecido com sua alquimia? Ou talvez eles possam simplesmente usar narcóticos. Eles podem até ter algum outro plano em ação.

**“Pode haver venenos raros envolvidos. Você não está curiosa?”,** Lahan disse. Um truque sujo. Se ele pensasse que isso faria Maomao acompanhá-lo... **“Se pegarmos o homem, você estará livre para investigar exatamente que tipo de veneno eles têm.”**

Desta vez ela não disse nada e seu rosto permaneceu neutro.

**“Claro, se você não estiver interessada, então é isso...”**

Maomao soltou um suspiro e Lahan sorriu abertamente. Sim, era verdade: ele a tinha. Mas ela odiava concordar de graça. Ela receberia honorários, é claro, mas se perguntava se não haveria mais alguma coisa que pudesse pedir. Consorte Lishu passou por sua mente.

**“Então você pode se lembrar de qualquer pessoa que viu uma vez, certo?”**, ela perguntou, virando-se para Rikuson.

Ele finalmente baixou o olhar do céu. **"Sim, senhora. Não é um talento muito interessante, devo admitir.”**

**"Tudo bem. Então você pode determinar pelo rosto das pessoas se elas têm parentesco de sangue? Quer sejam pais e filhos, digamos?”**

**“Suponho que poderia tentar”,** disse Rikuson. Cada criança recebeu algumas características físicas de seus pais, e Maomao pensou que talvez Rikuson pudesse ver ou sentir tais coisas. Mas ele disse: **“No entanto, seria apenas minha opinião subjetiva. Sem uma boa razão, dificilmente poderia ser chamado de prova de alguma coisa.”**

**“Ele está certo”,** Lahan interrompeu, ganhando um olhar feio de Maomao.

**"Não há nenhuma maneira, então?"**

Lahan também parecia ver um mundo que outros não viam. Ela desejou poder colocar isso em uso de alguma forma.

**“Você acha que qualquer suposta prova que eu descobrisse seria aceita por qualquer outra pessoa?”,** ele perguntou.

Maomao foi forçada a concordar com ele. Sem critérios claros e mensuráveis, não haveria forma de estabelecer a verdade dos seus julgamentos, mesmo que ele estivesse certo. As crianças podem receber uma série de características físicas distintivas dos seus pais, mas não seriam idênticas e, de qualquer forma, apenas sugeririam uma possibilidade. Se ao menos houvesse algo, algum padrão com o qual todos pudessem concordar.

**"Minhas sinceras desculpas por não poder ajudar mais"**, disse Rikuson.

**"Por favor, não pense nisso."**

**"Perdoe-me se estou exagerando"**, acrescentou hesitante, **"Mas talvez você pudesse ir à mansão do Mestre Lakan de vez em quando?"**

Depois de um longo momento, Maomao disse: **"Talvez eu possa pedir que você nunca mais mencione isso"**. Seu rosto se contorceu de desgosto. Esse homem, Rikuson, parecia um ser humano perfeitamente decente, mas não parecia entender que havia coisas de que se falava e coisas que não se falava.

**"Minhas desculpas",** disse Rikuson, abaixando a cabeça em uma reverência. **"Acho melhor voltar ao trabalho."** Então ele saiu apressado do caramanchão.

Lahan olhou para Maomao, seu rosto sem nenhuma expressão definida. **"Você não tem interesse em vir?"**

**"Para aquele seu banquete? Você sabe o que? Esqueça."** Com a saída de Rikuson, ela começou a falar de maneira menos educada.

**"Oh, não fique toda irritada. Essas coisas com as quais o comerciante ocidental está negociando... você não quer um pouco disso?"**

Então ele iria continuar com a tentativa de suborná-la. Bem, é claro que ela queria. Maomao ficou em silêncio e Lahan olhou para ela com atenção. Ele parecia estar pensando em alguma coisa.

**"Sabe, pensando bem..."**, ele disse depois de um momento.

**"Sim?"** Só porque Maomao estava com raiva não significava que ela não pudesse ser meio educada. Ela tomou um gole do chá que o garçom lhes trouxe.

**"Ontem à noite... Você e Basen... Alguma coisa acontecendo?"**

Maomao teve maturidade suficiente para não simplesmente cuspir o chá, mas de repente ficou muito amargo. Ela engoliu o mais rápido que pôde. O que isso tem a ver com essa conversa de pais e filhos?

**"Mestre Basen é um vir—"**

**“Eu sei, eu sei, você não precisa dizer isso. Meu Deus, pare já. Você não precisa contar os segredos mais embaraçosos de um homem para todos que encontrar.”**

Ele estava certo; foi uma coisa indelicada de se dizer. Mesmo que fosse óbvio olhar para ele, ela conseguia entender onde um jovem de sua idade poderia não querer anunciar tal fato. Se ele estava realmente envergonhado com isso, ela tinha certeza de que sua irmã Pairin seria gentil o suficiente para ensiná-lo. Pairin gostava de um homem musculoso – por que não satisfazê-la?

**"Você não está pensando em nada...inapropriado, está?"** Lahan sorriu.

**“Não sei o que você quer dizer.”**

Ela certamente não estava imaginando empurrar Basen para o quarto de Pairin.

**“Tenho certeza que não. Nesse caso...”** Ele respirou fundo e então disse algo inimaginável. **“Talvez você esteja interessado em pedir ao irmão mais novo do imperador que plante sua semente em sua barriga.”**

Ocorreu brevemente a Maomao que ninguém a culparia por encharca-lo com o resto do chá, mas como estavam na casa de outra pessoa, ela se conteve. Ela, no entanto, não dignificou seu comentário com uma resposta.

**“Eu conheço você – você gostaria de tentar dar à luz, só pela experiência. Mas você não tem interesse nas crianças como tais. Eu ficaria feliz em criar o filho do irmão mais novo do imperador e faria um bom trabalho. Enquanto isso, você pode fazer o que quiser ou talvez não fazer o que não gosta. Não estou necessariamente sugerindo que você se torne formalmente sua esposa. Só precisa haver alguns... deslizes. Você dá à luz, eu ganho um herdeiro; todos estão felizes.”**

**“Então faça você mesmo”**, rosnou Maomao.

**“Eu faria isso, mas não consigo encontrar a parceira ideal.”**

A “parceira ideal” de Lahan era provavelmente apenas a versão feminina de Jinshi, aquele que colocaria a nação de joelhos. Afinal, essas mulheres não cresciam em árvores.

**“É realmente um desperdício que ele seja o irmão mais novo do imperador. E pensar que mesmo com aquela cicatriz na bochecha, ninguém o supera em beleza.”**

**“Por que não simplesmente cortar o seu bem mais precioso e fazer um transplante de útero? Plantar alguma semente em você?”**

**"Você pode fazer isso?"** Foi assustador a seriedade com que Lahan perguntou isso. Quando Maomao respondeu que não, você não poderia, ele olhou para o chão, na verdade um pouco desapontado. Então ele era hétero, mas evidentemente não tinha problemas com mudanças de sexo. Maomao não entendeu seus padrões.

Então Jinshi pode estar fora de questão – mas se alguém tivesse um filho de Jinshi, a prole poderia se parecer com ele. Talvez fosse isso que Lahan estava pensando. Talvez ele esperasse que com Maomao, que tinha um rosto tão comum, como o da mãe, as feições de Jinshi permanecessem mais proeminentes – e agora ele estava tentando inventar uma desculpa para arquitetar a ligação. Um herdeiro, de fato. Ambos sabiam o que seria da criança se fosse uma menina.

**"Prometo cuidar dele e criá-lo por toda a minha vida"**, disse Lahan. Ou seja, criá-la até que ele pudesse torná-la sua noiva. Ele certamente estava tendo uma visão de longo prazo, pelo menos.

Maomao pode tê-lo marcado como pedófilo naquele momento, mas talvez isso simplesmente tenha demonstrado a profundidade de sua devoção à beleza de Jinshi. Ela não duvidava de sua fé de que uma mulher que herdasse pelo menos uma fração da aparência de Jinshi estaria entre as mais bonitas que já existiram. Ela também não tinha dúvidas de que Lahan era completamente desesperado, totalmente inútil, e que se alguém lhe perguntasse se ela conhecia algum homem legal, ele seria a única pessoa que ela nunca, jamais, apresentaria a eles. Sempre.

**"De qualquer forma, experimente!"** ele disse, olhando para ela com olhos cheios de esperança. Maomao bebeu o resto do chá e saiu do caramanchão, certificando-se de pisar nos pés de Lahan enquanto caminhava.

Quando ela voltou para seu quarto, um alfaiate estava lá. Será que Lahan providenciou para que ele viesse? Ele já tinha alguns vestidos prontos para ela e queria verificar o caimento. O padrão e as decorações eram um pouco diferentes dos que Maomao estava acostumada; tinha uma saia que quase parecia pertencer a um vestido ocidental.

**"Agora, senhorita, faça a gentileza de se trocar por mim."**

O alfaiate, que usava rouge vermelho brilhante, apresentou-lhe uma grande variedade de roupas. Se Lahan estava por trás disso, ele estava sendo extraordinariamente generoso. Maomao passou a hora seguinte sendo tratado como uma boneca fantasiada.

Quando o alfaiate finalmente voltou para casa, Maomao finalmente deitou-se na cama. Só então ela notou algo sobre a mesa: uma caixa de madeira de paulownia de excelente qualidade.

*Acho que devo usar o que quer que esteja aí. Talvez fosse um prendedor de faixa para o cinto de seu roupão*, ela pensou, mas quando o abriu descobriu um prendedor de cabelo prateado. Por um momento, ela pensou que de alguma forma a mecha de cabelo prateada que ela nunca esperava ver novamente havia conseguido retornar para ela.

Era uma peça linda, esculpida com uma imagem da lua e flores – e papoulas. Adorável, sim, mas Maomao sorriu ao perceber o que as papoulas significavam. Ela foi em frente e colocou o palito no cabelo, só porque sim. Estranhamente, parecia bastante adequado, e a maneira como ela continuou a usar o acessório depois disso talvez tenha sido um pouco diferente dela.

Naquela noite foi o banquete no grande salão. Todos os personagens importantes, inclusive os demais que vieram da capital, estavam lá. Grandes homens que olhavam para Jinshi com luxúria ou desdém quando ele supostamente era um eunuco agora tropeçavam em si mesmos para servir sua bebida. Maomao teve que lutar para reprimir uma risada.

Maomao sentou-se meio passo atrás de Lahan, que já estava sentado. Homens e mulheres normalmente não se sentavam juntos, mas Maomao era tratada como uma convidada. Em outro lugar da sala, Jinshi estava sentado com Gyokuen, e na diagonal deles estava um homem de meia-idade e estatura mediana.

**"Ele está... bem, você pode ver",** disse Lahan. Apesar da escolha ambígua das palavras, Maomao sabia exatamente o que ele queria dizer. Uryuu, pai de Lishu. Certamente se poderia dizer que ele se parecia com a consorte, mas, novamente, se poderia dizer que não. Só para garantir, ela olhou novamente para Lahan. Ele entendeu muito bem o que ela quis dizer, mas deu a única resposta apropriada: **"A quem exatamente devo comparar?"**

Ele estava certo; a questão da consorte Lishu não deveria ser tornada muito pública. Maomao foi descuidada, mas o fato de Lahan ter adivinhado imediatamente o que ela estava pensando sugeria que rumores circulavam na corte.

Além disso, como ela estava fora do palácio interno por dispensa especial, Lishu cobria o rosto com um véu sempre que estava na presença de um homem. Não era exatamente proibido para ela mostrar o rosto, mas ela provavelmente estava tentando evitar isso tanto quanto possível. Ela também não estava presente neste jantar. Em vez disso, uma jovem sentou-se ao lado de Uryuu. Ela continuou lançando olhares para Jinshi. Pelo corte do manto e pela maneira como ela escondia a boca com o leque, Maomao percebeu que foi a meia-irmã quem deu um tapa em Lishu.

A meia-irmã puxou a manga do pai e disse algo para ele, após o que Uryuu, de um jeito meio qualquer-coisa-para-minha-querida-filha, virou-se para Jinshi e começou a conversar, claramente na esperança de apresentar sua filhinha.

Maomao deixou a cena penetrar. A meia-irmã obviamente tinha uma obsessão bastante pedestre pela aparência. Francamente, todo o arranjo, com homens e mulheres misturados, pareceu estranho a Maomao. Suas próprias qualificações para estar presente entre todos aqueles figurões consistiam em nada mais do que ser parente de Lahan, e ela se perguntou se seria realmente aceitável que ela estivesse ali. Talvez esse fosse o ponto.

Muitos dos outros homens presentes pareciam estar pensando da mesma forma que Uryuu; eles estavam visivelmente ansiosos pela chance de apresentar Jinshi às suas filhas. A filha de Gyokuen já era imperatriz, o que significava que o dono da casa podia se dar ao luxo de parecer bastante plácido sobre o assunto. Na verdade, ele parecia estar gostando de ver como Jinshi respondia à situação. Sim, ele realmente era o pai da imperatriz Gyokuyou.

Até as criadas coraram ao notar a aparência de Jinshi, mas não foi o suficiente para fazê-las esquecerem seus empregos. Elas estavam sempre alertas para que nenhum copo ficasse vazio. Sempre que um prato era retirado, o próximo prato aparecia, mas, infelizmente, os altos funcionários não comiam muito. Uryuu, por exemplo: mordiscou um pouco de arroz e um pouco de cordeiro com osso, mas recusou todo o resto, exceto álcool.

Lahan parecia gostar muito do peixe; parecia ser tudo o que ele estava comendo. Isso pareceu tranquilizar um pouco os chefs.

Maomao também experimentou um pouco de peixe. Era peixe branco, em conserva e salgado — presumivelmente foi assim que conseguiram preservá-lo aqui. Tinha um cheiro um pouco estranho, mas provavelmente estava apenas fermentado, não podre. Como alguém que estava acostumado a conseguir peixe fresco na capital, Maomao sentiu que deixava a desejar, mas Lahan, pelo menos, parecia achar o peixe fedorento preferível à carne de cordeiro.

Maomao, bastante despreocupada com nada disso, comeu até se fartar. As filhas dos vários funcionários limitaram-se a delicados goles de suco para que o rouge em seus lábios não manchasse, mas Maomao não se importava com o que faziam. A elegância com a qual ela estava vestida aparentemente passou no teste, mas se ela estivesse usando suas roupas habituais, eles a teriam confundido com uma empregada de copa imunda. Mais de um pai se aproximou de "Senhor Lahan" para perguntar quem era sua "honrada irmã mais nova", mas quando descobriram que a jovem os cumprimentava com canja de galinha por todo o rosto, eles sorriam com tristeza e pediam licença. Sem dúvida, logo começariam os rumores de que a família de Maomao era toda excêntrica.

Nada muito estranho foi oferecido para o jantar, mas, diferentemente de uma refeição típica na corte, aqui as pessoas se serviam de grandes pratos comunitários. Se houvesse veneno em alguma coisa, teria que ser algo colocado diretamente pelos servidores.

*Eu me pergunto como exatamente será essa refeição.*

Ela sabia sobre banquetes, mas as roupas exóticas sugeriam que seria diferente de qualquer banquete que Maomao conhecia. Seu pai lhe dissera que os banquetes no oeste tinham menos a ver com comida e mais com prazer de dançar, mas ela não entendeu direito. E seria difícil verificar se havia veneno em uma situação que ela mal conseguia imaginar para começar.

Por um lado, quando você nunca sabe quem comerá um determinado prato, você terá que ficar de olho nos atendentes que servem a comida. E sem saber os ingredientes exatos envolvidos, seria muito fácil confundir um tempero com uma erva venenosa. Assim, Maomao tentou observar os sabores e a aparência dos alimentos enquanto comia.

Normalmente, a regra número um num banquete formal como este era comer o mínimo possível – mas, com todas as desculpas ao pai da imperatriz Gyokuyou, isso simplesmente não era algo que Maomao pudesse fazer.

Enquanto ela comia, alguém colocou uma taça de vinho ao lado dela. Pensando que era algum servidor diligente trabalhando, ela olhou para cima e descobriu que a xícara vinha do homem sentado ao lado dela. Parecia que ele não se importava de receber álcool dos garçons, mas não iria beber ele mesmo. Então foi o menino bonito que foi tão atencioso.

**"Muito obrigada, Mestre Rikuson"**, disse Maomao.

**"Você não precisa usar nenhum título especial comigo, senhorita Maomao."** O 'senhorita' foi o suficiente para trazer uma carranca pronunciada ao rosto de Maomao. Mas teria sido igualmente irritante ser corrigido completamente, e este parecia ser o seu pequeno empurrão. Ela simplesmente nunca sabia como falar com esse cara.

**"Rikuson, então."** Ela se sentiu estranha com isso, mas faria qualquer coisa para evitar que ele a chamasse de "jovem" novamente.

Rikuson, aparentemente apaziguado, sorriu. **"Nesse caso, Maomao. Não sou muito bom em segurar meu álcool, então ficaria feliz se você bebesse no meu lugar."**

Bem, com um convite desses, como ela poderia recusar?

E temos que ter certeza de que não há nada de errado com o vinho.

Ela levou a xícara aos lábios. Era vinho de uva, não muito alcoólico. Ela tomou um gole de água para limpar o paladar e depois preparou a próxima porção de comida. Os servidores decididamente não estavam priorizando Maomao, então ela teve que se ajudar. Mas, novamente, esta mistura de homens e mulheres era estranha; a maioria das pessoas esperava que uma mulher como Maomao permanecesse quieta em segundo plano.

**"É esse que você queria?"**

**"Sim, obrigada."**

Foi Rikuson quem estendeu a mão e pegou o prato que Maomao queria. Parecia que ele não foi designado para aquele estrategista excêntrico à toa – sua veia decente deve tê-lo ajudado a sobreviver ao serviço. Rikuson começou a acenar para os servidores periodicamente, dizendo que queria isso ou estava fora daquilo. No começo parecia que ele estava realmente colocando-os à prova, mas então ela o viu observando seus rostos e corpos.

*Ele os está guardando na memória*, ela pensou. Mais uma razão para Maomao não se esforçar para lembrar os rostos dos criados. Ela poderia deixá-lo se preocupar com isso, enquanto ela aprendia sobre a comida.

**"Esse é um lindo palito de cabelo que você tem",** disse Rikuson.

**"Você acha?"**

Então ele também sabia como ter uma conversa educada. Maomao lembrou-se de que ela ainda usava o prendedor de cabelo da caixa de paulownia. Não era extravagante, mas mesmo o olho inexperiente poderia dizer que era de boa qualidade. Maomao pensou ter detectado as jovens mais bem-educadas na sala olhando ocasionalmente para seu cabelo, e agora ela entendia por quê.

*Posso vendê-lo mais tarde*, pensou ela.

Quase no mesmo momento, houve um estrondo de talheres quebrados. Ela olhou na direção do som para descobrir uma serva aterrorizada e Uryuu com a mão para cima. **"Eu te disse, eu não quero isso!"** Uryuu estava gritando.

**"Eu... sinto muito..."** A mulher começou a limpar os pedaços do prato, ainda obviamente apavorada. Aparentemente, ele havia quicado no chão e se espatifado contra a parede; o conteúdo estava espalhado por toda parte.

*Que desperdício*. Maomao entendeu: os cozinheiros tiveram todo aquele trabalho para preparar o peixe, e o garçom provavelmente queria ter certeza de que ele seria comido. Mas mesmo assim, foi um pouco atrevido.

Os outros na sala pareciam chocados. Uryuu, percebendo a comoção que havia causado, esforçou-se para parecer calmo novamente. **"Meu Deus, olhe para mim. Sinto muito"**, disse ele, abrindo um sorriso para a sala, mas isso não colocou a comida de volta no prato. Ouviram-se rumores bastante desfavoráveis sobre Uryuu – mas mesmo assim, sua reação aqui parecia nitidamente mal-humorada.

Gyokuen coçou a barba e sussurrou para outro servidor. Presumivelmente instruindo que a mulher errante fosse disciplinada ou mesmo demitida. Só se podia esperar que a misericórdia fosse uma das coisas em que ele se parecia com a filha.

# Capítulo 15: O Banquete (Parte Um)

A diplomacia dava muitos problemas: por exemplo, você ia a algum lugar que levava mais de vinte dias em cada sentido para chegar, apenas para ficar lá por apenas cinco dias. Durante esses cinco dias, não houve fim de reuniões, saudações e refeições, de modo que as pessoas importantes estavam constantemente ocupadas; enquanto Maomao não tinha esse trabalho para fazer. Ela não podia exatamente passear, então estava pensando que talvez fosse estudar as plantas do jardim quando alguém bateu em sua porta.

*Quem diabos é?*

Ela abriu a porta e descobriu uma mulher parada ali sorrindo. Maomao não sabia o nome dela, mas sabia quem ela era: a meia-irmã da consorte Lishu. A comitiva necessária flanqueou-a de ambos os lados.

**"Posso ajudá-la, senhora?"** Maomao perguntou educadamente, mas ela pensou: *o quarto da consorte Lishu fica ao lado - entenda direito*! Ela era pelo menos adulta o suficiente para manter esse pensamento para si mesma.

A meia-irmã olhou para Maomao e então riu deliberadamente: **"Pfft!"** Alguém poderia perguntar o que inspirou uma risada tão irritantemente condescendente, mas parecia representar a avaliação geral que a mulher fazia de Maomao.

**"Pensei simplesmente em me apresentar",** disse a outra mulher. **"Como membros de clãs nomeados, imagino que poderemos nos ver novamente no futuro."**

Maomao sentiu uma carranca no rosto à menção de clãs nomeados. Ela odiava ser tratada como um membro da família, mesmo que fosse só desta vez.

A meia-irmã, entretanto, olhava para a cabeça de Maomao. **"Aquele era um prendedor de cabelo realmente lindo que você estava usando ontem à noite",** disse ela.

**"Você acha? Infelizmente, não estou particularmente sintonizado com o valor dos objetos."**

É onde estava a atenção dela? Esses tipos de princesa tinham olhos muito rápidos. Maomao percebeu que se ela vendesse o palito de cabelo, logo seria rastreado até ela.

**"Estou muito animada para descobrir o que você vai vestir no banquete desta noite",** disse a meia-irmã, e então, com um floreio, escondeu a boca atrás de um leque dobrável de pena de pavão e foi embora.

*Não se tratava tanto de introdução, mas de observação*, pensou Maomao. Ela foi uma das poucas jovens que acompanhou a expedição para o oeste — embora, a julgar pelo jantar da noite anterior, a maioria dos presentes esperasse insinuar-se com Jinshi.

Observando a maneira como os quadris da mulher balançavam enquanto ela andava, Maomao concluiu que essa meia-irmã não se parecia muito com a consorte Lishu. Se tivesse, talvez Lishu teria se perguntado menos sobre sua ascendência. Ainda assim, se o imperador fosse realmente o pai de Lishu, Maomao não pôde deixar de se perguntar se não teria encontrado uma maneira melhor de usá-la. Pode ser malicioso da parte dela, mas ela pensou que provavelmente havia usos melhores para Lishu.

Agora, depois de ter sido ridicularizada logo pela manhã, Maomao dirigiu-se ao jardim na esperança de se sentir melhor. Um jardim, alimentado pelo importantíssimo oásis, era uma demonstração de poder nesta terra árida. Mas Maomao suspeitava que não fosse totalmente frívolo – o pai da imperatriz Gyokuyou não parecia o tipo de homem que se entregava ao luxo apenas pelo luxo. Uma lição que ele havia passado para a filha, percebeu Maomao, quando ela considerou o número e a qualidade das mulheres que serviam no Palácio de Jade.

E o que havia no jardim? Num canto crescia uma planta estranha, diferente de tudo que Maomao já tinha visto. Não se poderia dizer que tinha folhas ou caules. Quando ela o inspecionou, com os olhos arregalados, descobriu que tinha uma espécie de cera na

superfície, como uma vela, e estava coberto de espinhos estreitos. Parecia semelhante ao aloe vera, mas em forma de leque. Muito intrigada, Maomao estendeu a mão para tocá-la.

**"Eu não faria isso se fosse você. Esses espinhos não são fáceis de tirar se te espetarem",** disse alguém. A voz não era obviamente masculina ou feminina, e quando Maomao olhou em direção a ela, viu uma pessoa adorável em roupas masculinas agachada e inspecionando a planta incomum. Era Suirei. Ela era atendida por um jovem. À primeira vista, parecia um servo, mas Maomao sabia que era um zelador. Era estranho que ela tivesse tido permissão para vir aqui; evidentemente a mentalidade não era muito rígida.

Suirei era uma apotecária como Maomao. Elas pensavam de maneira semelhante, e nenhuma delas poderia deixar de querer aprender mais sobre quaisquer plantas ou flores incomuns que pudessem encontrar.

**"Tudo bem, então o que é e como você o usa?"**, Maomao perguntou.

**"Suponho que se chama cacto. Foi descoberto bem a oeste e trazido para cá como um experimento, porque é considerado bastante resistente em climas secos. Os frutos e caules são comestíveis."**

Maomao assentiu, impressionada. Suirei obviamente se dedicou a esta planta, talvez desde que chegou aqui. Ela tinha um caderno nas mãos e desenhava o cacto diligentemente.

**"Alguma parte dela pode ser usada medicinalmente?"**, Maomao perguntou.

**"Isso eu não tenho certeza. Considerando a semelhança com o aloe vera, espero que tenha alguns usos. Eles têm um pouco disso crescendo nas proximidades."**

Seu assistente assistiu a conversa em silêncio; ele provavelmente estava memorizando cada palavra e relataria isso a seus superiores mais tarde.

*Não que estejamos dizendo algo incriminador.* Elas estavam apenas conversando sobre medicina.

**“Se eles têm aloe vera aqui, talvez eu possa pedir que me dêem um pouco.”**

**“Sem medicação para queimaduras?”**, Suirei perguntou.

**“Não, a dieta constante de rações portáteis deixou minha digestão um tanto irregular.”**

**“Ah. Entendo."**

Suirei pode parecer um jovem bonito, mas na verdade ela era uma mulher, mais ou menos da idade de Maomao. Ela entenderia a situação com a “barriga” de uma mulher. Como eram os aspectos de saúde que lhe interessavam, ela não ficava desnecessariamente envergonhada com as coisas, e isso tornava fácil conversar com ela. Nesse sentido, ela e Maomao eram muito parecidas.

**“Nesse caso, talvez eu deva garantir que a consorte Lishu também leve alguns”,** disse Suirei.

Maomao fez um som de concordância. Era verdade: se até Maomao estava sentindo os efeitos da dieta, a princesa protegida provavelmente estava sofrendo. Ela era tão atenciosa com os outros que muitas vezes até evitava usar o banheiro quando precisava. Pelo menos sua saúde estava mais ou menos cuidada, graças ao fato de Ah-Duo estar sempre com ela.

**“Em termos de ingredientes que você encontra por aqui, pode ficar bem misturado com iogurte”**, disse Suirei. O leite fermentado certamente ajudou a manter as coisas regulares.

**“Er, não tenho certeza se isso é uma boa ideia.”**

**"Por que não?"**

Porque havia tantos alimentos que Lishu não conseguia comer. O peixe branco podia causar-lhe erupções na pele e ela não lidava bem com o mel. Se lhe dessem algo a que ela não estava acostumada, longe de melhorar seus movimentos, poderia piorar as coisas. Maomao avistou Lishu evitando principalmente alimentos desconhecidos no jantar na noite em que foram para a mansão.

Um sulco se formou na testa de Suirei enquanto ela ouvia Maomao. Maomao sabia perfeitamente o quanto tudo isso era problemático. Se Lishu tivesse nascido plebeia, provavelmente não teria passado dos sete anos de idade. Ainda assim, ela fez bem em suportar a longa viagem; talvez ela merecesse uma palavra gentil e um tapinha na cabeça. Mas não, isso não fazia parte do caráter de Maomao.

Maomao tinha um caderno e um utensílio de escrita prontos para usar, assim como o de Suirei. Suirei fazia desenhos meticulosos de tudo que não aparecia nas enciclopédias.

Maomao juntou-se a ela e durante algum tempo as duas trabalharam em silêncio. O assistente de Suirei nunca bocejou, apenas as observou com um sorriso inescrutável.

*Na verdade, eu queria que aquele merdinha estivesse aqui agora,* pensou Maomao, e com isso ela se referia a Chou-u. Ele era um artista talentoso, isso era certo, mas Maomao estava convencida de que desenhar nunca daria a ninguém a vida. Todo mundo estava disposto a comprar seus retratos agora porque um garoto que era um artista tão bom, tão jovem era uma coisa muito nova. Eles se cansariam dele em breve.

*Talvez pudéssemos fazer com que ele fizesse desenhos eróticos? Eles têm muitos modelos.*

O pensamento um tanto imundo de Maomao foi interrompido pelo que parecia ser um rugido distante. **"O que você acha que foi isso?"**, ela perguntou. Parecia algum tipo de animal selvagem e causou arrepios em sua pele. Os pássaros, assustados, voaram para fora das árvores.

**"A delegação do Ocidente aparentemente prometeu um presente muito interessante. Certa vez, eles trouxeram uma criatura chamada elefante."** A explicação veio de ninguém menos que o acompanhante.

**"Um elefante?",** Maomao perguntou. Ela os tinha visto em pergaminhos ilustrados. Eles eram animais enormes com narizes longos. Ela já tinha visto presas de elefante esculpidas antes, mas nunca a coisa viva. Supostamente, um foi oferecido à imperatriz reinante, mas isso foi antes do nascimento de Maomao.

**"Era um elefante o que ouvimos agora há pouco?"**

**"Não, talvez um tigre."** Parecia que o homem não sabia.

Porém, para trazer um tigre vivo – Maomao só encontrou tigres na forma de peles e remédios. Fizeram tapetes com belos padrões e havia um afrodisíaco (muito eficaz, como lembrou Maomao) a ser feito a partir dos órgãos sexuais do animal. Quão eficaz era? Digamos apenas que na manhã seguinte, até mesmo Pairin ficou satisfeita. O remédio permitiu que seu parceiro durasse tanto tempo.

**"Suspeito que poderemos ver o animal no banquete desta noite."**

**"Isso parece muito interessante",** disse Maomao, e não foi apenas educação; ela quis dizer isso. Música e danças não eram de muito interesse para ela, mas um animal vivo – isso era intrigante. Ela sentiu seu coração bater um pouco mais rápido e rabiscou um tigre em seu caderno. O acompanhante a observou, sorrindo.

**"Os criados prepararam suco de cacto",** disse ele. **"Vocês gostariam de experimentar alguns?"**

Bem! Não há razão para não.

O tempo passou enquanto Maomao bebia suco e conversava com Suirei, e então já era tarde. Durante a conversa, Maomao às vezes se pegava pensando em Shisui. As duas

meias-irmãs pareciam ter se dado bem, apesar do antagonismo entre as mães. Ou, pelo menos, Shisui parecia ter uma queda por Suirei. Mesmo quando seu clã foi destruído ao seu redor, ela trabalhou para salvar as crianças – e sua irmã mais velha.

Não, não, isso já estava longe o suficiente da memória. Fique muito perdido no passado e talvez você não encontre a saída.

Quando Maomao voltou para seu quarto, encontrou algumas pessoas esperando, que ela presumiu terem sido enviadas por Lahan. Eles tinham novos acessórios e roupas adaptadas. Uma mulher com maquiagem ostensiva deu uma olhada na Maomao simples e sem adornos e sorriu abertamente. Maomao deu um passo para trás.

Foi, como sempre, cansativo ficar embelezada.

O banquete estava lotado de pessoas de aparência importante. Segundo o costume ocidental, eles comiam em pé; uma variedade de pratos era colocada sobre uma mesa, e você acompanhava um prato e pegava o que quisesse.

É praticamente um convite para envenenar tudo que estiver à vista.

Para ser sincera, tudo era bastante novo para Maomao – mas isso também tornou as coisas um pouco mais fáceis à sua maneira.

Uma coisa que a impressionou foi como parecia ser costume aqui homens e mulheres aparecerem como pares. Muitas vezes, um homem trazia a sua esposa ou namorada, mas se não tivesse uma, poderia muito bem estar acompanhado por uma irmã ou outra parente do sexo feminino. Lahan estava planejando apresentar Maomao a todos como sua "irmã mais nova", mas depois de uma boa massagem nos dedos dos pés, ele decidiu simplesmente chamá-la de "parente".

Por mais fácil que fosse envenenar qualquer prato neste banquete, também teria sido difícil. Não havia como saber quem iria comer de qual prato, então seria difícil apontar qualquer pessoa para assassinato. Claro, se você gostasse mais de assassinato indiscriminado, seria outro assunto.

E uma observação final: isso não tornou o trabalho de Maomao como provadora de comida muito mais difícil. Ela simplesmente tinha que seguir seu pupilo, colhendo amostras de sua refeição. A única complicação era que isso era um pouco, bem, óbvio – mas Lahan também tinha um plano para isso. Ele disse que Maomao tinha quinze anos (reduzindo educadamente alguns anos de sua idade) e passando por um surto de crescimento. Maomao, nunca deixando sua expressão mudar, esmagou os dedos restantes.

Em suma, era possível escolher comer ou não — e Maomao desejava que eles simplesmente escolhessem não comer. Mas isso não seria muito divertido para os convidados.

**"Me pergunto se algo realmente vai acontecer",** disse Maomao.

**“É apenas uma precaução.”**

**"Hum."** Maomao parecia um pouco divertida, mas também nada interessada.

**“Bem”,** disse Lahan, olhando para ela. **“Dizem que a roupa faz o homem, mas aparentemente o mesmo não acontece com as mulheres. Pelo menos algumas delas."**

**"Cale-se."**

Maomao arrastava uma saia pesada atrás dela. A roupa, assim como a refeição, era mais ou menos no estilo ocidental. Não exatamente igual – não foi possível preparar algo assim – mas a silhueta, a aparência geral, era semelhante, incluindo o aro de osso que passava pela cintura dela para estufar a saia. Era também o estilo dos vestidos ocidentais para apertar a cintura e mostrar a metade superior do decote para dar ênfase - mas, infelizmente, Maomao não tinha muito o que exibir e, para não se envergonhar, ela usou um top de mangas compridas, submetendo-se apenas a ter a cintura amarrada com um cinto.

Eles também arrumaram o cabelo dela; foi apresentado de uma forma bastante vistosa, mas no final das contas os estilistas ficaram limitados pelo material. Talvez fosse melhor do que antes, mas sofreu com as comparações verdadeiramente resplandecentes presentes no banquete. Ela parecia um talo de bolsa de pastor entre um campo de rosas e peônias. Apenas uma coisa ajudou a acalmá-la naquele conjunto que de outra forma seria desconhecido e inadequado: um fino prendedor de cabelo prateado.

**“Eu não me preocuparia muito. Você se qualifica como um dente-de-leão, pelo menos.”**

Maomao não conseguia entender como seu primo conseguia ler sua mente daquele jeito, pelo menos em momentos como aquele. Ela não disse nada, mas lançou-lhe um olhar furioso antes de entrarem no salão de banquetes.

Seu primeiro pensamento foi: *Isso é um teto*. A sala já era muito grande, mas o teto ficava bem acima de suas cabeças. Mesmo na capital raramente se via um edifício com tal sensação de espaço.

Parte do teto estava aberta e faixas tecidas, um artesanato exclusivo da região, pendiam dele. O quarto tinha chão de terra, mas era coberto com um carpete de pêlo baixo, provavelmente também algo exclusivo daquela região. Era uma pena sujar isso.

Eles estavam em um palácio não muito longe da mansão de Gyokuen; o lugar foi construído pelo clã outrora conhecido como Yi, e eles o construíram ao máximo do luxo. Talvez isso sugerisse a razão pela qual, décadas antes, eles haviam sido destituídos de seu nome de clã e destruídos. Eles fizeram algo para despertar a raiva da imperatriz reinante. As histórias sobre ela eram verdadeiramente assustadoras, refletiu Maomao. O atual imperador deve ter tido uma vida difícil com ela como avó.

Já havia um número substancial de convidados no salão de banquetes. Havia muitos homens importantes, além de jovens vestidas de maneira vistosa, que Maomao

considerou serem suas filhas. Seus olhos estavam todos brilhando – ou talvez cintilar fosse uma palavra melhor. O grande favorito – ou seja, Jinshi – ainda não havia chegado.

Consorte Lishu tinha, no entanto. Ela chamava bastante a atenção, pois ainda usava o véu para esconder o rosto. Ser tão óbvia e ao mesmo tempo tão distante do momento implicava que ela ainda não tinha feito o que veio fazer aqui. Maomao olhou para ver quem era seu companheiro e viu Ah-Duo ainda parada ao lado dela, vestida com seu traje masculino habitual.

*Hum...*

Ah-Duo parecia tão convincente com a roupa masculina que Maomao suspeitou que muito poucas pessoas na sala adivinhariam que ela era uma mulher, muito menos uma ex-consorte do imperador reinante. Além do mais, as pessoas pareciam não considerá-los como pai e filha, mas como irmão e irmã. As mulheres vinham falar com elas. Não foi sem razão, pensou Maomao, que Ah-Duo foi a "ídolo" das damas do palácio interno durante tantos anos.

Lahan, é claro, sabia o suficiente para cumprimentar as duas, e Maomao também cumprimentou educadamente.

"**Nossa, nossa. Achei que você devia ser a bela filha de alguém",** disse Ah-Duo.

**"Você está brincando, senhora",** respondeu Maomao, mas não ficou surpresa ao descobrir que Ah-Duo era muito melhor em lisonjas educadas do que Lahan. Enquanto isso, consorte Lishu, devido à presença de Lahan, permaneceu escondida atrás de Ah-Duo. Seu vestido era apropriado para uma jovem de sua idade, nem muito vistoso nem muito contido, e as cores combinavam com a roupa de Ah-Duo. Talvez elas tenham escolhido suas roupas juntas.

O perfume de Lishu, porém, não era o seu perfume habitual. Talvez fosse uma forma de evitar ficar intoxicada pela atmosfera do lugar. Maomao gostaria de conversar um pouco mais com elas, mas sem dúvida elas tinham coisas para fazer. Além disso, Lahan estava aqui para construir relações com o povo do Ocidente, e não para conversar com consortes da sua própria corte.

Havia muito cabelo preto à vista, mas também mechas douradas, castanhas e até ruivas aqui e ali. Os olhos tendiam a ser de cores vivas e os tipos de corpo eram diferentes dos que Maomao estava acostumada. Dizia-se que Sei-i-shuu tinha muita mistura de sangue com o Ocidente, mas muitas dessas pessoas eram mais provavelmente emissários que haviam vindo do oeste propriamente dito. Lahan logo foi abordado por um homem e uma mulher de cabelos castanhos-avermelhados.

*Não consigo entender uma palavra do que eles estão dizendo*, pensou Maomao. Ela conhecia um pouco de uma das línguas ocidentais, mas não o suficiente para realmente falá-la. Além disso, as regiões ocidentais eram o lar de uma variedade de línguas, e a que ela conhecia era mais a oeste do que onde estavam agora.

Lahan seguiu em frente corajosamente, falando uma palavra hesitante de cada vez. Ele pode ser excêntrico, mas tinha seus talentos. O homem e a mulher cumprimentaram Maomao e disseram mais alguma coisa educadamente, depois partiram.

**“Posso ir em frente e comer alguma coisa?”,** Maomao perguntou. Parecia ser a única coisa que ela poderia fazer no momento. Isso, e manter o sorriso educado que ela dominou no bairro do prazer.

**"Vá em frente. De qualquer forma, não trouxe você aqui para conhecer e cumprimentar. Não beba muito.”**

Ela ficou claramente intrigada com a bandeja de álcool que um dos garçons carregava, mas Lahan a avisou novamente antes de entrarem para não ficar bêbada. Embora Maomao não tivesse certeza de quantos problemas ela poderia realmente ter com o álcool suave à base de suco.

**“Eu não ficaria bêbada.”**

**“Ouvi dizer que você esvaziou um barril no caminho para cá.”**

Quem delatou ela? Tinha que ser Jinshi ou Basen. Maomao estalou a língua.

É verdade que você não poderia ser muito cuidadoso – mas seria realmente possível que a infame Dama Branca estivesse de alguma forma envolvida aqui? Maomao trouxera alguns remédios que ela achava que poderiam ser úteis caso algo acontecesse, mas ela não tinha ideia se eles realmente ajudariam.

Lahan, entretanto, estava em seu elemento. Por trás dos óculos, seus olhos de raposa brilhavam. O sangue misto do povo de Shaoh produziu muitas belezas impressionantes. Segundo Lahan (o canalha), eram os números que compunham uma mulher que eram bonitos. Então uma mulher não era bonita como tal, mas os números que a “inventavam” eram? Não fazia muito sentido para Maomao, mas aparentemente o sobrinho do excêntrico estrategista era ele próprio mais do que um pouco excêntrico. Ela suspeitava que ele via um mundo que era invisível para ela.

Mas então houve um momento em que, acariciando o queixo, ele disse: **“Olhe para ela. O irmão mais novo do imperador é mais bonito que isso.”** As palavras pareciam sair de sua boca com muita facilidade. Foi então que Maomao teve certeza de que não sabia nada sobre como as mulheres pensavam.

Lahan olhou para Maomao e, pelo seu olhar avaliador, ela concluiu que quaisquer que fossem os números que a compunham, não o agradavam. **“Com bastante trabalho, você poderá gerar uma próxima geração que seja linda, pelo menos...”**

O que ele estava tentando dizer? E alguém poderia culpar Maomao por esmagar os dedos dos pés?

Estremecendo, Lahan passou um suco para Maomao – sem álcool. Ela o seguiu, parecendo irritada.

*Eles são todos tão grandes*, ela pensou. As linhagens mistas devem promover uma altura melhorada. Em parte, os ocidentais eram todos altos, mas a união de diferentes linhagens parecia quase por definição produzir pessoas maiores que seus pais. Maomao não podia falar pelas pessoas, mas quando você criava plantas com espécies intimamente relacionadas, supostamente obtinha indivíduos maiores a partir das sementes.

Ela estava perdida em pensamentos sobre como gostaria de tentar isso em seu campo em casa, se algum dia tivesse a chance – quando de repente percebeu que uma parede havia se formado ao seu redor. Uma parede feita por uma mulher e dois homens. Um dos homens parecia ser intérprete, mas o outro parecia mais um servo do que um mestre. A mulher, com o vestido enfatizando o peito como era de costume, parecia ser a mais importante dos três. Ela era linda, com cabelos de cores vivas e olhos azul-celeste. Ela era alta para começar e aumentou sua altura com sapatos de salto alto.

Maomao não disse nada, mas captou o olhar de Lahan.

Ele não disse algo sobre estabelecer laços com comerciantes ocidentais? A mulher certamente não parecia uma comerciante. Mais notavelmente, Maomao se lembrava dela. Seus cabelos dourados e pele quase translúcida e pálida. E o enfeite de cabelo azul que ela usava. Ela foi uma das emissárias especiais que visitaram a capital no ano anterior – elas se distinguiram por ter uma delas usando um enfeite de cabelo vermelho e a outra um enfeite de cabelo azul. Se ainda seguissem o mesmo esquema de cores, esta era a mais calma e madura das duas mulheres.

**“Eu adoraria conversar mais com você”**, ela estava dizendo. Ela exibia um sorriso cintilante, mas assustou Maomao. Ela podia sentir algo escondido por trás disso. E ainda assim, naquele momento, parecia menos sinistro do que se lembrava...

Consorte Gyokuyou. Era o mesmo tipo de sorriso da consorte Gyokuyou. Não cheirava a negócios, mas a política. Era para isso que eles estavam realmente aqui? *Comerciantes ocidentais, minha bunda*, Maomao pensou enquanto pegava a saia e seguia Lahan.

*Ayla... era esse o nome dela?* Maomao tentou lembrar; ela tinha ouvido isso uma vez. À sua maneira, era louvável que ela se lembrasse disso, considerando como tendia a esquecer qualquer coisa em que não estivesse especificamente interessada. Ayla era a outra emissária, aquela que, ao que parecia, vendia *feifa* ao clã Shi pouco antes da rebelião do ano anterior. Esta mulher diante deles teve muita coragem, caminhando até eles depois que sua irmã fez algo assim.

O palácio do clã Yi foi construído imitando o estilo arquitetônico ocidental, incluindo este salão de banquetes. Era um espaço amplo e aberto ladeado por uma série de salas onde os hóspedes podiam relaxar sozinhos – ou manter conversas privadas sem serem observados. E conversas privadas geralmente significavam que algo estava acontecendo.

Uma garota com pele cor de cevada dançou ao som de um instrumento que Maomao nunca tinha ouvido antes. Ninguém notaria se algumas pessoas escapassem da multidão – e se alguém o fizesse, seria rude perguntar por elas, de qualquer maneira.

Por que ela viria até Lahan? O homem pequeno e de cabelos desgrenhados parecia quase comicamente incompatível com a beleza alta e de cabelos dourados. A presença de terceiros – Maomao e os outros – impediria qualquer ideia de que os dois pudessem ter um encontro secreto.

Talvez seja por isso que ela o escolheu. A mulher tinha vindo para a capital como emissária, mas parecia que o casamento também estava na sua mente - e a própria Maomao tinha estado envolvida em minar essas perspectivas. A ideia deixou-a um pouco inquieta: ela temia que a mulher ainda pudesse reconhecer o "espírito da lua", mesmo que ele agora estivesse vestido com roupas de homem e tivesse um ferimento na bochecha. Ainda assim, mesmo que ela notasse Jinshi, provavelmente não seria capaz de dizer nada sobre isso publicamente.

O chá preto foi servido em uma delicada xícara de porcelana. A mesa tinha pernas cabriole, assim como as cadeiras, e um lustre elaborado pendia do teto.

**"Os gostos por aqui parecem bastante... ocidentais, não é?"** Lahan disse. A observação poderia ter soado depreciativa, exceto pelo fato de ser completamente verdadeira. Lahan estava de bom humor, à luz de sua adorável companheira; mas em sua cabeça ele sem dúvida estava julgando como ela se comparava a Jinshi.

**"Isso é verdade",** respondeu a mulher. **"Embora alguns dos móveis possam ser considerados atrasados."** O lugar estava bem conservado e os móveis estavam em boas condições, mas a maior parte parecia ter sido herdada dos proprietários anteriores, e já havia passado tempo mais do que suficiente para que saísse de moda.

As paredes da sala eram grossas — grossas o suficiente para desencorajar qualquer bisbilhoteiro. O intérprete retirou-se, ficando apenas os quatro, dois sentados de cada lado.

**"Estou honrado que você tenha me escolhido para conversar. Eu certamente gostaria de falar com você a sós, só nós dois..."** Lahan dificilmente parecia mais do que a versão masculina de Maomao; ela não tinha ideia de onde ele encontrou coragem para falar daquele jeito.

**"Isso depende do que você queria falar... Mestre Ra-han."** A mulher falava fluentemente, mas não conseguia pronunciar o nome de Lahan. Bem, não foi fácil. Talvez isso também explicasse por que Lahan evitava expressões ornamentadas ou tortuosas — isso era para torná-lo mais compreensível. Maomao acompanhou a conversa com facilidade; o criado da mulher exibia uma expressão de sombria concentração, tentando virilmente entender o que estava sendo dito.

**"Acredito que você manifestou interesse em produtos de regiões mais a oeste",** disse a mulher.

**"Sim. Eu ficaria surpreso se alguém não estivesse interessado em tais coisas."**

Ele tem que pagar a dívida. Fazia um ano que o pai adotivo de Lahan fizera uma compra muito cara no bordel. O entendimento de Maomao era que metade do valor havia sido quitado, mas a outra metade ainda estava para ser resgatada, tendo a casa como garantia. Conhecendo a velha senhora, no momento em que o tempo acabasse, ela estaria na porta deles com seus executores. Ela provavelmente começaria a leiloar os móveis ali mesmo.

"**Heh heh! Então acho que nos daremos muito bem juntos.**" A mulher tirou um pedaço de pergaminho cuidadosamente curtido, coberto com caracteres que Maomao considerou serem números. O sorriso de Lahan se alargou.

**"Uma proposta muito interessante, mas será que ambos lucraremos com isso?",** ele disse. **"O preço certamente não recebe objeções de minha parte, mas esta é a primeira vez que alguém me procura com tal perspectiva. Confesso que não consigo deixar de pensar que, se tivermos que trazer os grãos até você, será difícil ficar no azul."**

**"Sim, talvez. Mas garanto a você que não embarquei nessa aventura sem pensar. Se utilizarmos as rotas marítimas, poderemos transportar grandes quantidades – e mais importante ainda, o valor dos cereais e do arroz aumentará no meu país."**

Agora a mulher pegou um mapa.

*Nossa, no momento que eu acho que vão falar de política...*

Realmente era uma questão de dinheiro. Bem, tudo bem, então Maomao teve a sensação de que poderia ter algo a ver com política também, mas ela não tinha certeza.

Francamente, ela não se importou. Ela apenas ficou ali sentada, pensando em diferentes maneiras de usar cactos e parecendo que poderia bocejar a qualquer momento.

Até que de repente ela ouviu algo que não podia ignorar. Era a mulher dizendo: **"Muito em breve, os insetos trarão uma catástrofe ao meu país. A 'catástrofe do norte'".**

Maomao, assustada, quase deu um tapa na mesa, conseguindo apenas parar a mão antes de atingir a superfície. Mas o movimento foi suficiente para denunciar seu interesse pelo assunto.

O norte: ao norte de Shaoh ficava Hokuaren. Maomao ficou surpresa ao perceber que a mesma coisa que tanto preocupava Jinshi e seu grupo deveria surgir aqui neste momento. A mulher, a ex-emissária, pareceu sorrir para ela. E então ela disse: **"Se essa proposta não der certo, tenho um favor a lhe pedir".** Sua testa ficou tensa. **"Você nos ajudará a fugir do nosso país?"**

Os problemas tendem a acumular-se, Maomao percebeu novamente. Oh, como eles se acumulam.

# Capítulo 16: O Banquete (Parte Dois)

**"Bem, bem, o que fazer?"**

Lahan parecia completamente tonto enquanto deslizava os óculos pela ponta do nariz, pensando furiosamente. Para ele, o pedido de asilo político da emissária era provavelmente menos interessante de considerar do que a melhor forma de fazer com que as negociações comerciais compensassem. Negócios significavam fluxo de dinheiro, fluxo de mercadorias; era um mundo repleto de números, e isso devia ser envolvente para ele.

**“Acho que você pode responder a essa pergunta melhor do que eu.”**

**“O que quer que façamos ou deixemos de fazer, não foi uma conversa fascinante? Oh. Aham, sim, claro que pelo menos terei uma conversa. Presumo que esse seja o objetivo dela.”**

*Ele fez tudo parecer tão simples*, pensou Maomao. Insetos “trazendo catástrofe” deviam referir-se a uma praga; disso ela tinha certeza. O aumento dos preços dos grãos significava que havia ameaça de fome. A emissária com quem falaram era de Shaoh. Mas havia a mulher Ayla, que conspirava com o clã Shi. Evidentemente, Shaoh não era monolítica. Mesmo assim, um pedido de asilo político foi além de tudo o que Maomao esperava.

Maomao não gostava de perder tempo se preocupando com os problemas dos outros. E os problemas de nações inteiras? Conte com ela! Então por que, por que ela continuava se envolvendo em coisas assim? Eles poderiam ter trazido Lahan e deixado por isso mesmo.

*Será que ela me reconheceu?*, pensou Maomao. Ela se perguntou se a emissária percebeu que não era a primeira vez que se encontravam. A luz estava diminuindo da última vez, mas elas se viram cara a cara. Mesmo que a mulher se lembrasse dela, certamente deveria haver outra maneira de fazer as coisas. *Talvez ela só quisesse mostrar algum tipo de conexão conosco.*

Se sim, então talvez Maomao falar sobre isso fizesse parte de seus cálculos. Uma maneira de colocar um cheque em outra coisa. Maomao, no entanto, não gostava de fofocas e jogos. Ela estava mais interessada em ver o que estava acontecendo no salão de banquetes. Por que você sairia e teria uma conversa secreta quando pensava que poderia haver personagens suspeitos à espreita?

Quando voltaram, descobriram que a comida e a conversa haviam cessado completamente e que algo novo estava acontecendo.

**“Esse também é um costume ocidental?”** Maomao perguntou.

Havia música tocando, e homens e mulheres se encaravam e dançavam juntos. Bem, se você pudesse chamar isso de dança – não era uma apresentação como uma trupe de

verdade poderia fazer; mais apenas girando pela sala no ritmo da música. Evidentemente, foi por isso que os homens e as mulheres foram convidados a vir em pares.

*Eu tropeçaria nos pés de alguém antes de perceber*, Maomao pensou, confiante de que isso era algo que ela absolutamente não queria fazer. Ela olhou para Lahan.

**"Ah, não se preocupe. Eu mesmo não tenho esperança nisso."**

Graças a Deus eles tinham isso em comum, pelo menos.

Ao olharem ao redor, avistaram uma multidão que havia se formado – e que deveria estar no meio dela, senão um homem muito familiar e muito bonito. Jinshi estava cercado e exibia o sorriso celestial que Maomao já tinha visto quando ele era supostamente um eunuco. Basen estava ao lado dele, mas franzindo a testa.

Má escolha de companheiro. Basen nunca seria de muita ajuda aqui; ele recuou visivelmente diante de cada jovem que se aproximava. Com sua força, ele provavelmente está tão nervoso agora que não conseguiria dançar, mesmo que o levassem para lá.

Maomao esfregou o pulso dela onde a agarrou no dia anterior. Ainda havia marcas vermelhas fracas nele. O que ela queria saber era: se os homens e as mulheres deveriam formar pares, o que aqueles dois estavam fazendo ali sozinhos?

**"Acredito que Lady Ah-Duo pregou uma pequena peça. Se ela se passasse por homem, seriam muitos deles, não?"**

**"Ah, entendo."**

Se Jinshi acompanhasse a consorte Lishu, então Basen (que, como membro de um clã nomeado, tinha o status) poderia acompanhar Ah-Duo, mesmo que ele se sentisse um pouco estranho com isso. Mas, com todo o respeito a Jinshi e Basen, conhecendo Lishu, seria muito melhor para ela se Ah-Duo agisse como sua acompanhante. Não havia como dizer o que aquela meia-irmã intrigante poderia tentar - Maomao não duvidaria que ela pelo menos colocasse um escorpião na cama da consorte.

*Isso me lembra, eu me pergunto se consigo alguns dos escorpiões grelhados para viagem.* Supostamente, escorpiões às vezes também eram servidos ainda vivos e fortes, mas ela não tinha muita esperança de provar aquele prato em particular aqui ou na mansão de Gyokuen. Ela fez uma anotação mental para ter certeza de que teria uma chance antes de irem para casa. Para grande decepção de Maomao, eles não encontraram nenhum escorpião ou outro inseto venenoso na estrada – Suirei foi muito escrupulosa com o repelente de insetos. Maomao sentiu que certamente deveriam ter visto pelo menos uma dessas criaturas no caminho.

Lahan levava a mão ao queixo e murmurava continuamente para si mesmo, calculando.

**"Parece que você teve uma conversa bastante interessante"**, disse alguém educadamente. Maomao ergueu os olhos para descobrir Rikuson, com um sorriso gentil

no rosto. Ele tinha um copo na mão, que entregou a Maomao. Ela deu uma cheirada experimental e detectou um leve cheiro de álcool.

**"Obrigada"**, ela disse e bebeu, presumindo que um copo não faria mal. Era vinho de frutas gaseificado que estourou ao descer; tinha um gosto tão bom que ela poderia ter mostrado a língua de prazer. Ela podia sentir as bolhas ainda borbulhando em sua boca. **"Isso é muito saboroso."**

**"Sim, um dos comerciantes ocidentais trouxe. Ouvi dizer que é muito precioso e esse foi o último copo."** Rikuson sorriu. De repente, Maomao teve um mau pressentimento sobre isso. **"Só para constar, eu não bebi nada",** disse Rikuson.

Então ela o sentiu agarrar seu pulso. Ela ficou surpresa com a rapidez disso, mas ao contrário de Basen, seu aperto foi gentil. Ela se viu puxada para onde todos estavam girando.

**"Talvez você pudesse fazer a gentileza de se juntar a mim para uma dança?"** Sua expressão pareceu mudar de gentil para astuta.

*Ei! Ele é o subordinado daquela aberração!* Maomao, não conseguindo esconder o que se passava em sua mente, lançou-lhe um olhar muito severo, mas Rikuson apenas sorriu. Ele parecia estar tentando não rir alto. **"Vejo que o que ouvi era verdade",** disse ele.

**"Não sei de quem você ouviu isso, mas vamos nos apressar e acabar logo com isso."**

**"Só até a única música acabar."**

Maomao imitou hesitantemente o que todos os outros estavam fazendo; ela pelo menos encontrou os meios para evitar pisar nos pés do parceiro. (Embora se o parceiro dela fosse Lahan, os dedos dos pés provavelmente teriam sido perdidos no final da música.)

**"Você sabe por que o irmão mais novo do imperador escolheu especificamente trazê-la aqui?"**

**"Presumo que seja porque sou muito útil."**

Rikuson colocou uma das mãos no quadril de Maomao e segurou a mão dela com a outra - ela viu que esse era o estilo ocidental, mas seria impensável na capital. Estranho que parecesse tão comum aqui. Engraçado, o que a hora e o lugar certos poderiam fazer. **"É verdade. Mas acho que você poderia ter uma noção um pouco mais clara de seu próprio valor",** disse Rikuson, mantendo cuidadosamente seu modo educado de falar. **"Isso demonstra o poder do nome La na corte."**

**"Sou uma apotecária de base nascida no distrito do prazer"**, disse Maomao sem rodeios. Ela não sabia o quanto Rikuson sabia e não se importava. No que lhe dizia respeito, esta era a verdade.

**"Isso é muito bom. Só uma coisa, no entanto."** Rikuson sorriu novamente e olhou para o lado, na direção da multidão. O homem bonito no centro estava olhando diretamente

para eles. **“Lembre-se de que você não é uma terceira desinteressada. Nunca se esqueça da importância do que você usa na cabeça.”**

*Ele quer dizer o palito de cabelo*?, ela pensou, mas Rikuson já estava segurando sua mão; ele levou os dedos dela lentamente aos lábios e os beijou. *Vamos lá, sério*? Maomao pensou. Era o mesmo tipo de coisa que os artistas itinerantes faziam, de brincadeira, com as prostitutas.

No momento em que a música acabou, eles voltaram a ficar perto da parede. Lahan ainda estava murmurando para si mesmo, calculando, e Rikuson desapareceu em algum lugar. Maomao sentiu alguém a observando de perto à distância, mas optou por ignorar. Ela passou levemente a mão onde Rikuson a beijou e depois olhou em volta.

Ela encontrou uma jovem sentada encostada na parede; o véu sobre seu rosto revelava que era a consorte Lishu. Não havia ninguém perto dela. A consorte parecia estar olhando fixamente para um homem de meia-idade que agitava um copo de álcool e conversava amigavelmente. A meia-irmã de Lishu estava com ele, sorrindo amplamente e com confiança. Se seu pai não tivesse duvidado da fidelidade de sua mãe, talvez Lishu também estivesse sorrindo e conversando. Talvez ela não tivesse se tornado a jovem tímida que é hoje.

**“Posso perguntar onde está Lady Ah-Duo?”**, Maomao disse, aproximando-se de Lishu. Mas então ela involuntariamente pressionou a mão no nariz, exclamando: **“Oh!”** Lishu ergueu os olhos, tremendo um pouco. Maomao suspeitou que ela estivesse chorando por trás do véu. **“E posso perguntar também... que cheiro é esse, senhora?”**

**“Alguém esbarrou em mim e o frasco de perfume derramou em mim”**, disse ela.

O tecido rico e esvoaçante do vestido de Lishu parecia ter encharcado tudo, e agora a fragrância incomum e muito perfumada estava ao seu redor. Certos perfumes eram feitos de almíscar animal e, devidamente diluídos, podiam ser aromas perfeitamente finos, mas em quantidades maiores... bem, cheiravam a excremento.

**“Lady Ah-Duo foi preparar um quarto para mim.”**

"**Entendo.**" E consorte Lishu, sabendo que não poderia se misturar com aquele cheiro, foi presa no lugar. Maomao pensou em convocar um servidor para conseguir algo para ela, mas parecia não haver nenhum por perto. **"Quem foi que esbarrou em você?"**, ela perguntou.

**"Acho que Lady Ah-Duo também está procurando por eles. Ela disse para sentar aqui e esperar."**

A mesa de comida estava encostada na parede; todos os outros já haviam perdido o interesse no jantar agora frio e estavam concentrados em dançar, conversar ou apenas ser vistos em geral. Maomao tirou vários pedaços de carne da mesa e colocou-os num prato. Claro, eles estavam frios, mas ainda tinham um gosto bom. Ela se aconchegou, sem se importar nem um pouco com o fato de estar estragando o rouge em seus lábios. "**Quer um pouco?**", ela perguntou a Lishu.

**"Sim, por favor,"** a consorte disse hesitante. Ela comeu um dos pratos de carne locais no jantar formal outro dia. Pode estar frio, mas por falta de mais alguma coisa para fazer, Lishu aceitou um prato.

A dança chegou ao fim e algo muito incomum foi trazido para o salão de banquetes. Vários homens grandes e fortes arrastaram para dentro da sala uma enorme coisa quadrada coberta com um pano branco, puxando-a em uma carroça.

O *que é isso*?, Maomao se perguntou, seus olhos se arregalando um pouco.

Com um floreio, os homens tiraram a cobertura para revelar o que havia dentro. Ouviu-se um rosnado baixo e a multidão se deparou com uma criatura marrom-avermelhada cuja presença só era acentuada por sua grande juba. Mesmo deitado, era óbvio o quanto era maior do que qualquer pessoa.

Então não era um tigre. A coisa não era listrada. Um leão?

Ela nunca tinha visto um vivo, apenas uma pele. Ao contrário da pele plana e vazia, o animal real era avassalador. Mesmo acorrentado dentro de uma gaiola de barras grossas, sua terribilidade praticamente flutuava no ar.

O leão – essencialmente um gato gigante com um lenço – olhava em volta com raiva.

*Caramba*, pensou Maomao, embora estudasse atentamente o gato-lenço. O pelo da pele era mais áspero que o do felino comum, embora ela não tivesse certeza sobre o da criatura viva. O tigre, outro felino grande, tinha alguns usos medicinais, e Maomao olhou para essa nova criatura com avidez, perguntando-se se ela própria poderia produzir algum bom remédio.

Maomao estava praticamente vibrando de interesse, mas Lishu tremia de medo. Cada vez que o rugido do leão ecoava pela sala, ela recuava. Era demais para a tímida consorte.

Não é como se isso fosse comê-la. Bem, tudo bem – se ele saísse daquela jaula, poderia muito bem atacar alguém, mas eles pareciam ter tomado as devidas precauções para que o leão permanecesse onde estava.

Os homens que trouxeram o leão trouxeram um prato cheio de carne crua. O leão empinou-se, tanto quanto pôde em seu confinamento apertado, e estendeu uma enorme pata dianteira através das grades.

**"Alguém gostaria de tentar alimentá-lo?",** um dos homens perguntou. O leão foi trazido aqui para se divertir e, aparentemente, passou fome por causa disso. Ele rosnava, faminto pela carne, babando enquanto sua língua comprida emergia da boca.

Vários espectadores interessados se apresentaram. Um deles espetou um pouco de carne em um palito e se aproximou lentamente da gaiola. O leão bateu na carne com sua grande pata, fazendo com que o homem que segurava o pedaço de pau caísse de costas. A multidão murmurou.

Cada vez que o leão recebia um pedaço de carne, ele era movido para mais perto da multidão para dar às pessoas uma visão melhor. O leão, irritado por conseguir apenas um pequeno pedaço de comida de cada vez, começou a rosnar novamente.

**"Devemos nos mudar para algum lugar?"** Maomao perguntou a Lishu, que tremia cada vez que o leão se aproximava. Nesse ritmo, Maomao temia que pudesse desmaiar quando o leão estivesse bem diante de seus olhos. Consorte Lishu, no entanto, não se mexeu.

**"Você prefere ficar aqui e assistir?"** Maomao perguntou.

**"Parece que não consigo...",** a consorte começou, mas sua voz era pouco mais alta que a de uma mosca, e Maomao não entendeu o resto do que ela estava dizendo.

**"O que é isso?"**

**"Parece que não consigo ficar de pé..."** Os lóbulos das orelhas de Lishu, apenas visíveis atrás do véu, eram vermelhos brilhantes. Ah, sim, claro. Com essa consorte, ela deveria ter adivinhado. Maomao nem sequer riu – ela realmente não sentiu o impulso – mas olhou em volta, na esperança de encontrar Ah-Duo.

Naquele momento, o leão da carroça começou a rosnar ameaçadoramente. A princípio Maomao achou que estava com raiva por ter sido alimentado aos poucos, mas não, não era bem isso. Seu nariz tremia e ele começou a se atirar contra as barras da jaula. Vários homens fortes puxaram as correntes que prendiam o animal agitado, mas isso não o acalmou; na verdade, parecia piorar as coisas. O leão bateu contra a jaula de novo, e depois de novo — e então, finalmente, uma das barras cedeu com um estalo, quebrando-se e dando-lhe espaço suficiente para se espremer parcialmente para fora. Então uma segunda barra quebrou e o leão ficou livre. As barras quebradas ricochetearam no animal e rolaram pelo chão acarpetado.

**“Ei, alguém pare isso!”,** alguém gritou, mas já era tarde demais. Mesmo os homens que seguravam as correntes não eram fortes o suficiente para segurar o leão enquanto ele se afastava. Eles foram arrastados à força para as barras do outro lado da jaula, e o nariz de um homem quebrou no processo. O resto dos treinadores pelo menos conseguiu aguentar, mas isso não adiantou muito; eles foram simplesmente arrastados, incapazes de deter a fera.

Todo o caso durou apenas alguns segundos, mas pareceu uma eternidade para Maomao. Seu pai havia lhe dito que quando os humanos ficam com muito medo, sua percepção do tempo fica mais lenta. Ela tinha acabado de experimentar isso em primeira mão. Antes que ela percebesse o que estava fazendo, ela jogou o pacote de remédio que guardava nas dobras do roupão.

O leão veio correndo até ela. Seus olhos arregalados e injetados mostravam que ele estava em um estado de intensa agitação; não se incomodaria com uma coisinha dessas. Fugir teria sido a resposta certa; jogar algo nele era uma perda de tempo. E no tempo que Maomao levou para chegar a essa conclusão, ela percebeu que alguém estava agarrado desesperadamente à sua manga.

*Ah merda.*

Era Lishu, ainda paralisada de medo. Isto dificilmente poderia ter sido pior. Maomao poderia facilmente ter se livrado do fraco controle da consorte. Talvez ela devesse ter feito isso.

A próxima coisa que ela percebeu foi que Maomao estava caindo sem graça junto com Lishu. Elas acabaram embaixo de uma mesa. Provavelmente foi um gesto inútil – um golpe daquelas patas poderosas arrancaria não apenas a perna da mesa, mas provavelmente também Maomao e Lishu.

Lishu estava olhando para o leão, incapaz de piscar. O véu havia caído no outono e em seu rosto havia uma expressão vazia, como se tudo o que ela pudesse fazer fosse esperar pela morte iminente.

Contudo, aquelas garras terríveis nunca chegaram a rasgá-las em dois.

Ninguém se moveu, exceto o leão, que levantou preguiçosamente a pata dianteira. Mas então havia uma figura entre ele e Maomao. Alguém segurando uma barra de ferro quebrada.

Antes que o leão pudesse baixar a pata, a figura bateu-lhe no nariz com a barra de ferro. Não houve hesitação na ação, apenas uma tentativa obstinada de atacar um local que era vulnerável tanto para humanos como para animais. Houve um baque e o sangue do leão voou pelo ar. Cacos de ferro se juntaram a ele enquanto a barra se estilhaçava ainda mais.

Novamente, sem hesitar, a figura atacou com o que restava da barra, atingindo o animal entre os olhos. Então a pessoa olhou para a barra quebrada e disse quase com

indiferença: **“Bem, isso não durou muito”.** Era difícil dizer se ele estava falando da barra de ferro ou do leão, que se debatia com a dor do nariz quebrado.

A voz era uma com a qual Maomao se familiarizou bastante durante suas viagens. Há muito tempo ela se perguntava o que esse homem estava fazendo como assistente de Jinshi. Ela sempre pensou que deveria haver pessoas mais adequadas para a tarefa.

Mas aí está.

Seu pulso ainda doía onde ele a agarrou dias antes – e ele provavelmente não estava usando toda a sua força naquele momento. Afinal, ele conseguiu quebrar alguns membros enquanto prendia os bandidos. Como Jinshi havia dito, ele era o suficiente para cuidar de tudo sozinho. Ele estava certo em se preocupar se as mulheres teriam medo dele. De repente tudo fez sentido.

Agora alguém falou, alguém com uma voz adorável: **“Rápido, agora é sua chance de recaptura-lo!”** Os tratadores dos leões responderam enrolando as correntes em volta dos pilares que sustentavam o edifício. Depois trouxeram novas correntes para garantir que o leão estava completamente contido.

O homem que atacou o leão jogou fora o pedaço de ferro inútil e se agachou, aparecendo debaixo da mesa com uma testa franzida. **"Você está bem, senhora?"** Só depois disso o homem percebeu que Maomao também estava lá. Ele franziu a testa abertamente. Outra coisa que Maomao percebeu recentemente foi que ele não a considerava uma das mulheres que ele estava encarregado de proteger.

Sua expressão mudou rapidamente novamente, graças à jovem ao lado de Maomao.

Foi Basen quem atacou o leão com nada mais do que uma barra de ferro como arma. Mas agora ele corou e não disse mais nada. Era mais ou menos a sua reacção habitual a qualquer mulher mais feminina do que Maomao, mas mesmo assim o silêncio pareceu um pouco mais longo do que o habitual.

Consorte Lishu, com lágrimas nos olhos, também estava corando e também não disse nada. Uma grande mudança em relação à forma como a cor desapareceu de seu rosto de terror diante do leão. A sua palidez mudou mais rapidamente do que o céu ao anoitecer, observou Maomao.

E quanto a Maomao, ela também não disse nada. A principal diferença entre ela e os outros dois era que seu rosto permanecia com a cor habitual, embora o constrangimento a estivesse afetando um pouco.

*Hum... Hum. Hummm...*

O *que estava acontecendo aqui*? A única coisa que Maomao tinha certeza era que os outros dois estavam tão ocupados corando um com o outro que, para eles, ela não existia.

Era assim: naqueles romances ilustrados que faziam furor no palácio interno, as histórias sempre terminavam com a foto do homem e da mulher juntos. Era praticamente um dado adquirido. A única coisa que você nunca viu em uma ilustração como essa era uma terceira roda.

*Juntem-se!* Maomao pensou neles. Isso a lembrou da filha do proprietário e do sobrinho do charlatão na vila do papel – eles também não conseguiram entender a dica.

Para o bem ou para o mal, o constrangimento foi prontamente dissipado. Com o leão subjugado e transferido para uma nova jaula, começou uma grande conversa barulhenta.

**"Alguém chame um médico! Temos um homem ferido aqui!"**

Isso chamou a atenção de Maomao; ela saiu de debaixo da mesa. Consorte Lishu ainda estava olhando para o nada e não pareceu perceber que ela havia partido. Quando Maomao viu Ah-Duo se aproximando, foi uma desculpa ainda melhor para seguir em frente.

Ela foi até a pessoa ferida, pensando que talvez fosse um dos tratadores, mas quando chegou lá descobriu Uryuu com um arranhão na bochecha.

**"Pai, seja forte! Não nos deixe!"** A meia-irmã de Lishu estava agarrada ao pai e chorando como a heroína de uma tragédia.

*Uh... É só um arranhão.* Maomao, com uma expressão de aborrecimento no rosto, estava prestes a sair de cena novamente quando a meia-irmã gritou: **"Como ele ousa! Como ele ousa ferir meu pobre e amado pai só para deter algum leão bobo!"**

Evidentemente, o arranhão tinha sido infligido por um pedaço de metal voador quando Basen bateu a barra de ferro contra o animal.

**"Ele machucou meu pai! Ele vai pagar por isso!",** ela gritou. Foi quase cômico; era óbvio que ela estava menos preocupada com o bem-estar do pai do que interessada em parecer preocupada para se tornar mais atraente para a multidão que assistia. A verdadeira questão era quem havia ferido seu querido e amado pai.

Houve uma voz que parecia uma lâmina afiada: **"Devo me desculpar por isso".** Foi lindo, sim, mas o que era lindo também poderia ser terrível. **"Vejo que você se opôs às ações do meu servo."** Era Jinshi, uma leve carranca nos lábios; Basen estava atrás dele, parecendo atordoado. Sua mão direita, a que segurava a barra de ferro, estava vermelha e inchada. **"No entanto",** disse Jinshi, **"Se ele não tivesse intervindo, a consorte Lishu estaria em perigo. Devo pedir-lhe que perdoe sua impropriedade."**

Jinshi estava sendo extremamente reservado. Na verdade, Uryuu deveria estar em dívida com ele depois que Basen salvou sua filha, mas Uryuu não ficou nada impressionado. "**Eu vejo. Meus agradecimentos, então..."**

Consorte Lishu estava observando seu pai por trás de Ah-Duo. Ela estava obviamente ansiosa por ele, sabendo que ele estava ferido, mas com a irmã ali ela não estava disposta a se aproximar.

*Pensando bem, ainda não sabemos, não é?* Maomao pensou, lembrando-se do pedido que Lishu havia feito a ela. Havia coisas que nem Maomao conseguia descobrir. Ela pensou que, se não conseguisse descobrir a verdade durante a viagem, talvez escrevesse uma carta ao pai para perguntar se ele conhecia alguma maneira de determinar a ascendência. *O vínculo entre pai e filho, não é?* Maomao pensou, deixando seu olhar pousar em Uryuu e na meia-irmã. A jovem parecia estar tentando descobrir uma maneira de voltar atrás em seu comentário, mas nada lhe ocorreu e sua boca simplesmente se abriu e fechou.

*Rapaz, ela tem dentes ruins.* A decadência estava bem avançada, a ponto de escurecerem. Talvez fossem todos aqueles alimentos doces. Na idade dela, ela certamente não tinha mais dentes de leite; não haveria como consertar isso. Maomao pensou em vender à jovem um pouco de pó para escovar os dentes para ajudar a evitar que a situação piorasse – mas logo após esse pensamento, ela teve outro. Quase antes de saber o que estava fazendo, ela estava na frente de Uryuu.

**"O-o que você está fazendo?"**, a meia-irmã perguntou.

Maomao sorriu para ela. **"Não sou médica, mas sou uma espécie de apotecária."** Então ela agarrou violentamente o queixo de Uryuu. Ele reagiu com intensa surpresa, mas Maomao simplesmente continuou: **"Este arranhão não é nada demais. Esfregue um pouco de saliva nele e ele sarará, sem problemas."**

**"Sa-Saliva?!"** Uryuu exclamou.

Ela só estava brincando. Na verdade, a própria saliva humana pode ser tóxica, por isso é melhor não usá-la em procedimentos médicos.

**"Mas e quanto ao interior da sua boca?"**, ela disse.

**"Hrgh?!"** Uryuu exclamou enquanto forçava sua boca a abrir. Ela foi recebida por um leve cheiro de álcool. Ela inspecionou cuidadosamente os dentes dele, que estavam tortos, como seria de esperar de um homem de sua idade.

Então Maomao sorriu novamente. **"Aqui, um bônus grátis."**

"**O que?**", disse a meia-irmã - imediatamente antes de Maomao abrir a boca também.

*Nossa! Limpe seus dentes!*, Maomao pensou. Não eram apenas os dentes da frente da jovem – os de trás também estavam em péssimo estado. Seria por isso que ela sempre cobria a boca com o leque – para esconder o estado dos dentes? Esta era uma jovem mimada demais. Mas agora não era hora de pensar em como fazer um tratamento odontológico eficaz.

Finalmente, Maomao levantou-se e marchou até Lishu. "**Um para a estrada*[1]."**

Lishu não conseguiu falar por causa do choque quando Maomao abriu a boca, revelando uma série de dentes pequenos e brancos. A enfermeira devia ter um bom senso de disciplina, porque seus dentes ainda estavam limpos.

**“O-o que você pensa que está fazendo?”**, a meia-irmã exigiu, mas Maomao a ignorou e voltou para Uryuu.

**“Você sabe quantos dentes sua falecida esposa tinha?”**, ela perguntou.

**“Como diabos eu deveria saber disso?”**, ele exigiu, lançando-lhe um olhar de não-faça-perguntas estúpidas.

**“É justo”,** disse Maomao. **“Mas por acaso ela não estaria faltando um dente da frente, não é? Como você?"**

Com isso, a expressão de Uryuu mudou.

Em geral, os adultos humanos têm entre vinte e oito e trinta e dois dentes, dependendo se os dentes do siso – os que estão mais atrás na boca – entram ou não. Mas de vez em quando alguém pode ter menos de vinte e oito dentes. Em cerca de uma em cada dez pessoas, outros dentes além dos dentes do siso não aparecem. A razão exata para o fenômeno era desconhecida, mas muitas vezes a característica era transmitida de pais para filhos. Uma herança, por assim dizer.

**“Você pode estar interessado em saber, Mestre Uryuu, que você, esta jovem aqui e a consorte Lishu estão com falta de um dente frontal inferior. Considerando como os dentes se encaixam na boca, acho que cada um de vocês nasceu assim.”**

Maomao sentiu que algo estava errado quando olhou na boca de Lishu - foi isso que aconteceu. Os dentes eram essenciais para uma vida saudável. Se eles estragassem, as toxinas poderiam até entrar no corpo e deixar uma pessoa doente. Quando uma pessoa perdia os dentes e não conseguia mais comer com facilidade, começava a definhar.

Se as chances de um dente perdido naturalmente fossem de uma em dez, sempre seria possível que quaisquer três pessoas estivessem, cada uma, entre esses dez por cento. No entanto, para todos estarem no mesmo lugar e todos perderem o mesmo dente relativamente incomum? Começou a parecer muito menos coincidência.

**“Os parentes geralmente compartilham certas características. Por exemplo, consorte Lishu não pode comer peixe branco. Você não teria a mesma restrição alimentar, teria?”**

**"Como você sabe disso?",** Uryuu perguntou desconfiado.

**"Simples o suficiente. Observei como você ficou chateado com o prato de peixe no jantar. Não posso imaginar que um homem tão velho e sem dúvida maduro como você reagiria assim simplesmente porque não gostou da comida.”** Ela se lembrou de como ele fez a bandeja de peixes voar. **“E estou certamente confiante de que nenhum alto**

**funcionário desta nação trataria alguém tão mal por causa de simples preferências pessoais ou mal-entendidos."** Maomao sorriu levemente e olhou de Uryuu para Lishu e vice-versa. **"Talvez você possa demonstrar algum afeto paternal à sua outra filha de vez em quando."**

Talvez, ela pensou, ela tivesse ido um pouco longe. Mas agora, mesmo o ouvinte mais atento entenderia o que ela queria dizer.

*Espero que isso funcione.*

Ela havia fornecido o máximo de resposta que pôde.

***[1] One for the road = Um para estrada:*** pode representar uma indulgência final ou um momento de prazer antes de partir para uma reunião social ou de iniciar uma viagem. Algo como "E lá vamos nós".

# Epílogo

*Realmente ficou frio*, pensou Maomao. Ela tinha um leve envoltório em volta dos ombros, mas ainda tremia. Ela definitivamente estava arrependida de não ter tomado outra taça de vinho.

Teria sido mais quente dentro do prédio, mas, francamente, havia muitos problemas lá dentro. Ela se preocupava com o que aconteceria com o leão agora que seu nariz estava quebrado, mas não sentia compaixão o suficiente para ajudar o grande felino, correndo o risco de ser comida. Sim, o leão era apenas um pobre animal que foi enjaulado e exposto, mas ainda assim atacou alguém. Mesmo assim, Lahan achou que seria um desperdício não tentar consertar a criatura – e tentou fazer com que Maomao fizesse o trabalho. Evidentemente, ele via a fera de cabelos desgrenhados como mais uma bela coleção de números, e não parava de falar sobre como o nariz quebrado perturbava aquela beleza. Foi quando ela escapou para cá.

O céu parecia tão vasto. Não havia lua, fazendo com que as estrelas parecessem brilhar ainda mais. Três delas brilharam mais intensamente, formando um triângulo nos céus. Talvez aquelas estrelas fossem os dois amantes e o rio que os separava.

*Eu gostaria que eles se apressassem e encerrassem as coisas lá.* Maomao estava apenas pensando se haveria uma maneira de ela voltar furtivamente para a mansão de Gyokuen quando ouviu passos atrás dela.

**"Seu primo honrado está procurando por você."**

**"É perfeitamente normal simplesmente ignorá-lo."** Portanto, Maomao não foi a única que fugiu da agitação. **"Você não tem mais trabalho para fazer?",** ela perguntou. Tudo bem, então Basen roubou os holofotes quando o leão atacou, mas certamente este homem ainda poderia ser de alguma ajuda.

**"Você está esperando que eu caia morto por excesso de trabalho?"**

**“Morra com esse pensamento”**, disse ela.

Jinshi – que de fato se esquivou de suas responsabilidades – não pareceu achar que a resposta dela foi totalmente sincera. O banco de madeira rangeu suavemente quando ele se sentou ao lado dela. Então ele colocou algo entre eles. Parecia ser um pedaço de metal.

**“Basen estava certo”,** disse Jinshi. **“Era fraco. O ferro de qualidade teria se mantido melhor.”** Havia várias maneiras de fundir o ferro e, se você errasse, o interior poderia ficar oco, enfraquecendo a estrutura. **“É quase como se alguém quisesse quebrá-lo.”**

**“Uma ideia perturbadora.”**

Havia algo sobre o qual Maomao também estava se perguntando: a maneira como o leão foi direto para a consorte Lishu, como se estivesse mirando nela especificamente. Pareceu ignorar Maomao em favor da consorte.

*Só por estar morrendo de fome*?, ela pensou. Essa era uma possibilidade. *Talvez porque ela estava segurando carne*. Outra possibilidade. Mas Maomao não conseguia parar de pensar no perfume em que a consorte havia sido encharcada. Algo tão pungente certamente teria sido detectável por um animal selvagem. E se foi isso que atraiu a atenção do leão? Maomao sentou-se e pensou em silêncio.

**“Ei, não fique quieta”,** disse Jinshi depois de um momento.

Ele já deveria saber muito bem que Maomao raramente iniciava uma conversa. Por que ele decidiu sentar-se ao lado dela, afinal? Ele deveria parar de relaxar e voltar ao trabalho já.

**“Suponho que você gostaria que eu voltasse ao trabalho”**, disse Jinshi.

**“Eu, senhor? Nunca."**

Ele sabia o que ela estava pensando ocasionalmente; esse era o problema com ele. Maomao teve que trabalhar muito para fingir que seu rosto não queria se transformar em uma grande carranca.

**“Se eu voltasse, uma de duas coisas aconteceria. Ou eu teria que trabalhar ou seria assediado por mulheres.”**

**“Os homens menos populares do mundo podem pedir a sua cabeça para ouvir você reclamar dessas coisas.”**

Homens que tinham dinheiro, status e aparência eram simplesmente diferentes. Numa noite sem lua como essa, ele deveria ser mais cuidadoso.

**“O que eles realmente querem é o sangue imperial, você não acha?”,** Jinshi disse. Significa seus filhos, ela supôs. Ou talvez a vida dele.

**“Eu acho que pelo menos metade disso é sua aparência, senhor.”**

**“Não diga isso.”** Jinshi franziu a testa como se tivesse comido um inseto particularmente desagradável. Por alguma razão, embora possuísse uma beleza superior a praticamente qualquer outra que Maomao já vira, ele parecia ter algum tipo de complexo de inferioridade. Seus dedos roçaram a cicatriz em sua bochecha. A mancha em sua beleza foi lamentada por todos, mas era imaginação dela ou ele quase parecia gostar dela?

Maomao, honestamente, não se ofendeu com a cicatriz. Nenhum humano era perfeito. E a aparência de Jinshi era tão perfeita que desmentia o que havia dentro. O que havia de errado com essa modesta alteração na aparência com a qual ele nasceu? De qualquer forma, poderia ter sido uma cicatriz, mas o pai de Maomao costurou-a e ele naturalmente fez um excelente trabalho. Cada vez que Maomao aplicava pomada ou maquiagem na bochecha de Jinshi – o que não era raro – ela sentia o ferimento ficando menos pronunciado sob seus dedos.

**“Prefiro dizer que meu rosto foi queimado e continuar usando aquela maquiagem”**, disse Jinshi.

**“Eventualmente a cor deixaria de aparecer, senhor. Mas se o que você quer é uma queimadura, ficarei feliz em ajudá-lo.”** Ela poderia usá-lo como cobaia para seus medicamentos para queimaduras ao mesmo tempo.

"**Pare com isso.**" Depois de vinte dias usando maquiagem, uma leve mancha vermelha ainda podia ser vista na bochecha de Jinshi; ele estava usando uma camada de pó branco para escondê-la. **“Se eu realmente fosse queimado, acho que Gaoshun poderia entrar em colapso. Mas admito que seria mais fácil à sua maneira. A maquiagem é certamente um tanto problemática. No entanto, eu me encontrei bastante relaxado durante esta viagem.”**

Ele parecia estar se referindo ao fato de que nenhuma garota da cidade atacaria de bom grado um homem sombrio com uma queimadura no rosto; e ao mesmo tempo ele estava livre de seu trabalho habitual de escritório. Enquanto isso, Maomao sentia que não havia nada a fazer a não ser observar a paisagem passando pela janela da carruagem enquanto seu traseiro ficava cada vez mais dolorido. Só a ideia da viagem para casa já bastava para deprimi-la.

**“Você gostaria de trabalhar em sua equitação? Eu sei que você está ficando cansada da carruagem”,** disse ele.

**“Sim, mas prefiro apenas uma cama adequada.”** Ela trabalhou na dela durante a viagem. O problema era que ela raramente tinha tido oportunidade de usá-la, já que outras pessoas, muito satisfeitas com o seu trabalho, pareciam estar sempre ali.

**“Ah! Sim, espero que você consiga torná-la ainda mais confortável do que antes.”**

Um choque de aborrecimento percorreu Maomao. Jinshi foi o maior infrator ao roubar seu espaço para dormir. Ele cavalgava até onde quisesse e, quando estava cansado, ia passear. Não admira que ele tenha pensado que era relaxante!

**“Sua Majestade me disse para tentar me divertir nesta viagem”**, disse Jinshi com um sorriso ligeiramente torcido. **“E para fazer uma boa escolha.”**

A escolha a que ele se referia não foi dita: ele se referia à escolha da noiva. Muitas mulheres foram reunidas aqui exatamente para esse propósito. Qualquer que fosse a escolha que ele fizesse, haveria política envolvida. Isso pode afetar o próprio governo da nação. Ele poderia fortalecer os laços com um país vizinho ou obter o apoio de uma facção nacional. O próprio status de Jinshi pode até mudar, dependendo do que ele decidir. O fato de Sei-i-shu estar disposto a fornecer o local para toda essa atividade deixou clara a mensagem deles: alinhe-se com o Ocidente. Sem dúvida isso também explicava por que Uryuu trouxera sua outra filha.

*Eu me pergunto quem ele escolherá*, pensou Maomao. Não que isso realmente importasse para ela. Ela era apenas uma humilde apotecária. Essa era a perspectiva dela, de qualquer maneira...

Assim que ela percebeu algo roçando seus dedos, uma mão agarrou seu pulso. Ele a puxou até que ela ficasse palma com palma com a outra mão, os dedos entrelaçados. A outra mão era um pouco maior que a dela e mais áspera. Dedos longos agarraram a mão de Maomao para que ela não pudesse fugir.

**"Talvez você pudesse fazer a gentileza de me deixar ir, senhor?"**

**“Mas se eu deixar ir, você não vai fugir?”**

**“Você vai fazer algo de que preciso fugir?”**

**“Você me faz querer bater em você às vezes.”** Jinshi olhou para Maomao como um animal selvagem caçando sua presa. A expressão dele a fez pensar em um cachorro selvagem faminto. Não era o rosto do eunuco Jinshi ou do irmão mais novo do imperador. Era outra pessoa novamente.

**“Não na cara. Seria muito óbvio.”**

**“Na verdade, eu não ia bater em você.”**

**"Eu sei, senhor."** Jinshi não era do tipo que colocaria a mão em uma jovem. Não, espere, na verdade ele já colocou - para fazê-la vomitar quando ingeriu veneno. **“Eu sei que você não faria pior do que me prender e me forçar a esvaziar o conteúdo do meu estômago.”**

**“Você mesma causou isso. Por que você beberia veneno?!”**

**“Não tenho certeza se sei como responder a isso.”**

A experiência em primeira mão foi muito mais memorável do que apenas fazer perguntas. Isso foi tudo. Maomao não era mais inteligente que a pessoa comum, apenas um pouco mais... dedicada. E quando se tratava de emoção, ela realmente tinha menos

do que a maioria das pessoas. Ela sentiu tristeza e felicidade, raiva e alegria – de forma menos aguda do que as pessoas comuns, mas elas estavam lá. Mas havia outras emoções que as pessoas supostamente possuíam e que Maomao ainda não entendia.

Ela podia sentir o pulso de Jinshi na palma da mão. Ele começou a suar e o local onde suas mãos se uniram estava escorregadio. Ela olhou para cima e viu longos cílios caídos sobre olhos da cor de obsidiana. Aqueles olhos a observavam atentamente, tão de perto que ela conseguia se ver refletida neles.

As cortesãs tinham um ditado: quando você sabe *daquilo*, é um inferno.

Mas os homens também tinham um ditado: saber exatamente por que foram.

Aquela palavra, aquela palavra simples de quatro letras (love = amor) com seu o e seu e, às vezes era chamada de vulgar, e às vezes acabava sendo nada mais do que um jogo — mas algumas pessoas diziam que era impossível viver sem ela.

A mão livre de Jinshi alcançou a cabeça de Maomao, seus dedos acariciando seus cabelos – mas pararam atrás de sua cabeça. **"Você está realmente usando isso"**, disse ele. Sua mão encontrou o prendedor de cabelo, a peça de prata com a lua e a papoula. Maomao pensou que talvez tivesse vindo de Lahan – mas aparentemente não. Não admira que todos parecessem tão intrigados com isso.

**"Oh, era seu, Mestre Jinshi? A lua está muito boa, mas a papoula é um toque questionável."** Ela estava pensando na Dama Branca. A flor no palito parecia uma versão maior da papoula comum, mas era tecnicamente uma papoula do ópio. Poderia ser usado para fazer a droga.

**"Por favor. Eu mandei fazer isso antes de partirmos nesta viagem. Para substituir o outro."** A voz dele veio de cima dela, o queixo apoiado na cabeça dela. Os dedos dele brincaram pelos cabelos dela, e ela podia sentir a respiração dele nela. Qualquer pessoa que os visse poderia ser perdoada por presumir que eles estavam em um abraço íntimo.

**"Mestre Jinshi, por favor, mantenha distância."**

**"Por que eu deveria?"**

**"O que você fará se alguém nos ver?"**

Eles não poderiam ser os únicos que fugiram do banquete. As árvores os protegiam da vista, mas não havia garantia de que alguém não passaria por ali. Jinshi, entre todas as pessoas, sabia exatamente por que esse banquete estava sendo realizado.

**"Senhor, consorte Lishu não é sua sobrinha. Você não precisa se preocupar com a proximidade do sangue"**, disse Maomao calmamente. O rosto de Jinshi, porém, ficou mais tenso. Maomao continuou: **"Ela não seria a escolha mais segura?"**

Ela esqueceria tudo sobre o momento em que viu Lishu e Basen olhando um para o outro. Sim, ela fingiria que isso nunca tinha acontecido. Mesmo que algo florescesse entre eles, não teria sentido. Melhor agir como se nunca tivesse existido.
**“A escolha segura. Como o inferno!"** A voz de Jinshi em seu ouvido era como uma lâmina fria. Os dedos dele pararam de correr pelos cabelos dela e deslizaram até a nuca, enrolando-se em volta da garganta. Dedos longos e finos que começaram a pressionar.

**"Isso dói..."**

**“Ah, não é?”**

Era doloroso – mas Jinshi apenas apertou com mais força. A outra mão dele, ainda entrelaçada com a dela, subiu pelas costas dela. *Não, não!* Ele ia torcer o braço dela.

Com a garganta esmagada e o braço torcido, o rosto de Maomao se contorceu de agonia. Ela inclinou a cabeça para trás na esperança de de alguma forma conseguir respirar, com a boca aberta como um peixe. Ela deve ter parecido ridícula – e lá estava Jinshi, olhando para ela.

Até que finalmente Maomao sugou avidamente o ar que de repente lhe foi permitido. Um aroma de flores fez cócegas em seu nariz. Jasmim. De alguma forma, ela sempre pensou que uma ninfa celestial cheiraria a pêssego. Seus lábios finos pareciam secos e quentes.

A mão que a sufocou moveu-se para apoiar a parte de trás de sua cabeça, enquanto a outra mão se desembaraçou de seus dedos e envolveu sua cintura.

Ela não sabia quanto tempo eles ficaram assim. Tudo o que ela sabia era que Jinshi estava olhando para ela com uma expressão levemente triunfante, como se visse que a

respiração havia alcançado todos os cantos de seu corpo agora. Ele enxugou as lágrimas que surgiram em seus olhos enquanto ela lutava para respirar.

Foi então que Maomao sentiu uma onda de raiva intensa. **"Eu disse que se você fosse me matar, deveria fazer com veneno"**, ela disse a ele.

**"Eu me recuso a deixar você se envenenar"**, disse Jinshi, seus dedos traçando os lábios dela. **"Você não pode fingir que não sabia que era uma das candidatas. Tanto quanto tenho certeza que você gostaria."** Ele também não terminou: **"Quem era aquele homem, afinal? Tenho certeza de que você não é dançarina."**

Então *estavam* observando eles!

**"Eu estava apenas pagando minha bebida",** disse Maomao. **"Não custou muito."** Ela tentou desviar o olhar, mas com a mão dele em sua cabeça, ela realmente não conseguia. Maomao estava pensando rápido, tentando encontrar alguma saída para aquela situação. **"Exatamente que utilidade você acha que eu poderia ter para você?"**

**"Lahan acompanhou você, não foi? Isso é o que todo mundo verá."**

Maomao entendeu o que Jinshi queria dizer. Talvez fosse com isso que Lahan contava desde o início. Ela sentiu raiva novamente; ela teria que dar uma boa esmagada nos dedos dos pés dele mais tarde.

A família La era única entre os clãs nomeados por não ter facção na corte. Pode-se argumentar que isso fez de Maomao uma escolha segura à sua maneira – tal como Rikuson havia dito. Havia apenas um problema.

**"Você faria de você-sabe-quem um inimigo."**

Ela se referia à aberração de monóculo, é claro. Ela só podia imaginar o que poderia ter acontecido aqui se ele estivesse presente. Ele teria feito uma cena tão grande que um leão fugitivo pareceria uma brincadeira de criança em comparação.

Jinshi estremeceu - como não poderia? - mas passou rapidamente.

**"Íamos continuar as coisas mais tarde, não íamos?"**

Ela se viu presa novamente. Ele a estava empurrando para o banco. A mão dele em seu cabelo pressionou com tanta força. Algo mais do que respiração passou por seus lábios. Agora ela via aqueles olhos de obsidiana, aquele olhar selvagem, a centímetros de distância. Eles brilhavam mais do que qualquer estrela, mas ainda assim havia uma escuridão sutil neles.

Aquele era um homem que tinha tudo na vida, mas às vezes parecia ter fome de algo que lutava para satisfazer.

*Por que ele não pode escolher outra pessoa?*

Devia haver alguém por aí que pudesse dar a Jinshi o que ele procurava. Certamente havia muitas que queriam. Por que ele precisava se esforçar para escolher uma criatura que não tinha exatamente esse desejo?

Ela queria correr. Isso só poderia trazer mais problemas, mais incerteza. Ela queria evitar todos esses problemas, mas aqueles olhos, os olhos de um cachorro indomado, não a deixariam escapar. Ele iria devorá-la, e tudo em busca de algo que nem existia. Maomao só conseguia olhar para ele com olhos vazios, como os de uma marionete ou de uma boneca.

Isso só pareceu agitar ainda mais a ansiedade do cão; ele apoiou seu peso em Maomao como se fosse esmagá-la. *Então agora ele quer me sufocar*, ela pensou. Ele devia pesar o dobro do que ela. Ela sabia que as cortesãs às vezes aceitavam clientes três vezes maiores. Isso não as machucou? Mas mesmo que assim fosse, o que pensaria a sua irmã Pairin, uma profissional entre profissionais, com tal reclamação?

***"Você não pode deixá-lo tomar a iniciativa só porque ele é o cliente."*** Maomao lembrou-se de ouvi-la dizer isso uma vez, um conselho que ela acompanhou com um gesto sensual. Isso foi na época em que ela ensinava a Maomao o ofício de cortesã (apesar das objeções da mulher mais jovem).

Maomao não disse nada. Sinceramente, talvez fosse melhor ficar quieta, como uma boneca. Ou talvez não. O que podemos dizer é o seguinte: lembrar-se de Pairin significava lembrar-se das técnicas que Pairin lhe ensinara, que lhe ensinara apesar dos seus protestos; ela trabalhou Maomao até a beira das lágrimas, até que Maomao foi capaz de executá-las para satisfação de sua irmã. Até que essas técnicas se tornaram não apenas uma resposta, mas uma reação instintiva. Portanto, diga-se que Maomao não poderia ser responsabilizada pelo que estava prestes a fazer.

Significava o quê? Significava...

Maomao engoliu a saliva em sua boca com um grande gole. Os lábios dela começaram a se separar e depois se abriram, num convite para ele; e então, novamente instintivamente, ela deslizou para mais perto dele.

A expressão de Jinshi era uma mistura de surpresa e felicidade, mas não durou muito. Logo seu corpo respondeu com espasmos suaves e seu aperto em Maomao afrouxou.

Repetindo: nada daquilo foi culpa de Maomao. Isso estava além de seu controle.

Ela respondeu a ele com as técnicas mais refinadas do bairro do prazer.

○●○

Por quanto tempo alguém ficou em dívida com uma velha promessa feita quando era uma criança brincalhona?

Ah-Duo riu consigo mesma. Ela estava sentada em uma pedra fria no jardim, com um cobertor nos ombros e uma bebida na mão. O ar noturno poderia realmente esfriar aqui na capital arenosa. Um álcool bom e forte era exatamente o que ela precisava.

Ela já havia colocado consorte Lishu, quase febril de tensão, para dormir. Agora ela estava aproveitando a bebida que não tivera oportunidade de saborear antes.

***"Não tenho interesse em ninguém além de você como minha noiva."***

*Não faça promessas que não possa cumprir*, ela disse mentalmente. *Você não tem autoridade*. Ela sabia perfeitamente que alguns de seus conselheiros mais próximos o perseguiram depois que ela perdeu a capacidade de ter filhos. E suas próprias mãos não estavam exatamente limpas. Ela tentou fazer com que sua linda e gentil amiga fosse infiel.

Sua pobre amiga foi forçada a se casar com um parceiro que havia sido escolhido para ela, apenas para perpetuar a linhagem familiar. *Por que não ignorar essa situação*, pensou Ah-Duo. Por que não ser antes uma flor que floresceu no topo da nação?

Mas não foi como ela imaginou. A conversa terminou com sua amiga dando um tapa na bochecha de Ah-Duo com toda a força que podia e chorando: **"Não zombe de mim!"**

Ah-Duo sabia que essa jovem era gentil. Para ser bonita. Para ser inteligente. Ela havia preparado um lugar muito melhor e mais adequado para ela – e ainda assim isso só deixou sua amiga furiosa.

Ah-Duo simplesmente não entendia o coração feminino. Talvez fosse porque ela mesma não era mais mulher, ou talvez nunca tivesse entendido isso. De qualquer forma, ela percebeu que havia ferido gravemente o orgulho da amiga.

Tornou-se consorte como extensão da amizade, sem amor. E então ela deu à luz um filho. Ah-Duo sempre achou que ela era uma desculpa um tanto distorcida para mulher, mas aparentemente ela ainda possuía o que chamavam de instinto maternal. Ela amava o filho que gerou à custa de seu próprio ventre mais do que qualquer coisa. A criança estava enrugada como um macaco; ele acenou com as mãos, tão pequenas que pareciam que iriam quebrar ao menor toque, e chorou por leite.

Havia uma babá lá, mas Ah-Duo insistiu em segurar seu próprio filho. Ela tentou dar-lhe leite, mas não havia o suficiente para satisfazer o bebê. O corpo de Ah-Duo não era mais o de uma mulher.

A criança foi devolvida à babá.

Destruída pelo desespero, Ah-Duo só pensava em seu filho. Ela só pensava em como ajudar aquela coisa minúscula e vulnerável a sobreviver. E ela tomou uma decisão.

**"Eles se parecem bastante."** O filho dela e o tio nasceram quase na mesma época. Preocupada com a incapacidade do bebê de engordar, Ah-Duo se preparou para ir ver a sogra. **"Você poderia trocá-los e parece que ninguém saberia."**

Ela estava meio brincando, mas meio séria, avaliando para que lado a outra mulher a levaria. Todas as suas diversas atendentes e babás foram dispensadas da sala.

**"Você pode estar certa. Você poderia cuidar dele, por favor?",** sua sogra disse, pegando o filho de Ah-Duo. Ela tirou os panos dele, preparando-se para trocar a fralda. Enquanto isso, Ah-Duo aceitou o cunhado e fez o mesmo, substituindo a fralda dele pela que ela trouxera.

Cada uma delas tinha acabado de dar à luz e cada uma delas sentia como se estivesse faltando um pedaço de seu coração. Não havia nada nos olhos de Anshi enquanto ela olhava para seu próprio filho. Ninguém parecia notar porque Anshi mantinha constantemente um sorriso no rosto. Mas ela olhou para o bebê de Ah-Duo com carinho genuíno. Talvez ela achasse o filho do filho adorável, embora o filho do marido lhe parecesse odioso. Talvez tenha sido por isso que ela não disse nada, mesmo quando Ah-Duo saiu e voltou para seu palácio com o filho de Anshi ainda nos braços. Trocaram os bebês saudáveis e saltitantes como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Mais tarde, a criança que Ah-Duo estava criando morreu. Talvez, sem essa mudança, ele tivesse sobrevivido. Ah-Duo lamentou a perda, pois ela passou a amar a criança – mas também ficou feliz em saber que sua própria prole ainda estava viva. O filho de Anshi morreu sem ser amado pela sua própria mãe, com o seu lugar de direito usurpado pelo seu sobrinho, e tudo antes de poder sequer lamentar o seu próprio destino.

A morte pareceu abalar Ah-Duo e Anshi. O pequeno encrenqueiro travesso que sempre causava tantas dores de cabeça às criadas era agora adulto o suficiente para sentir isso - mas também era jovem o suficiente para ter que atacar de alguma forma. Um médico foi banido do palácio interno.

Mas o destino era uma coisa estranha: a filha adotiva daquele médico era agora a favorita do filho. Havia as princesas de terras estrangeiras, a filha da família da imperatriz Gyokuyou, a consorte Lishu, a garota em questão, e - só para garantir - Suirei também. Ah-Duo não a trouxe simplesmente por brincadeira. Ela poderia ter seus... problemas, mas quando se tratava de linhagem ela era tão qualificada quanto as outras. Embora se isso tivesse se tornado conhecido aqui neste lugar, teria causado bastante comoção.

Ah-Duo riu novamente.

Uma promessa entre crianças brincalhonas. Isso era tudo, mas ele pretendia tentar mantê-la. No entanto, ele não foi capaz de recusar um pedido da pequena lua, pequena Yue. Ele colheu uma flor do vasto jardim que era o palácio interno e fez de Yue um irmão mais novo. A razão pela qual ele enviou Yue para o palácio interno como eunuco – foi uma punição por uma promessa quebrada? Ou seria compaixão, uma forma de lhe dar mais chances de ver Ah-Duo?

Seja como for, Ah-Duo aproveitou ao máximo a oportunidade para provocar o adorável eunuco cada vez que a visitava. Foi a coisa mais deliciosa.

No final das contas, ela foi demitida de sua posição como uma das Quatro Damas, mas agora morava em uma vila e o ouvia reclamar. Ela desejou que o velho barbudo e rabugento pudesse enviar alguém um pouco mais jovem em seu lugar. Ela estava feliz que as crianças puderam morar com ela. Sim, a juventude era uma coisa maravilhosa. E era muito divertido provocar Suirei.

Mas havia outra coisa que Ah-Duo não deveria esquecer: uma segunda promessa divertida. Um voto feito quando a questão de qual status era apropriado para o que ainda não havia passado por sua mente.

"***Claro, por que não? Eu poderia muito bem deixar você me tornar a mãe da nação.***"

E o idiota, ele concordou imediatamente. Ele tinha entendido o que realmente estava dizendo? E será que ele ainda se lembrava disso agora, agora que tinha uma grande flor do oeste para a sua imperatriz?

**"Só teremos que ver o que acontece"**, disse Ah-Duo para si mesma, girando a bebida em sua xícara, decidindo cuidar de Yue e descobrir qual flor ele escolheu.

# Ilustrações coloridas

Elsewhere in the room Jinshi was seated diagonally across from a middle-aged man of medium build.

The White Lady proceeded to show them a wide variety of intriguing entertainments. She produced butterflies seemingly out of thin air, and as they were flying away they appeared to incinerate themselves, turning to ash in mid-flight.

She took the damp kerchief and rubbed at his face. Jinshi closed his eyes and let her work, seemingly enjoying the feel of the warm, damp cloth.
"If you would, then. Remove it for now."